

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RONALDO TOMAZ DE ANDRADE SILVA

**MATEMÁTICA E AFRICANIDADES BRASILEIRAS: NARRATIVAS DE
PROFESSORES(AS) NEGROS(AS) SOBRE O TRABALHO COM RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR**

CURITIBA

2017

RONALDO TOMAZ DE ANDRADE SILVA

**MATEMÁTICA E AFRICANIDADES BRASILEIRAS: NARRATIVAS DE
PROFESSORES (AS) NEGROS (AS) SOBRE O TRABALHO COM RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática no Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Setor de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurelio Zanlorenzi

CURITIBA

2017

S586m

Silva, Ronaldo Tomaz de Andrade

Matemática e africanidades brasileiras: narrativas de professores (as) negros (as) sobre o trabalho com relações étnico-raciais no cotidiano escolar / Ronaldo Tomaz de Andrade Silva. – Curitiba, 2017.

198 f. : il. color ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, 2017.

Orientador: Marcos Aurelio Zanlorenzi

Bibliografia: p. 122-127.

1. Etonomatémática. 2. Matemática – Estudo e ensino. 3. Professores – Formação. 4. História Oral. 5. Cultura afro-brasileira. 6. Cultura africana. I. Universidade Federal do Paraná. II. Zanlorenzi, Marcos Aurelio. III. Título.

CDD: 510.9

TERMO DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA



PARECER

Defesa de Dissertação de **RONALDO TOMAZ DE ANDRADE SILVA**, intitulada "**MATEMÁTICA E AFRICANIDADES BRASILEIRAS: NARRATIVAS DE PROFESSORES(AS) NEGROS(AS) SOBRE O TRABALHO COM RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR**", para obtenção do Título de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática.

De acordo com o Protocolo aprovado pelo Colegiado do Programa, a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados arguiu, nesta data, o candidato acima citado. Procedida à arguição, a Banca Examinadora é de Parecer que o candidato está **apto ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi (Orientador)		Aprovado
Prof ^a . Dr ^a . Ângela Massumi Katuta		Aprovado
Prof. Dr. Emerson Rolkouski		Aprovado

Curitiba, 22 de Fevereiro de 2017.

Prof. Dr. Emerson Rolkouski
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e em Matemática.



Dedico esta dissertação aos meus ancestrais, e a todos os lutadores e lutadoras, educadores e educadoras, que buscam fazer da educação um espaço de conquistas e de libertação.

AGRADECIMENTOS

A Oxalufan Orixá que me guia, me abençoa e me protege.

Ao professor Marcos Aurelio Zanlorenzi, pelo apoio, companheirismo, incentivo, pelas orientações, mostrando alternativas, juntamente com a sua companheira Neusa, são mais que amigos, minha eterna gratidão pelos conselhos, conversas que trouxeram e trazem boas energias.

A minha esposa Edinéia, sempre ao meu lado compartilhando ideias e sonhos, pela ajuda nas intermináveis horas de estudo, muito obrigado, te amo.

Aos meus pais, Maria e Osvaldo por me darem a vida, por estarem sempre ao meu lado, dando força para que os meus sonhos se realizem, não só nesta etapa de minha vida, mas em todos os momentos. Obrigado pelo cuidado que têm com as netas, Helena e a Yasmin.

Às pequenas flores: Helena e Yasmin, que dão mais alegria a minha vida, agradeço pela paciência nas minhas ausências e muitas vezes nas ausências da mamãe, para corrigir os textos do papai.

A minha irmã Marystela, as minhas sobrinhas Mayza e Heloysa e a toda família pelas conversas inspiradoras.

Ao professor Carlos Roberto Vianna, ao professor Emerson Rolkouski e à professora Ângela Massumi Katuta, pelos ensinamentos, sugestões e orientações no percurso da construção deste trabalho. Agradeço também, a todos os (as) professores (as) do PPGECM (Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática), aqui não nominados. À professora Silvana Heidemann, representando todos os professores (as) que passaram na minha vida, muito obrigado e gratidão.

Aos (as) entrevistados (as), Eliane, dona Neide e Celso, minha eterna gratidão pela confiança e a disponibilidade em doar o seu tempo e partilhar suas ações na construção de uma educação antirracista.

Aos (as) colegas do mestrado, da turma (2014) e outros tantos que cruzamos no caminho, cito o Anderson Oliveira, que simbolicamente representa todos os (as) amigos (as) que compartilharam angústias e alegrias, obrigado!

À Capes, pelo auxílio financeiro.

Cada pessoa que passa em nossas vidas nos deixa um pouco de sua cor e ao mesmo tempo leva um pouco da nossa consigo.

“Cada um que passa em nossa vida, leva um pouco de nós mesmos, e deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, e há os que deixam muito, mas não há os que não deixam nada”. (Antoine de Saint Exupéry)

Obrigado por fazerem parte da minha vida, e como aprendi com meu orientador, Zan, **gratidão!**

Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos, que sete anos! Não
chegava nem a cinco! De repente
umas vozes na rua me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me
disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?
Negra!
E eu não sabia a triste verdade
que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus
lábios grossos e mirei apenas minha
carne tostada. E retrocedi
Negra! E retrocedi
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra!
E passava o tempo, e sempre
amargurada. Continuava levando nas
minhas costas minha pesada carga. E
como pesava! ...
Alisei o cabelo. Passei pó na
cara, e entre minhas entranhas
sempre ressoava a mesma palavra
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Até que um dia que retrocedia,
retrocedia e que ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra!

E daí? E daí?
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra! Negra! Negra!
Negra sou
Negra!
Sim
Negra!
Sou
Negra! Negra! Negra!
Negra sou. De hoje em diante
não quero alisar meu cabelo. Não
quero. E vou rir daqueles, que por
evitar – segundo eles que por evitar-
nos algum dissabor. Chamam aos
negros de gente de cor.
E de que cor! NEGRA.
E como soa lindo! NEGRO E
que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro Negro
Negro
(...) Afinal compreendi
AFINAL Já não retrocedo
AFINAL E avanço segura
AFINAL Avanço e espero
AFINAL
E bendigo aos céus porque
quis Deus que negro azeviche fosse
minha cor
E já compreendi
AFINAL
Já tenho a chave!
NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO
Negra sou!

RESUMO

A implementação da Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana a ser desenvolvida em todas as instituições públicas e privadas do país, tem como finalidade a visibilização, o reconhecimento e a valorização das culturas dos grupos que foram historicamente marginalizados e relegados à invisibilidade. Com este trabalho de pesquisa tive como principal objetivo constituir fontes históricas, tendo como base as entrevistas, conduzidas na perspectiva da metodologia de História Oral Temática e realizadas com três professores (as) negros (as) da disciplina de Matemática que atuam em escolas do Estado do Paraná, bem como de uma autoentrevista. Cada etapa desse trabalho se assemelha às etapas da tecelagem artesanal. Esse tecer, acontece entrelaçando as narrativas dos (as) professores (as) e da autoentrevista, com autores (as) para a reflexão de como tem se concretizado a aplicação da Lei 10.639/03, nos espaços escolares, em particular na disciplina de Matemática. Na construção deste trabalho, se tece um sonho, que é compartilhado por aqueles que compreendem que a construção de uma consciência antirracista implica na desnaturalização de uma epistemologia única, que de maneira hegemônica desumaniza e nega as epistemologias africanas, afro-brasileiras e indígenas.

Palavras-chave: História Oral. EtnoMatemática. Lei 10.639/03. História e cultura Afro-Brasileira e Africana. Epistemologia do Sul.

ABSTRACT

The implementation of Law 10.639/03, which deals with the obligation to teach Afro-Brazilian and African History and Culture to be developed in all public and private institutions in the country, aims to make the cultures of giving visibility who were historically marginalized and relegated to invisibility. With this research work I had as main objective to constitute historical sources, based on the interviews, conducted from the perspective of the Thematic Oral History methodology and carried out with three black teachers of the mathematics discipline who work in schools in the State of Paraná, as well as an auto interview. Each stage of this work resembles the steps of hand-weaving. This weave happens to intertwine the narratives of teachers and self-interview, with authors to reflect on how the application of Law 10.639/03 has materialized, in school spaces, in particular in the discipline of mathematics. In the construction of this work, a dream is woven, shared by those who understand that the construction of an anti-racist consciousness implies the denaturalization of a unique epistemology that in a hegemonic way dehumanizes and denies the african, afro-brazilian and indigenous epistemologies.

Keywords: Oral History. Ethnomathematics. Law 10.639/0303. Afro-Brazilian and African history and culture. Epistemology of the South.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Frases-tema utilizadas nas entrevistas, com seus respectivos objetivos .28	
Quadro 2: Sugestões de autores (as) nas narrativas dos (as) colaboradores (as). ..91	
Quadro 3: Colaboradores das entrevistas 142	

SUMÁRIO

1 Tecelão de sonhos: entre a tapeçaria desejada e a tapeçaria possível	13
2 Manual de tapeçaria: compreendendo o método da História Oral	20
2.1 O Surgimento da metodologia de História Oral (Ho)	22
2.2 As vertentes da História Oral	23
2.2.1 A História Oral de Vida.....	24
2.2.2 A História Oral Temática	25
2.2.3 A Tradição Oral	25
2.3 A escolha da História Oral Temática na construção de fontes históricas	26
3 A riqueza do processo de escolha e tratamento dos fios	30
3.1 A escolha dos fios.....	30
3.2 - O processo de tratamento dos fios.....	32
3.2.1 Textualização da entrevista com Celso	32
3.2.2 Textualização da entrevista com Eliane	47
3.2.3 Textualização da entrevista com Neide	58
3.3 O fio de arremate.....	67
3.3.1 Textualização da entrevista com Ronaldo	68
4 A urdidura da trama: desemaranhando os fios para poder entrelaçá-los.....	79
4.1 Alguns pontos de cores diferentes trançados juntos, entrelaçando as narrativas.....	85
4.1.1 Roda de Conversa	91
5 Perspectivas para outras tapeçarias	118
REFERÊNCIAS.....	122
REFERÊNCIAS – CONSULTADAS	127
APÊNDICES	129
APÊNDICE 1: Pesquisas de artigos do PDE; artigos do Google Acadêmico; Dissertações e teses.....	130
APÊNDICE 2: Colaboradores das entrevistas. – Dados de Identificação.....	142
APÊNDICE 3: Transcrição na Íntegra da Professor Celso José dos Santos	143
APÊNDICE 4: Transcrição na Íntegra da Professora Eliane Paula de Carvalho	157

APÊNDICE 5: Transcrição na Íntegra da Professora Neide dos Santos Rodrigues	169
APÊNDICE 6: Transcrição na íntegra do Professor Ronaldo Tomaz de A. Silva	178
APÊNDICE 7: Carta de Cessão da Professor Celso José dos Santos	196
APÊNDICE 8: Carta de Cessão da Professora Eliane Paula de Carvalho	197
APÊNDICE 9: Carta de Cessão da Professora Neide dos Santos Rodrigues.....	198

1 TECELÃO DE SONHOS: ENTRE A TAPEÇARIA DESEJADA E A TAPEÇARIA POSSÍVEL

“Quando cheguei devia ser tarde,
 já tinham dividido tudo
 pelos outros e pelos seus descendentes
 Só havia o céu por cima dos telhados
 lá muito alto
 para eu respirar
 e sonhar.
 Tudo o mais
 cá em baixo
 era dos outros e de seus descendentes.
 A terra inteira
 e o mar
 e o ar
 tudo medido
 dividido a régua e o compasso
 pelos outros e seus descendentes
 No mundo inteiro
 não faltava ninguém
 depois dos outros e seus descendentes.
 A terra inteira
 era estrangeira
 mais este pedaço onde nasci.
 Não me deixaram nada
 nada mais do que o sonhar.
 Eu que sonhasse! (...)”

Fragmento da poesia *Primeira Manhã* de
 Almada Negreiros.

Quem sou eu? Pergunta que até o momento não sei responder, com toda sinceridade, tenho algumas características. Mas quem sou eu? Tenho ainda muitas perguntas para serem respondidas, encontradas por mim, antes de dizer para os outros quem sou eu. O que fiz e o que faço, e o que quero fazer, talvez isso seja mais fácil de descrever. Então, vou procurando fios na memória para tecer¹ a tão sonhada resposta, de definir quem sou eu.

Sou um homem negro.

Remonto à infância para informar ao Leitor(a) que eu, desde pequeno tecia um sonho, na esperança de uma vida mais justa, não somente para a minha vida, mas

¹ Algumas das expressões sobre o tear utilizadas nessa dissertação são inspiradas nas seguintes autoras e seus respectivos livros:

LACERDA, N. G. **Manual de Tapeçaria**. Rio de Janeiro: Philobiblion, Fundação Rio, 1986.

GEISEL, A. L. **Artesanato brasileiro: tecelagem**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Arte, 1983.

para todas as pessoas que estão ao meu redor, pois um tecido não se faz de um único fio.

Um homem negro, vindo de uma família pobre do interior do Paraná, de uma cidade chamada Cambará, um retirante que, em 1994, vem para cidade grande, em busca de nova oportunidade.

Cresci lutando por direitos. Sempre participei de movimentos sociais. Minha primeira participação foi em um grupo de jovens da igreja católica, onde o sonho de mudança era alimentado com intensidade. Dentro de casa tinha o exemplo dos meus pais, com suas atitudes e ações.

Em minha família tive bons exemplos, uma base sólida de valores para a minha formação. Meu pai, formado no curso técnico de contabilidade, nível médio, hoje aposentado como auxiliar de almoxarifado, sempre participando de movimentos políticos, como associação de bairros e de um grupo de militantes negros na cidade de Cambará. Assim, desde cedo eu recebia informações e aprendia sobre ser negro.

Vai-se revelando, assim, um universo permeado de situações discriminatórias detalhadas pelo meu pai nos seus ensinamentos e desabafos. Sempre comentava em casa para que estudássemos, pois somente assim *“vocês poderão alterar a realidade que hoje estamos vivendo”*. Citava um monte de exemplos de racismo que ele tinha sofrido no seu local de trabalho, onde sempre ensinava as pessoas a trabalhar na função e depois de um tempo estes eram promovidos, enquanto ele nunca recebia essa promoção.

Assim, meu pai contava que quando era mais novo, como era um bom estudante, foi escolhido pelo seu professor para uma vaga de trabalho em uma agência bancária, mas quando chegou no local e procurou a pessoa indicada, ela quando o viu disse, *“não estamos precisando de funcionários”*. No retorno para casa, contou o fato para um amigo que foi até o local e de imediato foi contratado. Meus pais sempre alertavam, a mim e a minha irmã, sobre esse tipo de coisa. Essas memórias da minha infância foram permeando as minhas escolhas.

Vivi e vivo procurando entender e estudar possibilidades de resistência. Vou tecendo um sonho para que os negros e os não negros vivam em igualdade de condições, com reconhecimento e respeito às diferenças.

Em minha família sempre fui estimulado pela minha mãe e meu pai a escolher caminhos, para que eu pudesse me tornar uma pessoa melhor e ajudar a tornar o mundo melhor.

A Matemática foi uma dessas escolhas. Conclui o curso em 2001 como bacharel e licenciado em Matemática pela Universidade Tuiuti do Paraná, fiz duas especializações, a primeira em Gestão Orientação e Supervisão Escolar e a segunda em Ensino e Educação de Jovens e Adultos.

Sou o primeiro homem negro da família com curso superior. E o primeiro homem negro a cursar um mestrado. Sempre tive familiaridade com o ambiente escolar, tenho essa relação com a escola desde pequenininho, minha mãe era zeladora, minhas tias são professoras, algumas de Matemática, outras pedagogas. Muito jovem, aos dezesseis anos trabalhei em uma Cooperativa Educacional. Servi o exército brasileiro, não consegui seguir carreira, trabalhei como office boy, depois como securitário.

Como tecelão de minha história, com os fios que tinham em minhas mãos, após a minha formação acadêmica me enveredei na educação, que me possibilitava uma maior satisfação. Comecei a tecer outros sonhos...

Atuo desde 2001, na Educação Básica do quinto ao oitavo ano, no Ensino Médio e também com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também tive uma experiência como professor universitário, entre 2006 e 2007, na qual durante dois anos, lecionei Matemática.

Em 2003, fui aprovado no concurso público para professor de Física e Matemática do estado do Paraná. Anteriormente, de 2001 até 2003 eu era professor contratado temporário pelo Paraná Educação.

Percebi com o tempo, que outras pessoas teciam sonhos em comum com os meus. Encontrei-me com a militância, que me forneceu instrumentos e conhecimentos para que no meu dia a dia, ao sofrer e identificar o racismo, pudesse cobrar dos meus agressores posturas diferentes. Já tinha o exemplo de meus pais, que semearam essa resistência na minha vida, mas agora a militância – através do Sindicato dos Professores (as) e Funcionários (as) da Educação (APP- Sindicato), entidade com vários coletivos, entre eles o coletivo de Raça, Gênero e Diversidade, onde participei assiduamente – foram decisivos na minha formação política e no meu pertencimento étnico, do ser Negro.

Também participei ativamente de um grupo de estudos marxista, de uma formação de educadores populares, junto ao Núcleo de Educação Popular 13 de Maio, na cidade São Paulo, que influenciou muito minhas ações. Também me forneceram conhecimentos excepcionais o Movimento Negro Paranaense, os Encontros de

Educadores e Educadoras Negras e Negros, organizado em parceria com a Secretaria da Educação do Estado do Paraná. A grande maioria desses encontros acontecia no município de Faxinal do Céu - PR.

Foram nesses encontros de Educadores e Educadoras Negros e Negras que me interroguei sobre a falta de oficinas e palestras que articulassem questões raciais, com os conteúdos das disciplinas de exatas, como a Matemática e a Física. Isso me inquietava e aguçava minha curiosidade em conhecer os saberes e conhecimentos produzidos pelos povos africanos. Essa inquietação era evidenciada também quando eu participava do coletivo de Raça, Gênero e Diversidade, da APP Sindicato. Não encontrava bibliografias disponíveis sobre a população africana e os conhecimentos matemáticos.

Essa inquietação e procura também ficaram evidentes no período da universidade, onde não tive contato com conteúdos, ou abordagens sobre as questões étnico-raciais. Não havia sequer estudantes e professores negros. Quando iniciei os estudos, dos duzentos estudantes na área de exatas havia apenas dois negros, um deles era eu. Essa ausência de negros e negras nos espaços educacionais me remete a minha formação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em um colégio confessional onde sempre, eu e minha irmã éramos os únicos negros, o que não mudou também até o Ensino Médio.

Tecer um sonho de uma sociedade mais justa e igualitária é um ato coletivo, outros tecem com a gente. Assim, em 2003 temos a promulgação da Lei 10.639 que torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro brasileira nas escolas, envolvendo as diferentes áreas do conhecimento. Então irá se falar do negro dentro de sala de aula, num outro enfoque além da escravização.

No entanto, dentro da escola algumas vezes parece que estamos solitários. Percebi que para atuar na sala de aula temos pouquíssimas bibliografias, que relacionem Matemática com a cultura africana e afro brasileira. E, como professor de Matemática, militante e negro também observo e me pergunto: por que os professores e professoras só tratam da questão étnico-racial na Semana da Consciência Negra?

Após mais de treze anos da promulgação da Lei 10.639/2003, se evidencia no discurso dos docentes de Matemática do Colégio Estadual Ângelo Gusso², no qual leciono, dificuldades em trabalhar com a temática nos moldes estabelecidos pela Lei.

Em 2015, como resultado de minha participação no projeto de intervenção pedagógica do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), do estado do Paraná, apresentei o artigo *“EtnoMatemática e relações étnico-raciais na educação de jovens e adultos: trabalhando fractais como possibilidade de implementação da Lei 10.639/03 nas aulas de Matemática”*, com o qual tive a oportunidade de apresentar atividades que articulam conteúdos matemáticos com questões étnico-raciais e contribuir para a valorização dos diversos pertencimentos étnicos, focando a população negra de forma positiva.

O PDE, Programa de Desenvolvimento Educacional, é uma política pública, conquistada pelos educadores do Paraná, que realiza um diálogo entre professores do ensino superior e da educação básica, onde o professor(a) estatutário(a) é afastado(a) de sala de aula para realizar estudos sobre um determinado tema escolhido por estes, durante dois anos, dividido do seguinte modo: no primeiro ano o professor(a) da educação básica fica com cem por cento da sua carga horária, para realizar cursos que darão embasamento teórico para a construção do seu trabalho, que será implementado no segundo ano, em sala de aula, ou na escola. Tendo neste segundo ano, vinte e cinco por cento da sua carga horária reduzida, para aplicar o trabalho e socializar o trabalho com os demais colegas, produzindo em seguida um artigo, juntamente com o material produzido para a implementação, que fica disponibilizado no Portal Dia a Dia Educação.

E foi a realização dessa pesquisa no PDE o que me motivou a fazer o mestrado em Educação em Ciências e em Matemática. A partir desse período que tive a oportunidade de conhecer pessoas que também, como eu, tecem sonhos, escolhem fios e procuram outras cores para dar uma nova forma ao tecido da vida.

Durante o processo de mestrado havia também o desejo de ampliar a pesquisa iniciada no PDE sobre os saberes matemáticos e algumas possibilidades de aplicação dos algoritmos encontrados na cultura africana e afro-brasileira na sala de

² O Colégio Estadual Ângelo Gusso situa-se no Paraná, na cidade de Curitiba, no bairro Boa Vista. O colégio está nas proximidades da divisa com os bairros Ahú e São Lourenço, de classe média alta. A maioria dos alunos não é das comunidades onde a escola está situada, sendo que uma parcela considerável é habitante da cidade de Almirante Tamandaré.

aula, como por exemplo, no jogo de búzios, na capoeira, nos fractais, entre outros. E também o desejo de poder contribuir como pesquisador para ampliar as possibilidades de aplicação da Lei 10.639/03 nas aulas de Matemática, numa perspectiva de educação antirracista.

Já no dia da entrevista para a entrada no programa de mestrado, visitei a biblioteca do Centro Politécnico, iniciando a minha busca sobre o tema algoritmo. Após uma série de orientações e conversas, me inquietava a pesquisa por outras formas de racionalidade. E com essa perspectiva, trabalhamos a partir desta questão inquietadora, tanto minha quanto do meu orientador, de buscar outras racionalidades que existem em outras disciplinas, como por exemplo na filosofia.

Aproximei de autores que mostram algumas possibilidades como Oliveira (2003), Dantas (2015), mas infelizmente nesse trajeto de dois anos tive que escolher fios, alinhá-los e adiar a abordagem deste tema, ficando o desejo e a indicação para uma futura pesquisa, pois, após o exame de qualificação desta pesquisa de mestrado fui orientado a adotar uma abordagem voltada para a construção de fontes históricas, a partir das narrativas de professores(as) que trabalham este tema na disciplina de Matemática, buscando também trabalhos já organizados que envolvem a Matemática e as questões étnico-raciais (ver Apêndice 1), e que resultou nesta dissertação aqui apresentada em três capítulos.

O capítulo 2 **“Manual de tapeçaria: compreendendo o método da História Oral”** discorre sobre o fazer da pesquisa, destacando a escolha da dimensão qualitativa e do instrumento adotado que são as entrevistas conduzidas na perspectiva da História Oral Temática.

No capítulo 3 **“A riqueza do processo de escolha e tratamento dos fios”** são apresentados os critérios de escolha dos(as) entrevistados(as), denominados como colaboradores(as), sendo três professores(as) negros(as) de Matemática da Educação Básica do estado do Paraná; e as textualizações das entrevistas com esses(as) colaboradores(as), bem como de uma autoentrevista. Essas narrativas nos convidam a realizar uma reflexão sobre uma série de conceitos e, ao mesmo tempo, têm como objetivo a constituição de fontes históricas.

No capítulo 4 **“A urdidura da trama: desemaranhando os fios para poder entrelaçá-los”** retomo as narrativas dos professores(as) da Educação Básica do estado do Paraná e da autoentrevista, colocando em diálogo elementos das falas dos(as) colaboradores(as), com a autoentrevista e com autores(as) a fim de entrelaçar

essas narrativas levando o (a) Leitor(a) a uma reflexão de como tem se concretizado a aplicação da Lei 10.639/03, nos espaços escolares, em particular na disciplina de Matemática.

Nas considerações “**Perspectivas para outras tapeçarias**”, partilho com você, Leitor(a), algumas experiências, o que aprendi, o que ficou, o que faltou fazer, dialogando com professores(as) e autores(as) que compreendem que a construção de uma consciência antirracista implica na desnaturalização de uma epistemologia única, que de maneira hegemônica, desumaniza e nega as epistemologias africanas, afro-brasileiras e indígenas. Aponto o meu desejo de continuar a pesquisar outras formas de racionalidades, outros modos de pensar matematicamente, recriando e criando novos tecidos.

2 MANUAL DE TAPEÇARIA: COMPREENDENDO O MÉTODO DA HISTÓRIA ORAL

Ananse representa- para o povo Ashanti, que vive no atual país de Gana, na região conhecida como África Sub-Saariana- a aranha mítica que ensinou sua ciência ao ancestral dos tecelões, que no exercício de seu ofício, mantém viva a tradição oral. (...).

Adaptado de (SOUZA, R., 2011, p. 51).

Conta-se que o aprendizado do tear se deu a partir da observação do fazer da aranha, sendo aprimorado e repassado de geração a geração, conforme relata Santos (2008) sobre a mitologia africana e o tear.

Segundo Asamoah (1994), o mais comum dos mitos da cosmologia sobre o tecer é a que fala de dois amigos: Nana Korangu e Nana Ameyaw que foram caçar: de acordo com a tradição das pessoas Ashanti, durante uma caminhada na floresta, esses dois caçadores viram uma aranha tecendo a teia, ficaram curiosos com o que esse inseto estava fazendo e pararam para observar como transformava os fios comuns em padrões complicados. Deslumbrados com a habilidade da aranha, pois, cada uma das patas delas executava uma função diferente, ficaram dias na floresta pacientemente nesse aprendizado. Ao retornarem ao vilarejo onde habitavam, os caçadores mostraram seu novo aprendizado ao chefe. Este, maravilhado com o que via, foi de imediato contar ao rei Tutu, o chefe dos Ashanti, que também impressionou com as teias do tecido e ordenou que a partir daquele momento, aqueles homens passassem a tecer essa faixa de seda para a corte. Os caçadores criaram um tear que imitava a função da aranha, começaram a tecer o pano que hoje é conhecido como Kente. (SANTOS, 2008, p.91).

No continente africano, segundo Ross (1998 apud SANTOS, 2008, p.88) partes de teares foram encontrados em escavações arqueológicas, “[...] possivelmente do Império antigo de Meroe que floresceu entre 500 a.C. e 300 a.D. Em outras civilizações africanas no vale do rio Nilo tal como ‘Kente’ (Egito) e Núbia ou Kush”. Estas evidências arqueológicas, nos levam à existência dessa atividade em torno de 3200 a.C.

Ao pensarmos na construção de uma metodologia que focalize o que os sujeitos nos apresentam, a História Oral surge como uma possibilidade de valorização e reconhecimento de saberes, e de quebra, de paradigmas. Entendo aqui paradigma, como sendo uma nova forma de pensar, como corrobora Hacking (2013, p. 29) “[...] não apenas uma realização, mas também um modo específico de modelar a prática

futura sobre [...]”, e nesse caso o registro histórico de sujeitos a partir de suas narrativas.

As tradições orais estiveram presentes na África e nas culturas nativas indígenas, assim como os teares, Geisel (1983) afirma que as mulheres tupinambás fiavam e faziam redes de dormir.

Enquanto teciam iam narrando histórias, transmitindo saberes, desenvolvendo o aprendizado de ouvir e de se relacionar com o outro, de aprender com seus fazeres. Nesse sentido, a História Oral é comparada ao ato de tecer, preservando as memórias e tradições.

Nas sociedades modernas, essa tradição oral, assim como os fazeres manuais foram gradativamente sendo substituídos por valores da cultura letrada e pela aceleração dos processos de produção.

Garnica (2003, p. 5) nos remete ao questionamento de Thompson (1998):

[...] as pessoas ainda se lembram de rituais, nomes, canções, histórias, habilidades; é o documento que se mantém como autoridade final e como garantia de transmissão para o futuro. O que levou o método documental a seu triunfo restritivo, poucas vezes analisado?

Para responder ao questionamento acima, Cury (2010) mostra que a virada hermenêutica fez com que o mundo passasse a ser visto como um texto, sendo necessários novos instrumentos e estratégias metodológicas para se realizar a Leitura do mundo.

Cury (2010) afirma que narrar é um dos instrumentos mais antigos utilizados para transmitir ensinamentos, heranças culturais e a identidade dos diversos grupos, que têm como maior característica o contar histórias orais para transmitir esses ensinamentos. O autor ainda evidencia o medo do filósofo alemão Nikolai Leskol (1831-1895) sobre a perda de uma narrativa tradicional que é explicitada no seguinte trecho:

[...] O filósofo alemão explica que o ato de narrar está ligado a uma capacidade (aparentemente inalienável) de intercambiar experiências, sendo esta a característica principal da narrativa tradicional cujos primeiros mestres são representados pelos camponeses sedentários (conhecedores das histórias e tradições de seus países) e os marinheiros (que conhecem mais histórias a cada viagem). (CURY, 2010, p. 61).

Retomo o questionamento de Thompson (1998) citado por Garnica (2003, p.4):
 “Por que este tipo de registro ainda é visto com uma certa desconfiança? ”

Enfatizo ao Leitor (a), que o objetivo desse trabalho não é provar a relevância da História Oral enquanto metodologia de pesquisa, mas fica a provocação para pensar sobre o porquê da supervalorização da cultura escrita.

Garnica (2006, p. 79) toma a “[...] história oral como uma metodologia qualitativa de pesquisa para a Educação Matemática” e ainda afirma que “[...] a história oral é um instrumento para a compreensão da Matemática em situações de ensino-aprendizagem e de seus entornos constitutivos” (*ibid*, p. 79).

2.1 O SURGIMENTO DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL (HO)

Platão diz sobre a escrita que esta era uma órfã ou bastarda, ao contrário do discurso, o filho nobre e legítimo do pai logos (DERRIDA, 1982, p.12 apud MASOLO, 2010, p. 321).

A História Oral vem sendo utilizada desde a Antiguidade, temos como exemplos a Mitologia Grega e os *Griots*³, como são chamados, em alguns povos da África, os contadores de histórias.

Tendo a oralidade como suporte fundamental, o griot ofereceu ao seu grupo modelos de textualidade que funcionaram como um contraponto aos discursos da colonização. Esse aspecto acentua a importância dessa textualidade, na medida em que remete o griot e seus receptores para uma organização social densa, capaz de exprimir sua coesão, apesar do esfacelamento imposto pela violência colonial. (PEREIRA, 2010, p. 127).

³ A palavra griot é de origem francesa, recobre uma série de funções no contexto das sociedades de tradição oral africanas, nas quais o griot assume uma posição de destaque, por ser um dos mais importantes transmissores tradicionais da história e da cultura de suas comunidades. O griot, (...) no idioma do grupo étnico bambara, é denominado de dieli. O nome dieli em bambara significa sangue. (SOUZA R., 2011, p. 14)

De acordo com Pereira (2010, p. 127) “[...] as informações acerca dos griot são complexas, posto que se relacionam as diversas organizações sociais inscritas no continente africano. No tocante às regiões de Mali, Senegal, Gâmbia e Guiné-Bissau, o griot consiste num cultivador de textualidades, que se desloca de um lugar para outro, no caso dos itinerantes, ou se destaca na sua própria região, no caso daqueles que desenvolvem ofícios como a pesca e a agricultura. Através de sua performance, enraizada em várias gerações e nutrida pelos vínculos familiares, tornou-se o agente responsável pela preservação e transmissão de esquemas de conhecimento, fatos históricos e vivências sociais que referendam as identidades do grupo ao qual pertence. (...) se apresenta como um sujeito de muitas faces (historiador, genealogista, musicista), requisitado para celebrações e rituais, instâncias em que a sua atuação se consagra como a voz da coletividade”.

Garnica (2010, p. 29) mostra que quando se fala de história oral o nome de Allan Nevins aparece como “fundador da história oral americana”. No final dos anos de 1930, Nevins defendia duas inovações significativas: a popularização da historiografia e aquilo que viria a ser chamado de História Oral. E argumenta que ele não foi o criador, indicando no livro de Dunaway e Baum, 1996, citado por Garnica (2010) que esta metodologia surgiu em todos os lugares.

Temos que nos afastar desse mito de que fui eu o fundador da História Oral. A História Oral fundou-se. Ela tornou-se uma necessidade patente, e teria vindo ao mundo em uma penca de lugares, em circunstâncias distintas, quiséssemos ou não. [...] A História Oral nasce da invenção e da tecnologia modernas (GARNICA, 2010, p. 30).

Garnica (2010, p. 30) também mostra que enquanto metodologia qualitativa de pesquisa, “[...] não é verdade que a história oral sirva apenas aos estudos historiográficos” ou que surge nos domínios da historiografia. No Brasil, por exemplo, foi utilizada como recurso que conhecemos hoje pela Psicologia Social e pela Sociologia. E ainda, o autor menciona que “Na Educação Matemática, a oralidade sempre foi um instrumento – um suporte reconhecidamente profícuo - para compreender os objetos que nos dispomos para nossas pesquisas” (*ibid*, p. 30).

Um fato que ajuda a consolidar esta metodologia é a crescente possibilidade de se utilizar equipamentos para registrar as falas dos sujeitos que são os construtores dos diversos documentos.

Assim Gattaz (1996, p. 236 apud GARNICA, 2003) diz que “[...] o verdadeiro nascimento da história oral deu-se nos Estados Unidos, após a 2ª guerra mundial, quando os gravadores portáteis tornaram possível o registro efetivo da voz”.

2.2 AS VERTENTES DA HISTÓRIA ORAL

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, isso depende do espírito com que seja utilizado, não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da História. Pode ser utilizado para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação, pode derrubar barreiras que existiam entre professores e alunos,

entre gerações entre instituições educacionais, e o mundo exterior; e na produção da história pode desenvolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamentalmente mediante suas próprias palavras.”

(THOMPSON, 1998, p. 22)

Segundo Meihy e Holanda (2014) existem três vertentes, tipos, ou gêneros de história oral: a História Oral de Vida; a História Oral Temática e a Tradição Oral.

A seguir apresento-as brevemente, dando atenção à História Oral Temática, suporte deste trabalho.

2.2.1 A História Oral de Vida

De acordo com Garnica (2003) a História Oral de Vida, enquanto metodologia, foi inicialmente utilizada na Antropologia, no entanto no Brasil, não foi nesta e nem na Sociologia que a introduziram. A História Oral de Vida teve a sua introdução na Psicologia Social, tendo como maior característica a subjetividade. Assim, tem-se o conceito de “verdade honesta”.

Para ajudar a sulear melhor o nosso raciocínio Meihy e Holanda (2014) explicam utilizando William Labov, que as narrativas orais apresentam “*nada mais do que uma grande mentira*” e fazendo um contraponto a Labov, os autores apontam que o ponto mais importante da História Oral de Vida, são as versões individuais do que ocorreu com os sujeitos.

Meihy e Holanda (2014, p. 34) afirmam que “[...] o que mais vale em história oral de vida são as versões individuais dos fatos da vida, entende-se o peso subjetivo que *François Etienne* coloca no estatuto ‘*meramente subjetivo*’ da história oral.” O princípio suleador desta metodologia é a independência, ou seja, não se tem a obrigação de uma base probatória nos moldes já constituídos, não há que se buscar uma base comprobatória.

2.2.2 A História Oral Temática

A metodologia da História Oral Temática parte de um tema, que irá sulevar a sua aplicação, as perguntas sempre serão relativas ao tema proposto, trabalhando assim, dentro do possível, com perguntas livres.

É importante destacar a questão da subjetividade, conforme Meihy e Holanda (2014) não temos metodologia alguma capaz de retirar a subjetividade de uma determinada entrevista, mas temos assim alguns parâmetros que serão utilizados.

Esta metodologia da História Oral Temática tem aspectos parecidos com uma entrevista, sendo que, muitos que não conhecem e ou não entendem, acabam confundindo-a como uma entrevista tradicional, por isso, deve-se ter cuidado ao analisar. Assim,

[...] a história oral temática pura deve promover debates com redes capazes de nutrir opiniões diversas ou, no caso de história oral híbrida, precisa se mesclar com outras fontes, que, enfim rebaixam tanto seu uso como código (oral) específico quanto seu valor como documento original. (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 38).

A história Oral Temática mostra um outro ângulo do fato que está sendo analisado, dando ao sujeito possibilidades de narrar sua versão sobre um determinado tema. Meihy e Holanda (2014, p. 38) advertem que “[...] a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas”. O entrevistador, neste caso, tem um papel fundamental na pesquisa, podendo apresentar versões contrárias ao tema e discuti-las com o(a) narrador(a), favorecendo a apresentação de argumentos.

2.2.3 A Tradição Oral

O termo “vivenciar em grupo” talvez se apresente como a mais fidedigna definição da Tradição Oral, tipo de metodologia da História Oral, pois ela não se resume apenas em realizar entrevistas com os sujeitos. Possui um foco muito mais amplo para a realização da pesquisa, porque exigirá do pesquisador, que vivencie

com os sujeitos questões mais subjetivas, buscando assim entender as tradições orais que se apresentam.

Para Garnica (2010, p. 31), “[...] um trabalho em História Oral é, pois, sempre, um inventário de perspectivas irremediavelmente perpassado pela subjetividade, um desfile de memórias narradas, um bloco multifacetado de verdades enunciadas”.

Neste tipo de pesquisa a apresentação dos resultados são mais demorados. E para Meihy e Holanda (2014, p. 41) “[...] o sujeito neste tipo de pesquisa é sempre mais coletivo, menos individual, e por isso a carga de tradição comunitária é mais prezada e presente porque continuada”.

Noções de tempo, lógica da estrutura de parentesco, soluções de alimentação e ordenação social, critérios de tratamento de saúde, visões de vida e da morte, bem como a organização do calendário e dos processos de celebração – rituais e demais cerimônias – são partes inerentes à compreensão de grupos que sempre são exóticas ao conhecimento comum (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 40).

2.3 A ESCOLHA DA HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA NA CONSTRUÇÃO DE FONTES HISTÓRICAS

[...] eu adoro caminhar, adoro, certo, e tem uma coisa bacana no caminhar. Se você pegar, e ir para um lugar que não tem trilha, cara, você vai se rasgando no mato. Mas vai se rasgando, você sai retalhado. Parece assim que brigou, com gato. Agora quando tem a trilha, mesmo que seja uma trilha muito mal marcada. É sempre melhor ir pela trilha. Eu só passei a varar mato, na minha vida, depois que eu fiz muita trilha, mesmo aquelas que tivessem pouco marcadas. Metodologia de análise é isso, você vai se machucar menos. Entendeu? Vou dizer um pouquinho mais, se você está com pressa, se você varar mato, para cinquenta metros, você demora uma hora. Agora se você tiver numa trilha, mesmo que ela esteja mal marcada, em uma hora você anda quilômetros [...].

Narrativa do professor Emerson Rolkouski em um encontro de co-orientação.

A busca pelo melhor método para a construção de uma pesquisa, nos coloca à frente de muitas possibilidades e caminhos. O melhor caminho a ser percorrido é

aquele que nos dá condições de responder à pergunta suleadora deste trabalho de pesquisa acadêmica, de forma eficaz e consistente.

É gratificante revisar teorias, conhecer novos conceitos e seguir por caminhos metodológicos já percorridos anteriormente por outros pesquisadores da Educação Matemática, mas com outras perspectivas, pisando agora no solo acadêmico da pós-graduação de forma menos tímida, com olhar mais maduro, com menos inocência.

O tema suleador deste trabalho de pesquisa acadêmica é o seguinte:

Narrativas de professores (as) militantes do Movimento Social Negro, compreensão sobre a aplicação da Lei 10.639/2003 e Lei 11.645/2008, e suas possibilidades e impossibilidades para uma educação antirracista.

Para dar conta de responder de maneira consistente a essa temática adotei como metodologia qualitativa de pesquisa a História Oral, na perspectiva da História Oral Temática, tendo como instrumento de pesquisa as entrevistas.

A escolha da História Oral Temática enquanto gênero da História Oral se deu pela aproximação das Leituras de Garnica e Vianna e teve como principal argumento suleador a construção de fontes históricas, no intuito de ouvir os sujeitos, muitas vezes silenciados.

Assim, escolhi para as entrevistas professores negros e professoras negras de Matemática, militantes do Movimento Social Negro, buscando nas suas narrativas possibilidades da aplicação das Lei 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas e sua contribuição na redução do racismo no Brasil.

Nesse panorama, os pesquisadores que como nós têm se valido da História Oral como método de pesquisa, operando como memorialistas, são constituidores de registros: constroem, com o auxílio de seus depoentes-colaboradores, fontes. Tais fontes são, sob nossa ótica, “enunciações em perspectiva” que preservam vozes muitas vezes alternativas e dissonantes ao que classicamente se convencionou chamar de “fato” histórico. Temos, portanto, negado “O” fato histórico e preferido “AS” versões, mais dinâmicas, mais vivas, mais personalizadas, menos mitificadas e heroificadas, que nos permitem transitar por um cenário no qual se entrecruzam o quem, o onde, o quando e o porquê. (GARNICA, 2007, p. 13)

Foram escolhidos para a entrevista, três professores(as) de Matemática da rede pública de ensino do Paraná, aqui chamados de colaboradores(as), que se disponibilizarem voluntariamente, após uma reunião prévia para a apresentação dos objetivos da pesquisa. As entrevistas foram agendadas em horário e local sugerido pelo colaborador(a), com tempo previsto de aproximadamente 90 minutos.

Sobre os sujeitos da pesquisa, Meihy e Holanda (2014, p. 39) afirmam que “[...] a escolha dos colaboradores nesse ramo da história oral é fundamental, pois o caráter testemunhal exige a qualificação de quem se entrevista”.

Assim, é importante conhecer a trajetória desses sujeitos (história da vida, de formação e a interlocução vida e formação) e, a partir das narrativas desses sujeitos, conhecer suas concepções sobre democracia racial, racismo no Brasil, entre outras perguntas que estarão dispostas no quadro que será encontrado logo a seguir.

O método utilizado para as entrevistas, segue o modelo de Vianna (2000), conduzido pela técnica de palavras-tema, nesse caso frases, distribuídas em fichas.

Essas frases-tema estão elencadas cada uma com objetivos – como apresentado no Quadro 1 – e tem o intuito de constituir uma espécie de projeção para que o entrevistador possa se “situar” e “sulear” na análise das narrativas, sem desconsiderar outras informações relevantes apresentadas.

Quadro 1: Frases-tema utilizadas nas entrevistas, com seus respectivos objetivos

(continua)

FRASES-TEMA	OBJETIVOS
As preocupações dos(as) professores(as) em relação a Matemática e a questão racial.	Identificar e listar as dificuldades e as possibilidades em articular conteúdos matemáticos e relações étnico-raciais.
O objetivo das Leis 10.639/03 e 11.645/08.	Identificar se o(a) professor(a) conhece as Leis 10.639/03 e 11.645/08 e seus respectivos objetivos.
As Leis 10.639/03 e 11.645/08 na Universidade.	Identificar o que o(a) professor(a) leu, discutiu e aprendeu sobre as Leis 10.639/03 e 11.645/08 na Universidade.
A aplicação da Lei 10.639/03 nas aulas de Matemática.	Identificar se o professor(a) aplica (e de que forma) a Lei 10.639/03 nas aulas de Matemática.
Participação do(a) professor(a) na realização de projetos que contemplam a Lei 10639/03.	Identificar se o professor(a) participou da realização de algum projeto contemplando a Lei 10.639/03 na sua escola ou em outros locais.
Racismo no Brasil.	Descobrir se o professor(a) percebe esse racismo, se isso o incomoda.
Racismo na escola.	Identificar se o professor(a) percebe esse racismo, se isso o incomoda. Reconhecer sua postura diante de situações de racismo e lembrar se já passou por alguma situação de racismo.

(conclusão)

FRASES-TEMA	OBJETIVOS
As contribuições da Lei 10.639/03.	Identificar se o professor(a) relaciona a aplicação da Lei 10.639/03 com a redução do racismo no Brasil e seus desdobramentos (desigualdade social, extermínio da juventude negra, entre outros).
Exemplos de atividades que articulam conteúdos matemáticos e relações étnico-raciais.	Descrever as atividades relatadas pelo(a) professor (a) que articulam conteúdos matemáticos e as relações étnico-raciais e a(s) metodologia(s) utilizada(s).
Definição de democracia racial	Descobrir o que o (a) professor(a) entende por democracia racial.

Fonte: O Autor (2017)

No primeiro momento cada entrevistado (a), se apresentou contando sobre sua Trajetória de vida, Trajetória de Formação e Interlocução Vida-Formação.

No segundo momento, foram expostas as fichas, da técnica de palavras-tema, nesse caso frases, já mencionado anteriormente. As fichas têm por objetivo direcionar as falas dos (as) colaboradores (as), com o tema de interesse do pesquisador.

Nesse modelo de entrevista, a exemplo do que foi proposto por Vianna (2000), a intervenção do entrevistador é mínima durante a fala do entrevistado, dando liberdade para a narrativa.

Dessa forma, o entrevistado(a) que fica à vontade para escolher as fichas, podendo definir a sequência das mesmas, não havendo obrigação de utilizar/responder todas as fichas.

A entrevista, portanto, ocorre num misto de igualdade e diferenciação: o depoente reconhece o pesquisador a ponto de abrir-lhe suas memórias e o pesquisador, por sua vez, aceita e respeita essas memórias registrando-as como significativas ao seu arquivo de vivências. Mas, ao mesmo tempo, é o estranhamento, o distanciamento, a diferenciação entre o pesquisador e o depoente – e, conseqüentemente, de suas vivências e memórias – que possibilitam a relação depoente-pesquisador-narrativa. (GARNICA, 2003, p. 11).

Ao final da entrevista, o entrevistador poderá tirar algumas dúvidas, diante do que foi apresentado pelo entrevistado (a), e até mesmo perguntar de forma diferenciada, questões sobre as mesmas frases (mesmo tema das fichas).

Em certos teares, além do conhecimento da técnica do tear é necessário uma boa coordenação por parte do artesão/tecelão. Assim, em alguns momentos da entrevista, se necessário for, o entrevistador poderá realizar alguns questionamentos pertinentes para melhor compreensão do que está sendo exposto.

Ao término da transcrição das narrativas, caso seja necessário, o entrevistador poderá solicitar uma segunda entrevista, com perguntas elaboradas sobre as mesmas frases (mesmo tema das fichas), para tirar dúvidas ou explorar ainda mais as narrativas do(a) professor(a) entrevistado(a).

Garnica (2003) usa a palavra transcrição para a primeira fase do processo de registro escrito, do material oral colhido nas entrevistas. A segunda fase, do registro escrito, o autor chama de textualização.

A textualização é o momento em que o pesquisador transforma mais radicalmente a transcrição, reordenando cronologicamente as informações e constituindo um texto coeso, pleno, sem os momentos de perguntas e respostas, assumindo para si a primeira pessoa do narrador. A textualização é um texto do historiador que respeita os dados do depoimento, mas está essencialmente alterado em seu estilo. (GARNICA, 2003, p.17)

A partir da transcrição e da textualização (que já se constitui como fonte histórica), retomarei alguns elementos das narrativas a fim de colocá-los em diálogo com autores (as).

3 A RIQUEZA DO PROCESSO DE ESCOLHA E TRATAMENTO DOS FIOS

*Nós não somos brancos. Não somos
europeus.
Somos pretos que nem os africanos.
E nós e os africanos estaremos
trabalhando
juntos por um objetivo comum:
uma vida melhor para todos os negros do
mundo.*

Alice Walker em A Cor Púrpura.

3.1 A ESCOLHA DOS FIOS

As narrativas são os fios como matéria-prima. A escolha e seleção dos fios proporcionam um contato mais próximo com outras peculiaridades e experiências, constituindo um verdadeiro aprendizado.

Neste processo de seleção e tratamento das matérias-primas foram escolhidos para a entrevista, três professores (as) de Matemática da rede pública de ensino do Paraná, aqui chamados de colaboradores, que atendiam aos seguintes critérios: ser negro (a), atuar como professor (a) da disciplina de Matemática, articular em sala de aula conteúdos da Matemática com as questões étnico-raciais e participar do Movimento Social Negro.

Contextualizando a escolha dos colaboradores, todos participam ativamente de atividades envolvendo a Educação e as Relações Étnico-Raciais, sendo notória a preocupação e o envolvimento em torno do tema de minha pesquisa.

O professor Celso é bastante conhecido e atuante do Movimento Social Negro e nos Coletivos da APP- Sindicato⁴, concluiu o PDE com um trabalho sobre a Matemática e jogos africanos. A professora Neide também atua assiduamente nos Encontro de Educadores Negros, na elaboração de material didático e no Fórum da Diversidade, participamos juntos de vários cursos de extensão. A professora Eliane participa ativamente do Fórum da Diversidade, também estivemos juntos nos Grupos de Trabalho em Rede (GTR) disponibilizados pela Secretaria de Estado da Educação.


Após a coleta das entrevistas, da transcrição e da textualização, as mesmas foram enviadas para os(as) colaboradores(as) para que estes pudessem autorizar a utilização das narrativas, não sendo necessário refazer esse percurso.

No final do semestre de 2016, em uma reunião de orientação, onde foram retomados os critérios apresentados na banca de qualificação, surgiam algumas possibilidades de alteração do percurso da pesquisa, que resultou na sugestão de uma autoentrevista, apresentada no final deste segundo capítulo.

⁴ Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná.

3.2 - O PROCESSO DE TRATAMENTO DOS FIOS

3.2.1 Textualização da entrevista com Celso

 <p>Imagem cedida pelo colaborador</p>	Nome: Celso José dos Santos.
	Município de Atuação: Paranavaí.
	Tempo de Atuação como Professor: Estatutário, 25 Anos no Ensino Fundamental e Médio, do estado do Paraná.
	Formação: Matemática, Especialista e Mestre.
	Militante em qual entidade: APP, ANPIR, Fórum da Diversidade Étnico-racial.

Fonte: Informações cedidas durante a entrevista

No primeiro momento, entrei em contato com o professor Celso, após prévia apresentação dos objetivos da pesquisa, que se disponibilizou a participar da entrevista, sendo o primeiro entrevistado. A entrevista foi agendada para o dia 23 de agosto de 2016, às 16 horas, em local sugerido pelo colaborador, na sede da APP-Sindicato, em Curitiba, com tempo previsto de aproximadamente 90 minutos.

Meu nome é Celso José dos Santos⁵, RG 4.688.129-0, sou professor da Rede Pública Estadual De Educação, há 25 anos. Ingressei no Estado como efetivo no dia 18 fevereiro de 1992, mas eu já trabalhava como contrato temporário CLT, desde a faculdade, em 1990 que eu iniciei efetivamente o trabalho em escola.

⁵ Celso José dos Santos: Mestrando em Ensino (PPIFOR) - Formação Docente Interdisciplinar pela UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) - Campus de Paranavaí. Advogado com Especialização em Direito do Estado (UEL). Professor de Matemática e Ciências da Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná- Colégio Estadual Sílvio Vidal (Paranavaí - PR), com Especialização em Matemática (FAFIPA) e em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, Educação e Ações Afirmativas no Brasil (UTP/IPADBRASIL). Militante do Movimento Negro (ANPIR - Associação Negritude de Promoção da Igualdade Racial - Paranavaí-PR). Dirigente da CUT-PR Sindical e da APP-Sindicato - Núcleo Sindical de Paranavaí. Membro da CADARA/MEC e do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná - FPEDER-PR. Representante de Base do Conselho Nacional de Entidades da CNTE. Coordenador do Coletivo Estadual de Combate ao Racismo da APP-Sindicato e Membro do Coletivo Nacional de Combate ao Racismo - Dalvani Lellis - da CNTE. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4774266304230055>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Sou formado em Matemática e Ciências, sendo Ciências com habilitação em Matemática. Fiz pós-graduação em História e Cultura Africana e Afro-brasileira: Educação em ações afirmativas no Brasil. Foi uma das experiências inéditas até então, no estado do Paraná, que envolveu o (IPAD)⁶ Instituto de Pesquisa da Afrodescendência e a Universidade Tuiuti. Tivemos a oportunidade de fazer uma especialização nessa área.

Fiz a primeira turma do (PDE)⁷ Programa de Desenvolvimento Educacional. Na oportunidade eu trabalhei com jogos matemáticos da família Mancala⁸, jogos matemáticos africanos e mais recentemente, concluí o mestrado em Ensino, discutindo Educação das Relações Étnico-Raciais, no que se refere à análise das equipes multidisciplinares. Para além disso, atuo na APP Sindicato, estou na direção estadual da APP Sindicato desde o final de 2014. Já fiz parte da direção estadual da APP lá nos anos 1990 e 1993, quando estava iniciando na carreira e depois fiquei na direção do núcleo sindical, atuando como representante de base.

Já representei a APP Sindicato no Conselho Nacional da CNTE⁹ e atualmente faço parte da direção estadual da CUT¹⁰ Paraná. Também, represento a APP Sindicato no Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial. Então, esses são alguns dos desafios que temos. E na questão étnico-racial, também participo do Fórum Permanente da Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná, representando a APP Sindicato, e represento também uma organização do Movimento Negro, criada em Paranavaí, que é chamada (ANPIR) Associação da Negritude Promoção da Igualdade Racial.

⁶ IPAD - Endereço: Rua José Loureiro, 464 cj 94, Bairro Sítio Cercado, Curitiba PR Telefone: (41) 3013-0993

⁷ PDE - O Programa de Desenvolvimento Educacional é uma política pública de Estado regulamentado pela Lei Complementar n.130, de 14 de julho de 2010 que estabelece o diálogo entre os professores do ensino superior e os da educação básica, através de atividades teórico-práticas orientadas, tendo como resultado a produção de conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em: 18 abr. 2017

⁸ Produção didática- pedagógica com o tema: Jogos Africanos E A Educação Matemática: Semeando Com A Família Mancala. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_uem_m_at_md_celso_jose_dos_santos.pdf>, <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/121-2.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2016.

⁹ CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.

¹⁰ CUT- Central Única dos Trabalhadores.

Participo do Fórum Étnico-Racial, tive a oportunidade de representar a região sul, os fóruns da região sul, numa comissão do Ministério da Educação chamada (CADARA)¹¹ Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-brasileiros, então estou à disposição, a partir dessa vivência, dessa militância, de contribuir para este debate.

É um debate que para nós é muito caro, principalmente na APP Sindicato porque desde os anos 1990, 1993 e 1994, acontece o processo de constituição do Coletivo de Combate ao Racismo da APP Sindicato, que na época se chamava Coletivo Gênero Raça e Classe e que ao longo do tempo foi modificado, hoje é o Coletivo de Combate ao Racismo da APP Sindicato, que eu tive a oportunidade de coordená-lo por vários anos, então nós estamos à disposição para poder contribuir no debate.

Racismo na escola. Esse é um tema dos mais provocadores, acho que essa discussão do racismo na escola, é o que motiva boa parte dessa militância, dessa formação. O fato de ser negro no estado do Paraná que é um estado que até pouco tempo atrás, avaliava que não existia negro no estado, foi de certa forma algo que provocou esse desejo de participar, de me envolver. Já nos anos 1990 nós começamos um debate na região de Paranavaí, aonde eu morava e moro, como uma forma de começar a discutir como é que a nossa escola pode superar o racismo. Até na época, você ainda não tinha a Lei 10.639, você não tinha esse debate.

Estávamos ainda em pleno processo da Constituição de 1988¹², naquele processo de democratização, eu fazia parte de um grupo, que já discutia e pensava um pouco o racismo na escola. Acho que hoje isso é mais caracterizado no Paraná, mas mesmo assim, os desafios ainda são muito grandes. Nós temos uma escola que é racista, machista, homofóbica e preconceituosa e o desafio é fazer primeiro que as pessoas identifiquem que existe racismo, porque há uma negação do racismo. E num segundo momento, fazer com que ela se envolva para combater o racismo, e combater às vezes iniciando pelo seu próprio racismo, eu acho que esse é um dos desafios.

¹¹ CADARA - Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-brasileiros. Disponível em: < <http://etnicoracial.mec.gov.br/cadara>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

¹² Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

A aplicação da Lei 10.639¹³ nas aulas de Matemática, isso é interessante porque esse foi o que me levou tanto para o PDE, quanto depois a tentativa de levar isso aqui para pós-graduação de história e cultura africana, que nós discutimos um pouco como fazer a aplicação da Lei 10.639 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história Cultura Africana e afro-brasileira, em todas as áreas do currículo. Dentro das múltiplas possibilidades é começar com uma atividade mais lúdica. Os jogos matemáticos se inserem nessa história, mas ao mesmo tempo, isso serve de um motivador, para você resgatar tanto a história, resgatar o continente africano, resgatar todos os processos de ancestralidade, que você tem. Porque um jogo não é apenas um jogo, é na realidade um jogo matemático, ele trabalha com toda uma cosmovisão, tem toda uma lógica, uma filosofia por trás. Inclusive quando eu estava fazendo PDE, também paralelo a isso, eu estava cursando a especialização de História e Cultura africana, e tive uma boa referência com o trabalho do professor Eduardo Oliveira¹⁴, o Duda, que no seu livro, *Filosofia da Ancestralidade*¹⁵, trabalha muito esses conceitos da ancestralidade. Foi uma das coisas que eu pude perceber dentro dos jogos matemáticos, mas particularmente, dos jogos de Mancala, que são mais de 200, estão aí em várias regiões do planeta e que permitem várias Leituras a partir da cosmovisão, da circularidade, dessa questão do movimento. Então acho que isso é uma das coisas que abriu as portas para inserir a Lei 10.639 na Matemática.

¹³ Lei 10.639/03: Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 18 abr. 2017.

¹⁴ Eduardo Oliveira- Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1997), especialista em Culturas Africanas e relações inter étnicas da educação brasileira pela Unibem (1998), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (2001) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2005), atuando principalmente nos seguintes temas: ética, filosofia latino-americana, filosofia contemporânea, antropologia social, educação e movimentos sociais populares, cosmovisão africana, filosofia afrodescendente, estudos afro-brasileiros, história e cultura africana e afro-brasileira, literatura africana e ancestralidade, desenvolvendo ainda assessoria junto aos movimentos sociais populares, na área de negritude, educação popular e economia solidária. Suas principais publicações são: *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente* (2003); *Ética e Movimentos Sociais Populares: práxis, subjetividade e libertação* (2006); *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira* (2007) e; *Ancestralidade na Encruzilhada* (2007), publicadas pela Gráfica e Editora Popular de Curitiba. É pesquisador do Grupo de Pesquisa RedPect-UFBA e líder do Grupo de Pesquisa Griô: Cultura Popular e Diáspora Africana, Sócio-fundador do IPAD-Instituto de Pesquisa da Afrodescendência e sócio-fundador do IFIL - Instituto de Filosofia da Libertação e atualmente coordenador do Doutorado Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5201908900947666>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Além disso, você tem outros materiais que discutem um pouco, a relação entre a África e a Matemática, a questão de resgatar o Egito como africano. E resgatar que toda essa construção milenar de conhecimentos matemáticos que nós temos, não é da Europa, não é norte-americana, tem toda uma construção africana que durante muito tempo foi escondida. Então, você dizer que as pirâmides do Egito são obras da geometria, de grande trabalho matemático, você não pode dizer que isso foi levado para o continente africano, pelo contrário, você tem todos os trabalhos de Pitágoras, que hoje o teorema, conhecido como teorema de Pitágoras, mas que geram conhecimento milenar, trabalhado inclusive pelas bordadeiras, pelas pessoas que já trabalhavam com a confecção de cestarias no continente africano. Você tem pessoas que sistematizaram determinada informação e que foram e se apropriaram desse conhecimento.

Mais efetivamente é algo importante porque leva uma criança negra a perceber que na escola, quando se fala de negros, não pode se falar apenas de Lei Áurea, não pode se falar apenas da abolição da escravatura, da Princesa Isabel boazinha. Mas ao contrário, também não pode ter a referência da população negra apenas como referência da escravização. Ou seja, o negro foi escravo, não! Primeiro o negro nunca foi escravo, ele foi escravizado no processo de dominação, num processo de crime de lesa pátria¹⁶. Eu acho que essa luta histórica, fez com que você tivesse o debate da construção de legislações, que levou e que culminou na Lei 10.639, lá no ano de 2003.

Primeiro que é importante compreender que essa Lei, é fruto de uma luta histórica do movimento negro, da população negra, diferente de outros povos que sempre tiveram a sua cultura europeia representada no currículo. A população negra sempre lutou muito para estar inserida no espaço escolar, mesmo com todas as dificuldades. Então acho que a Lei 10.639, tem contribuído para emancipação, não só das crianças negras, do conjunto da população brasileira, porque quando você conhece, reconhece, parte da sua cultura da história do povo brasileiro, não dá para falar, sem falar da história africana, não dá para dizer que a história do povo brasileiro é a história da Europa, a história dos portugueses ou mesmo você excluir a história dos povos indígenas, dos povos nativos daqui.

¹⁶ Crime de lesa a Pátria: Crime contra a pátria.

A contribuição da Lei 10.639 é muito maior do que o conteúdo. Eu sei que a Deliberação 04/06¹⁷ do Conselho Nacional de Educação, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, começa antes de ensino de história. Ela começa com educação das relações étnico-raciais. Então acho que é mais importante num primeiro momento, do que o conteúdo em si, é educar as pessoas para conviver, para respeitarem-se, acho que esse é o grande desafio.

Nesse sentido, considero a Lei 10.639 uma Lei revolucionária, porque é fácil você inserir um texto, um desenho, um jogo numa aula, como um objeto exótico, o difícil é você incorporar isso como uma prática cotidiana, que de fato eduque as relações, que as pessoas não precisem forçar a barra para serem respeitadas. Esse é o desafio que a Lei 10.639/03 coloca.

Você vem somando um pouco do que tem, não só a 10.639, mas logo em seguida, a 11.645/08¹⁸. Também é uma coisa que a gente precisa meio que compreender, que é uma luta diferente, da população negra e dos povos das comunidades indígenas. Enquanto os povos indígenas estão preocupados, na sua grande maioria, em ter a educação escolar indígena para os povos indígenas, o resgate da cultura indígena, da sua língua materna, a preocupação para aquela comunidade, não que eles não se preocupem que o restante do país os conheça, mas a primazia da sua atenção é para esses povos e para esses grupos. A população negra até por estar dispersa no Brasil todo, por ser a maioria da população brasileira e por estar espalhada, ela quer que o conjunto da educação brasileira, seja focada na história e cultura africana, acho que isso inclusive, que fez com que a luta para conquistar a Lei 10.639 fosse maior. A Lei 11.645, não ofereceu nenhuma resistência na sua tramitação, pelo contrário, ela passou até despercebida na tramitação do Congresso Nacional. Agora se nós olharmos que mesmo tendo essas Leis, uma sendo de 2003, outra de 2008, as universidades não fazem o seu papel. **As universidades não incorporaram no seu currículo, o Ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena.** Portanto, você tem poucos mestres, poucos

¹⁷ Resolução n. 4, de 16 de agosto de 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/rceb04_06.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

¹⁸ Lei 11.645/08: Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/Lei/l11645.htm>. Acesso em: 18 abr. 2017.

doutores que se preocuparam em assumir na sua formação disciplinar esses conhecimentos. E de acordo com a própria deliberação do Conselho Nacional de Educação, não se limita às licenciaturas, mas sequer as licenciaturas incorporaram esses dois conhecimentos, então nós estamos num processo permanente de enxugar gelo. A educação básica, por exemplo, acaba enxugando gelo porque a cada ano você tem novos colegas que terminam o curso superior, que terminam a faculdade ou mesmo terminam o magistério, que não tiveram ainda, mesmo passados 13 anos, conhecimentos de história e cultura africana e afro-brasileira. Às vezes tiveram uma fraçãozinha de um conhecimento disperso, numa disciplina eletiva, num seminário externo, mas não tiveram um conhecimento sistematizado, acho que isso se deve muito a questão do racismo institucional.

Então essas duas legislações, trazem aqui um desafio para repensar a educação brasileira. Acho que o grande desafio, maior do que os conteúdos, não que a gente não tenha que se preocupar com toda pesquisa, em resgatar a ancestralidade presentes na Matemática, na História, na Geografia, na Química, na Física, na Biologia nas várias áreas do conhecimento, é fundamental, é a questão dos objetivos da Lei para resgatar a contribuição dos povos africanos, seja no continente africano, seja na diáspora que está hoje espalhada pelo mundo todo, e aqui.

Penso que o grande objetivo é fazer com que as pessoas percebam essa grande contribuição para a humanidade, até porque se não houvesse continente africano, não haveria humanidade. Porque toda história da humanidade surgiu no continente africano.

Já falei um pouco aqui, sobre **racismo no Brasil**, racismo para mim como eu disse no início, não dá para uma criança negra, jovem negro, um professor negro, um militante negro, não perceber. Vou dizer que ele se encontra em todos os lugares, mesmo numa organização sindical, num espaço de esquerda, no movimento negro que você encontra barreiras e percebe o racismo estampado, porque o racismo não é apenas um ato de não gostar do outro, não é apenas um pré-conceito, conceito prévio, o racismo é algo que mata.

Mata fisicamente, mata a mente, mata a história, mata a memória. O racismo é um processo permanente de eliminação dos povos, sobretudo dos povos africanos, de todas as suas ancestralidades, da sua religiosidade e de sua cultura. Esse é um desafio permanente. Para mim o racismo serve infelizmente, como um desafio permanente de estar lutando.

Certa vez, eu vi uma comparação que discute assim, qual a diferença do racismo no Brasil e o racismo nos Estados Unidos? Por que dizem que no Brasil o racismo é mais brando, mais leve? E aí eu vi uma comparação que diz assim, nos Estados Unidos o racismo é uma arma apontada para sua testa e no Brasil o racismo é uma arma apontada para sua nuca. Então qual é o mais violento? Ambos são extremamente violentos, ambos matam, mas nos Estados Unidos pelo menos você sabe quem é o inimigo e você tem como lutar contra ele. No Brasil o inimigo bate na sua costa, te chama de amigo, mas a qualquer momento está pronto para te eliminar. E como é que ele elimina? Ele elimina sobretudo no momento que tem uma disputa, seja uma disputa política, uma disputa profissional, uma disputa econômica, está pronto para te eliminar, enquanto você não for nenhuma ameaça, você é gente boa você, contribui. Chega a dizer, eu tenho um amigo negro, eu não tenho preconceito nenhum, mas estabelece uma disputa, aí você vai saber efetivamente se tem ou não tem o racismo.

Eu acho que **o racismo**, é algo permanente, algo que te preocupa. Pelo menos me preocupa permanentemente. Assim todas as causas de lutas sociais são importantes, mas para mim no Brasil **é o cerne de todas as discriminações. O cerne de toda a desigualdade no Brasil está no racismo**, particularmente fruto do escravismo criminoso que nós tivemos por mais de quatro séculos. Acho que essa é uma das grandes discussões que nós temos aqui. **A definição da democracia racial**, no tempo da ditadura uma musiquinha que falava assim *“moro num país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza”* (citação de uma música). É como se tudo fosse maravilhoso aqui no Brasil, também você tem todos os teóricos que falam que o Brasil conseguiu harmonizar todas as raças, todos os povos, então a gente vive numa democracia racial. E racista é aquele que fica escarafunchando e mostrando que nós não estamos nessa democracia racial.

Na realidade não existe democracia racial, porque se existisse você teria em todas as classes sociais, em todos os espaços, brancos e negros. Por que tem os brancos no topo da cadeia alimentar, no topo dos cargos mais importantes, nos espaços privilegiados dos meios de comunicação, do sistema financeiro, dos postos de trabalhos e você tem majoritariamente a população negra nos locais menos favorecidos, nos locais da periferia da cidade, no subemprego, no desemprego muitas vezes em condição de marginalidade?

Não vivemos nenhuma democracia racial, esse é um mito que faz a gente acreditar desde pequeno, a gente acaba sendo ensinado. E a escola muitas vezes ensina isso, de que a gente não deve discutir, não deve questionar, não deve tentar subverter essa ordem. Eu acho que a gente primeiro precisa compreender isso, nós temos uma sociedade de fato, como eu disse preconceituosa e discriminatória racista, mas as pessoas aqui tem preconceito de assumir que tem preconceito. Então aí é mais fácil dizer que a gente vive nessa suposta democracia racial. Para mim democracia racial, vem no sentido de tentar fazer você acreditar, que de fato a gente está vivendo em uma harmonia, e quando no fundo nós estamos vivendo num estado de constantes conflitos.

Um conflito que é velado, que faz a gente acreditar que tem um lugar do negro, o lugar do negro não é na medicina, não é na engenharia, não é no direito, é na periferia, é nos locais menos favorecidos. Então essa é a suposta democracia racial no Brasil. Acho que esse é um dos desafios que nós temos primeiro, desmistificar, quiçá um dia, utópico, quando a gente superar esse racismo, esse preconceito, quiçá a gente viva de fato nessa democracia racial. Mas ela não existe, está muito longe de ser, e pelo contrário acho que a partir do momento em que **a Lei 10.609 e as políticas a partir da Constituição de 1988, todas essas lutas, fizeram com que a população negra descobrisse que o lugar dela é em todos os lugares.**

Ela não quer ser maioria apenas como zeladora, como empregada doméstica, como carpinteiro, pedreiro, não que essas profissões não sejam importantes, são todas muito importantes. Mas ela quer também estar como médico, como engenheiro, como professor, como advogado, como juiz, como promotor, ou seja, quer estar em todos os lugares. Aí quando você se levanta, se apresenta num local desse, as pessoas te estranham. Você é considerado um estranho no ninho.

Durante muito tempo, era um estranho no ninho. Se você vê um professor negro, um advogado, um mestre negro. Em minha infância havia poucos em que eu podia me espelhar, olha eu quero ser igual ao professor fulano, eu quero ir para faculdade, lá na faculdade tem o professor mestre, doutor. Hoje o jovem negro tem mais oportunidade, porque ele consegue ver algumas referências. Antes nossas referências se limitavam a algumas poucas referências no esporte, algumas referências na música. Hoje a gente já tem em outros espaços e continuamos tendo referência nesses espaços.

Se você olhar por exemplo, o que a gente viu agora nas olimpíadas e olhar os medalhistas, olhar os atletas você vai ver que a presença negra foi muito marcante nos jogos olímpicos. E se você olhar a cultura brasileira, os artistas brasileiros, está impregnada da população negra, mas nós queremos também que a população negra esteja nos espaços de comando, nos espaços de decisão. Porque a gente não vê deputados negros, vereadores, prefeitos, governadores e presidentes, ministros negros. É uma raridade, quando vê, você se espanta em ter alguém nesses espaços.

Sobre a participação do professor na realização de projetos que contemplam a Lei 10.639, como eu disse a minha trajetória é uma trajetória de quem tem participado em muitos espaços, de contribuir com a implementação da Lei 10.639. Eu sou um curioso, me envolvo em muitos lugares, participo e tento contribuir em vários locais. Seja na organização do Movimento Negro, dentro do partido político, do sindicato, aqui, seja no fórum étnico-racial, dentro da Central Única dos Trabalhadores ou mesmo na CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação). Enfim, penso que você é uma pessoa integral, então você é aquilo que é, onde você estiver, tem que contribuir, então se eu estou hoje aqui no sindicato, a minha contribuição, é aqui no sindicato.

Defendi e defendo a construção da Lei 10.639, e que cada um tem que contribuir para a sua implementação, no espaço onde está inserido. Eu contribuo quando eu estou na escola, naquele espaço das aulas de Matemática e de Ciências. Quando estou em sala é o espaço que eu preciso inserir, a história e a cultura africana e afro-brasileira. Porque não adianta nada eu pesquisar alguma coisa, estudar é muito legal. Mas quando chega o dia a dia, isso ser exótico? Aí eu estou contrariando aquilo que eu defendo. Penso que tenho procurado contribuir nesses espaços, seja no fórum étnico-racial, seja no coletivo de combate ao racismo, e na militância, procurando incentivar outras pessoas a se inserirem nesse debate e tenho visto que o número de pessoas que tem assumido essa militância, tem aumentado.

Aqui no Paraná nós temos uma referência muito grande, porque quando a Lei 10.639 chegou, nós já tínhamos uma tradição de defender, inclusive, que o currículo do Paraná já tivesse implantado história e cultura africana. Lembro que nos anos 90, 92 e 93 nós tínhamos aqui, através da discussão com professora Elvira¹⁹, que foi a

¹⁹ Elvira – Membro da Secretaria da Educação da época, segundo o colaborador Celso.

secretária na época, um debate já com o (NEM)²⁰ Núcleo de Estudos Negros de Santa Catarina, com a Jeruse Romão²¹ que é referência hoje. Na época, a gente já discutia que precisava implementar a história e a cultura africana no currículo. Quando você tem a Lei 10.639 aprovada, nós já estávamos com passos largos nesse sentido, acho que foram 10 anos de antecedência. Quando chegou a Lei nós já tínhamos uma caminhada aqui no estado, que permitiu ao Paraná ser um espaço de referência nacional. A gente deu uma parcelinha de contribuição nesse projeto, continuamos lutando.

Na área da Matemática há duas preocupações: exemplos de atividades que articulam conteúdos matemáticos e relação étnico-raciais. Eu penso, olhar o continente africano primeiro, com a sua diversidade, a multiplicidade de países e espaço, isso permite a você revelar a existência de um continente com toda essa riqueza de conhecimentos, permite que você tenha desde o Egito à África do Sul, um conhecimento milenar que até então era desconhecido pelas pessoas. Primeiro porque as pessoas tinham essa ideia deturpada do continente negro. Você encontra Matemática africana em todos os espaços do conhecimento. Você vai discutir um pouco da geografia, vai discutir os espaços geográficos, vai ter como calcular os vários espaços, você tem toda a história da geometria e que é atribuída a Euclides.

Quando vê todos os conhecimentos gregos e se pensar que toda biblioteca do mundo antigo, estava em Alexandria e Alexandria estava onde? Estava no continente Africano, ele não trouxe apenas da Índia, da Ásia, da Europa. Para estar em Alexandria, você tinha todo conhecimento milenar ali, no continente africano, toda a questão da agricultura, porque você vai mensurar, você tem o Nilo, que passa ali e os vários rios que passam pelo continente africano.

Toda a questão das medidas, toda questão da produção, acho que isso é algo que permite a articulação de conhecimentos matemáticos. Falou-se em jogos, eu acho uma questão legal porque ela é lúdica. Para além da questão dos jogos mesmo você

²⁰ NEM – Núcleo de Estudo Negros. Dispon[ível em: <<http://sinte-sc.org.br/geral/nucleo-de-estudos-negros/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

²¹ Jeruse Maria Romão: Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1983) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Atualmente é vínculo livre da Universidade do Estado de Santa Catarina, sem vínculo - Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, consultora da Prefeitura Municipal de Florianópolis e membro titular do Ministério da Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, teatro experimental do negro, ensino profissional, currículos e políticas educacionais. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5982231007873322>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

tem todo o conhecimento tradicional, toda a filosofia que está por trás, porque Matemática, é puramente filosófica. Matemática não são os números, até porque o número, é uma ideia, a ideia é número na realidade não dá para discutir Matemática pensando apenas na tabuada ou na reprodução de cálculos matemáticos.

É mais do que isso é conhecer os aspectos filosóficos da produção desse conhecimento, desse raciocínio lógico-matemático e aí você tem toda uma construção geométrica, toda a construção em si, toda arquitetura impregnada de conhecimentos matemáticos, toda a questão dos problemas e toda aquela relação que você tem. Primeiro que a humanidade surgiu no continente africano e foi para sua diáspora nos vários países e pensando que você não tem situações estanques, entre o continente africano, a Índia e a Ásia você tem uma troca muito grande de conhecimento.

Essa exploração permite que um professor de Matemática possa ampliar seu conteúdo para além dos teóricos europeus ou norte-americanos, que são registrados na história como fundadores de conhecimento. Na realidade eles podem até ter sistematizado determinados conhecimentos matemáticos, mas sobretudo você tem que buscar a origem de quem produziu esses conhecimentos, conhecimentos que estão entre as crianças que brincavam, da mesma maneira que você tem atletas negros como Usain Bolt²² que se desenvolve nesse continente. Ele não se desenvolveu do nada, ele se desenvolveu a partir das corridas e das caminhadas que fazia no continente africano.

O conhecimento matemático também está nessas mesmas crianças, nessas mesmas relações, só que isso não é explorado, ou seja, não é valorizado, como se essas pessoas, a população negra, não tivesse conhecimento. Quando você coloca, por exemplo, a discussão da estética, a discussão dos cabelos, você primeiro tem uma discussão do que é estética, ela é Matemática. Um rosto perfeito é aquele que você consegue dividir simetricamente, essa discussão é da simetria, mas quando você começa a discutir, por exemplo o cabelo, e aí pensando nessa questão da necessidade, da riqueza do cabelo comparado à questão do ambiente, qual a utilidade da melanina na pele, e aí das reações químicas e a questão da produção de vitamina D, com mais ou menos intensidade solar, então você tem um conjunto grande de questões para serem exploradas, nesse aspecto da Matemática.

²² Usain Bolt: (Trelawny, Jamaica, 1986) Atleta jamaicano, uma das grandes maravilhas da história do atletismo, unanimemente aclamado como o melhor velocista de todos os tempos (tradução nossa). Disponível em: <<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/bolt.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Por fim, **as preocupações dos professores em relação à Matemática e à questão racial**, olha o Gonzaguinha tem uma música que a Elis cantou muito bem e que eu diria assim *“minha dor é perceber, que apesar de termos feito tudo, tudo que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”* (música Gonzaguinha)²³ embora a gente tenha feito várias coisas ao longo desses 13 anos, ter disseminado a ideia Lei 10.639, de ter feito com que muita gente começasse a fazer coisas legais, nas escolas tem desenhos bacanas, tem um material interessante mas eu ainda vejo que há resistência de fazer o que nossos pais nos ensinaram, ainda é muito grande. De nossos pais biológicos, nossos pais educacionais, ainda **a gente vê que a preocupação dos professores, tem se limitado ainda a reproduzir um conhecimento europeizado**. Acho que esse ainda é uma dificuldade. Mesmo os professores negros têm uma resistência de muitas vezes não querer se estigmatizar, não é só professor negro que tem que discutir a questão das relações étnico-raciais, mas se outro não discute, é papel nosso provocar a discussão.

Vejo que ainda há resistência, embora já tenham vários companheiros e companheiras que militam nessa área, que tem iniciado esse debate, mas não tem sido uma tarefa fácil quando você procura trabalhos matemáticos, quando você procura, você talvez na pesquisa deve estar sofrendo essa dificuldade, eu também quando estava pesquisando sobre jogos, sobre Matemática africana, você vê que as referências bibliográficas, as referências de pesquisa nessa área, ainda são muito incipientes, tem um universo grande de coisas ainda para serem reveladas. Porque elas existem, não estão reveladas, não estão sistematizadas e ainda não foram escritas aqui. Vejo que tem essa dificuldade até por conta dessa formação acadêmica, que ainda não mudou.

A gente está enxugando gelo, porque enquanto nós estamos aqui tentando implementar na educação básica a história e cultura africana, inserir, as questões étnico-raciais, nós ainda percebemos que a nossa universidade é extremamente europeizada. Ela resiste em inserir estes conhecimentos, e quando insere, o faz de forma muito pontual, muito localizada, que não vai transformar, porque educação não se faz com operação beija-flor, pontualmente, você faz isso de forma sistemática, de forma permanente. Eu vejo que essa é uma das dificuldades grandes. Sobretudo, em relação aos professores de Matemática que sempre tiveram uma formação positivista,

²³ Música Como Nossos Pais, Elis Regina, Compositor Belchior. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/elis-regina/como-nossos-pais.html>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

de se preocupar com o cálculo, com a precisão do cálculo. Desafio é perceber tudo aquilo que está em torno dos cálculos, em torno dos números. Essa questão mesmo da circularidade, da ancestralidade, da cosmovisão, e isso traz um olhar para todos os educadores, mas particularmente para os professores de Matemática.

É interessante superar o grande desafio da Matemática, que é fazer com que as pessoas gostem de Matemática, porque Haddad²⁴ diz, “não se ama o que não se conhece, mas nunca se esquece daquilo que se ama”. Então, se você não gosta de Matemática desde a sua formação, do magistério, do seu curso superior, como é que você vai fazer com que as pessoas gostem daquilo que você não gosta? O desafio primeiro é fazer com que as pessoas gostem, desde as crianças. Elas começam a gostar daquelas questões que são mais lúdicas que vão se incorporando naturalmente em sua vida e que aos poucos vai aumentando seu grau de dificuldade, até para que elas cheguem aos cálculos mais complexos. Compreender que esses cálculos nasceram da história da humanidade, da necessidade das pessoas. E o continente africano teve uma contribuição muito importante e continua tendo até hoje, na história da humanidade, embora numa sociedade perversa e capitalista como a nossa, que discrimina os outros até para poder dominar. Esses conhecimentos não são revelados, não são valorizados, mas é um dos desafios, o enfrentamento da questão racial, nas várias áreas do conhecimento, mas particularmente na questão da Matemática.

Nós ainda temos uma formação muito positivista muito europeizada, acho que é isso e uma das preocupações, eu vejo que o desafio inicialmente, fazer com que as pessoas se relacionem, então para mim a educação das relações étnico-raciais, vem antes do ensino de história e cultura afro e africana, porque de nada adianta eu ensinar um conteúdo de Matemática, se no momento seguinte eu estou desrespeitando você por conta, do seu pertencimento étnico-racial. Então é muito melhor eu não saber do continente africano, mas ensinar as pessoas a se gostarem, a se respeitarem, a conviverem num espaço e valorizando as diferenças, do que eu fazer uma lista de

²⁴Fernando Haddad: Possui graduação em Direito pela Universidade de São Paulo (1985), mestrado em Economia pela Universidade de São Paulo (1990) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1996). É Professor Doutor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Foi Subsecretário de Finanças do município de São Paulo (2001-2003), Assessor Especial do Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão (2003-2004), Secretário Executivo do Ministério da Educação (2004 -2005) e Ministro da Educação (2005-2012). Foi prefeito da cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3158797418399228>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

informações, mas isso não se traduz mesmo nessa filosofia da valorização das pessoas do reconhecimento. Acho que esse é um dos desafios que nós temos aqui, de percebermos que nós não transformaremos a sociedade, superando apenas a questão econômica. A luta de classes está posta aí, ela é evidente, ela destrói, a condição dos recursos materiais, mas o ser humano não é só a dimensão econômica. A dimensão econômica é uma das dimensões fundamentais, mas se você não assegurar o respeito ao pertencimento das pessoas, a sua história, a sua ancestralidade, às suas relações de gênero, sua orientação sexual, a sua cosmovisão, você não vai superar os problemas da humanidade. Eu acho que são lutas que não podem ser vistas de forma separada. Eu penso que também não dá para o movimento negro se preocupar só com a questão racial, sem enxergar que essa questão racial é permeada por um racismo, por um machismo.

Portanto, a relação entre homens e mulheres, mesmo dentro do movimento negro, tem uma grande disputa, tanto é que as mulheres negras se organizam, até porque percebem que há machismo também. Então o machismo, você tem LGBTfobia, você deve ter esta percepção de homens e mulheres nos seus vários pertencimentos, nas suas várias relações e você também não pode é estar lutando ali para superar o racismo, sem perceber que existe uma sociedade capitalista, que consome, que é um fruto, inclusive se utilizou durante muito tempo do escravismo como modo de produção para explorar o ser humano.

Acho que é um desafio compreender essas dimensões, a educação precisa fazer esse enfrentamento, precisa ajudar nesse enfrentamento. Eu gosto muito da frase do Boaventura Souza Santos²⁵, embora haja alguns questionamentos, quando diz assim: “temos o direito de ser sermos iguais, sempre que a diferença nos discrimina, mas temos o direito de ser diferente sempre que a igualdade nos descaracteriza”. Então nós temos essa dupla dimensão de iguais e diferentes.

Alguns pensadores, também não dá para a gente pensar educação, sem pensar um pouco como **Mandela, de que educação é a arma mais poderosa que nós temos para fazer a transformação do mundo**, ela não é a única, mas é uma

²⁵ Boaventura Souza Santos é professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick. É igualmente Diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/homepage.php>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

arma extremamente poderosa, porque o conhecimento é poder. Então se você exclui a população negra, tira da criança negra a possibilidade de ter acesso ao ensino, de ter acesso ao ensino sistematizado e permitir que ela possa galgar no mundo acadêmico, não vai chegar a ser um médico, a ser um engenheiro, a ser um professor, a ser um advogado...

E aí esse potencial vai ficar limitado aos serviços mais difíceis, mais desgastantes, com menor rentabilidade, aí você não tem uma perspectiva de futuro. Então eu acho que é possível isso e vou terminar com a frase de Luther King²⁶ “se nós somos ensinados a odiar, nós também podemos ser ensinados a amar”, então a gente pode ser ensinado, a gente pode aprender, **nós aprendemos o racismo, nós aprendemos o preconceito, nós aprendemos a discriminação, então podemos também aprender o respeito.**

3.2.2 Textualização da entrevista com Eliane

 <p>Imagem cedida pela colaboradora</p>	Nome: Eliane Paula de Carvalho.
	Município de Atuação: Colombo.
	Tempo de Atuação como Professora: 13 anos no ensino Fundamental e Médio, do Estado do Paraná.
	Formação: Matemática com Especialização.
	Militante em qual entidade: APP, Fórum da Diversidade Étnico-Racial.

Fonte: Informações cedidas durante a entrevista

²⁶ Martin Luther King: Nasceu no dia 15 de janeiro de 1929, em Atlanta, nos Estados Unidos. Foi um aluno brilhante, se formou no colegial aos quinze anos, concluiu a faculdade aos dezenove, formou-se em um Seminário Teológico aos vinte e dois, e quatro anos mais tarde, em 1954, obteve seu doutorado em Teologia pela Universidade de Boston. A partir de 1956, realizou diversas manifestações pacíficas contra a segregação racial. Uma das mais importantes foi a "Marcha para Washington" (em prol dos Direitos Civis), em 1963, que contou com a participação de mais de 200.000 pessoas. Foi nesta marcha, que fez o seu mais famoso discurso, "I have a dream" (Eu tenho um sonho). Esta marcha serviu como um último passo, em direção à promulgação da Lei dos Direitos Civis de 1964, que proibiu a segregação racial em locais públicos, empresas e escolas. Em 1965, seus protestos organizados e pacíficos continuaram, e ele liderou uma nova marcha, que teve como consequência a aprovação da Lei dos Direitos de Voto, que abolia o uso de exames, que eram realizados na população negra com o intuito de dificultar a possibilidade destes votarem. Ele também passou a trabalhar para melhorar a situação econômica dos negros nos Estados Unidos, e aos 35 anos de idade, ganhou o Prêmio Nobel da Paz. Em 4 de abril de 1968, Martin Luther King foi assassinado por um franco atirador branco, em Memphis, no Tennessee. Disponível em: <http://www.meusonhonaotemfim.org.br/sonhadores_view.asp?editid1=123>. Acesso em: 08 dez. 2016.

Entrevista realizada dia 6 de dezembro de 2016, com a professora Eliane, em local escolhido pela colaboradora, no Colégio Estadual João Ribeiro de Camargo, em Colombo, às 13 horas.

Meu nome é Eliane Paula de Carvalho, RG 7.792.854-5, sou professora de Matemática desde 2004, **sou uma mulher negra. Tenho trabalhado as questões de diversidade não só étnica, mas todas as diversidades possíveis, nas aulas de Matemática, não só atreladas a conteúdo, mas em situações do dia a dia mesmo, em sala de aula.**

O racismo no Brasil eu acho que ele é muito perigoso. (Eu não me sinto confortável assim sendo entrevistada). É muito perigoso porque todos e todas nós sabemos que ele existe, mas ninguém admite que ele existe. **Eu sofro racismo em quase todos os ambientes que eu estou, mas ninguém admite que está sendo racista comigo.**

Por isso que ele é muito perigoso, é velado, tanto é que na escola racismo, ele existe, ele existe, não só em relação aos alunos, mas também em relação aos professores e as professoras. Não se admite que uma professora de Matemática, possa ser negra, não se admite que meu professor de Matemática fale sobre racismo em sala de aula, pior ainda.

Eu não entendia que aquilo que acontecia comigo era racismo. A gente demora um tempo para conseguir digerir, assimilar, que aquilo que sempre aconteceu comigo era racismo, eu não tinha noção de que aquilo que aconteceu comigo era racismo, eu não tinha noção do que era racismo. Meu cabelo era chamado daquela maneira porque era racismo e eu não sabia, não entendia aquilo, eu não entendia que eu era excluída das brincadeiras ou colocada em algumas brincadeiras como sendo um reflexo do racismo.

Brincadeiras do tipo, é chicotinho, do tipo, ah, você é a pretinha, você que vai fazer tal coisa, esse tipo de coisa eu não entendia que era racismo e isso sempre aconteceu comigo, sempre, sempre foi falado da minha cor da pele. Sempre foi falado do meu cabelo, mas eu não sabia que era racismo, eu não entendia que era racismo. Também sofro racismo por eu não ter uma cor de pele tão escura quanto a sua, (referindo-se ao entrevistador), por exemplo. As pessoas querem saber porque eu quero tanto ser negra? Por quê? Por que você quer ser negra, ser negra é tão ruim,

por que você quer ser negra? A tua pele é branca, minha pele não é branca, mas eu no começo não conseguia entender isso como racismo.

Depois de ler um pouco sobre isso e conversar com algumas pessoas, o primeiro curso que eu fiz foi o curso de extensão²⁷ da UFPR, acho que foi no ano de 2009, acho que foi o primeiro ou segundo curso extensão, que eu consegui, que eu comecei a entender que aquilo tudo era racismo. O mais absurdo, né? Por que que eu quero tanto ser negra? Não é que eu queira ser negra, eu sou negra e por que eu não posso ser negra? Por que você tem que dizer que eu não sou negra se eu estou afirmando que eu sou negra?

Então são algumas questões que eu não sei, não consigo entender, não consigo conceber isso dentro de mim. Por que, alguém tem que dizer o que eu sou, o que eu não sou? Por que isso é tão ruim? Deixa eu ver o que mais. Bom, então **ser mulher já é difícil, ser mulher negra é mais difícil ainda e ser uma mulher negra e uma professora negra é muito mais.**

Você tem que estudar muito, eu penso assim porque tem conteúdo para trabalhar. Tem, só que tem que pesquisar, e eu quero que meus colegas também trabalhem na mesma linha, “puxa vida”, esse conteúdo tal, pode ser trabalhado de tal maneira implementando a Lei 10639/2003, mas os colegas não querem, não! A gente fica, eu fico num impasse muito grande, porque eu sinto que os alunos precisam ouvir tudo isso. Eles precisam saber, mas os colegas não querem. **A maioria dos colegas de Matemática não querem aplicar a Lei 10.639/03 nas suas aulas, não querem. Não é pelo fato de que não tem material não, eu não acho que é esse o fator, é que eles não veem a necessidade.**

Não tem necessidade, não se quer estudar! Não sei o porquê, mas fico brigando com eles, dizendo que tem que fazer, e ficam brigando comigo dizendo que não precisa.

Eu tenho sextos anos à tarde, tenho nonos anos de manhã e sala de apoio²⁸, nas três séries eu contemplo a Lei. No sexto ano quando eu começo a falar sobre o sistema de numeração, tenho um exemplo de sistema de numeração egípcio. Eu

²⁷ Curso de extensão da UFPR.

²⁸ Sala de apoio: O governo do Estado do Paraná adotou uma política de implementar no contra turno a sala de apoio para os estudantes do 6º ano, nas disciplinas de Matemática e português. Mas esta política está ameaçada pois o governo já sinalizou a interrupção das atividades oferecidas no contra turno, retirando as salas de apoio no mês de novembro de 2016 e, logo em seguida, retrocedeu pois teve uma grande repercussão, estamos aguardando se haverá ou não a continuidade das salas de apoio para os estudantes nos próximos anos.

posso comentar sobre isso? Eles vão estudar sistema de numeração egípcio, posso conversar com eles antes de começar o conteúdo, eu explico para eles, de onde é que nós viemos, onde que nós tivemos as primeiras populações do nosso planeta, onde que esse local fica hoje e onde que o sistema egípcio então estava.

Em determinado momento da história converso com eles, então se os primeiros habitantes do nosso planeta estavam lá, obviamente lá que começaram as primeiras palavras, os primeiros tipos de contagem, então a Matemática surgiu onde? E eles conseguem tranquilamente fazer essa relação, eu falo, onde é que fica o Egito? Fica no continente africano e tal, tranquilamente dá para trabalhar isso no sexto ano. No início lá em sistema de numeração egípcio, quando eu começo a falar de frações para eles, de novo, eu volto a falar sobre a implementação da Lei 10639/03. E percebo assim porque de novo eu falo para eles sobre o Rio Nilo que fica no Egito, aí eles já sabem que o Egito fica no continente africano porque até então não sabiam.

Falo de como é que surgiu o desenvolvimento das frações, como é que foram utilizadas através de medições dos terrenos de plantações em volta o Rio Nilo e toda esta parte e tranquilamente dá para trabalhar com eles isso também. **No nono ano eu usei parte do seu material²⁹ sobre Pitágoras, também porque começa a falar sobre o continente africano, quem somos, nossos descendentes, nossos antepassados e assim tranquilamente falo com eles.**

Na sala de apoio é diferente porque não é um único conteúdo específico de Matemática, que eu trabalho com eles. Trabalho aquela defasagem que eles tiveram nas séries iniciais e contagem mesmo, as quatro operações e tudo que eu faço com eles. Dou um jeito de eles colorirem e sempre vem aquele lápis cor da pele, aí eu conversando com eles e explicando, mas lápis cor da pele, igual à pele de quem? Não é, coloca aqui, não é igual a minha pele é igual a sua pele? Não é igual a pele de ninguém aqui não temos nenhum albino? Conseguiram assimilar isso, eles conseguiram assimilar porque, sempre tem uma rotatividade de alunos muito grande no apoio.

Então a cada bimestre trocam alguns alunos, ficam outros, alguns saem e um vai falando para o outro, daí que um pede ao outro o lápis cor de pele emprestado e

²⁹ Material do PDE - Produção Didática Pedagógica sobre Fractais. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utf_pr_mat_pdp_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>, <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utf_pr_mat_artigo_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

ele diz, não é lápis cor de pele, olhe sua pele não é dessa cor, e minha pele não é assim, pele de fulano de tal não é assim. Eles conseguiram entender isso, eles guardaram para si isso e levaram para aula à tarde, isso daí na sala na turma deles de sexto ano, que isso é no contra turno e quando eu vi isso, fiquei assim de boca aberta, porque consegui, consegui fazer com que eles entendam que aquilo não é lápis cor de pele.

E detalhe é que quando eles dizem à tarde que o lápis não é cor de pele, são corrigidos, o nome do lápis é cor de pele sim. E daí eles brigam com a professora dizendo, que a professora Eliane disse que o lápis não é cor de pele, aí temos um problema.

Implementação não é só através de conteúdo, eu faço implementação e até hoje ninguém conseguiu me explicar como é que eu vou registrar isso no livro de chamada. Os conteúdos que citei anteriormente facilmente você registra no livro de chamada “implementação através do conteúdo tal na série tal”, mas as intervenções em sala de aula? Porque situações de brincadeiras que a gente sabe que não são brincadeiras, acontecem e através da intervenção que eu faço, em sala de aula, eu estou aplicando a Lei.

Tenho muita dúvida para registrar estes acontecimentos e as respectivas intervenções, nenhuma das (os) pedagogas (os), até agora conseguiu me explicar, como é que eu vou registrar isso no meu livro de chamada, porque ele tem que ser registrado. Eu fiz a implementação da Lei em sala de aula, com a turma tal ou entre os alunos tais, descrevo o que aconteceu?

Mas como que eu vou implementar, como que eu vou registrar isso? Não conseguiram explicar isso aí, tanto em sala de aula quanto em qualquer ambiente da escola, entre professores, entre funcionários, entre uma reunião ou outra, conversar sobre isso é implementar a Lei. Eu não consigo entender e elas também não conseguem me explicar, como é que eu vou registrar?

Na verdade nenhuma das pedagogas, da equipe pedagógica, tem o curso, não tem discussão nenhuma sobre isso, agora que uma está sendo coordenadora da equipe multidisciplinar. Mas a gente sabe que a equipe multidisciplinar não cuida só da Lei 10.639/2003 e da 11.645/2008.

Os objetivos das Leis 10.639/03 e 11.645/03 eu acho que eu acabei falando já, eu vou tentar repetir, objetivo para mim é fazer com que o aluno se sinta parte da educação. Ele vê todos os seus colegas, a maioria dos seus colegas é negro (a), mas

ele vem e todo o conteúdo que não fala sobre eles, não fala sobre os seus familiares, sobre os seus descendentes. Não fala da sua cultura, eu entendo que o objetivo da Lei é esse, fazer com que ele se sinta parte disso tudo aqui.

A população do Brasil é mais de 50% de negros, a população de Colombo, que é a famosa cidade Italiana, ela é mais de 30% negra, como assim? Que é uma população italiana, onde que nós estamos? Então nós estamos aqui, se nós estamos aqui, nós devemos ser representados. Eles têm uma professora negra, que não consegue falar sobre isso, eles têm um professor de História que não consegue falar sobre isso, por isso eu me sinto no dever de conversar sobre isso.

Falar com eles, não só sobre isso que falei anteriormente, mas vários outros temas. E essas Leis, **na universidade, comecei em 2000, terminei em 2004, cursei UTP³⁰. Também em momento algum eu ouvi falar sobre isso, nunca.** E eu voltei para universidade só em cursos de extensão. Então em 2009 que eu fiz o primeiro curso do tema na UFPR³¹ eu imagino que tenha na grade curricular agora, não sei te dizer como está, mas tem necessidade sim é claro, tem que ter para que quando chegue aqui na sala de aula, não faça besteira. Eu lembrei agora aqui, em conteúdo, que quando eu trabalho com eles os conteúdos - exemplos de atividades que articulam conteúdos matemáticos e relações étnico-raciais, eu lembrei que no nono ano, eu vou começar a trabalhar porcentagem. Acho que é isso que eu vou fazer com eles agora, no ano passado eu trabalhei já com eles e pretendo esse ano novamente. Eles têm muita dificuldade em saber se identificar como negros, eles querem que a gente o faça.

Professora eu sou negro ou sou branco? Eu sou o quê? Eu pego aquela definição do que é ser negro no Brasil, aqueles índices³², da população preta, da população parda e como eles são muito próximos, então fazem parte da mesma categoria: negros. Eu trabalho aqueles gráficos com eles.

E em porcentagem trabalho aquele eu não lembro de quem é agora, mas eu trabalho aqueles gráficos aqueles itens, do que acontece com a população preta em

³⁰ UTP – Universidade Tuiuti do Paraná.

³¹ UFPR – Universidade Federal do Paraná.

³² Situação Social da População Negra por Estado. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/pub-pesquisas/situacao-social-da-populacao-negra-por-estado-seppir-e-ipea>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

relação ao trabalho, qual é o índice social, qual é o índice financeiro, como são muito próximos, então fazem parte da mesma categoria.

Em relação à Matemática e a questão racial, é um absurdo, mas eu já ouvi em conselho de classe que o aluno tal, o aluno pretinho tal, não entende Matemática porque ele é preto, eu já ouvi isso, dá vontade de xingar. À parte, a preocupação dos professores é que não tem conteúdo, não tem conteúdo para se trabalhar o tema, é eu acho que é isso eles acham, que alguém tem que procurar tudo para eles (as) e dar de mão beijada, não querem estudar a verdade é essa.

A minha participação em projetos, não participo de projeto nenhum neste momento, já participei, ajudei quando trabalhava no Lacerda³³, junto com o Neuton³⁴, ele era coordenador de uma equipe e eu era coordenadora de outra. Nós tínhamos duas equipes, e o trabalho lá era bem bacana. Tínhamos projetos, nós elaborávamos oficinas para o grupo de professores que faziam o curso, mas eu vim trabalhar só aqui e aqui não participo.

Particpei, fui coordenadora da equipe multidisciplinar aqui por algum tempo, mais me cansei, me cansei de ser a coordenadora aqui, porque os colegas querem apenas assinar a lista de presença, os colegas não querem participar de oficinas. E quando vem, fazem pouco caso, então eu cansei, eu acho que outras pessoas têm que tomar a frente. Eu acho que na escola quem deveria ter obrigatoriamente o curso da equipe multidisciplinar, primeiramente as pedagogas e a equipe diretiva da escola, obrigatoriamente, eu entendo assim.

Como é que você vai instigar se o seu professor a aplicar a Lei, questão racial se você não sabe discutir sobre isso. Você não sabe fazer uma intervenção, você não sabe auxiliar o seu professor numa discussão, então primeiro quem tem que ter essa discussão é a equipe pedagógica e a equipe diretiva, a equipe gestora da escola. Por isso que eu saí, alguém tem que se mexer para fazer isso. Na semana da Consciência Negra sempre eu tinha que fazer tudo. Ninguém fazia nada, então cansei, cansei disso, não quero, faço os meus trabalhos, produzo com os alunos, tudo isso que eu disse de conteúdo. E eles produzirão em cartazes para exposição, é o que vai

³³ Colégio Estada Antônio Lacerda Braga - EFMP em Colombo PR.

³⁴ Neuton Damásio Pereira - Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (1990), com pós graduação em Gestão Escolar, pós graduação Educação do Ensino Fundamental e Médio pelo IBPEX, pós graduando em Educação para as Relações Étnico-raciais pela UFPR e Professor QPM com 21 anos de trabalho pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná. Disponível em: <<http://www.escavador.com/sobre/3840860/neuton-damasio-pereira>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

acontecer. Eu acho que os outros também precisam estudar sobre isso, para fazer também o trabalho, para fazer com que o seu aluno se sinta parte da sua aula, da sua escola, da sua equipe, para fazer com que seu professor se sinta parte de sua equipe. Por isso eu não participo mais de nenhum projeto, já participei.

Quando participava no Colégio Lacerda, uma vez por mês, nós elaborávamos oficinas para os participantes da equipe multidisciplinar de lá, chamávamos um professor, uma professora que tivesse um trabalho sobre o tema, sobre a Lei 10.639 para expor o seu trabalho para todos os membros da equipe ao final de cada ano. Isso nós fizemos por 3 ou 4 anos eu acho, cada membro da equipe tinha que produzir o seu próprio material, em forma de cartaz, vídeo, áudio, mas tinha que escolher um tema dentre todos aqueles que foram trabalhados durante o ano, ele tinha que expor o seu material no final do ano, só assim que a gente dava o curso para a equipe multidisciplinar que era finalizado com as oficinas.

Estas oficinas eram sobre racismo na escola, sobre identidade, cabelo, eu não me recordo de todos os temas agora, mas eram vários temas, e religiosidade, vários temas. Eu lembrei de mais um exemplo de atividade que articula conteúdos matemáticos e relações étnico-raciais só que daí esse não está atrelado ao conteúdo, de novo. Era uma turma bem difícil e eu não tinha como trabalhar com eles sobre esta questão, sobre respeito, eu queria uma maior harmonia na turma e trabalhei com eles então os heróis negros, mas eu não queria o herói negro, por exemplo, o Barak Obama, não queria o herói negro famoso. Cada um teve que pesquisar um herói negro dentro do seu bairro, dentro da sua comunidade e o trabalho que ele tinha feito, tinha que mostrar, fazer a biografia desse herói negro do bairro e apresentar para os outros colegas. Assim a gente conseguiu harmonizar um pouco mais a turma, lembrei de mais esse.

Sobre as contribuições da Lei 10.639, eu vejo que a Lei tinha tudo para dar certo, ela tem tudo para dar certo. É para que nosso aluno se sinta parte disso tudo que a gente tem, para que ele saiba tudo o que aconteceu historicamente com a população negra, que ele saiba que nós hoje, nós fomos deixados à margem da sociedade. Não é porque ele não teve oportunidade, não é porque ele não tem chance, porque ele não quis e sim porque nós fomos excluídos com passar do tempo.

A Lei, em minha opinião, serve para isso, para que ele entenda o porquê está e onde está. E para que ele tenha condições de lutar, de querer coisas melhores. Se você está numa condição ruim, você não é obrigado a ficar aí, você não teve chances,

você foi jogado aí, mas você faz parte da população negra, nós somos a maioria do nosso país, nós temos direitos sim, nós temos todos os direitos, que toda a população branca. Também tenho direito a estar na escola, tenho o direito de ir ao cinema, eu tenho direito de frequentar o shopping e eu tenho direito de ir à faculdade.

A gente tem que brigar por isso, não posso acreditar simplesmente e no que me diz que eu não sou capaz, sim sou capaz eu mereço, sim. A contribuição da Lei, assim bem rasa, eu acho que é isso...acabei falando misturei tudo agora.

Eu acho que não existe, não existe democracia racial, é um mito. Alguma coisa que disseram que existe, mas ela não existe, democracia racial se eu tenho, que incentivaram o meu aluno negro a vir para aula, porque ele tem que trabalhar, porque ele tem que sustentar sua família, porque ele tem que ajudar na renda familiar. Mas eu tenho que dizer para ele, olha você meu aluno negro, você precisa vir para aula, você não pode acreditar no que as pessoas dizem para você, que você não é capaz, você é capaz sim!

Há democracia racial, se a todo instante você é excluído, a todo instante estão dizendo que a cor da sua pele, não é a cor que combina com a escola. Não é a cor que combina com a novela, não é a cor que combina com a propaganda de banco, não é a cor que combina com produtos de maquiagem, produtos de beleza. Teu cabelo não combina, isso é democracia racial? Não é democracia racial, é triste. Eu acho, eu fico muito triste, mas **eu tento transformar essa tristeza em vontade de trabalhar, mais e mais e mais, e mostrar para o meu aluno que ele é capaz sim.**

E a todo instante afirmando que eu sou mulher negra, que meu cabelo é negro sim, é afro sim, e vai continuar sendo mesmo as pessoas, querendo que eu não seja negra, continuarei sendo negra. E vou trazer cada vez mais alunos, que ainda estão em dúvida sobre se são negros ou não, cada vez mais alunos se identificando como sendo negros, sim. Através de todos os exemplos, de todas as afirmações positivas, cada vez mais alunos se identificarão como negros, se depender de mim.

Eu busco materiais para trabalhar, eu gosto bastante do material produzido pelo PDE, eu gosto muito de fazer os cursos de Matemática, ofertada pelo PDE mas quando ele está atrelado a questão 10.639/03 eu sempre procuro fazer. Porque os professores estão fazendo, sempre trazem materiais bacanas, sempre tem também

sugestões para trabalhar em sala de aula e a discussão no (GTR)³⁵ Grupo de Trabalho em Rede, é muito boa.

Então eu procuro fazer porque sempre tem algum material que eu posso utilizar. Também procuro materiais no site Geledes³⁶, eu acho que assim se pronuncia Geledes. Tenho alguns livros que agora não vou me lembrar o nome. Nas Diretrizes³⁷ tem muito material para ser trabalhado. Eu vou pesquisando, procurando e sempre que alguém me dá um material eu guardo. Eu tenho todos os materiais que utilizei no curso de extensão, que fiz nos pós. Eu tenho todos os materiais arquivados, tudo guardado sempre estou lendo todos os materiais.

Do PDE acho que três ou quatro que eu fiz até agora na área da 10.639/03 eu tenho todos eles arquivados guardo, sempre eu estou utilizando não lembro de mais nenhum lugar, não lembro mesmo.

Meu pai é negro, a minha mãe é indígena, então saiu eu. Meus avós são negros e de origem portuguesa, então saiu eu. Sou a primeira filha com a pele escura, a segunda filha saiu (hoje eu entendo que ela tem os traços negroides) mas ela tem a pele branca, a terceira filha é negra também, ela não tem essa identificação que é negra, mas ela me ouve falando demais, então, às vezes deixa escapar que é negra.

A quarta filha, branca, a pele branca, mas com traços negroides, também nariz, cabelo, boca, as duas que tem os traços negroides, mas pele branca, elas se identificam como brancas, mesmo sabendo que o pai é negro. É uma questão individual delas, não vou dizer olha, você não está vendo, está vendo no espelho, aqui olha o teu nariz, olha tua boca, o teu cabelo, não vou dizer isso, mas, sempre procuro dar material nesse sentido para que elas entendam um pouquinho mais.

Nas brincadeiras, quando nós éramos crianças eram sempre “a do meio a branca, que se diz branca, me usando como sua escravinha, me chicoteando nas costas, então é isso até hoje.” Quando eu lembro isso me chateia um pouco, eu passei a vida inteira brincando disso e não sabia que elas estavam sendo maldosas comigo. Também não sabiam, elas não tinham culpa, né? Marca-me até hoje isso, mãe sabia, pai sabia, via, mais adultos viam e não, não intervinham naquela situação.

³⁵ GTR – Grupo online, coordenado por professores que fazem o PDE, que estão no segundo ano do programa, para divulgação e troca de informações de sua pesquisa. Auxiliando assim a construção do seu trabalho ao final do PDE.

³⁶ Geledes Revista eletrônica site: <<http://www.geledes.org.br/questao-racial/#gs.zCx9Fo>>.

³⁷ Diretrizes Curriculares do Paraná.

E sobre o cabelo sempre tive uma cobrança muito grande por causa do cabelo, meu cabelo foi sempre o ruim, meu cabelo foi sempre o feio, sempre o desarrumado, sempre o cabelo bandido, armado ou preso. As brincadeiras sempre e isso não parece, mas isso chateia demais, foi sempre desde criança, adolescência, fase adulta, mas e agora eu consigo, eu consigo enfrentar.

Tudo isso consegui enfrentar tranquilamente, sempre tive olhares em cima de mim, em todo lugar que não tem outras pessoas com o mesmo tom de pele que o meu, sempre chata, sempre andando atrás de mim, por uma loja de roupa e isso me traz um trauma muito grande que eu odeio Shopping, odeio lojas.

Sou uma mulher que odeia lojas, porque sempre tem alguém atrás de mim, sempre tem alguém olhando para mim, olhando no que eu estou mexendo, achando que eu estou roubando e eu não entendia que isso tem a ver com a cor da minha pele, eu não entendia o que isso tem a ver com racismo. Eu não entendia que estava sofrendo racismo.

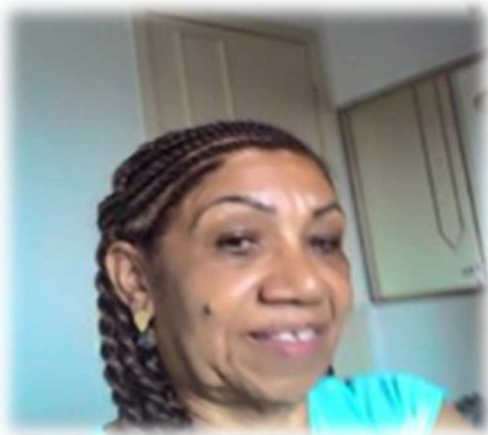
Quando eu comecei a trabalhar nessa escola, eu sempre ficava professora nova, eu sempre ficava afastada do grupo e um dia me disseram que eu não sentava com o grupo porque eu tinha que sentar na senzala. Aí eu não consegui me defender naquele momento, eu não consegui, eu não tinha, eu acho que eu estava sofrendo tanto que eu não consegui, não consegui me defender naquele momento. Hoje não, hoje eu choro de lembrar de tudo isso, mas eu consigo me defender tranquilamente, tranquilamente. Meu lugar é aqui sim, eu estudei, passei no concurso, estou aqui e aqui vou permanecer e não (...) eu não estou na senzala. Em uma escola você como professor e professora deveria estudar um pouquinho mais sobre isso, mas enfim...

Eu sabia que eu ia chorar, por isso eu queria ter falado, já. A minha filha hoje e tem 12 anos, desde pequenininha se reconhece e se afirma com muita facilidade que é negra, desde pequena ama o cabelo, a cor da pele e consegue afirmar para qualquer pessoa que ela é negra sim, e que o cabelo dela é lindo. Consegue afirmar isso para qualquer pessoa, com 12 anos ela sempre faz isso, então é uma questão de educação mesmo, uma questão de nós educarmos as nossas crianças.

A verdade é essa, eu não acho que nós vamos conseguir mudar os adultos que nós já temos, nós não vamos mudar. Eles pensam assim e vão continuar pensando assim. Eles podem respeitar um pouco mais, mas eles continuam pensando que a minha pele é feia, que meu cabelo é feio, e que eu não mereço estar aqui.

Mas se eu educar as crianças, lá os meus pequeninhos, o meu sexto ano, que ele sabe que aquele lápis cor da pele não é a cor da pele dele, que ele vai crescer um adulto melhor, que ele vai querer ser um adulto mais carinhoso, um adulto mais compreensível, um adulto educado, um adulto que não seja racista, eu acho que é isso Ronaldo.

3.2.3 Textualização da entrevista com Neide

 <p>Imagem retirada do facebook</p>	<p>Nome: Neide dos Santos Rodrigues.</p>
	<p>Município de Atuação: Iretama</p>
	<p>Tempo de Atuação como Professora: 40 anos no Ensino Fundamental e Médio, do estado do Paraná. Atualmente aposentada e trabalhando com formação de professores.</p>
	<p>Formação: Matemática com Especialização e Mestrado.</p>
	<p>Militante em qual entidade: APP, Fórum da Diversidade Étnico-Racial.</p>

Fonte: Informações cedidas durante a entrevista

A entrevista com a Dona Neide foi realizada no dia 10 de outubro de 2016, às 15 horas, em Curitiba na casa da filha da colaboradora, aproveitando a passagem de Dona Neide pela cidade, pois a mesma reside no município de Iretama, região Centro-oeste do estado do Paraná.

Meu nome é Neide dos Santos Rodrigues, meu RG 990.027-6, sou paulista de Ituverava. Nasci no dia 25 de setembro de 1946, portanto, **tenho 70 anos, estive 40 anos trabalhando na educação. Hoje eu moro em Iretama, me aposentei lá.** Já tem 34 anos que eu estou na cidade de Iretama. Tive três filhos, um faleceu, hoje tenho um casal. Gosto de ler, de estudar, tanto que **terminei o mestrado há um ano e pouco**, depois que eu me aposentei, é que eu fui fazer o mestrado.

Participei da escrita do livro Africanidades Paranaenses³⁸, sou uma das autoras. A Lena³⁹ foi coordenadora. Trabalhei com os alunos lá da Universidade, a oficina de jogos africanos e a escravização no Paraná. Trabalhei também com os alunos, tanto do curso de Matemática, quanto do curso de História. E tenho trabalhado com alguns professores da rede pública estadual praticamente em todos os fóruns⁴⁰. Eu estou lá trabalhando a ideia desses jogos, em forma de oficina. E além da escravização no Paraná, que a gente fala na minha pesquisa de Mestrado.

Fiz curso de pós-graduação, duas especializações de Matemática, inclusive uma em Educação Matemática e outra em Educação para o Ensino Religioso e fiz a terceira pós-graduação de Cultura e História e Cultura Africana⁴¹ realizada em Curitiba e depois de passado algum tempo, eu vim fazer o mestrado. Meu mestrado também, a pesquisa foi sobre escravização. Foi de escravização de um modo geral, escravização no Paraná especificamente e na região de Guarapuava, onde analisei

³⁸ Africanidades Paranaenses - O livro didático "**Africanidades Paranaenses**" coordenado pela socióloga Marcilene Garcia de Souza é o primeiro livro didático regionalizado voltado para educandos(as) do ensino fundamental que se dedicou a trabalhar exclusivamente sobre a história e contribuição dos africanos e seus descendentes no Paraná. Resumo disponível em: <<https://informativocentroculturalhumaita.files.wordpress.com/2012/05/africanidades-paranaenses.doc>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

³⁹ Marcilene Garcia de Souza - Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (2010); Bolsista do Programa Internacional de Bolsas na Pós Graduação da Fundação Ford - International Fellowships Program (2007 a 2010); Possui Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2003); Especialização em Culturas Africanas e Relações Inter étnicas na Educação Brasileira (2000); bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná -UFPR(1998); pesquisadora do NUPE - Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão e do IPAD Brasil - Instituto de Pesquisa da Afrodescendência; Foi coordenadora do curso de Especialização em História da África, Cultura Africana e Afro-brasileira, Educação e Ações Afirmativas na UTP- Universidade Tuiuti do Paraná em 2006 e 2007; Foi Professora da disciplina de Formulação e Análise das Políticas Públicas , no curso de Pós-Graduação em Administração Pública, nas Faculdades Bagozzi, em 2005. Tem experiência na área de Sociologia com ênfase em Sociologia Urbana, Sociologia Política e Sociologia do Direito e Políticas Públicas; Foi ainda Professora do Curso de Relações Raciais no curso de Graduação (EAD) da UNINTER (2012) e de Direito e Relações Raciais na Faculdade Zumbi dos Palmares (2013). É pesquisadora sobre Relações Raciais no Brasil, na área de Ações Afirmativas na Educação e Mercado de Trabalho; Juventudes (com ênfase Juventude Negra). Possui vários artigos publicados sobre os temas pesquisados. Atuou como Consultora em Programas de Diversidades em Empresas Públicas e Privadas; Coordenou a produção do Livro didático Africanidades Paranaenses da Coleção A África está em Nós da Editora Grafset (2010) e organizou o Livro: Juventude, Violência, Cidadania e políticas públicas em Curitiba e Região Metropolitana pelo IIDDEHA, 2013. Foi Coordenadora Geral da Coordenação de Ações Afirmativas da Secretaria Municipal de Igualdade Racial do Município de São Paulo (SMP/IR/SP - 2013 e 2014). É atualmente professora da disciplina de Sociologia do Instituto Federal da Bahia - IFBA/ Câmpus Salvador. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0655594599131268>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

⁴⁰ FÓRUM PERMANENTE DE EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL DO PARANÁ.

⁴¹ Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, Edu. (Carga Horária: 405h). Acesso em 03/12/2016. Universidade Tuiuti do Paraná, UTP, Brasil. Título: Estratégias de Resistência dos Africanos e Afro-descendentes Escravizados e Livres no Paraná de 1853 a 1855. Orientador: Eduardo David de Oliveira. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4244048U3>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

um processo de crime de um escravo que assassinou o seu escravizador⁴², então isso é um pouco de mim.

Sou uma pessoa que gosta muito da vida, é! Sorrio muito, as pessoas dizem para mim, não sei como você sorri tanto. Mas é meu jeito de ser.

Então vou começar **com o racismo no Brasil**, que é mais amplo. É, a gente sabe que o tanto que **teve racismo no Brasil, que foi a última nação que se libertou, entre aspas, mas a gente sabe que até hoje, nós não somos libertos no Brasil, tem muito racismo.** Eu não vou falar muito do racismo no Brasil. **Gosto de falar racismo no Paraná. Porque o Paraná é o estado europeizado. E todas essas pesquisas que eu fiz, os livros que eu li, da história do Paraná, tem aqueles escritores, autores que dizem que no Paraná foi um estado diferente. Mas tem aqueles que fizeram pesquisas, e sabe que não foi diferente, em nada. A escravização no Paraná ela é muito semelhante a tantas outras que aconteceram nos outros estados.** Mesmo que a porcentagem de escravizados (fosse menos), não fosse tanto quanto. Mas a forma, as relações foram as mesmas. Nesses estudos que eu fiz, me provaram isso, foram as mesmas/as relações. No Paraná não foi diferente, quanto ao racismo e quanto a escravização não foi diferente dos outros estados.

Quando criança eu não percebia o racismo. Não percebia pelo menos em relação aos professores, em relação aos meus colegas, ninguém me discriminou. Enquanto aluna, enquanto criança. Porque eu morava em uma cidade pequena. Estudava numa escola que só tinha três salas de aula. Então não percebi esse tipo de racismo. **Racismo eu senti, depois de professora. Depois de formada professora que eu senti o racismo, bem claro e evidente na escola. E isso há quanto tempo.**

Mas há pouco tempo, minha sobrinha, também foi discriminada na escola. Ela sofreu discriminação na escola. Então a escola também é um espaço, que mesmo velado, discrimina. E discrimina muito. Aquilo parece que está entranhado nas pessoas. A escola ainda é um ambiente muito racista, que até hoje você ainda ouve os professores falarem: mas para que isso? Para que ficar estudando isso?

⁴² Dissertação de mestrado com tema: Escravidão E Tensões Sociais Na Região De Guarapuava, Paraná (Século XIX). Disponível em: <http://www2.unicentro.br/ppgh/files/2015/07/Disserta_o_de_Neide_dos_Santos_Rodrigues_56cb67efecd4f.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2016.

Eles passaram a vida inteira estudando Europa. E porque um pouco, não pode estudar a África? Eu não entendo certas posturas. Bom, **racismo eu sofri, foi nessas circunstâncias, depois de professora. E de professor! Então você imagina, assim o professor racista! Passa-me pela cabeça, o que é que ele faz então dentro de sala de aula? Se ele está fazendo esse tipo de coisa com o seu colega de trabalho, imagine em sala de aula o que que acontece?**

Em relação às Leis, eu vou falar um pouco dessas Leis, partindo da Universidade. Foi um ambiente que recentemente eu convivi. E depois, a aplicação delas na escola e nas aulas de Matemática, etc. Acho assim, que **nas universidades como um todo a Lei 10.639/03 e 11.645/ está aí, as universidades estão muito aquém daquilo que precisa ser.** Porque a disciplina, e eu percebi ali na Unicentro⁴³, **onde eu fiz o mestrado, que ainda a disciplina que eles colocam, a disciplina para estudar história e cultura africana é uma disciplina optativa, então quer dizer, o aluno faz se ele quiser.** Porque ele tem outras opções, ele pode optar por aquela que quiser. A gente percebe assim, que não se tem o valor então da disciplina. Que ele deveria ter na universidade. É na universidade que ele teria que sair, os professores, com essa formação e eles não saem. Como é uma disciplina optativa, então faz aquele que bem entender. Isso não é só no mestrado, eu vi isso na graduação também, eu fui me informar.

Na graduação também tinha, mas a disciplina era optativa, não é obrigatória. **Em relação às escolas,** principalmente onde eu trabalhei (não foram tantas escolas, mas foi nas escolas que trabalhei por um logo tempo), tem aqueles professores conscientes, que procuram fazer as coisas certas, trabalhar de forma correta. Mas a grande maioria não. **A grande maioria faz aquilo, por uma mera obrigação. Não é porque vê que há a necessidade de se valorizar, para que as crianças se sintam valorizadas, se sintam reconhecidas como pessoas normais dentro da escola.**

A maioria, trabalha assim, para o dia 20 de novembro. Sem aquela sequência lógica. De a cada dia estar trabalhando o que é importante para todos. Quando falo trabalhar porque é importante para todos, não é também só ficar trabalhando, só história da África. É trabalhar história de todo mundo. Porque todo mundo tem o valor, dentro do seu ambiente. E também não tem ninguém maior e ninguém menor, nem melhor.

⁴³ Unicentro – Universidade Estadual do Centro-Oeste, do Paraná.

Então é trabalhar realmente a igualdade na escola. Está muito difícil, eu vejo com quem eu sempre converso, é parece que os chegantes é que não querem, nem mesmo se envolver no assunto. A gente percebe, que parece que o racismo está tão entranhado. Porque a gente percebe nas atitudes, não é por nada, não é que a pessoa vai lá xingar. Não é que você percebe nas atitudes, no olhar. Quando a gente fala alguma coisa. Esse tipo de racismo que a gente percebe na escola. Esse é pior que você ser chamada de negra. Isso prejudica muito, dói muito mais, dói muito mais.

Eu acho que a Lei contribuiu, mas não tanto quanto devia. Já passou muito tempo, já passou muitos anos, que a Lei foi criada, em 2003 e nós estamos em 2016 então, já era para muita coisa ter mudado. Muita coisa mudou, mas ainda é muito pouco. Essa é minha opinião, acho que mudou, mas mudou muito pouco.

Porque ainda acontecem as mesmas coisas, que aconteciam. O negro não é chamado para fazer determinado papel na escola. Nas datas festivas, o negro não é lembrado. Esse tipo de coisa continua acontecendo. E não era para acontecer mais. Então a Lei está aí mas não foi, não teve o efeito que a gente esperava que tivesse. Tanto uma quanto a outra. Uma complementa a outra.

A participação do professor em projetos, eu acho que o problema é o seguinte, como a Lei determina, ou seja, enfatiza determinadas disciplinas. As demais disciplinas acham que elas não têm obrigação nenhuma. Então sempre fica na responsabilidade de alguns para estar pensando o projeto, expondo, trabalhando, etc.

A gente sabe bem, para funcionar, para uma certa funcionalidade de tudo isso, teria que todos estarem trabalhando dentro dos projetos, ou fora deles. Não precisa ser somente dentro de um projeto, pode ser fora dele. Porque sempre fica naquela, isso é coisa do professor de Matemática ou isso é coisa do professor de História ou é coisa do professor de Português.

É função minha? Eu não sei. Você respeitar o próximo é função de alguém em específico? Então eu volto a dizer, a Lei contribuiu sim, mas muito pouco. No meu entender essa aplicação da Lei, **nas aulas de Matemática poderia ser melhor. Porque se o professor explorasse realmente a história da Matemática, que a gente sabe de onde que veio a história da Matemática.**

Se os professores se dedicassem a ler os textos do Henrique Cunha Júnior⁴⁴, que ele traz a engenharia lá dos países africanos. Tudo que tinha e que está aí hoje, a nossa volta. Trabalhar até a filosofia africana de certos povos africanos, e que essa filosofia traz muita Matemática. Então eu digo que daí as coisas seriam bem melhores e o envolvimento de todos seria bem melhor. Porque o professor foi buscar o conhecimento. E o que é mais difícil hoje é o professor que busque esse conhecimento. Eles fazem aqueles estudos de textos lá que o governo manda, que tem uns textos relacionados com a diversidade. Mas ainda é muito pouco. É uma coisa muito especial, eles fazem aquilo obrigado porque é aos sábados. O único dia que o professor poderia ficar em casa tem que ir para o curso e tem que fazer obrigado pelo estado.

É uma coisa que não funciona muito. E dentro da disciplina de Matemática dá para fazer muita coisa. Eu digo isso porque eu professora de Matemática, eu vejo, ajudei a Rosa Margarida⁴⁵ a fazer aqueles textos que seria um livro para o governo do Paraná, para distribuir em todas as escolas que foi abortado porque era o Governador

⁴⁴ Henrique Antunes Cunha Junior - Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (1975), graduação em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1979), mestrado em História - Université de Lorraine (1981) e Doutorado Em Engenharia Elétrica pelo Instituto Politécnico de Lorraine (1983). Realizou pós-doutorado na área de Robôs, na Universidade Técnica de Berlin -1985. Foi pesquisador Sênior do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo -IPT (1988-1994). Foi chefe de Departamento da Área de Engenharia Elétrica do IPT. Prestou concurso de Professor Livre Docente pela USP em 1993. Prestou concurso com tese de professor Titular na UFC em 1995. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: etnia negra educação, africanidades e afrodescendência. Atua em Engenharia Elétrica nas áreas de Planejamento Energético, Sistemas de Controle, Eletrônica de Potência Comando de máquinas Elétricas Orienta doutoramentos e mestrados em Educação com temas de história e cultura africana e afrodescendente, espaço urbano, bairros negros. Orientou 21 teses de doutoramento e 45 de mestrado. Foi coordenador do curso de Engenharia Elétrica da UFC entre 2012 e 2016. Cursos técnicas de Acupuntura Coreana nas Mãos em 2015. Curso Especialização em Arquitetura e Cidades- Faculdades UNYLEYA em 2016. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3168771550890062>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

⁴⁵ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Possui Pós Graduação em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela PUC-MG, Especialização em Didática Fundamentos Teóricos da Prática Pedagógica e Graduação em Pedagogia Licenciatura Plena. Assessorou o MEC para a concepção e elaboração do livro Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico Raciais sendo coordenadora do GT Ensino Fundamental. Foi Assessora da Prefeitura de Sabará, Prefeitura de Congonhas, Secretaria de Educação de Contagem, Secretaria de Educação de Ribeirão Preto, Secretaria de Educação do Estado do Paraná e da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais para implantação da Lei 10.639/03. Ministra Palestras com temas sobre o Trato da Questão Racial no Cotidiano Escolar, Inclusão Racial na Escola, Discriminação Racial na Escola. Tem experiência de mais de trinta anos na área de Educação, com ênfase em Relações Étnico-Raciais, atuando principalmente no seguinte tema: construção positiva da Identidade da criança Negra, História da África e dos Africanos no Cotidiano Escolar. É membro do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Araguari; Membro do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial de Minas Gerais Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4345455978308395>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

do estado do Paraná, o Requião e ele perdeu. Aqueles textos eram uns textos maravilhosos, era um material realmente destinado ao professor. Porque a Rosa Margarida faz coisas destinadas ao professor. Para o professor trabalhar o racismo, é ali também tinha, aquela parte que envolvia a Matemática, Física e Química e que a gente trabalhou em cima disso, para ela colocar no livro. E demonstrar que em Matemática, também pode-se fazer muita coisa. E o professor de Matemática? É, mas Matemática não dá para trabalhar racismo. Dá para fazer isso em Matemática, não dá para fazer aquilo então, e dá é só querer.

Os jogos estão aí. Nos jogos você trabalha a Matemática, você trabalha a História, a Geografia. Você trabalha a maneira dos povos, da vivência, daqueles povos de determinados lugares. O nome que eles davam as coisas, a forma que eles jogavam. A filosofia do jogo. O porquê daquele jogo. Ele pode mostrar filosofia de vida.

Porque que professor de Matemática fala que não é, e quando você entra no jogo você vira criança. Isso é incrível, você pode ter 70, 80, 60, 50 e 20 anos, você vira criança. Você quer ganhar, fala você não fez isso, você errou, não é assim que faz. Você vira criança. É uma maneira mais fácil, mais bacana e gostosa de se aprender. Dessa forma, o professor de Matemática não pode reclamar, meios tem. Só que ele tem que buscar.

Não sei definir democracia racial. Eu não sei se realmente nós temos democracia racial. É a Lei da democracia, aqui, ela está servindo até agora onde? Essa democracia racial, eu quero saber, o que é democracia? Onde está então, se você não vê democracia, e muito menos racial. Definir democracia racial seria: uma vivência dos povos em harmonia. Onde que está isso? Principalmente aqui em Curitiba, que a gente sabe como é. A gente convive muito em Curitiba, a gente vê, como é linda essa democracia racial aqui em Curitiba. Como que as pessoas convivem. E a Lei eu acho que até hoje, eu não vi fruto da Lei, foi criada sobre democracia racial, foi aprovada etc. e tal.

Tem-se muitos conteúdos matemáticos, dentro do contexto histórico africano, que podem ser relacionados com a educação e com as relações étnico-raciais. É um conhecimento pouco explorado e muito rico. Quantas coisas eles trouxeram para o nosso país e também para o nosso estado, vocês têm que ir ao Teatro Paiol⁴⁶ e lá

⁴⁶ Inaugurado oficialmente no dia 29 de março de 1972, o antigo Paiol de pólvora foi transformado em teatro e é um símbolo cultural e histórico de Curitiba. Sua criação foi o marco das reformas urbanísticas

observar a riqueza Matemática daquele local. É a construção e quem trabalhou nas estradas de ferro do nosso litoral, tem tanta homenagem com o nome dos engenheiros Rebouças⁴⁷, só que nunca falam que eles eram negros. Então quanta coisa você pode fazer relação aqui no Paraná mesmo, a gente tem muita coisa de Matemática em tudo o que você pensa, onde o negro pôs a mão e que pode ser aproveitado. Eu pesquisei muito sobre o Paraná para fazer minha pesquisa, então tem muita coisa, sabe, muita coisa mesmo, e que dá para fazer relação não é só construção, muitos outros conhecimentos de História, de Geografia que você pode fazer relação com a Matemática e com as relações étnico-raciais. Lógico que quando falo Geografia/História estou falando geografia/história do nosso povo. Não é do outro lado da moeda, é do nosso povo. Você pode fazer relação, é só querer, é só você estudar um pouquinho.

Porque sem você estudar não pode fazer uma relação, sem estudar, sem conhecer, não tem jeito e é esse o nosso maior problema, eu acho que o professor está muito acostumado àquela coisinha, pegar um livro e de repente até no livro, alguma coisa que tenha no livro, ele pode relacionar, ele pode relacionar então, eu acho que é isso Ronaldo.

Eu li muitos textos, do Henrique, porque o Henrique traz para a gente muito sobre engenharia de uma forma que você entende, que você sabe então como. Nossa, o Henrique que traz para a gente até a Teoria do Caos. Relacionado com a deusa⁴⁸, é muito, é uma coisa assim apaixonante. Porque ele faz uma relação muito rica da história de dentro da Matemática, ele tem muitos textos. A geometria dos fractais e vai por aí afora, o Henrique tem muitas pesquisas, ele não tem quase livro, porque não

e culturais implementadas na cidade, a partir da década de 1970. O espaço, que mantém as características originais da edificação, com a configuração de construção romana em forma circular, abriga importantes espetáculos de música e teatro. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldec Curitiba.com.br/espacos-culturais/teatro-do-paiol>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

⁴⁷ André Rebouças e Antônio Rebouças além de outros como Enedina Alves Marques, Mestre Valentin, Theodoro Sampaio, e Manoel Quirino, afrodescendentes de destaque na engenharia brasileira.

⁴⁸ Deusa Oya - Estas representações da teoria do Caos já existiam há séculos nas representações da Deusa Oya, nas religiões africanas, em diversas partes da África. No Mali, na Nigéria, no Congo, em Angola, na África do Sul. Esta representação está relacionada na cultura de Terreiro, com os fenômenos de turbulência atmosférica de grandes ventos. O trabalho de Judith Gleaso surpreende ao mostrar a existência de uma combinação turbulenta atmosférica de dimensão continental e de formação caótica justamente sobre o continente africano e muito bem representada no conhecimento religioso do Candomblé. Disponível em: <<file:///C:/Users/Ronaldo%20Tomaz/Documents/Henrique%20Cunha%20Junior%20-%20Mestrado/AfroetnoMatemática%20África%20e%20Afrodescendência%20Henrique%20Cunha%20Junior.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

consegue que as pessoas tenham coragem de publicar um livro dele e os seus textos, nossa, ele tem muitos textos e são muito interessantes.

O livro de Matemática do Mundo Inteiro⁴⁹, tem muita coisa interessante de Matemática africana. Basta você atentar, porque ao passar os olhos, nem percebe, quando você para e analisa, vê muita Matemática interessante de todo o mundo e está ali. Tem muita Matemática africana. Para mim foram muito bons os livros da Margarida, também ela tem direcionado o professor, tem muita coisa boa e através do que ela põe você vai puxando outras coisas. Então, tem esse material também que é muito bom.

E aí você pega os livros até para você tirar, fazer uma comparação, pega até os livros mais comuns que tem aí para analisar, para você ver o que é que tem de Matemática ali, que você pode incluir a Matemática e o conhecimento africano, tem dentro até dos livros usuais que a gente utiliza no dia a dia. Gosto muito do Henrique, da Margarida, traz muita teoria e tem muita prática. Usei o Paulus Gerdes⁵⁰ que traz bastante conhecimento matemático e figuras africanas.

Rosa Margarida, mineira, está morando agora em Uberaba, mas é de Belo Horizonte. Terminou o mestrado faz pouco tempo. Ela é uma professora pesquisadora. Eu li livros para ter uma ideia de como é a África, como eles convivem lá, o que eles fazem. Li muitos livros de história, história mesmo, como Shalom para ter a base histórica-filosófica. Base de Matemática, mas você tem que ler, senão você não chega na nossa história da Matemática. Li livros, “vixe” uma carrada, não lembro tudo agora, mas então a base é essa, eles têm muita Matemática, Matemática africana dentro dos seus textos. Paulus Gerdes é ótimo, gosto da proposta dele. Henrique Cunha, foi nesses textos a minha relação de estudo da Matemática, com as relações étnico-raciais.

Eu só gostaria de acrescentar assim, que a Matemática, eu acho, é uma das disciplinas mais lindas que se tem no currículo. Desde que cada um trabalhe

⁴⁹ Mais Jogos e Atividades Matemática do Mundo: Inteiro – Diversão Multicultural - por Adriano Moraes Migliavaca e Claudia Zaslavsky

⁵⁰ Dr. Paulus Pierre Gerdes – Foi professor na Universidade Eduardo Mondlan em Moçambique. Responsável por inúmeras contribuições à teorização do artesanato e à formulação e solução de questões Matemáticas do imaginário e artesanato popular. Pesquisador sobre Etnomatemática, procurando sempre analisar as bases históricas e epistemológicas da Matemática e propondo importantes inovações pedagógicas. Disponível em: <<http://professorubiratandambrosio.blogspot.com.br/2014/11/paulus-gerdes-in-memori.html>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

de forma a tornar esse estudo, essa Matemática bonita. Ela é bonita porque ela constrói coisas maravilhosas. Queria dizer para os professores de Matemática que apesar dos alunos não gostarem da Matemática, que eles acham difícil, que a forma como nós aprendemos é a forma como nós repassamos, e eu aprendi isso depois de muito tempo. Que depende muito da forma que você coloca, o aluno gostar da Matemática, ela é linda, e que constrói coisas maravilhosas. Que a gente esteja atento a cada detalhe.

3.3 O FIO DE ARREMATE

Identidade

*Preciso ser um outro
para ser eu mesmo*

*Sou grão de rocha
Sou vento que a desgasta*

Sou pólen sem insecto

*Sou areia sustentando
o sexo das árvores*

*Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro*

*No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço.*

Mia Couto em Raiz de Orvalho e Outros Poemas⁵¹.

⁵¹ Disponível em: <<http://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=707>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

3.3.1 Textualização da entrevista com Ronaldo

	Nome: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva.
	Município de Atuação: Curitiba
	Tempo de Atuação como Professor: 17 anos no Ensino Fundamental e Médio, do estado do Paraná.
	Formação: Matemática com Especialização e mestrando.
	Militante em qual entidade: APP, Fórum da Diversidade Étnico-Racial.

Fonte: O Autor (2017).

A entrevista com Ronaldo Tomaz de Andrade Silva, RG 5.857.873-8 foi realizada no gabinete do professor Emerson, no dia 09 de dezembro de 2016, às 19 horas, mediada pelo professor Marcos Aurelio.

Então a princípio, vou começar com **o racismo no Brasil**, e de maneira geral acho que o Brasil, não superou essa questão do racismo, embora a gente tenha algumas políticas, e eu acho que nos últimos anos, 13 anos, foram anos de muita luta, conquistas, onde se criou algumas políticas para tentar sim, melhorar, minimizar um pouco a questão do racismo. No Brasil teve poucas ações concretas, tanto que se você analisar o que algumas pesquisas, eu falo pesquisa do nosso dia a dia, de jornais mesmo, você vai verificar que, por parte da população negra existe um certo ceticismo em relação ao cumprimento de determinadas coisas (Leis) e até mesmo o cenário que a gente vê, de mortes principalmente de jovens negros no nosso dia a dia.

Como uma pessoa negra, a gente vê pouca coisa que mudou, então por conta disso, eu acho que **o racismo no Brasil, tem muito a caminhar para que ele reduza, pensar sim que será eliminado, acho que isso não é pensando** pragmaticamente (risos)⁵². Acho que não vai acontecer, **o meu sonho é que isso aconteça, e que todo mundo seja tratado de maneira igual**, de maneira equalizadora. Eu penso que nós temos um caminho, um percurso enorme ainda a seguir, para que a gente reduza a

⁵² Risos na entrevista após a pronúncia da palavra pragmática, gerando discussões dos presentes (professores Emerson Rolkouski, Carlos Vianna e Marcos Aurelio) em relação ao que é ser imediatista.

questão do racismo aqui no Brasil, para que todos tenham os mesmos direitos, que todos tenham as mesmas oportunidades. As oportunidades é que fazem uma diferença enorme.

Sobre as preocupações dos professores em relação a Matemática e a questão racial, existem muitos trabalhos, mas ainda são trabalhos que a gente não tem acesso a isso sistematizado, de uma maneira mais prática. Nem todos têm tempo para fazer pesquisa, era o correto que todo professor tivesse tempo para fazer pesquisa, para estudar, buscar materiais novos. Infelizmente a gente não tem ainda essa possibilidade, claro, vamos avançando, de uns três anos para cá conseguimos algumas conquistas, como a própria questão da hora-atividade dentro das escolas (33%), o piso nacional.

Outra coisa é: como trabalhar essas questões dentro de sala de aula, a questão da Matemática e as questões étnico-raciais, de uma maneira que possamos construir algo mais sistematizado? Aí a Lei 10.639/2003 por si só, não é capaz de fazer muita coisa, vou usar as palavras do Celso⁵³ quando disse “as Leis no Brasil elas são construídas, algumas pegam e outras não”. **A Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 são ferramentas muito importantes e elas não foram construídas por acaso, toda essa construção veio da organização dos movimentos sociais, não foi uma benesse.**

Foi uma construção essa Lei, foi um ato importante por parte do Estado, em 2003. Assim o Estado está criando possibilidades para reduzir o racismo no Brasil. E ao mesmo tempo mostra que essa população, que é mais de 51% da população brasileira, tem que ocupar os seus espaços, porque hoje nós temos diversos espaços onde os negros não estão. Então a Lei 10.639/03 vem a contribuir para que essas pessoas, tenham a possibilidade de estar nesses espaços e fazer a diferença. A partir

⁵³ Celso José dos Santos: Mestre em Ensino (PPIFOR) - Formação Docente Interdisciplinar pela UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) - Campus de Paranavaí. Advogado com Especialização em Direito do Estado (UEL). Professor de Matemática e Ciências da Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná- Colégio Estadual Sílvio Vidal (Paranavaí - PR), com Especialização em Matemática (FAFIPA) e em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, Educação e Ações Afirmativas no Brasil (UTP/IPADBRSIL). Militante do Movimento Negro (ANPIR - Associação Negritude de Promoção da Igualdade Racial - Paranavaí-PR). Dirigente da CUT-PR Sindical e da APP-Sindicato - Núcleo Sindical de Paranavaí. Membro da CADARA/MEC e do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná - FPEDER-PR. Representante de Base do Conselho Nacional de Entidades da CNTE. Coordenador do Coletivo Estadual de Combate ao Racismo da APP-Sindicato e Membro do Coletivo Nacional de Combate ao Racismo - Dalvani Lellis - da CNTE. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4774266304230055>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

do momento que você confronta o diferente, traz a possibilidade de se debater sobre o diferente, num primeiro momento existe resistência ao diferente, mas esse ato de debater sobre o diferente é muito bom.

Quando converso com alguns amigos que não são negros e eles colocam *“nossa eu tô achando uma coisa muito importante, principalmente na universidade, sobre essa questão do diferente estar entrando lá dentro, se colocando, se fazendo ouvir”*. Porque antes era só a questão do talvez, vamos pensar o que o outro pensava, agora não, o sujeito está ali dentro! E ele está fazendo com que os outros se movimentem também. A implementação da Lei, nesse sentido, só que ao mesmo tempo, repito, ela sofre muito essa questão do voluntarismo. Vamos pensar que a pessoa vai voluntariamente trabalhar essa questão, a Lei contribui para que a gente coloque esse tema, mas ao mesmo tempo, não mostra ferramentas para fazer a cobrança, que as pessoas realmente leiam a Lei, busquem aplicar dentro da escola, dentro das diversas modalidades, não deixar cargo de A ou B para fazer essa tal da aplicação.

Quanto à aplicação da Lei 10.339/03 nas aulas de Matemática, eu acho muito interessante que o meu trabalho de pesquisa no PDE⁵⁴ veio no sentido de **ser mais uma ferramenta de trabalho, e também o que estou pesquisando me dá a possibilidade de trabalhar a Matemática aplicando a Lei 10.639/03** e de ver alguns trabalhos, mas que não me tocaram de maneira significativa, porque as questões estão sendo colocadas apenas como uma maneira de explicar a Matemática eurocêntrica, e a gente não se vê explorar outras possibilidades de pensar matematicamente. Então **vejo, que a grande maioria dos trabalhos que eu estou pesquisando, utiliza ainda a Matemática eurocêntrica e quando trata da questão étnico-racial, trata apenas como um caminho para falar da Matemática eurocêntrica.**

Penso que nesse ponto a gente deveria avançar, buscar artifícios para sobrepor e mostrar um outro modo de se pensar matematicamente. Uma contribuição

⁵⁴ Programa de Desenvolvimento Educacional desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, concluído em 2015, que culminou com a aplicação de um projeto/proposta pedagógica nas aulas de Matemática da Educação de Jovens e Adultos, na disciplina de Matemática e com elaboração de um caderno didático intitulado: “Etnomatemática e relações étnico-raciais na Educação de Jovens e Adultos: trabalhando fractais e geometria”, como possibilidade de implementação da Lei 10.639/03 nas aulas de Matemática. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utf_pr_mat_artigo_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

é o livro do Duda Eduardo⁵⁵, ele fala sobre a ancestralidade do jeito de se pensar, do jeito de se fazer determinadas coisas, que fogem do jeito tradicional que a gente vê no dia a dia. Então quando se aplica a Lei nas aulas de Matemática, vejo que estamos presos à questão da Matemática eurocêntrica, que não conseguimos sobrepor a essa. Nós temos condições sim de avançar e mostrar não só a questão do negro, mas das outras possibilidades de se pensar Matemática, tanto do chinês. Há alguns exemplos de como os chineses interpretam uma determinada ação, não sei exatamente do Enrique⁵⁶. A gente deve avançar, buscar outros modos de se pensar, outros modos de agir, outros modos de construir conhecimento.

Em relação à universidade e as Leis 10639/03 e 11645/08, nas universidades esse ponto eu acho que é muito ruim, porque das várias pessoas que a conversamos, professores de Matemática, pouquíssimas pessoas tiveram algo em relação a 10.639/03 quanto a 11.645/08 na universidade. Talvez vem ao encontro com aquilo que se fala na questão da aplicação da Matemática, com essa visão eurocêntrica.

Houve um relato que na Unioeste existem disciplinas optativas sobre a questão racial e indígena. Nas universidades particulares eu não conheço nenhum tema ou disciplina específica. Na Universidade Federal também desconheço se há uma disciplina específica que fala sobre a questão da Matemática não eurocêntrica. Até mesmo nos encontros, que participei recentemente, pouco se fala sobre a implementação da Lei na universidade. Não achei nenhuma pesquisa que fale de implementação da Lei dentro das Universidades, estou curioso ainda estou fuçando, mas eu não encontrei ainda nenhuma pesquisa que trata da implementação da Lei 10.639/03 na universidade, na disciplina de Matemática.

⁵⁵ Eduardo David Oliveira – Cosmovisão Africana no Brasil. Em um determinado trecho do livro ele nos mostra como a visão africana se diferencia da visão ocidental, onde se pensa por exclusão ou por contradição, enquanto que a filosofia Africana, pensa por inclusão, mostrando um exemplo retirado da tradição dos orixás: “Ogun, divindade do panteão afro-brasileiro, pode ser considerado como um eixo de classificação: nele participa tanto o ferro quanto a planta (makino), ou seja, Ogun é uma divindade que tem nos elementos minerais e vegetais a sua essência. Ora, na cosmovisão africana não há contradição entre mineral e vegetal” (OLIVEIRA, 2003, p. 88).

⁵⁶ Aqui se faz referência aos estudos de FERNÁNDEZ (2004, p. 127), que será explicitado no capítulo 3 deste trabalho. Fonte: FERNÁNDEZ, E. L. As Matemáticas da tribo Europeia: um estudo de caso. In Knijnik, G; Wanderer, F; Oliveira, C, J, de. **Etnomatemática, currículo e formação de professores**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 124-138

Vejo a universidade como um espaço da elite, que não se preocupa sobre as questões étnico-raciais e indígenas. Também não percebo por parte da universidade a preocupação em trabalhar sobre essas questões. Essa universidade que vai formar os professores? É muito perigoso isso, porque a gente vem buscando trazer trabalhos que falam sobre esse tema para se estudar na Educação Básica e na universidade nunca se fala sobre isso? E se fala, é de uma maneira isolada, num curso.

Como disciplina isolada o aluno tem que se interessar, ir até lá para fazer, não desmereço isso. Como o negro, o indígena, o cigano, outras, não vejo nenhuma disciplina que fala sobre isso.

O maior objetivo das Leis é fazer com que as pessoas conversem a respeito disso e tentem quebrar pré-conceitos. Trocar, fazer com que as pessoas discutam sobre o tema e rompam com esses pré-conceitos. Fazer com que as pessoas construam uma ponte onde se tem muros, barreiras. Para que as pessoas comecem a se colocar no lugar do outro, eu acho que esse é o maior objetivo. A todo momento valorizamos determinada cultura, outras culturas são sempre colocadas de maneira menos significativa, então essa Lei vem como possibilidade desse outro que está desqualificando, perceber que o conhecimento não é maior que o outro, então essa discussão faz com que haja essa possibilidade de desconstruir determinados discursos. Traz essa possibilidade, desconstruir esses preconceitos que existem com diversas pessoas ao nosso redor.

Para exemplos de atividades que articulam conteúdos matemáticos e relações étnico-raciais, trago a minha pesquisa⁵⁷ do PDE⁵⁸, trabalhei com fractais as questões étnico-raciais, com a Etnomatemática. Trazia esse conteúdo, arredondava a esse conteúdo e mostro determinados tecidos africanos, de Gana. Uso os tecidos, determinadas repetições, trabalhava área, progressão, padrões. No desenho, ao desconstruí-lo, uso conceitos da Matemática eurocêntrica. Trabalho

⁵⁷ Segue os links dos trabalhos que articulam Etnomatemática e Relações Étnico-Raciais na Educação de Jovens e Adultos.

Disponíveis em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utf_pr_mat_artigo_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>.

Produção pedagógica

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utf_pr_mat_pdp_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2017.

⁵⁸ PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional, do estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=616>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

gráficos, gosto de trabalhar com os alunos, principalmente os alunos da EJA, trabalho muito com os dados do IBGE, busco mostrar o negro, trabalho estatística, porcentagem, então essas questões, dão para a o professor trabalhar com gráfico. Estou lendo um livro⁵⁹ que fala também sobre a questão da capoeira, dos jogos. Ele fala sobre Ifá, o que é Ifá, como que funciona, o que é o jogo, os jogos de adivinhação, são questões que a gente também pode usar na Matemática, para trabalhar principalmente progressões geométricas. Trabalhar perímetro, área com o tecido de Gana. Questão dos jogos, no PDE temos ao total seis artigos que vão falar sobre questões étnico-raciais e Matemática, depois eu passo os nomes e os links para que a gente possa conversar.

Sobre **a definição de democracia racial no Brasil**, não existe, penso eu. Estou com medo de falar, mas acho que não existe nem democracia no Brasil, na atual conjuntura com uma série de coisas que a gente está vendo acontecer, uma ditadura branca, vamos dizer assim, não existe nem a democracia, quem dirá a democracia racial. Porque hoje a democracia é dada pela questão financeira, se tiver dinheiro talvez você pode até falar e será ouvido, porque falar é uma coisa, ser ouvido é outra bem diferente.

Hoje falar é um avanço, não estou desmerecendo, mas ainda o nosso conceito de democracia está muito frágil e a gente merece avançar um pouquinho mais nesse conceito. Temos condições de avançar um pouquinho mais nesse conceito, só que existe uma elite, e essa elite acaba não deixando que as coisas evoluam.

Nesse sentido eu fico muito, muito preocupado porque eu sei que as pessoas que vão mais sofrer em relação às oportunidades, por isso a questão da democracia racial, são as pessoas mais pobres e quem são essas pessoas mais pobres? Geralmente são os negros, são eles que estão nas periferias, são eles que têm as menores oportunidades.

Até esse momento eu não vi nenhum resquício de democracia racial no nosso país. Tivemos alguns sinais de possibilidades para fazer um diálogo, mas esses sinais foram e estão sendo desconstruídos, uma série de políticas aí surgindo, e a educação sendo deixada de lado.

⁵⁹ Eduardo David Oliveira – Cosmvisão Africana no Brasil.

Em relação à participação dos professores na realização de projetos que contemplam a Lei 10.639/03, especificamente na questão da Matemática, participei do PDE, e do mestrado. Sempre participei de movimento negro, de maneira institucionalizada, App-Sindicato⁶⁰

Eu acho que foi um divisor de águas a App-Sindicato. Agora estou me aproximando dos pesquisadores negros. Há uma entidade dos Pesquisadores Negros, e vários movimentos negros, eu não sei ainda, não me partidarizei vamos dizer assim, do movimento negro de uma única instituição, mas sempre participei, de várias instituições aí como a ACNAP⁶¹ e outras. Mas não me institucionalizei nessas entidades. Participo ativamente do Fórum Paranaense da Diversidade, como militante, não como organizador. Há um tempo atrás, eu participava mais ativamente como organizador.

Racismo na escola, existe racismo em todos os aspectos da nossa vida, na escola existe racismo. Como eu visualizo esse racismo na escola? Desde muito pequeno eu sempre fui o único...na escola, no máximo, havia três alunos negros na escola. Na graduação de 200 ..., tinha eu e mais uma colega. Como tinham duas salas, eu era o único e ela única em outra sala da graduação em Matemática, em uma instituição de ensino superior privada. Vejo que o racismo na escola existe, mas as pessoas não fazem questão nenhuma de falar sobre isso, é um tema espinhoso para todos, inclusive para mim que sou negro, porque assim às vezes a gente pensa que se torna vitimista e tal.

Eu não vejo nos espaços de poder, a escola é um espaço de poder, a representatividade do negro. Eu tentei uma vez ser candidato a diretor da escola, eu descobri uma série de coisas, uma série de pessoas diziam: *“como professor o Ronaldo é muito bacana, mas ele não tem perfil para diretor”*.

Mas porque que ele não tem perfil? Aí, um amigo, que na época não era candidato, falou: *“Olha Ronaldo vai ser muito difícil porque a gente está num lugar extremamente conservador, eu como professor então, eu acho muito difícil por ser negro por ser ...”*

Ao falar isso, ... bem simples, eu pensei: eu faço tudo igual como todo mundo, e às vezes até melhor, eu tenho que fazer melhor e não sendo pejorativo, busco fazer o meu melhor e eu não vou conseguir por causa disso?

⁶⁰ APP- Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná.

⁶¹ (ACNAP) Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastoral de Negros.

E no final da votação eu acabei não sendo eleito entre os professores, entre os alunos eu tive quase o dobro de votos que a gestão que ganhou a eleição, mas entre os professores, eu perdi.

Olhando para os alunos que eu tenho lá na escola é muito difícil a vida do aluno negro dentro da escola. É muito difícil, eu tenho duas filhinhas e essas duas filhinhas, uma com 5 anos e outra com 3, relatam algumas coisinhas que acontecem com elas, são coisinhas mínimas, mas que a gente percebe no modo do amiguinho. *“A minha mãe não gosta de você porque você é muito faladeira, você é muito ...”*

Um dia desses ela falou, *“ela não gosta de mim porque eu sou negra pai”*. Então, existe...entre os professores por conta de eu ser assim ... tão militante, eles não verbalizam isso para mim. É mais difícil, mas existe lá um atrito sobre falar de racismo na escola. Por conta disso, existe muito racismo dentro da escola, só que esse racismo é pouco falado, esse racismo às vezes, fazem questão de não se falar.

Nós temos a equipe multidisciplinar, a qual eu fazia parte, mas não se fala sobre racismo na escola é um dos motivos da criação da equipe multidisciplinar, para falarmos sobre isso e não se fala sobre racismo. E não se constrói ações conjuntas sobre racismo na escola. Quando eu participava da equipe multidisciplinar, quando eu participei, duas vezes da equipe, por dois anos, no primeiro ano eu fiz questão... de não falar nada para deixar ... como que ia ser conduzido e a condução foi sempre para não se falar sobre questão étnico-racial, sobre questão de indígena, sobre questão do diferente.

Fala sobre a questão da gordura sobre isso, mas menos, sobre a questão étnico-racial. Vejo assim que é toda uma construção para não se falar da diversidade, do homossexualismo⁶². Porque é um tema que traz debate e parece que as pessoas não querem debater, as pessoas querem ficar no senso comum e ficar no seu mundinho sem atrito.

Existe muito racismo dentro da escol. Na escola, esse racismo estou vendo aumentar, gostaria eu, de dizer o contrário.

O racismo deixa marcas que fazem a gente ser mais forte. Desde pequeno, meu pai falava assim; *“olha Ronaldo se você quiser conseguir algo você vai ter que ser melhor do que 10 brancos, porque se você não for melhor que 10 brancos, você nunca vai conseguir nada e se você for melhor que oito brancos, você faz tudo*

⁶² O termo correto a ser utilizado é homossexualidade (correção do autor).

perfeito cara, você sempre vai ficar entre, sempre vai ficar na possibilidade, eu podia". Sempre fomos criados nesse sentido.

Aprendi que se você não se esforçar, o máximo possível, você não vai se dar bem na vida, não se dá bem na vida no sentido de sempre ... meu pai sempre instigava, em contrapartida, minha mãe, tem a questão do emocional, da delicadeza, meu pai ríspido e pragmático.

Um amigo chamado Carlos, a gente sempre conversava, falava da diferença do ser negro, e de você ser criado negro e você ser criado branco. Acho que tem uma diferença muito grande, porque assim todos os amigos, que eu converso, negros, tiveram pais extremamente rígidos, incisivos nas cobranças e pouco amigos. Muita cobrança, porque você tem que ser bom. O meu pai falava assim: *"olha Ronaldo você vai ser o ponto de referência em tudo, no meio da multidão, lá pode ficar tranquilo você é o ponto de referência, está vendo tem aquele mais escurinho lá ó, daquele lado e daquele outro lado, você é sempre referência, então cuidado com as suas ações que sempre você está na berlinda"*.

E realmente é em tudo, por exemplo, uma ida ao shopping, vou na farmácia fazer uma compra sozinho, toda vez, não vou dizer todas, mas na grande maioria das vezes eu chego numa farmácia, a primeira coisa que eles fazem é contar o dinheiro e entregar o dinheiro para o gerente. **Eu odeio ir em shopping, eu não gosto de ir em shopping porque eu sou referência, seguranças ficam alerta porque eu sou referência**, eu entrar numa Americanas da vida, não gosto, e fato, sempre tem alguém me olhando, sempre então é você a referência em tudo. *"A todo momento você está sendo medido, a todo momento você está sendo analisado e pode ser considerado insuficiente"* Coração Valente⁶³.

É bem isso mesmo, a todo momento, a gente está ali na berlinda, para verificar o que você fez, e acentua, o que você não fez. Isso é uma coisa que é padrão. Não é só comigo, esse meu amigo, acontece o mesmo. A nossa criação é muito mais exigida. Em todos os sentidos. Tanto eu, quanto a minha irmã, é muito mais exigido...mais cobrado, mas tem que exigir mais. O lado bom que você está preparado, que o mundo é cruel, ele fala então por conta disso, você vai sofrer um pouquinho menos, mas é **essa construção, ela é construída na dor, você fica calejado porque você vê isso se repetir diversas vezes com você**.

⁶³ Filme *A Knight's Tale* (Coração de Cavaleiro no Brasil e em Portugal). Tempos onde aparecem esta fala nas gravações transcritas: 1h:31' e 1h:49'.

É muito ruim, muito ruim, mas ao mesmo tempo, tem que buscar outras alternativas para sobrepor isso aí, a construção da Lei e a discussão cada vez mais dentro das Universidades, dentro da Educação Básica sobre a questão do racismo e assim se vai.

É muito difícil para você e ao mesmo tempo é gratificante, você não vê muito negro em Curitiba de dia, se você anda aqui na universidade, está vendo um pouquinho, mas você não vê negro de dia, agora saia à noite, é claro que nos respectivos lugares, que não sejam frequentados pela elite, você vai ver bastante negro à noite. Mas ao mesmo tempo, é perigoso por conta da ação da polícia, do estereótipo, da violência. A polícia caça, mesmo ou a polícia sendo negro (a), tem um estereótipo do suspeito, para não dizer do ladrão. O estereótipo do suspeito, o suspeito é negro, entre 18 anos, jovem, é muito traumatizante, vou dar um exemplo do que aconteceu comigo.

Em uma noite eu fui a um bar, eu gosto de pagode, estava eu na fila, tinham três americanos, falando inglês e não sei se americano ou brasileiro, mas estavam falando inglês, estavam entrando no bar, tinha eles e eu, na época eu estava fazendo inglês, até estava entendendo o que eles estavam falando, aí os três entraram no bar, no bar de pagode, ou seja, quem tocava era negro, quem visitava eram negros e tal, entre aspas, num bar um pouco mais de elite, e passou, as três pessoas entraram, não sei se era dono ou gerente pegou e cochichou no ouvido do segurança, cochichou algo, que depois deu para entender que era isso. A partir dele você começa a revistar. O cara me mandou revistar, mas por que eu? O cara mandou te revistar, então...Eu naquele momento, fiquei assim com muito ódio, que eu cheguei falei assim, olha muito obrigado, virei as costas e fui embora. Nem discuti com o cara, eu peguei e fui embora.

Outra vez eu fazendo inglês, na mesma época nós estávamos falando com a professora de inglês sobre racismo e escola. Tá a professora de inglês da Federal do Celin⁶⁴, disse isso: *“cara eu odeio eu não consigo nem mais comer Mc Donald’s”*. Mas, por que professora? *“Não consigo mais comer Mc Donald’s porque sabe quem que come Mc Donald’s lá nos Estados Unidos? Só negro! Mas não é um negro igual ao Ronaldo aqui tá, são aqueles negros metidos por que eles entram no ônibus, no trem com aquele rádio, aquele eu senti, eu sinto nojo daqueles negros...”*

⁶⁴ CELIN – Centro de Línguas da Universidade federal do Paraná.

Qual a diferença? Só que naquele momento eu não quis causar polêmica, mas deveria, deveria então as coisas acontecem em relação ao racismo, só que muitas vezes a gente fica tão chocado, mesmo tendo todo esse preparo, mesmo tendo toda essa militância, mesmo tendo toda uma leitura, você fica tão chocado, que às vezes, você fala assim: cara não vale a pena, não vale a pena você só vai causar o atrito ali, e ao mesmo tempo, você vê uma série de ações para dizer que você não é inteligente, porque você é negro, você não tem condições de estar onde você está, todo mundo duvida.

Você é professor? Ah que legal! Mas assim, com aquela cara. Então isso é ruim, isso é muito ruim e isso a gente vive o tempo todo, e cara mais uma série de coisas que acontecem, principalmente a gente sendo professor. Tendo uma vivência com um círculo mais enegrecido (risos) não vou dizer mais esclarecido, mas um pouco mais enegrecido, você acaba vivenciando este tipo de coisas, acho que que é isso.

4 A URDIDURA DA TRAMA: DESEMARANHANDO OS FIOS PARA PODER ENTRELAÇÁ-LOS

No mais recôndito soube engendrar o seguinte artifício: Tendo estendido no quarto uma tela sutil e assaz grande, pôs-se a tecer. A seguir nos engana com estas palavras: "Jovens, porque já não vive Odisseu me quereis como esposa. Mas não insteis sobre as núpcias, conquanto vos vela impacientes, até que termine este pano, não vá se estragar tanto fio, para mortalha de Laertes herói, quando a Moira funesta da Morte assaz dolorosa o colher e fizer extinguir-se. Que por qualquer das Acaias jamais censurada me veja por enterrar sem mortalha quem soube viver na opulência." Dessa maneira falou, convencendo-nos o ânimo altivo. Passa ela, então, a tecer uma tela mui fina, de dia; à luz dos fochos, porém, pela noite destece o trabalho. Três anos isso; com dolo consegue embair os Aquivos. Mas quando o quarto chegou, das sazões no decurso do estilo, ao se acabarem os meses, e os dias, por fim, se alongarem, fez-nos saber da artimanha uma serva, de tudo inteirada. Dessa maneira a apanhamos, que o belo tecido esfazia, tendo-se visto obrigada a acabar o trabalho, por força. Quando Penélope, ao fim, nos mostrou essa tela admirável, limpa, depois de lavada, com brilho do Sol ou da lua, eis que nos trouxe de algures funesto demônio a Odisseu, na parte mais afastada, onde tem o porqueiro a cabana. Aí, também, foi ter o filho querido do divo Odisseu, que retornara de viagem de Pilo, de solo arenoso.

Trecho da Odisséia⁶⁵ de Homero.

Na Odisseia de Homero, Penélope é a esposa de Odisseu que espera seu retorno da guerra de Tróia. Essa espera dura vinte anos, em meio aos pedidos dos pretendentes. Para ludibriá-los ela diz que só escolherá um deles após tecer uma mortalha para Laertes, pai de Odisseu. E assim, durante o dia Penélope tecia, mas durante a noite, desfazia a parte que havia feito.

A personagem Penélope com o ato de tecer e desfazer o que havia tecido mostra possibilidades de resistência.

Assim viajo entre os fios, tramando minhas experiências, como professor, negro, militante, com as experiências de outros (as) colaboradores (as) que cotidianamente resistem.

Esse tecer e desfazer o que está sendo tecido implica em ir continuamente ressignificando a militância e a luta antirracista. Aqui se faz necessário descosturar a visão eurocêntrica.

⁶⁵ Odisséia de Homero. Tradução Carlos Alberto Nunes. - Rio de Janeiro: Ediouro 2001. Disponível em: <<http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/08/ODISSEIA.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

Dantas (2015, p. 36-38), nos remete aos estudos de Enrique Dussel (2005), que apresenta a constituição do conceito de Europa, como uma invenção ideológica:

Desse modo, destaca-se que o mais importante na instauração do *eurocentrismo* trata-se do momento em que a Europa foi colocada como “centro” do mundo. Para Dussel, esse momento ocorreu após o Renascimento italiano em que uma fusão entre o Ocidental latino e o Oriental helênico permitiu o nascimento do que viria a ser a ideologia “eurocêntrica” do romantismo alemão: Ocidental = Helenístico + Romano + Cristão. Diante dessa fórmula, consolidar-se-ia o pensamento que trata a ideologia eurocêntrica como uma sequência tradicional. Contudo, Dussel critica a ausência de percepção sobre essa invenção ideológica que procura colocar a Grécia e Roma como sendo “centros” do mundo antigo quando, na verdade, o lugar geopolítico impede-as de ser o “centro”. (DANTAS, 2015, p. 37).

Dussel (2005, p. 26) afirma que “o mar Vermelho ou Antioquia, lugar de término de comércio do Oriente, não são o ‘centro’, mas o limite ocidental do mercado euro-afro-asiático”.

Para Dantas (2015, p. 39) “[...] a crítica que se realiza ao eurocentrismo tem como fio condutor a construção da modernidade enquanto projeto colonial”.

A modernidade, como um novo “paradigma” de vida cotidiana, da história, da ciência, da religião, surge ao final do século XV e com a conquista do Atlântico. O século XVII já é fruto do século XVI; Holanda, França e Inglaterra representam o desenvolvimento posterior no horizonte aberto por Portugal e Espanha. A América Latina entra na Modernidade (muito antes que a América do Norte) como a outra face, dominada, explorada e encoberta. (DUSSEL, 2005, p. 28-29).

A seguir, apresento ao leitor (a), o mito da modernidade de Dussel (2005):

1. A civilização moderna autodescreve-se como mais desenvolvida e superior (o que significa sustentar inconscientemente uma posição eurocêntrica).
2. A superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral.
3. O caminho de tal processo educativo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa (é, de fato, um desenvolvimento unilinear e a europeia o que determina, novamente de modo inconsciente, a ‘falácia desenvolvimentista’).
4. Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização (a guerra justa colonial).
5. Esta dominação produz vítimas (de muitas e variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase-ritual de sacrifício; o herói civilizador reveste a suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica, etc.).
6. Para o moderno, o bárbaro tem uma culpa (por opor-se ao processo civilizador) que permite à Modernidade apresentar-se não apenas como inocente, mas como ‘emancipadora’ dessa ‘culpa’ de suas próprias vítimas.

7. Por último, e pelo caráter 'civilizatório' da 'Modernidade', interpretam-se como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da 'modernização' dos outros povos 'atrasados'. (Imaturos), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser frágil, etc. (DUSSEL, 2005, p. 29).

A partir da “modernidade” da Europa e de sua “centralidade” na história do mundo as demais culturas passam a ser sua “periferia”.

Assim, para Dussel (2005, p. 29) essa “modernidade” é justificada por uma “[...] práxis irracional de violência”.

Apenas quando se nega o mito civilizatório e da inocência da violência moderna se reconhece a injustiça da práxis sacrificial fora da Europa (e mesmo na própria Europa) e, então, pode-se igualmente superar a limitação essencial da razão emancipadora. Supera-se a razão emancipadora como razão libertadora quando se descobre o eurocentrismo da razão ilustrada, quando se define a falácia desenvolvimentista do processo de modernização hegemônico. Isto é possível, mesmo para a razão ilustradora, quando eticamente se descobre a dignidade do Outro (da outra cultura, do outro sexo e gênero, etc.); quando se declara inocente a vítima pela afirmação de sua Alteridade como Identidade na Exterioridade como pessoas que foram negadas pela Modernidade. (DUSSEL, 2005, p. 29).

Vários autores como Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Santiago Castro-Gómez, Maldonado-Torres, Catherine Walsh trabalham no sentido de refletir e buscar referências epistêmicas para além do pensamento eurocêntrico, tido como hegemônico.

A construção teórica a partir daqui, traz as contribuições de Santos e Meneses (2010), que interrogam a partir das referências filosóficas do racionalismo europeu, dos séculos XVI-XVII, a legitimidade de valor social e ético do resultado das ciências modernas nos territórios colonizados.

Por que razão, nos últimos dois séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento? Quais foram as consequências de uma tal descontextualização? Haverá epistemologias alternativas? (SANTOS; MENESES, 2010, p. 16).

Santos e Meneses (2010), em *Epistemologias do Sul*, enfatizam a necessidade de resgatar modelos epistemológicos que foram desconsiderados pela soberania epistêmica da ciência moderna, que imperou por mais de dois séculos, assim como identidades e culturas que foram intencionalmente ignoradas pelo

colonialismo, na primeira parte deste livro, a resistência social a essa dominação colonial/epistemológica. Isso engendrou o que Santos (2010) chama *epistemicídio*⁶⁶.

O que nos remete ao estudo de Santos⁶⁷ (2006):

A ideia central é [...], que o **colonialismo**, para além de todas as dominações porque é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As **epistemologias do sul** são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse **diálogo entre saberes chamamos de ecologia dos saberes**. (SANTOS, 2006 apud SANTOS; MENESES, 2010, p. 19, grifo do autor).

Assim, no século XX, esse modelo de soberania epistemológica da ciência moderna começa a ser questionado.

Santos (2010) pretende, a partir de seus estudos “desestabilizar” o que está posto como verdade inquestionável, com tais epistemologias superar o pensamento abissal (pensamento do modelo ocidental que divide o mundo e polariza por linhas imaginárias (Norte e Sul)) e sua lógica de exclusão.

Para Santos (2010, p. 64) “A ecologia de saberes é uma epistemologia desestabilizadora no sentido em que se empenha numa crítica radical da política do possível, sem ceder a uma política impossível (...) constituída por sujeitos desestabilizadores, individuais ou coletivos, e é, ao mesmo tempo, constitutiva deles”.

Para Santos (2010, p. 33) “[...] o conhecimento e o direito modernos representam as manifestações mais bem conseguidas do pensamento abissal”. Para o autor o pensamento pós-abissal pode dar fim ao pensamento abissal e para a sua exclusão. E afirma que:

[...] a exclusão social no seu sentido mais amplo toma diferentes formas conforme é determinado por uma linha abissal ou não-abissal, e que, enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista. (SANTOS, 2010, p. 52).

Assim, para avançar é preciso, primeiramente, reconhecer o pensamento abissal para “começar a pensar e agir para além dele”, como enfatiza Santos (2010,

⁶⁶ Segundo Gomes (2012, p. 45) se manifesta na “[...] supressão destruidora de alguns modelos de saberes locais, na desvalorização e hierarquização de tantos outros, o que levou ao desperdício – em nome dos desígnios colonialistas”.

⁶⁷ SANTOS, B. S. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

p. 53) confrontando a “[...] monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes”.

E ainda:

É uma ecologia porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo **um deles** a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (SANTOS, 2010, p. 53, grifo do autor).

Para Santos (2010, p. 53-54) “[...] a primeira condição para um pensamento pós-abissal é a copresença radical. A copresença radical significa que práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários”. E implica em “[...] conceber simultaneidade como contemporaneidade, o que só pode ser conseguido abandonando a concepção linear do tempo” (*ibid*, p.53). E também pressupõe “[...] a abolição da guerra, que, juntamente com a intolerância, constitui a negação mais radical da copresença”. (SANTOS, 2010, p. 54).

Agora, o leitor pode melhor compreender o sentido do termo *sulear*⁶⁸ utilizado nos capítulos anteriores.

Segundo Silva (2014, p. 5)

[...] a modernidade instituiu-se a partir de premissas eurocêntricas constitutivas como a racialização e a racionalização.

A primeira realiza a divisão racial do espaço (Ocidente-Oriente, Primeiro-Terceiro Mundos), do trabalho (escravidão para negros, servidão para índios, trabalho assalariado para brancos) e dos recursos e produtos de povos conquistados que tiveram territórios usurpados, culturas erodidas, histórias soterradas, línguas extintas, vozes silenciadas, saberes desqualificados, dignidade violada, sonhos desfeitos, enfim, mentes esterilizadas e modos de vida destruídos. A segunda institui a classificação social dos povos a partir da “ideia de raça” (civilizados-primitivos, desenvolvidos-subdesenvolvidos).

O colonialismo é um padrão de dominação política, econômica e administrativa onde um povo subjuga a autonomia/soberania de outro. O colonialismo é diferente da **colonialidade** que, conforme Silva (2014, p. 5), “[...] institui padrões de poder que operam sobre a raça, o saber, o ser e a natureza, reproduzindo a hegemonia ocidental e negando e rejeitando racionalidades ‘outras’ (de outro tipo) ”.

⁶⁸ Utilizo esse termo para indicar a linha de raciocínio que orienta esse trabalho com uma visão não eurocêntrica, derivado dos estudos descritos em Epistemologia do Sul de Santos e Meneses (2010).

Assim, enquanto para o fim do colonialismo se exige um processo de descolonização das relações coloniais de dominação, “o fim da colonialidade exige a **descolonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza**”.

Para Quijano (2010, p. 84) “[...] a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”.

Junto com o eurocentrismo surge “[...] uma concepção de humanidade, segundo a qual a população do mundo se diferenciava em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos” (QUIJANO, 2010, p. 86).

Aqui podemos falar do “ponto zero” e da hybris do “ponto zero⁶⁹”

Para Santos (2010, p. 36) “[...] o colonial constituiu o grau zero a partir do qual são construídas as modernas concepções de conhecimento e direito”.

O filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez explica que a ideia de ciência moderna supõe um conhecimento que nega seu lugar de enunciação para legitimar sua neutralidade e universalidade. Mas essa pretensão de autoridade absoluta constitui a mais radical das posições políticas e ideológicas. A aspiração de universalidade nega outras formas de conhecer e intervir e transforma o detentor da razão e da verdade no legítimo porta voz de todos. A hybris é a prepotência do ‘ponto zero’ (não-lugar), a arrogância de quem nega seus interesses humanos, posição política e subjetividade para falar em nome de todos. (SILVA, 2014, p. 6).

O que foi descrito até aqui, já nos permite refletir sobre a existência de outras formas de pensar, outras formas de conhecer, de ensinar. O pensamento é patrimônio da humanidade.

Convido o (a) leitor (a), adentrando o estudo de Dantas (2015), para observar possibilidades de ensino a partir de uma base não eurocêntrica. Assim em “*Descolonização Curricular A filosofia Africana no Ensino Médio*”, motivado pelas Leituras de filósofos africanos, entre eles Marcien Towa, Dantas (2015) propõe reflexões sobre o ensino da filosofia nas escolas, a partir de uma base não eurocêntrica.

⁶⁹ Na emergência da ciência moderna, Bacon definiu o papel da ciência do poder. Na novela-ficção Nova Atlântida, ele propôs a Casa de Salomão, a ciência organizada, superior, que descobriria as verdades com as quais o Estado, inferior, governaria a sociedade. Aí nasceu a hybris do “ponto zero” (Castro-Gómez, 2005) que gera o autismo científico. O autismo é um transtorno do desenvolvimento que ocorre na infância e institui um mundo particular para alguém que opera dentro de seus limites; o ‘autismo científico’ é um transtorno no sistema de verdades sobre o que é e como funciona a realidade, que ocorre entre muitos cientistas durante sua (de)formação profissional; os afetados por esta (des)ordem científica vivem num mundo hermético e não operam fora dele. (SILVA, 2014, p.6).

Dantas (2015, p. 33-34) mostra que “Towa (2009; 2011; 2012) desenvolveu teses que afirmariam a existência da filosofia no continente africano”.

Dantas (2015, p. 27) afirma que “a filosofia está também inserida em outros modos de reflexão humana, por exemplo, através da oralidade”, contrapondo-se aos que sustentam somente a produção escrita. E, ainda, apresenta que o ensino da Filosofia no Brasil historicamente nega ou inviabiliza conhecimentos relacionados a intelectualidade africana; e problematiza o eurocentrismo que é considerado característica delimitadora do currículo. Seu estudo possui como linha de pesquisa a forma da filosofia afroperspectivista.

A filosofia afroperspectivista consiste em analisar os conteúdos do currículo trazendo para o diálogo uma perspectiva africana, que retifica a existência de uma luta perante o discurso universal, por estabelecer, enquanto contraponto, uma pluriversalidade na intenção de impedir a manifestação do racismo sistêmico. (DANTAS, 2015, p. 28).

Dantas remete a definição de **racismo epistêmico** apresentada por Maldonado-Torres:

O racismo epistêmico descarta a capacidade epistêmica certos grupos de pessoas. Pode basear-se metafisicamente ou na ontologia, mas o resultado acaba por ser o mesmo: evitar reconhecer os outros como seres inteiramente humanos. (MALDONADO-TORRES, 2008⁷⁰ apud DANTAS, 2015, p. 28).

Dantas (2015, p. 20) expõe a partir das Leituras dos filósofos camaroneses Marcien Towa (2009, 2011) e NKolo Foé (2013), bem como do congolês Theophile Obenga (1990), a existência da Filosofia Africana de origem milenar, sendo que foi o Egito antigo que forneceu as bases do pensamento grego e que os egípcios tinham uma filosofia própria. E Dantas (2015, p. 32) nos leva a pensar “[...] a filosofia enquanto uma produção de diferentes povos”, além de pretender avaliar em seu estudo como e se a filosofia foi inserida nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná.

4.1 ALGUNS PONTOS DE CORES DIFERENTES TRANÇADOS JUNTOS, ENTRELAÇANDO AS NARRATIVAS

⁷⁰ MALDONADO-TORRES, N. Topologia do Ser e a Geopolítica do Conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. Coimbra: Almedina, 2008, p. 337-382.

(...) É como se eu percebesse que o mais importante não era encontrar pessoas, mas encontrar essas histórias, sendo que essas histórias é que constroem essas pessoas, na vida é assim...

Do que são feitas as pessoas⁷¹.

Urdir é a primeira etapa do processo de tecer. Antes de iniciar esse processo, os novelos ou fios, que serão usados são separados de acordo com os tons e as cores. Fios finos, de duas cores torcidos juntos, espessos.

Segundo Geisel (1983, p. 70-71) “[...] a urdideira é o instrumento que permite o estiramento dos fios, na quantidade e da forma desejada [...]” para compor o tecido. Com os fios urdidos o tecelão passa a trabalhar no tear.

O tecelão “pode urdir de uma só vez vários panos”.

A trama e a urdidura são estruturas essenciais na tecelagem artesanal e podem ser utilizadas como uma metáfora nesta etapa do terceiro capítulo.

As narrativas convergem nos seguintes pontos:

- *O racismo existe.*
- *A democracia racial é um mito.*
- *É possível articular os conteúdos da Matemática e trabalhar para a educação das relações étnico-raciais.*
- *A formação na universidade para a educação das relações étnico-raciais é ainda incipiente.*
- *A luta por uma educação antirracista é constante e perpassa todos os espaços, além da escola.*
- *As Leis 10.639/03 e 11.645/08 são importantes conquistas, mas apresentam fragilidades na sua aplicação e monitoramento.*
- *Existem dificuldades em elaborar coletivamente ações e debates de combate ao racismo na escola.*
- *A identidade negra é uma construção.*
- *Os (as) colaboradores (as) percebem, sofreram e ou sofrem o racismo.*

Nesse processo, as narrativas se entrecruzam nas dores, nos anseios, na luta pela desconstrução do racismo. Trama e urdidura se complementam e se constroem juntas, é o movimento das ações coletivas.

⁷¹ Narrativa de Mia Couto em vídeo em Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/videos/do-que-sao-feitas-as-pessoas>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

O que se tece é o sonho de uma sociedade mais justa, com igualdade e equidade.

As práticas pedagógicas apresentadas nas narrativas dos colaboradores se entrelaçam e revelam:

- *A construção e materialização de intervenções, projetos e ou ações na busca de uma educação na diversidade e para a pluriétnicidade.*
- *Reflexões e compreensões sobre a construção da identidade dos sujeitos.*
- *A necessidade de Leitura/pesquisa contínua por parte do (a) professor (a).*

A colaboradora Eliane afirma: *“Sou uma mulher negra. Tenho trabalhado as questões de diversidade não só étnica, mas todas as diversidades possíveis, nas aulas de Matemática, não só atreladas a conteúdo, mas em situações do dia a dia mesmo, em sala de aula”.*

Já a colaboradora Neide fala sobre a importância de se *“trabalhar a história de todo mundo. Porque todo mundo tem o valor, dentro do seu ambiente. E também não tem ninguém maior e ninguém menor, nem melhor. Então é trabalhar realmente a igualdade na escola”.*

As narrativas, acima descritas, nos levam a pensar nas práticas pedagógicas numa perspectiva Etnomatemática, assim conceituada:

[...] o prefixo **etno** é hoje aceito como algo muito amplo, referente ao contexto cultural, e, portanto, inclui considerações como linguagem, jargão, código de comportamento, mito e símbolos; **matema** é uma raiz difícil, que vai na direção do explicar, de conhecer, de entender; **tica** sem dúvida vem de *techne*, que é a mesma raiz da arte e de técnica. Assim, Etnomatemática é a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender nos diversos contextos culturais. As diversas práticas dessa natureza que se identificam em contextos culturais os mais variados são aparentemente abandonados pelos praticantes quando lhes é exposta a chamada ‘Matemática’. (D’AMBRÓSIO, 1998, p. 81).

Para D’Ambrósio (1998, p. 7) “[...] a etnomatemática é um programa que visa explicar os processos de geração, organização e transmissão de conhecimento em diversos sistemas culturais e as forças interativas que agem nos três processos”.

Ao tratar da Etnomatemática e Educação, o autor ressalta que cada criança ao entrar na escola precisa ter suas raízes culturais reconhecidas.

Conforme D’Ambrósio (1998, p. 17-18) “[...] grupos culturais diferentes têm uma maneira diferente de proceder em seus esquemas lógicos (...) cada grupo cultural tem suas formas de matematizar”. Referindo-se à Matemática associada às culturas

distintas, propõe o termo Etnomatemática, como a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender, nos diversos contextos culturais.

Assim, o autor rompe com a visão da Matemática centrada no conhecimento europeu.

A Etnomatemática vem se destacando como uma área de pesquisa que desenvolve ideias provocadoras no sentido de pensar as pesquisas em Educação Matemática, valorizando as diferenças culturais e sugerindo novas formas de lidar com seu ensino e aprendizagem. Desse modo, nasce a possibilidade de implementação da Lei 10639/03 no ensino de Matemática. No Brasil, a Etnomatemática tem se mostrado como uma área que vem crescendo, o que pode ser evidenciado por vários grupos de pesquisadores que se colocam em discussões e fóruns no contexto da Educação Matemática. (OLIVEIRA, 2015, p. 5).

É importante destacar que a Etnomatemática, trata o conteúdo estudado em suas várias perspectivas.

Gerdes (2014) em “*Geometria Sona de Angola: Matemática numa tradição africana*” observa objetos em determinadas sociedades, nos quais vê possibilidades de trabalhar conteúdos matemáticos que, no entanto, são trabalhados a partir da Matemática eurocêntrica. Por exemplo, por meio da geometria sona de Angola (tradição de desenhos ‘sona’ simétricos e monolineares, ou seja, feitos por uma linha que só abraça uma rede de pontos, dos Cokwe de Angola e de zonas vizinhas do Congo e da Zâmbia) ele apresenta conhecimentos matemáticos como a geometria/simetria.

Analisando neste trabalho as produções do PDE (ver apêndice 1) envolvendo Matemática, Etnomatemática e questões étnico-raciais percebo que a visão eurocêntrica prevalece.

Knijnik (2006), também nos ajuda a ilustrar demonstrando a preocupação do pesquisador em utilizar a forma de pensar da comunidade em estudo. Por exemplo, no processo de cubagem da madeira, a autora compara o conhecimento matemático da comunidade, com o conhecimento matemático eurocêntrico. A autora expressa em seus escritos a preocupação de se valorizar esses conhecimentos matemáticos próprios da comunidade, salienta que muitas vezes a mesma menospreza os conhecimentos que têm, utilizando o conhecimento matemático eurocêntrico paralelamente para explicar o que fazem. Embora o **conhecimento matemático eurocêntrico** seja o hegemônico, **é apenas uma das formas de pensar.**

A importância da leitura e da pesquisa aparecem nas narrativas, assim como **a história e a cultura africana como recurso para o ensino em Matemática**.

Eliane diz: *“Eu busco materiais para trabalhar, eu gosto bastante do material produzido pelo PDE, eu gosto muito de fazer os cursos de Matemática, ofertados pelo PDE, mas quando ele está atrelado à questão 10.639/03 eu sempre procuro fazer. Porque os professores estão fazendo, sempre trazem materiais bacanas, sempre têm também sugestões para trabalhar em sala de aula e a discussão lá é muito boa”*.

Referindo-se à confecção de um importante material didático, a colaboradora Neide diz *“participei da escrita do livro Africanidades Paranaenses, e sou uma das autoras”*.

No que se refere à aprendizagem e ensino, nas narrativas do colaborador Celso e da colaboradora Neide, se percebe **valores civilizatórios afro-brasileiros** como **a ludicidade**, por meio dos jogos africanos e **a memória**, preservada na tradição oral.

A narrativa do professor Celso revela a possibilidade de trabalho envolvendo os Jogos Matemáticos da família Mancala, apresentados de maneira lúdica *“isso serve de um motivador para você resgatar, tanto a história, resgatar o continente africano, resgatar todos os processos de ancestralidade, que você tem. Porque um jogo não é apenas um jogo, ... um jogo matemático trabalha com toda uma cosmovisão, tem toda uma lógica, toda uma filosofia”*. E ainda *“permitem várias Leituras a partir da cosmovisão da circularidade, dessa questão do movimento”*.

A professora Neide também deixa exposto que *“nos jogos você trabalha a Matemática, você trabalha a história, a geografia, você trabalha a maneira dos povos, da vivência, daqueles povos de determinados lugares. O nome que eles davam às coisas, a forma que eles jogavam. A filosofia do jogo. O porquê daquele jogo. Ele pode mostrar filosofia de vida”*.

As práticas apontadas pelos colaboradores, mostram a possibilidade de agregar ao currículo escolar racionalidades epistêmicas de diferentes povos.

Aqui, pode-se falar, em colonialidade da natureza (Walsh, 2009), que silencia as cosmovisões dos povos nativos, por exemplo, que compreendiam a relação ser humano-natureza em uma dimensão espiritual.

É a colonialidade cosmogônica ou da mãe natureza, que se relaciona à força vital-mágico-espiritual da existência das comunidades afrodescendentes e indígenas, cada uma com suas particularidades históricas. É a que se fixa na

diferença binária cartesiana entre homem/natureza, categorizando como não-modernas, “primitivas” e “pagãs” as relações espirituais e sagradas que conectam os mundos de cima e de baixo, com a terra e com os ancestrais como seres vivos. Assim, pretende anular as cosmovisões, filosofias, religiosidades, princípios e sistemas de vida, ou seja, a continuidade civilizatória das comunidades indígenas e as da diáspora africana. [...]

Essa é uma dimensão que permite aprofundar o problema existencial ontológico, particularmente dos descendentes africanos, um problema enraizado não só na desumanização do ser, mas também na negação e destruição de sua coletividade diaspórico-civilizatória e sua filosofia, como razão e prática de existência. (WALSH, 2009, p. 15).

As demais narrativas do professor Celso apontam também possibilidades de trabalhar a história africana por meio das pirâmides do Egito, da geometria, levando o estudante a conhecer a população negra para além da escravização. Indicando a relação do que veio a ser chamado de continente africano, com o surgimento da humanidade, segundo determinada perspectiva.

A narrativa da professora Eliane também expõe nas suas práticas o trabalho da Matemática relacionado ao Egito Antigo, trabalhando os sistemas de numeração, a história da humanidade, que se iniciou no continente africano, questionando sobre o surgimento das primeiras populações do planeta e da Matemática, “(...) *Falo de como é que surgiu o desenvolvimento das frações, como é que ela foi utilizada através de medições dos terrenos de plantações em volta o Rio Nilo (...)*”.

E ainda: “*Nos nonos anos eu usei parte do seu material (referindo-se à produção do autor no PDE) sobre Pitágoras, também porque começa a falar sobre o continente africano, quem somos, nossos descendentes, nossos antepassados e assim tranquilamente falo com eles*”.

Índices, porcentagem, análise de gráficos, compõem a articulação ao trabalhar questões relativas à identidade e aos temas convergentes, racismo e desigualdade econômica.

Seguem abaixo algumas sugestões de autores (as) retirados das narrativas dos (as) colaboradores (as).

Quadro 2: Sugestões de autores (as) nas narrativas dos (as) colaboradores (as).

Autor	Ano de publicação	Temática e ou título da obra
GERDES, Paulus Pierre	2007	Etnomatemática Reflexões sobre Matemática e Diversidade Cultural.
	1996	Etnomatemática e Educação Matemática.
CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes	2010	Tecnologia Africana na Formação Brasileira.
ZASLAVSKY, Claudia	2009	Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro
ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho	2011	Educação das Relações Étnico-Racias.
RODRIGUES, Neide dos Santos	2015	Escavidão e tensões sociais, na região de Guarapuava, Paraná (século XIX- Dissertação de mestrado Africanidades Paranaenses
SANTOS, Boa Ventura Souza	2006	Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado
OLIVEIRA, Eduardo David	2003	Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma Filosofia Afrodescendente
SILVA, Ronaldo Tomaz de Andrade Silva	2014	Etnomatemática e relações étnico-raciais na Educação de Jovens e Adultos: trabalhando fractais e geometria, como possibilidade de implementação da Lei 10.639/03 nas aulas de Matemática -Produção Didática do PDE
SOUZA, Marcilene Garcia de	2011	A África está em nós: história e cultura afro-brasileira: africanidades paranaenses.

Fonte: O Autor (2017)

4.1.1 Roda de Conversa

As narrativas representam fios, vozes que, dispostas lado a lado, transversalmente, se fazem ouvir através do arremate do autor. Esse arremate só é possível porque há sinergia entre a urdidura e a trama.

A seguir, convido você, leitor, a participar de uma roda de conversa, que coloca em diálogo através de um experimento mental. Elementos das narrativas dos (as) colaboradores (as), com a autoentrevista, mediada pelo orientador dessa pesquisa, professor Zan e com alguns autores, a fim de entrelaçar essas narrativas.

A roda de conversa é mediada pela construção teórica que discute a Educação e a Educação Matemática para as Relações Étnico-Raciais, evidenciando possibilidades de implantação da Lei 10.639/03, no ensino de Matemática.

A conversa inicia com apontamentos sobre minha infância que auxiliam no desemaranhar dos fios para compor o tecido.

Thompson (1998, p. 208) afirma que “[...] recordar a própria vida é fundamental para o nosso sentimento de identidade, continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer ou recapturar a autoconfiança”.

Durante minha infância, ouvia minha mãe narrando histórias, tecendo um sonho de um futuro diferente para nós, um mundo diferente daquele que estávamos condicionados. Minha mãe não via o mundo com ressentimento, ao contrário, de forma doce nos ensinava a sermos fortes, a estudarmos, a nos prepararmos, para ocuparmos os locais que antes os (as) negros (as) eram excluídos.

Recordo minha avó, recentemente, narrando a desobediência da minha mãe, ainda criança, em um domingo à tarde, ao se aprumar e adentrar correndo o clube da cidade, frequentado apenas por brancos, seguida por seguranças negros que tinham que pôr para fora aquela menina.

(Ronaldo) *“Desde muito pequeno eu sempre fui o único... na escola, no máximo havia três alunos negros na escola. Na graduação de 200 ..., tinha eu e mais uma colega ... **O racismo deixa marcas que fazem a gente ser mais forte...** Desde pequeno, meu pai falava: olha Ronaldo se você quiser conseguir algo você vai ter que ser melhor do que dez brancos, porque se você não for melhor que dez brancos, você nunca vai conseguir nada e se você for melhor que oito brancos, você faz tudo perfeito cara, você sempre vai ficar entre, sempre vai ficar na possibilidade, eu podia”. E a sua criação professor Zan, como foi?*

(Zan) *“Como é que meu pai me criou? Eu não tive, com certeza, a pressão que você teve, nenhuma. Não chegou nem perto desse tipo de pressão. Meu pai nunca teve um diálogo comigo nesse sentido, de dizer olha você precisa ser o melhor, você precisa dar o máximo de si porque você não, você não vai conseguir. Não, nunca teve e com certeza tem muito a ver, com certeza se eu fosse negro, ele teria tido essa conversa, acredito que sim...”*

(Ronaldo) *“A nossa criação é muito mais exigida...O lado bom é que você está preparado, que o mundo é cruel, ... você vai sofrer um pouquinho menos, mas essa construção, ela é construída na dor, você fica calejado porque você vê isso se repetir diversas vezes”.*

Tanto eu quanto a minha irmã fomos criados e educados para a resistência, nossos pais queriam que estivéssemos preparados para não sofrermos diante das situações de racismo.

Quando você não é preparado para isso, você demora a encontrar respostas, a perceber o que está acontecendo, a entender o contexto que você está inserido. Porque não se fala sobre o racismo.

(Zan) *como que é a fala, esse ato de falar, vou pegar um exemplo, Foucault quando trabalhou a história da sexualidade, ele mostra que na idade antiga, ao contrário do que as pessoas dizem, que falar sobre sexo era um tabu, era proibido, ele mostra o contrário, se falava muito sobre, só que em determinadas circunstâncias. Então se falava no ambulatório médico, para o médico, se falava dentro da igreja, no confessionário, para o padre, dentro do quarto do casal, na casa. Então existem momentos de muita fala sobre a questão sexual, então o falar sobre o racismo em que perspectiva que é esse de falar? O que está fazendo a questão dos Estados Unidos, fala-se em que perspectiva?*

(Celso) *Certa vez, eu vi uma comparação que discute assim, qual a diferença do racismo no Brasil e o racismo nos Estados Unidos? Por que dizem que no Brasil o racismo é mais brando, mais leve? E aí eu vi uma comparação que diz assim, nos Estados Unidos o racismo é uma arma apontada para sua testa e no Brasil o racismo é uma arma apontada para sua nuca. Então, qual é o mais violento? Ambos são extremamente violentos, ambos matam, mas nos Estados Unidos pelo menos você sabe quem é o inimigo e você tem como lutar contra ele. No Brasil o inimigo bate na sua costa, te chama de amigo, mas a qualquer momento, está pronto para te eliminar. E como é que ele te elimina? Ele te elimina, sobretudo, no momento que tem uma disputa, seja uma disputa política, uma disputa profissional, uma disputa econômica, ele está pronto para te eliminar, enquanto você não for nenhuma ameaça...*

Aqui é pertinente expressar o significado da colonialidade do ser, que se refere à experiência vivida de colonização e de seus impactos na linguagem e na visão de mundo dos povos colonizados.

De acordo com Silva (2014, p.6) “[...] a **colonialidade do ser** (MALDONADO-TORRES, 2007⁷²) é a dimensão ontológica da colonialidade que se afirma na violência da negação do Outro. O Ser do Norte geográfico, superior, não inclui a experiência colonial do Sul geográfico, inferior”.

Dessa forma, “[...] a modernidade se consolida como paradigma da conquista através de violências, desigualdades, destruições, injustiças, sob o qual o Outro é descartável, uma “coisa” a ser possuída, explorada, um objeto de domínio” (SILVA, 2014, p. 6).

Para Walsh (2009, p. 14) a “[...] colonialidade do poder que ainda perdura estabeleceu e fixou uma hierarquia racializada: brancos (europeus), mestiços e, apagando suas diferenças históricas, culturais e linguísticas, “índios” e “negros” como identidades comuns negativas”.

Essas categorias binárias, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, justificam a superioridade e a inferioridade, e reprimem as diferenças.

Assim também, na colonialidade do ser, “[...] sua expressão operativa é a violência ontológica calculada para destruir imaginários, identidades e sentidos”. (SILVA, 2014, p. 6).

Neste ponto é debatida a questão de que a mídia brasileira não dá visibilidade para a morte de negros e negras, e também não associa isso ao racismo, como acontece com notícias que chegam até nós sobre os Estados Unidos. Assim como a mídia brasileira não associa a morte de homossexuais à homofobia, por exemplo.

Então esse falar está restrito a alguns lugares. Se destaca no diálogo que existem nichos, núcleos especiais para tratar do tema, como na comparação feita pelo próprio professor Zan sobre esse falar sobre a sexualidade retratado nos estudos de Foucault. Um dos lugares em que o racismo poderia ser desconstruído é na escola.

⁷² MALDONADO-TORRES, N. *Sobre la colonialidad del ser, contribuciones al desarrollo de un concepto*. In: Castro-Gomez Santiago y Gosfroguel Ramón (Eds). ***El Giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global***. Bogotá: Universidad Javeriana - Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007.p. 127-168.

(Zan) *Será que falar sobre o racismo, será que a forma como se fala do racismo não estimula mais racismo, ao invés de ajudar a desconstruir?*

(Eliane) *Eu sofro racismo em quase que todos os ambientes que eu estou, mas ninguém admite que está sendo racista comigo. Por isso que ele é muito perigoso, ele é velado, tanto é na escola racismo, ele existe, ele existe, não só em relação aos alunos, mas também em relação aos professores e às professoras, ele existe, não se admite que uma professora de Matemática, ela possa ser negra, não se admite que meu professor de Matemática fale sobre racismo em sala de aula, pior ainda.*

(Neide) *Racismo eu senti, depois de professora. Depois de formada professora que eu senti o racismo, bem claro e evidente na escola. E isso há quanto tempo. Mas há pouco tempo minha sobrinha, também foi discriminada na escola. Ela sofreu discriminação na escola. Então a escola também é um espaço, que mesmo velado, discrimina. E discrimina muito. Aquilo parece que está entranhado nas pessoas. A escola ainda é um ambiente muito racista, que até hoje você ainda ouve os professores falarem: mas para que isso? Para que ficar estudando isso? Eles passaram a vida inteira estudando Europa. E por que um pouco, não pode estudar a África? Eu não entendo certas posturas.*

É importante compreender que a conjuntura atual, conforme Walsh (2009, p. 13), “pressupõe o eurocentrismo como perspectiva hegemônica”.

A **colonialidade do saber** (LANDER⁷³, 2005) institui o eurocentrismo (hoje, norte-centrismo) como a perspectiva única do conhecimento, que surge do poder de nomear e classificar pela primeira vez, criar fronteiras, decidir quais conhecimentos e comportamentos são ou não legítimos e institucionalizar a visão de mundo do dominador. O cânon, o modelo, o padrão, o paradigma, enfim, o centro civilizador do mundo é a Europa, superior (civilizada); o resto, inferior (primitivo), é sua periferia e semiperiferia. Sua expressão operativa é a violência epistêmica da geopolítica eurocêntrica/norte-americana do saber que define ‘o relevante’ como algo que existe sempre em certos idiomas, é criado sempre por certos atores e nos chega sempre de certos lugares, que nunca coincidem com nossos idiomas, atores e lugares. (SILVA, 2014, p.5).

⁷³ LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

A escola aparece como um ambiente que reproduz determinados conhecimentos hegemônicos.

Nesse sentido, a escola reproduz também, o racismo e, ao mesmo tempo, possui no seu interior o germe para destruí-lo, em um processo dialético.

Vários estudos feitos no Brasil revelam a forte presença de elementos culturais africanos recriados em nosso contexto histórico, social e cultural.

É também notório como tal movimento intercontinental, intercultural e interétnico permeia a vida, os modos de ser, os conhecimentos, as tecnologias, os costumes, a musicalidade e a corporeidade dos outros grupos étnico-raciais que conformam a nossa população. (BRASIL, 2014, p. 12).

Destaca-se na roda de conversa que, ao lado dessa valorosa contribuição de saberes e conhecimentos dos diferentes povos que compõem a população brasileira, convivemos com práticas racistas no cotidiano social, escolar e na produção do conhecimento. Ainda impera um imaginário racista, apoiado na ideologia do branqueamento e no mito da democracia racial, construído ao longo dos séculos.

Uma série de perguntas surgem: *Por que quando queremos denominar algo como ruim tendemos a nos remeter à cor preta?* Por exemplo, a ovelha negra da família, ao se referir a alguém que não coopera; as bruxas dos contos infantis sempre vêm com o vestido e o chapéu preto ou algo que remete a cor preta; o vilão geralmente tem algum aspecto obscuro, no sentido de ser ruim.

O autor leva os participantes da roda de conversa a pensar sobre estas observações.

No espaço escolar muitas dessas ações são reforçadas, como o livro negro, que é para os indisciplinados, os que estão na lista negra serão punidos, exemplos que acabam reforçando a cor preta ou quem traz a cor negra, como sendo ruim, fazendo com que o indivíduo que traz em sua pele a cor preta, seja visto com desvalorização.

Vale a pena aqui, tecer algumas considerações recorrendo a autores que estudaram sobre o ser negro e como se construiu esta ideologia, ou construção histórica, de inferioridade do negro na sociedade.

Será de fato uma construção ideológica ou será uma construção histórica esta desvalorização do ser negro⁷⁴?

Nas escolas, nas universidades, e principalmente nas ciências exatas, pouco se fala sobre a contribuição do negro ou do continente africano para a ciência. Nos meios midiáticos pouco se fala do continente africano e, quando se fala, é no sentido pejorativo, como o espaço do atrasado, do pouco evoluído, mas nem sempre este continente foi considerado assim. Historicamente tivemos uma série de intervenções dos países imperialistas que produziram e são responsáveis por uma série de mazelas que imperam até hoje neste continente. Vamos entender um pouco isso, para depois retomarmos a roda de conversa.

A partir da segunda metade do século XIX, a sociedade europeia passou por um grande desenvolvimento técnico-científico, essa fase, da chamada revolução industrial é marcada pela disputa de território e poder pelos países que formavam grandes impérios. Período também de expansão das indústrias, do crescimento populacional e fluxos migratórios. O imperialismo europeu segue em busca de matéria-prima, do mercado consumidor e da mão-de-obra nos continentes africano e asiático.

Nessa expansão industrial iniciada no século XIX pelas nações industrializadas da Europa, os Impérios Britânico, Francês, Alemão, Italiano, Belga, Holandês e Português fizeram a partilha de vários territórios, culminando com a partilha da África e da Ásia, realizada na cidade de Berlim, na Alemanha, de 15 de novembro de 1884 a 26 de novembro de 1885, onde se reuniram os representantes da Grã-Bretanha, Alemanha, França, Portugal, Bélgica entre outros países.

Na história da África jamais se sucederam tantas e tão rápidas mudanças como durante o período entre 1880 e 1935. Até 1880, apenas parte limitada da África era governada diretamente por europeus. Seus próprios soberanos e chefes de linhagens estavam no controle de sua independência e soberania. Mas em 1914, com a única exceção da Etiópia e da Libéria, a África inteira viu-se dividida em colônias e submetida à dominação de potências europeias. (SILVÉRIO, 2013, p. 339).

⁷⁴ Existem várias perspectivas sobre o conceito de ideologia que podem ser utilizadas. Moore apresenta uma perspectiva histórica do conceito de racismo, enquanto que outros pesquisadores se referem ao conceito de ideologia. A tese apresentada por Moore é interessante porque mapeia, para além de algo contemporâneo e colonial, mostrando práticas anteriores, realizando assim uma genealogia do racismo.

Esse período de 1880 a 1935 foi chamado de colonialismo europeu ou neocolonialismo. Os países justificaram as suas ações baseadas no racismo (“raça branca merece dominar as demais”), no etnocentrismo (“brancos civilizados levam progresso aos povos primitivos”) e no darwinismo (“nações mais fortes sobrevivem e as mais fracas, não”).

Os critérios étnicos introduzidos criaram distinções entre dominadores (brancos) e dominados (de outra cor). Para tanto, uma série de pretextos foram invocados: superioridade da raça branca, incapacidade dos ‘nativos’ dirigirem ou explorarem por conta própria seus recursos naturais, e até mesmo a missão de levar aos povos ‘de cor’ ignorantes ‘as vantagens’ da cultura intelectual, social, científica, industrial e artística das raças brancas superiores. É o famoso tema do “fardo do homem branco”, para quem a superioridade cria obrigações. (CANÊDO, 1985, p. 9).

Silvério (2013, p. 340) discorre fazendo a seguinte indagação: “Como é que se instalou o sistema colonial na África e que medidas, políticas e econômicas, psicológicas e ideológicas foram adotadas para sustentar esse sistema? ” Para o autor, houve importante resistência à dominação colonial europeia, porém, o fator mais decisivo foi a superioridade logística e militar da Europa, que graças às atividades dos missionários e exploradores, sabiam muito mais da África e do interior do continente, do que os africanos a respeito da Europa.

Silvério (2013, p. 344) afirma que, “[...] os movimentos de resistência não eram insignificantes; tiveram consequências importantes em seu tempo, e têm, ainda hoje, ressonância”. Para ele, o Pan-Africanismo, enquanto movimento político organizado, proporcionou oportunidade para o estabelecimento de laços entre africanos colonizados e negros norte-americanos. Assim, podemos citar quatro personalidades que, por sua atividade, desempenharam papel fundamental nesse movimento: Booker T. Washington (fundador e diretor do Instituto Tuskegee), doutor W. E. B. Du Bois, Marcus Garvey e Nnamdi Azikiwe (jornalista nigeriano, pan-africanista e político).

Foi a interação de negros das Antilhas como, por exemplo, Aimé Césaire e de intelectuais da África Ocidental, como o senegalês Léopold Sédar, que forjou o movimento negritude. E, assim, esse movimento também repercutiu no Brasil: 1º. pela luta abolicionista com Luís da Gama (1830-1885), André Rebouças (1838-1898) e José do Patrocínio (1851-1923); 2º. com os estudos relativos à contribuição africana no Brasil com Manuel Raimundo Quirino (1851-1923) que publicou vários trabalhos, entre eles ‘O africano’ e Solano Trindade (1908-1973), incorporando ideias do pan-

africanismo e da negritude na poesia brasileira); 3º. a imprensa afro-brasileira, com o lançamento em 1905 do jornal 'O Menelick', em São Paulo, e de vários outros, como 'Getulino' (1923-1926) de Campinas, o 'Clarim da Alvorada' (1924-1932) de São Paulo, fundado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar e 'A Voz da Raça' (1933-1937), órgão da Frente Negro-Brasileira, movimento de caráter político.

Silvério (2013) apresenta o significado do colonialismo para a África. Ocorreram mudanças na infraestrutura, a economia africana se integrou à economia mundial, embora em desvantagem, pela exploração feita no continente africano. Teve maior impacto nas áreas urbanas, criando uma elite política e uma elite militar, por exemplo, mas nas áreas rurais teve pouca atuação. Assim, “[...] o colonialismo africano deu origem ao **nacionalismo africano**⁷⁵, produto da cólera, do ressentimento, da amargura, da frustração e da alienação que o sistema colonial engendrou” (SILVÉRIO, 2013, p. 453).

Para alguns historiadores, Silvério (2013, p. 453), conclui que “[...] no plano cultural, o colonialismo não passou verdadeiramente de um episódio, seu impacto foi superficial e muito efêmero”. Assim, exemplifica,

[...] a dança, a arte, a música e os sistemas religiosos se mantêm’, [...] a religião europeia é que foi africanizada, como demonstram o ritual, os hinos, a música e mesmo as doutrinas de algumas igrejas sincréticas e milenaristas e não o contrário (*ibid*, p. 453).

Atualmente temos construído no nosso imaginário a representação do nascimento das ciências na Europa. Mas como isso foi construído?

Bernal (1987 apud MOORE, 2012, p. 102), mostra que:

⁷⁵ A ideologia Pan-africanista surgiu de um sentimento de solidariedade e consciência de uma origem comum entre os negros do Caribe e dos Estados Unidos. Ambos estavam envolvidos numa luta semelhante contra a violenta segregação racial. Essa solidariedade que marcou a segunda metade do séc. 19 propôs a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional. O termo Pan-africanismo foi cunhado pela primeira vez por Sylvester Willians, advogado negro de Trinidad, por ocasião de uma conferência de intelectuais negros realizada em Londres, em 1900. Willians levantava sua voz contra a expropriação das terras dos negros sul-africanos pelos europeus e conclamava o direito dos negros à sua própria personalidade. Essa reivindicação propiciou o surgimento de uma consciência africana que começou a se expressar a partir do I Congresso Pan-africano, organizado em Paris, em 1919, sob a liderança de Du Bois. Naquela época, Du Bois profetizou que o racismo seria um problema central no século 20 e reivindicou um Código Internacional que garantisse, na África tropical, o direito dos nativos, bem como um plano gradual que conduzisse à emancipação final das colônias. Após o primeiro, foram realizados outros quatro congressos pan-africanos. No último, foi tratado de aclamar a necessidade da formação de movimentos nacionalistas de massas para obterem a independência da África o mais rápido possível. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=26286>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

Hoje, sabemos que a proposta de um “gênio ocidental”, alicerçada pela visão de “um milagre grego,” de um “milagre romano” ou de um “milagre europeu” sustenta-se numa operação cirúrgica mediante a qual o Egito Antigo fora eliminado da história como civilização fecundadora das civilizações europeias e da do Oriente Médio.

Para encontrar algumas pistas, sobre o que foi citado acima, convido o(a) leitor(a) a avançar um pouco mais e adentrar brevemente na história da humanidade utilizando como referência Moore (2012), que destaca o cientista senegalês Cheikh Anta Diop (1923-1986), o sociólogo americano Harold Cruse e o pensador francês Robert Jaulin como as fontes que o inspiraram e que foram fundamentais para suas pesquisas que culminaram na publicação da obra “Racismo e Sociedade, novas bases epistemológicas para entender o racismo.”

Munanga no prefácio dessa obra de Moore (2012), afirma que o autor defende que o racismo não é uma construção ideológica, mas sim histórica.

Desse modo,

[...] o racismo não se estrutura em torno do conceito biológico de raça, nem a partir da escravização dos africanos, mas sim a partir de um dado universal inegável: o fenótipo; e têm uma profundidade histórica maior que 500 anos e mais de hegemonia ocidental sobre o resto do mundo. (MOORE, 2012, p. 4).

Moore (2012) apresenta a tese de Diop que afirma a existência de dois berços civilizatórios, o berço meridional e o berço setentrional, que constituíram duas linhas da evolução da humanidade.

Segundo Diop, até o segundo milênio a. C., aproximadamente, as sociedades humanas teriam evoluído separadamente em dois grandes berços civilizatórios (matriciais) que, posteriormente, se ramificaram em “berços civilizatórios derivados”, como resultado dos encontros migratórios, das conquistas de território, da fusão biológica e dos processos de extermínio que esses povos da Antiguidade produziram. O mundo latino-mediterrânico, o mundo semita, o mundo do sudoeste asiático e o mundo paleoamericano teriam se constituído a partir de situações de fusão entre os dois grandes berços autônomos iniciais. (MOORE, 2012, p. 124-125).

Diop classifica o continente africano como o ‘berço meridional’, mas esse termo cobre uma grande região do planeta antes das invasões euro semitas e sino-nipônico-mongóis. Moore (2012) recorre aos estudos de Cheikh Anta Diop:

Nesse berço, teriam sido gestadas civilizações baseadas na vida social comunitária e, por conseguinte, dominada pela propriedade coletiva e normalizada por um regime de tipo matriarcal. Trata-se de estruturas sociais

e políticas concêntricas com um forte teor feminino no que diz respeito ao modo de interação entre os grupos, os indivíduos e entre as instâncias sociais. (MOORE, 2012, p. 119).

Barros (2014, p. 27) afirma que “[...] as pesquisas do Projeto Genoma já demonstraram que todos os homens modernos descendem de uma matriz comum oriunda de certa região de Etiópia pré-história – ou seja, existe apenas uma única ‘raça humana’”. E aponta estudos de Olsen (2001) e Templeton (1999) sobre o surgimento dos primeiros grupos humanos nas terras atualmente conhecidas como o continente africano, destacando-o como berço da humanidade.

Diallo e Santos (2008) em seu artigo “*Vida e obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano*” mostram que contrapondo as denotações racistas dos cientistas da época, o cientista Cheikh Anta Diop (matemático, físico, químico, egiptólogo, historiador, linguista) encontrou forte resistência no meio científico-acadêmico, ao explicitar que, a colonização e a escravidão não podem servir para justificar a superioridade, reescrever a história da humanidade, integrando a população negra africana e, refutando argumentos como os de Pierre Larousse (em uma de suas teses sobre arte africana), que explicitam o pensamento científico desse período:

[...] o cérebro dos africanos tem o mesmo desenvolvimento que o cérebro do macaco, um outro elemento que comprova o seu lado animal e sua fraqueza intelectual [...] o cérebro dos negros é menor, mais leve e menos volumoso que o cérebro do branco, e como em toda a série animal, a inteligência tem uma ligação direta com as dimensões do cérebro, do número e da profundidade. (DIALLO; SANTOS, 2008, p. 19)

Assim para Moore (2012, p. 19), “[...] a visão de que o racismo seja uma experiência da contemporaneidade, cujas raízes se inserem na escravização dos povos africanos pelos europeus, a partir do século XVI, não é consistente historicamente”.

Assim toda base de sustentação deste argumento, que o racismo é ideológico, está pautado nas teorias evolucionistas.

Para Giarola (2010) todas essas teorias raciais foram apresentadas no século XIX como discursos científicos para explicar as diferenças entre os grupos humanos. Temos o Darwinismo Social, a partir da publicação do livro “A origem das espécies”, em 1859, de Charles Darwin (1809-1882), que serviu para justificar o domínio das nações imperialistas sobre os demais povos; as teorias de Herbet Spencer (1820-

1903), filósofo inglês, que serviu para defender a superioridade da raça branca que comandaria a marcha rumo à evolução e também o determinismo racial, com o italiano Cesare Lombroso (1835-1909).

Assim para Moore (2012), o racismo não é ideológico e sim histórico.

(Ronaldo) *“Olhando para os alunos que eu tenho lá na escola é muito difícil a vida do aluno negro dentro da escola. É muito difícil, eu tenho duas filhinhas e essas duas filhinhas, uma com cinco anos e outra com três, elas relatam algumas coisinhas que acontecem com elas, são coisinhas mínimas, mas que a gente percebe no modo do amiguinho. ‘A minha mãe não gosta de você porque você é muito faladeira, você é muito’ Um dia desses ela falou, ‘ela não gosta de mim por que eu sou negra pai’. Então, existe...”*

Esse falar sobre racismo é necessário para desconstruí-lo, pois ainda o olhar das pessoas é coberto com o véu da democracia racial, que causa cegueira e inércia diante das injustiças e práticas racistas que ocorrem cotidianamente com os negros e negras, com as crianças negras.

Essa ausência de (re)conhecimento da história africana e afro-brasileira nos currículos escolares brasileiros, aliada a formações discursivas estereotipadas e discriminatórias que remontam o período colonial de escravização do/a negro/a e a perpetuação de manifestações de preconceito, de inferiorização da cultura da população negra no Brasil, fez com que a luta do Movimento Negro no Paraná e no Brasil alavancassem a criação de políticas de ação afirmativa, que culminou em 2003, com a criação da Lei 10.639 (BRASIL, 2003).

As narrativas apontam obstáculos para a aplicação da referida Lei. Mais de dez anos de sua promulgação, ouvem-se queixas de falta de material, não há estudos disponíveis sobre construções de saberes matemáticos dos povos africanos, entre outros. Ainda de forma tímida, alguns cursos de formação inicial de professores (as) de Matemática expõem outros saberes, além da predominância eurocêntrica.

A mídia, a literatura e grande parte dos materiais didáticos ainda estão reproduzindo estereótipos racistas. No interior das escolas, nas redes sociais se observam constantemente manifestações preconceituosas, práticas discriminatórias. É unânime o incômodo, nesta roda de conversa, com o silêncio das pessoas em relação a essas práticas.

(Zan) *Então, será que o professor também, não se vê, não sente isso na pele, ou ele também não tem essa preocupação de lidar com isso na sala de aula?*

(Eliane) *A maioria dos colegas de Matemática, não querem aplicar a Lei 10.639/03 em suas aulas, não querem. Não é pelo fato de que não têm material não, eu não acho que é esse o fator, é que não veem a necessidade.*

(Zan) *Pode ser a questão da formação, e aí o papel da Universidade... se a instituição que forma este professor não está preocupada em discutir o racismo, porque ele estaria preocupado em discutir o racismo quando vai para o seu campo de trabalho na escola básica, na educação básica?*

(Neide) *É função minha? Eu não sei. Você respeitar o próximo é função de alguém em específico?*

(Eliane) *Tem conteúdo para trabalhar? Tem! Só que você tem que estudar muito, você quer que seus colegas também trabalhem na mesma linha, ...esse conteúdo tal, pode ser trabalhado de tal maneira, implementando a Lei 10639/2003, mas os colegas não querem não. Eu fico num impasse muito grande, porque eu sinto que os alunos precisam ouvir de tudo isso. Eles precisam saber, mas os colegas não querem...*

(Neide) *Acho que a Lei contribuiu, mas não tanto quanto devia. Já passou muito tempo, já passaram muitos anos que a Lei foi criada, em 2003, e nós estamos em 2016, então, já era para muita coisa ter mudado. A grande maioria faz aquilo, por uma mera obrigação. Não é porque vê que há necessidade de se valorizar, para que as crianças se sintam valorizadas, se sintam reconhecidas.*

(Eliane) *Não tem necessidade, não se quer estudar! Não sei por que, mas eu fico brigando com eles, dizendo que têm que fazer, e ficam brigando comigo dizendo que não precisa.*

(Neide) *Então eu volto a dizer, a Lei contribuiu sim, mas muito pouco. Em meu entender essa aplicação da Lei, nas aulas de Matemática poderia ser melhor. Porque se o professor explorasse realmente a história da Matemática, que a gente sabe de onde veio a história da Matemática.*

É sabido que o Movimento Negro Brasileiro ao longo de sua história vem reivindicando uma escola que não reproduza em seu interior o racismo e que eduque na diversidade, para a pluriétnicidade. A luta de todos e todas que se sentem incomodados com o silêncio diante das práticas racistas, é pela construção de uma escola como direito social, para todos, sem negar as diferenças e que contribua positivamente na construção da identidade dos povos, negros, indígenas, ciganos, entre outros.

Nas aulas de Matemática pode-se abordar os saberes matemáticos de diferentes povos, entre eles os povos africanos, auxiliando no reconhecimento e na valorização de outros saberes.

Aqui se discute algumas possibilidades de trabalho em sala de aula. Um bom exemplo de possibilidade de utilização da Matemática, articulando conteúdos matemáticos com as relações étnico-raciais é a dissertação de Santos (2008), que a partir de sua pesquisa junto ao povo de Gana, sugere alternativas para o ensino e a aprendizagem da Matemática nas escolas públicas, entrelaçamento cultura local, cultura africana e conteúdos matemáticos. Nesse sentido, a Etnomatemática contribui, pois, os saberes dos estudantes são respeitados e junto com o professor (a) vão se construindo novos conceitos.

Outros autores que discorrem sobre a valorização de saberes matemáticos dos povos africanos são Cunha Jr. e Menezes (2010). Para os autores, os povos africanos foram encarados pelos colonizadores europeus como povos inferiores.

Eglash (1999) citado por Cunha Jr. e Menezes (2010, p. 313) explica que:

[...] os colonos europeus consideram a maioria dos assentamentos africanos grandes vilarejos em vez de cidades, porque em vez de arranjos euclidianos das ruas da Europa, eles acharam arranjos fractais complicados. Assim, a arquitetura fractal foi usada como prova colonial de primitivismo.

O termo fractal foi criado pelo matemático francês Benoit Mandelbrot, em 1975. A palavra fractal vem do latim *fractus*, que significa irregular, quebrado, partido.

(Zan) *Você fala um pouco do seu PDE, do que você pesquisou, que você viu o trabalho da Matemática eurocêntrica a partir de uma motivação que seria a cultura africana e afro-brasileira e você traz o teu PDE. Também no teu PDE você trouxe a discussão do racismo ou você só trabalhou a questão da Matemática também?*

(Ronaldo) *No PDE eu trabalhei só a questão da Matemática. Só que como eu tenho essa bagagem, então a gente conversa sobre vários temas, mas o foco principal do PDE é a questão da Matemática. Quando eu fui falar lá sobre o tecido Kente, sobre a comunidade de Gana, sobre os teares, sobre o significado dos teares, da cultura, para construir, por exemplo, uma manta lá, que era a manta do casamento, quem constrói tem que ficar 24 horas só fazendo aquilo e os noivos tem que ir lá, eles que vão alimentar o tecelão. Eu discuti, então a Matemática, ela foi uma ferramenta para... falar sobre isso.*

Ao trazer para a roda de conversa o trabalho do PDE, pude colocá-lo como possibilidade de dialogar com os(as) alunos(as) sobre as questões étnico-raciais, não de maneira estanque, mas podendo explorar uma série de conceitos. Além do trabalho com a Matemática Eurocêntrica, a intervenção no PDE, fornece possibilidades de trazer as formas de matematizar das comunidades africanas/de matriz africana, para a sala de aula.

Outro exemplo de como podemos reivindicar outras racionalidades aritméticas, diferentes da racionalidade Eurocêntrica, está na aritmética da antiga China, a partir da seguinte história:

Tso tchouan narra os debates ocorridos em um conselho de guerra: deve-se atacar o inimigo? Ao chefe atrai a ideia do combate, mas necessita partilhar a responsabilidade com seus subordinados, o que faz começando por consultar suas opiniões. Assistem ao conselho doze generais, entre os quais ele. As opiniões estão divididas. Três chefes rechaçam entrar no combate; oito querem entrar na guerra. Estes são maioria e proclamam isto aos demais. No entanto, para o chefe, a opinião que conta com oito votos não tem

importância maior do que a que conta com três: três e quase unanimidade, que é algo diferente da maioria. O general em chefe não combaterá. Muda de opinião. A opinião à qual adere, considerando-a como a única voz, se impõe, a partir de então, como a opinião unânime. (FERNÁNDEZ, 2004, p. 127).

Se percebe que a racionalidade aritmética nesse exemplo é diferente da utilizada no nosso dia a dia, e mostra não apenas uma possibilidade diferente de governar, como afirma o texto de Fernandez (2004), mas principalmente outras formas de nos organizarmos socialmente. Mostra a possibilidade da construção de outra sociedade.

(Ronaldo) *“Nós temos a equipe multidisciplinar, a qual eu fazia parte, mas não se fala sobre racismo na escola... Um dos motivos da criação da equipe multidisciplinar, para falarmos sobre isso e não se fala sobre racismo. E não se constroem ações conjuntas sobre racismo na escola”.*

(Eliane) *Não acho que nós vamos conseguir mudar os adultos que nós já temos, não vamos mudar eles, pensam assim e vão continuar pensando assim. Eles podem respeitar um pouco mais, mas eles continuam pensando que a minha pele é feia, que meu cabelo é feio, e que eu não mereço estar aqui. Mas se eu educar as crianças, lá os meus pequenininhos, o meu sexto ano, que ele sabe que aquele lápis cor da pele não é a cor da pele dele, que vai crescer um adulto melhor, que vai querer ser um adulto mais carinhoso, um adulto mais compreensível, um adulto educado, um adulto que não seja racista, eu acho que é isso...*

(Celso) *A contribuição da Lei 10.639 é muito maior do que o conteúdo, eu sei que a Deliberação 04/06 do Conselho Nacional de Educação, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, começa antes do ensino de história. Ela começa com educação das relações étnico-raciais, então acho que é mais importante em um primeiro momento, do que o conteúdo em si, é educar as pessoas para conviverem, para respeitarem-se, eu acho que esse é o grande desafio.*

(Ronaldo) *“O maior objetivo das Leis é fazer com que as pessoas conversem a respeito disso e tentem quebrar pré-conceitos. Troca, fazer com que as pessoas discutam sobre o tema e rompam com esses pré-conceitos”.*

(Eliane) *E essas Leis na Universidade, comecei em 2000, terminei em 2004, cursei UTP. Em momento algum eu ouvi falar sobre isso, nunca, nunca em momento algum.*

(Ronaldo) *“São ferramentas muito importantes e elas não foram construídas por acaso, toda essa construção veio da organização dos movimentos sociais”.*

Sobre a Lei 10.639/03 se destaca que:

[...] a Lei não pretende mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira e ampliar a visão de mundo dessas diversidades. Nesse eixo, o pensamento da universalidade da Matemática perde espaço para um pensamento em que pode-se considerar, a partir de diversos contextos, “as Matemáticas” dentro de uma visão histórica d’Ambrosiana. (OLIVEIRA, 2015, p.8).

A seguir, a autora apresenta um panorama da implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

No ano de 2004, foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação e pelo Ministério da Educação, respectivamente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana. Isto se deu em reconhecimento a um novo lugar político e social conquistado pelo movimento negro no processo político-educacional brasileiro, além de ser uma tendência à democratização e correção de desigualdades históricas na sociedade brasileira. [...]

O Ministério da Educação (MEC), especificamente o Conselho Nacional de Educação (CNE) em parecer (CNE/CP03/2004) e resolução (CNE/CP 01/2004) publicados em 2004, e, por fim, no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, publicado em 2008, esforçou-se para dar a conhecer as necessidades de implementação das Leis federais 10639/03 e 11645/08. (OLIVEIRA, 2015, p. 2-3).

Referindo-se às Leis 10.639/03 e 11.645/08, se constituem em importantes conquistas, mas apresentam fragilidades em sua aplicação e monitoramento, que pode ocorrer via Ministério Público, mediante uma denúncia encaminhada (BRASIL, 2003; 2008).

Mesmo tendo o teor de Lei, posso abordar da forma que eu quiser, “de leve” na sala de aula, sem fazer refletir sobre questões cruciais como, por exemplo, o racismo que mata/extermina a população negra, sem tocar na construção de conhecimentos e tecnologias, sem falar da África como berço da humanidade, sem interferir e estabelecer o diálogo na desconstrução de estereótipos em sala de aula, sem abordar a representação da população negra nos espaços de poder, sem mediar conflitos racistas/discriminatórios na escola e em seu entorno, sem valorizar o estudante negro(a), indígena, sem priorizar conteúdos para explorar de fato, o que vem a trazer de novo essa implementação das Leis 10.339/03, complementada posteriormente em 2008 pela Lei 11.645. O professor(a) pode dizer que trabalha mas, não atinge e não toca o eixo central que é o racismo.

Para Oliveira (2015, p. 8) “[...] a construção de novos diálogos na temática étnico-racial, pode produzir conhecimentos na escola e na sala de aula numa perspectiva multidisciplinar”.

Aqui se intensificou o debate sobre as equipes multidisciplinares, que foram apontadas pelos(as) colaboradores(as) como instrumentos de aplicação e monitoramento das Lei 10.639/03 e 11.645/08, para desconstruir o preconceito, mas que não conseguem por si só, fomentar o diálogo sobre o racismo. O que revela dificuldades dentro da escola em elaborar coletivamente ações e debates de combate ao racismo.

(Ronaldo) *Quando converso com alguns amigos que não são negros e eles colocam “nossa eu estou achando uma coisa muito importante, principalmente na universidade, sobre essa questão do diferente estar entrando lá dentro, se colocando, se fazendo ouvir. Porque antes era só a questão do talvez, vamos pensar o que o outro pensava, agora não, o sujeito está ali dentro!”*

Sobre a presença de negros e negras na Universidade, Gomes (2010, p. 496) destaca que:

Ao realizarem suas pesquisas e tematizarem a questão racial nas mais diversas áreas do conhecimento, com ênfase nas ciências sociais e humanas, esses sujeitos produzem um conhecimento pautado não mais no olhar do 'outro', do intelectual branco comprometido (ou não) com a luta antirracista, mas pelo olhar crítico e analítico do próprio negro como pesquisador da temática racial.

Para Gomes (2010, p. 496) “Não mais um olhar distanciado e neutro sobre o fenômeno do racismo e das desigualdades raciais, mas, sim, uma análise e leitura crítica de alguém que os vivencia na sua trajetória pessoal e coletiva, inclusive, nos meios acadêmicos”.

(Ronaldo) *Vejo, que a grande maioria dos trabalhos que eu estou pesquisando, utiliza ainda a Matemática eurocêntrica e quando trata da questão étnico-racial, trata apenas como um caminho para falar da Matemática eurocêntrica.*

Assim,

[...] é preciso lutar por uma Educação Matemática para as relações étnico-raciais em que as vivências de pesquisa e a mudança de olhar para prática pedagógica passem por lentes que ressaltem os valores dos etnoconhecimentos de matriz africana e afro-brasileira. (OLIVEIRA, 2015, p. 9).

Para Knijnik (2006, p. 175) “[...] na avaliação da perspectiva pós-moderna, quando os etnomatemáticos falam de “outras” Matemáticas, a partir da “sua” Matemática, nada mais estão realizando do que uma operação inevitável, contando a “sua” versão do “outro””.

Daí a necessidade de se buscar, por meio da pesquisa, outras formas de racionalidade.

Na roda de conversa, se enfatizou que a formação na universidade para a educação das relações étnico-raciais é ainda incipiente. Há a necessidade de mudanças no currículo, na universidade, da criação de disciplinas obrigatórias, sobre a temática. A história e cultura africana, afro brasileira e indígena, precisa ser fundamento estruturante do currículo escolar e não apêndice.

A discussão girou em torno do seguinte questionamento: Por que um estudante que teve uma base educacional eurocêntrica, de valorização do eurocentrismo, haveria de se interessar em fazer uma disciplina optativa na universidade, se nunca foi relacionado esses diferentes conhecimentos nas aulas do seu curso?

(Neide) *Nas universidades com um todo, a Lei 10.639/03 e 11.645/08 está aí, as universidades estão muito aquém daquilo que precisa ser. Porque a disciplina, e eu percebi ali na Unicentro, onde eu fiz o mestrado, que ainda a disciplina que eles colocam, a disciplina para estudar história e cultura africana é uma disciplina optativa, então quer dizer o aluno faz se ele quiser.*

(Zan) *Quer dizer, ele pode optar em fazer... isso tem que ser tratado em todas as disciplinas, isso tem que ser a conversa, tem que ser no cotidiano da sala de aula...*

Vale aqui ressaltar que:

[...] foi no contexto científico do final do século XIX e início do século XX que 'os homens de ciência' ajudaram a produzir as pseudoteorias raciais, que naquele momento, atestavam a existência de uma suposta inferioridade e superioridade racial. A ciência serviu, naquele momento, como um instrumento de dominação, discriminação e racismo e a universidade foi o principal espaço de divulgação dessas ideias e práticas. (GOMES, 2010, p. 497).

A autora reforça que, com o passar do tempo, as pseudoteorias foram refutadas no meio acadêmico, mas elas foram acompanhadas de prejuízos sociais e contribuíram para reforçar e produzir um imaginário racista.

Para Gomes (2010, p. 497) “[...] tais resultados afetaram não somente o campo da produção intelectual e a sociedade de um modo geral, mas de maneira específica, a vida e as trajetórias de crianças, adolescentes, jovens e adultos negros e negras. Inclusive, na educação”.

(Zan) *Quando você falou da democracia racial, que no Brasil não existe, você acha que existe em algum lugar?*

(Ronaldo) *O racismo no Brasil, tem muito a caminhar para que ele reduza, pensar sim que será eliminado, acho que isso não é pensando.*

(Eliane) *Democracia racial, se a todo instante você é excluído, a todo instante estão dizendo que a cor da sua pele, não é a cor que combina com a escola. Não é a cor que combina com a novela, não é a cor que combina com a propaganda de banco, não é a cor que combina com produtos de maquiagem, produtos de beleza. Teu cabelo não combina, isso é democracia racial? Não é democracia racial, é triste. Eu acho, eu fico muito triste, mas eu tento transformar essa tristeza em vontade de trabalhar, mais e mais e mais e mostrar para o meu aluno que ele é capaz sim.*

Para Munanga (2005) quando não se discute o racismo se reafirma o mito da 'democracia racial', defendido por Gilberto Freire em Casa Grande e Senzala, que apresenta a ideia de que no Brasil todos viviam sob condições de igualdade jurídica e social, havendo uma convivência pacífica e harmoniosa entre diferentes etnias.

Munanga (2010) discorre que o Brasil é uma civilização com contribuições do negro, indígena, europeu, asiático que aqui estavam no início da colonização. Para o autor, no entanto, essa configuração não é sincrética, mas uma cultura de pluralidades.

Nesta perspectiva, nosso país se assemelha a uma colcha de retalhos, onde estão presentes uma pluralidade de diferenças biológicas e culturais, muitas vezes silenciadas, ocultadas e apresentadas como inferiores.

A construção dessa unidade, dessa identidade dos excluídos supõe na perspectiva dos movimentos negros contemporâneos, o resgate de sua cultura, do seu passado histórico negado e falsificado, da consciência de sua participação positiva na construção do Brasil, da cor da sua pele inferiorizada, etc... Ou seja, a recuperação de sua negritude, na sua complexidade biológica, cultural e ontológica. [...] os movimentos negros contemporâneos defendem a construção de uma sociedade plural, biológica e culturalmente. (MUNANGA, 2010, p. 446-447)

(Celso) *O racismo é algo que mata. Mata fisicamente, mata a mente, mata a história, mata a memória. O racismo é um processo permanente de eliminação dos povos, sobretudo dos povos africanos, de todas as suas ancestralidades, de sua religiosidade e de sua cultura. Esse é um desafio permanente...*

O Brasil tem adotado medidas para uma educação antirracista, Moore (2012) aponta

[...] a criminalização do racismo em 1989, a adoção de políticas públicas de ações afirmativas com recorte racial, em 2000; e, em 2003, a instituição obrigatória do ensino geral da história e dos afrodescendentes, criando um momento de forte impacto nas consciências dos cidadãos, seja no sentido da repulsa ou no da adesão imediata. (MOORE, 2012, p. 20-21).

Além do Brasil, o autor aponta exemplos como dos Estados Unidos durante as décadas de 1960 e 1970, a Cuba revolucionária a partir de 1959 e a África do Sul, com o fim do Apartheid, a partir de 1922.

Moore (2012, p. 21) salienta que “[...] os progressos alcançados na luta mundial contra o racismo sistêmico são modestos e frágeis”.

Como no mito de Penélope é hora de desfazer, é hora de desconstruir o mito da democracia racial.

Sobre a colonização do Brasil, Munanga (1999) refere-se a esse processo permeado de discursos “científicos” e religiosos que posicionaram os negros e os povos indígenas sempre como “o outro” que poderia afetar a identidade branca, negativamente. Se, do ponto de vista biológico, esse processo não obteve sucesso, em termos culturais teve o efeito de produzir o ideal de branquidade.

Para Munanga (1999), este receio fez com que o Estado, dominado por uma elite branca, baseando-se nas teorias racistas, adotasse políticas de miscigenação com o intuito de “branquear” o Brasil, no sentido de criar uma identidade nacional. Essa estratégia de “branquear” a sociedade desenvolveu o imaginário de que a solução é deixar de ser negro para fugir das práticas racistas.

Gilberto Freyre (1989), em Casa Grande e Senzala, ao tratar da sociedade brasileira multirracial e multicultural, afirma a existência de uma “democracia racial”,

propondo uma identidade nacional, onde brancos, negros e índios convivem de forma harmoniosa. Isso desperta a curiosidade mundial, pois nesse caso o Brasil se diferenciava da segregação racial nos Estados Unidos e na África do Sul. Isso faz com que a miscigenação, corporificada na figura do mulato, seja vista como algo positivo.

Munanga (1999, p. 110) não vê isso como positivo, ao contrário, para ele: “[...] a mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria entre outras consequências a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio”.

Já Carone (2012) apresenta o conceito de ideologia do branqueamento.

O branqueamento poderia ser entendido, num primeiro nível, como resultado da intensa miscigenação ocorrida entre negros e brancos desde o período colonial, responsável pelo aumento numérico proporcionalmente superior dos mestiços em relação ao crescimento dos grupos negros e brancos na composição racial da população brasileira. O branqueamento, todavia, não poderia deixar de ser entendido como uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca, sobretudo após a Abolição da Escravatura, para que o negro negasse a si mesmo, no seu corpo e na sua mente, como uma espécie de condição para se "integrar" (ser aceito e ter mobilidade social) na nova ordem social. (CARONE, 2012, p. 13-14).

Assim Carone (2012) destaca que ao negro e à negra foi negado o direito de construção de suas identidades, quando se introjetou o ideal do branqueamento. Segundo ela, tal ideal pode interferir na construção da identidade do ser negro, individual e coletivo, e também na formação da autoestima, já que o ser branco é mais valorizado no Brasil.

(Ronaldo) *A todo momento a gente vem valorizando determinada cultura, outras culturas elas são sempre colocadas de maneira menos significativa, então essa Lei (10.639/03), vem como possibilidade desse outro que está desqualificando perceber, que o conhecimento dele não é maior que o outro, então essa discussão faz com que haja essa possibilidade de desconstruir determinados discursos. Traz essa possibilidade, desconstruir esses preconceitos que existem com diversas pessoas ao nosso redor.*

(Celso) *O cerne de todas as discriminações, o cerne de toda a desigualdade no Brasil está no racismo, particularmente fruto do escravismo criminoso.*

(Celso) *Acho que um desafio, perceber que nós não transformaremos a sociedade, superando apenas a questão econômica. A luta de classes ela está posta ela está aí, ela é evidente, ela destrói, a condição dos recursos materiais, mas o ser humano ele não é só a dimensão econômica. A dimensão econômica ela é uma das dimensões fundamentais, mas se você não assegurar o respeito ao pertencimento das pessoas, a sua história, a sua ancestralidade, as suas relações de gênero, sua orientação sexual, a sua cosmovisão. Você não vai superar os problemas da humanidade.*

Theodoro (2008, p. 176) ao tratar da problemática racial e da pobreza constata: “[...] é fato que a maioria dos pobres é negra”. E atenta para a necessidade de discutir a naturalização disso, que é “[...] decorrente da própria trajetória do racismo que permeia a história do país” (*ibid*, p. 177).

Uma história de abandono das populações negras, de racismo nas relações, da inexistência de políticas públicas no período pós-abolição do trabalho escravo, a partir de 1888.

Conforme Silva (2014, p. 5) “[...] a **colonialidade do poder** (QUIJANO, 2000⁷⁶) é uma estrutura global de poder criada pelo colonizador para controlar a subjetividade dos colonizados”.

A raça superior, constituída de homens brancos, cristãos, anglo-saxões e vivendo no clima temperado da Europa/dos Estados Unidos, tem direito à dominação; as demais raças, inferiores, têm a obrigação da obediência. Sua expressão operativa é a dicotomia superior-inferior que o sistema de Estados reproduz através de seus sistemas de educação, comunicação, inovação, cooperação. (SILVA, 2014, p. 5).

Aqui se discutem dois pontos significativos. Primeiro, que a desigualdade econômica não pode ser pensada de maneira separada da desigualdade racial. Segundo, esse modelo de “inclusão” social precisa ser questionado, tensionado. E nisso as resistências epistemológicas têm apontado caminhos.

⁷⁶ QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of World-Systems Research**, v.11, n.2, Summer/Fall, 2000. p. 342-386.

Como já foi apontado anteriormente, no início deste capítulo, por Santos (2010, p. 52) “[...] enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista”.

Walsh (2009) critica o discurso (neo) liberal multiculturalista e nos remete ao estudo de Žižek (1998⁷⁷) que enfatiza: “[...] a lógica multicultural incorpora a diferença, na medida em que a neutraliza e a esvazia de seu significado efetivo” (WALSH, 2009, p. 16). O que pode ser entendido aqui, como uma nova estratégia de dominação.

Walsh (2009) aponta a interculturalidade “funcional” como uma ferramenta para o controle, “incluindo” no modelo econômico atual, grupos historicamente excluídos.

[...] a política multicultural atual sugere muito mais do que o reconhecimento da diversidade. É uma estratégia política funcional ao sistema/mundo moderno e ainda colonial; pretende “incluir” os anteriormente excluídos dentro de um modelo globalizado de sociedade, regido não pelas pessoas, mas pelos interesses do mercado. Tal estratégia e política não buscam transformar as estruturas sociais racializadas; pelo contrário, seu objetivo é administrar a diversidade diante do que está visto como o perigo da radicalização de imaginários e agenciamento étnicos. (WALSH, 2009, p. 20).

A autora propõe a interculturalidade crítica e a de-colonialidade como:

[...] ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos “outros” – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras. A interculturalidade crítica e a de-colonialidade, nesse sentido, são projetos, processos e lutas que se entrecruzam conceitualmente e pedagogicamente, alentando forças, iniciativas e perspectivas éticas que fazem questionar, transformar, sacudir, rearticular e construir. Essa força, iniciativa, agência e suas práticas dão base para o que chamo de continuação da pedagogia de-colonial. (WALSH, 2009, p. 25)

(Eliane) *“E a todo instante afirmando que eu sou mulher negra, que meu cabelo é negro sim, é afro sim, e vai continuar sendo que mesmo as pessoas,*

⁷⁷ ŽIŽEK, Slavoj. *Multiculturalismo o la lógica cultural del capitalismo multinacional*. In: JAMESON, F.; ŽIŽEK, S. (Orgs.). *Estudios culturales. Reflexiones sobre el multiculturalismo*. Barcelona: Paidós, 1998. p. 137-188.

querendo que eu não seja negra, continuarei sendo negra. E vou trazer cada vez mais alunos, que ainda estão em dúvida sobre se são negros ou não, cada vez mais alunos se identificando como sendo negros sim. Através de todos os exemplos, através de todas as afirmações positivas, cada vez mais alunos se identificarão como negros, se depender de mim”.

Na narrativa da colaboradora Eliane, é evidenciado que, a identidade negra é uma construção. Gomes (2005) atenta para a necessidade de se discutir a diversidade cultural nos processos de formação docente e de como a escola encara a questão desafiadora de construir uma identidade negra positiva, em uma sociedade que historicamente ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo.

[...] a identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural e implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2005, p. 43).

Assim “a identidade é sempre um processo negociado e renegociado, de acordo com os critérios ideológicos-políticos e as relações do poder”. (MUNANGA, 2010, p. 453).

(Zan) *A pergunta final, você não precisa responder se você não quiser, não vai ser que nem o Abujamra⁷⁸: o que é a vida para você?”. Você fala das marcas que todo esse processo deixou em você, como é que você lida com isso, como é que você lidou com essas marcas e como é que você continua lidando com essas marcas? Não precisa responder se não quiser*

⁷⁸ Antônio Abujamra, (Ourinhos, SP, 1932 – São Paulo, SP, 2015). Diretor e ator. Um dos primeiros a introduzir os princípios e métodos teatrais de Bertolt Brecht, Roger Planchon e outros mestres da contemporaneidade em palcos brasileiros. Participa da revolução cênica efetivada nos anos 1960 e 1970, caracterizando seu trabalho pela ousadia, inventividade e espírito provocativo. Nos anos 1980 e 1990, desenvolve espetáculos em que crítica e lúdico se fundem num ceticismo bem-humorado, que é o eixo de sua personalidade. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13064/antonio-abujamra>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

(Ronaldo) *Eu acho que eu vivo um dia de cada vez, eu acho que a cada marca que acontece é mais um motivo pra você se reconstruir e tentar juntar os caquinhos para você conseguir sobrepor isso, e fazer disso mais um degrau para você subir. Mas não somente subir por subir. Um degrau que faça com que você suba, e ao mesmo tempo os outros possam subir também. Um degrau que faça com que a pessoa que quebrou o caquinho, que te quebrou, que te fez alguma coisa, ela também possa ter oportunidade de repensar aquilo que ela fez. É claro com diálogo, com possíveis diálogos, porque as vezes é difícil você voltar para a pessoa e falar porque você errou, nisso, nisso ... Eu tento fazer isso, nem sempre eu consigo fazer. Buscar com essas marcas fazer com que você consiga melhorar o mundo que está a seu redor. Ao mesmo tempo não ficar o tempo todo falando nessas marcas, tentar construir algo para que quem está ao seu lado não sofra. Porque não é atrás, é ao seu lado, na sua frente não! Fazer com que essas marcas que eu sofri ou que eu estou sofrendo... te dê mais força para caminhar, você viver, melhorar o mundo o máximo que eu puder, mais nesse sentido, a vida é maravilhosa.*

(Zan) *Vem cá, me dá um abraço, eu aprendo muito contigo...*

5 PERSPECTIVAS PARA OUTRAS TAPEÇARIAS

“Invictus⁷⁹”
Do ventre da noite que tudo cobre
Negra como o fundo da cova escura
Agradeço aos deuses de todos os céus
Por quanto a minha invencível alma perdura
Ante as garras do cruel acaso
Nem eu tremi, nem o medo me turvou
Sob o peso da ameaça e da desumana violência
Eu sangrei mas a minha alma nunca se curvou
Não importa se a passagem é estreita
Não importa quantos castigos devo penar
Eu sou o dono do meu destino
Eu sou o capitão da minha alma.

(William Ernest Henley, 1875)

Retirado o tecido do tear, pode a peça estar pronta ou necessitar de acabamentos próprios. Geisel (1983, p. 79) reforça que “[...] o tear (...) as peças (...), o conhecimento da técnica são passados de geração em geração”, sendo os idosos os guardiões das memórias.

A cultura africana se mantém viva e a todo momento ocorre um hibridismo, uma ressignificação.

Esse “manter-se viva” da cultura africana se deu pela resistência. Resistência das mais variadas formas. Os quilombos foram uma das formas de resistência. Sabe-se que algumas comunidades quilombolas

[...] surgiram em fazendas abandonadas pelos escravizadores por desinteresse econômico, (...) doação de terras para ex-escravizados, ou mesmo terras que foram compradas por escravizados alforriados com grande esforço. (SOUZA, 2011, p. 104).

A memória dessas comunidades é preservada pela oralidade, através de contos, narrativas e histórias, e ainda preservam tecnologia/cultura própria, engenhos, moendas em madeira, casas de farinha, fornos de barro e se destacam no artesanato em madeira, argila, palha etc.

No Brasil, na contemporaneidade, os territórios de resistência são os terreiros de Candomblé, que preservam a religiosidade e a cultura africana e promovem, conforme Souza (2011), atividades sociais voltadas à discussão de políticas públicas para a população negra nas regiões e bairros onde se encontram.

⁷⁹ Poema que inspirou Nelson Mandela, preso vinte sete anos, ser humano incrível, fortaleza e exemplo na luta contra o racismo.

Os terreiros de Candomblé pelas narrativas das lalorixá e dos Babalorixás (griôs do novo mundo parafraseando Pierre Verger⁸⁰) constroem uma ponte entre o passado e o presente.

Para ilustrar a produção do tear desse trabalho, temos o pano da costa⁸¹, produzido na Bahia, como um exemplo, de um dos produtos tradicionais da tecelagem, que preserva em seu entorno a cultura africana e afro-brasileira, encontrando simbologia e voz na religiosidade, onde as tradições orais são preservadas e transmitidas às gerações vindouras.

Em contrapartida, as fontes históricas aqui produzidas (tecidos com ricas e belas gravuras) podem ser vistas como a produção do tear, também chamadas de vozes de resistência, frente ao pensamento eurocêntrico hegemônico.

Essas vozes da resistência buscam desnaturalizar, mostrar que há outras epistemologias como a africana, a afro-brasileira e a indígena, por exemplo.

Frente ao racismo e as estratégias de manipular/dominar, e pensando em contribuir num enfoque epistêmico distinto do eurocentrismo, a partir da perspectiva da “colonialidade”, Walsh (2009) propõe, como ferramenta pedagógica, para a descolonização e a transformação dos padrões estabelecidos pela herança colonial, a interculturalidade

[...] numa perspectiva crítica da interculturalidade, que se encontra enlaçada com uma pedagogia e práxis orientadas ao questionamento, transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida; isto é, projetos de interculturalidade, pedagogia e práxis que assumem a perspectiva da de-colonialidade (WALSH, 2009, p. 13-14).

⁸⁰ VERGER, P. F. **Lendas Africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1997.

⁸¹ Também conhecido como alaká, pano-de-alaká ou pano-de-cuia, o pano-da-costa é de origem africana e compõe a indumentária da roupa de baiana. Seu uso está intimamente ligado ao âmbito das religiões afro-brasileiras e obedece às cores simbólicas dos orixás. Sua denominação faz referência à costa africana, mais precisamente a ocidental, local de origem dos muitos produtos trazidos para o Brasil, especialmente para o recôncavo baiano. De formato retangular – o tamanho padrão é de dois metros de comprimento por 60 cm de largura, é composto de faixas, tecidas em tear horizontal, depois, costuradas manualmente, formando padrões, em geral geométricos e bicolors, que seguem as texturas dos fios de algodão combinados com os de seda, caroá e outros materiais. Seguindo esses padrões formais, o pano-da-costa – usado sobre um ombro, pendendo uma das pontas sobre o peito e a outra sobre as costas – adquire sua identidade de produto que integra a roupa tradicional de baiana e suas variações sociais e religiosas. Listrado, liso, estampado ou bordado em richelieu ou renda, é por meio dele que a mulher demonstra sua posição hierárquica na organização sócio religiosa dos terreiros. Em Salvador/BA, mais precisamente no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, a tecelagem tradicional do pano-da-costa está ligada ao uso e ao simbolismo sócio religioso do tecido na composição das roupas rituais do candomblé. Disponível em: <<https://ocandomble.com/2016/03/25/o-pano-da-costa/>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

O tecelão nunca tece sozinho, neste fazer compartilha e repassa aos membros de sua família/comunidade o que aprendeu. Esse conhecimento não lhe pertence, é utilizado e aprimorado por ele, e então repassado para que outros através desta técnica criem e recriem novos tecidos, novos produtos e assim perpetue o saber e a cultura na qual ele como ser humano se fez.

Sinto-me muito satisfeito com a metodologia adotada, a História Oral, na perspectiva da História Oral Temática, tendo como instrumento de pesquisa as entrevistas, voltadas para a construção de fontes históricas, a partir das narrativas de professores (as) de Matemática, aqui chamados de colaboradores (as). Foram momentos riquíssimos e de muito aprendizado.

As narrativas dos (as) colaboradores (as) e os subsídios teóricos dos (as) autores (as) citados no terceiro capítulo desse trabalho, foram tecendo algumas respostas do tema sulador dessa pesquisa: *Narrativas de professores (as) militantes do movimento negro, compreensões sobre a aplicação da Lei 10.639/03, e 11.645/2008 e suas possibilidades para uma educação antirracista.*

Este trabalho também me trouxe mais perguntas, e me fez refletir sobre a possibilidade de se buscar outras epistemologias, que resistiram ao processo de dominação colonial.

Convido o (a) leitor (a) a se perguntar também:

Por que os(as) professores(as) de Matemática não veem interesse em trabalhar para a educação das relações étnico-raciais?

O racismo ainda persiste dentro das escolas?

Vivemos em uma sociedade onde tudo se transforma em mercadoria e pode ser consumido, nesse processo há interesse dentro das instituições de ensino e pesquisa de se buscar, investigar e ou explorar outras racionalidades Matemáticas além da comumente visão eurocêntrica?

Explorar outras racionalidades implicaria em construir uma sociedade diferente?

Tencionamos a organização dessa sociedade com a busca de outras epistemologias?

Sairá a sociedade desse pensamento abissal (pensamento do modelo ocidental que divide o mundo e polariza), como citou Santos (2010), ou seja, conseguiremos “desestabilizar” o que está posto como verdade inquestionável, superar o pensamento abissal e sua lógica de exclusão?

No entanto, Santos (2010) aponta um caminho, que incorporou novos elementos nesse processo de estudo e discussão entre as narrativas, “[...] para avançar é preciso, primeiramente, reconhecer o pensamento abissal para “começar a pensar e agir para além dele”, confrontando a “monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes”. (SANTOS, 2010, p. 53)

Assim, durante o processo de escrita desse trabalho, me aproximei de autores(as) como Boaventura de Souza Santos; Enrique Dussel, Edgardo Lander, Aníbal Quijano, Santiago Castro-Gómez, Maldonado-Torres, Catherine Walsh que trabalham no sentido de refletir e buscar referências epistêmicas para além do pensamento eurocêntrico, tido como hegemônico. O que aguçou ainda mais meu interesse em pesquisar outras formas de racionalidades que já haviam sido aguçadas com Oliveira (2003), Dantas (2015).

Daqui para frente, escolho diferentes fios e traço perspectivas para novas tapeçarias, pois meu desejo de pesquisar outras racionalidades Matemáticas permanece.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. D'Assunção **A construção social da cor**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 11.645**, de 10 de Março de 2008: "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/Lei/l11645.htm>. Acesso em: 12 mar. 2016.

_____. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 10.639**, de 09 de Janeiro de 2003: "História e Cultura Afro-brasileira". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 12 mar. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

CANÊDO, L. B. **A descolonização da Ásia e da África**. São Paulo: Atual, 1985.

CARONE, I.; BENTO, M. A. S (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, E. X. da. **Narrativas de professores alfabetizadores sobre o PNAIC de alfabetização matemática**. 259 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CUNHA JR., H.; MENEZES, M. dos S. Formas Geométricas e estruturas fractais na cultura africana e afro-descendentes. In: BARBOSA, L. M de A (Org.). **De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 307-320.

CURY, F. G. Análise narrativa em Trabalhos de História da Educação Matemática: algumas considerações. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 23, n. 35, p. 59-73, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2912/291221892004.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1998.

DANTAS, L. T. F. **Descolonização Curricular. A Filosofia Africana no Ensino Médio**. São Paulo: PerSe, 2015.

DIALLO, A. O.; SANTOS, C. Vida e obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano. **Identidade**, São Leopoldo, v. 13, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2208>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

DUSSEL, E. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-**

americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. 9. 24-32. Disponível em: <<http://www.antropologias.org/rpc/files/downloads/2010/08/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ci%C3%AAscias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

FERNANDÉZ, E. L. As Matemáticas da tribo europeia: um estudo de caso. In: KNIJNIK, G; WANDERER, F.; OLIVEIRA, C. J. **(Orgs.). Etnomatemática, currículo e formação de professores.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 124-138.

FOÉ, N. África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? “Acomodação da Atlanta” ou iniciativa histórica? **Educar em Revista**, Curitiba, n.47, p. 175-228, jan./mar. 2013.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala.** Rio de Janeiro: Record, 1989.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, Campinas, v .11, n. 19, p. 09-55, 2003. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Vicente5.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2016.

_____. Manual de História Oral em Educação Matemática: outros usos, outros abusos. **SNHMat-SBHMat**, 2007.

_____. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 20-35, 2010.

_____. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. de C.; ARAÚJO, J. de L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 79-100.

GEISEL, A. L. **Artesanato brasileiro: tecelagem.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Arte, 1983.

GERDES, P. P. Etnomatemática e Educação Matemática. **Quadrante**, Lisboa, v.5, n.2, p. 105-138, 1996.

_____. **Etnomatemática: Reflexões sobre Matemática e Diversidade Cultural.** Ribeirão: Húmus, 2007.

_____. **Geometria Sona de Angola.** Belo Horizonte: ISTEAG, 2014. Disponível em: <http://www.etnomatematica.org/BOOKS_Gerdes/geometria_sona.pdf>. Acesso em: 06 maio 2016.

GIAROLA, F. R. Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico. **História e-história**, Campinas, agosto de 2010. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313#_ftn1>. Acesso: 23 abr. 2016.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

_____. Intelectuais negros produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492 - 516.

HACKING, I. Ensaio Introdutório. In: KUHN, T S. (Org.). **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 9-47.

KNIJNIK, G. **Educação Matemática culturas e conhecimento na luta pela terra**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

LANDER, E (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MASOLO, D. A. Filosofia e Conhecimento Indígena: uma perspectiva africana. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 313 – 337.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral. Como fazer Como Pensar**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOORE, C. **Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

_____. Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 444 - 454.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

OBENGA, T. **La philosophie africaine de la période pharaonique (2780 – 30 a. C.)**. Paris: L'Harmattan, 1990.

OLIVEIRA, C. C. Educação e Educação Matemática para as relações étnico-raciais iniciando um estudo a partir dos Anais do ENEM. (2007-2013). In: **Anais...**, XIV CIAEM, Chiapas, México, maio/2015. Disponível em: <http://xiv.ciaem-redumate.org/index.php/xiv_ciaem/xiv_ciaem/paper/viewFile/1249/493>. Acesso em: 15 dez. 2016.

OLIVEIRA, D. E. D. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.

PEREIRA, E. de A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84 – 130.

_____. **Malungos na Escola. Questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2010.

ROCHA, R. M de C. **Educação das Relações Étnico-Raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

RODRIGUES, N. dos S. **Escravidão e Tensões Sociais, na Região de Guarapuava, Paraná (Século XIX)**. 2015. 124 f. Dissertação, (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2015.

SANTOS, B. de S. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31 – 83.

_____.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, E. C. **Os tecidos de Gana como atividade escolar: uma intervenção etnomatemática em sala de aula**. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, J. de S. O poder da ciência, a ciência do poder e o futuro da questão alimentar. **Revista da Associação Brasileira da Reforma Agrária (ABRA)**, 2014. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Souza-O%20poder%20da%20ci%C3%Aancia,%20a%20ci%C3%Aancia%20do%20poder%20e%20o%20futuro%20da%20quest%C3%A3o%20alimentar-21.03.2014-1.pdf>. Acesso em: 16 de dez. 2016.

SILVÉRIO, V. R. (Org.). **Síntese da coleção História Geral da África: século XVI aos séculos XX**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SOUZA, M. G. de. (Org.). **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira-africanidades paranaenses**. João Pessoa: Grafset, 2011.

SOUZA, R. M. de. **Na Teia de Ananse: um griot no teatro e sua trama de narrativas de matriz africana**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9435/1/Rafael%20Morais%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2016.

THEODORO, M. (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VIANNA, C R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática.** 572 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ZASLAVSKY, Claudia. **Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro.** Rio de Janeiro: Artmed, 2009.

ZIZEK, S. Interculturalidade Crítica e Pedagogia: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação Intercultural na América latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 12 – 42.

_____. Multiculturalismo o la lógica cultural del capitalismo multinacional. In: JAMESON, F; ZIZEK, S. (Orgs.). **Estudios culturales. Reflexiones sobre el multiculturalismo.** Barcelona: Paidós, 1998.

REFERÊNCIAS – CONSULTADAS

BRASIL, Presidência da República. Lei Nº. 9394. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional**. Brasília, 1996.

_____. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2004.

CUNHA JUNIOR, H. **Tecnologias Africana na Formação Brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

LACERDA, N. G. **Manual de Tapeçaria**. Rio de Janeiro: Philobiblion, Fundação Rio, 1986.

MALDONADO-TORRES, N. *Sobre la colonialidad del ser, contribuciones al desarrollo de un concepto*. In: CASTRO-GOMEZ, S.; GOSFROGUEL, R. (Orgs.). **El Giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 127-168.

_____. Topologia do Ser e a Geopolítica do Conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 337-382.

QUIJANO, A. *Colonialidad del poder y clasificación social*. **Journal of World-Systems Research**, v.11, n. 2, p. 342 – 386, 2000.

SANTOS, B. de S. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, R. T. de A. Etnomatemática e relações étnico-raciais na Educação de Jovens e Adultos: trabalhando fractais e geometria, como possibilidade de implementação da Lei 10.639/03 nas aulas de matemática. In: PARANÁ. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produções Didático-Pedagógicas**. Curitiba: SEED/PR, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utfpr_mat_pdp_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

_____. Etnomatemática e relações étnico-raciais na Educação de Jovens e Adultos: trabalhando fractais e geometria, como possibilidade de implementação da Lei 10.639/03 nas aulas de matemática. In: PARANÁ. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Artigos**. Curitiba: SEED/PR, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utfpr_mat_artigo_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

SOUZA, M. G de. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira: africanidades paranaenses.** João Pessoa: Grafset, 2011.

TOWA, M. ***Essai sur le problematique philosophique dans 1'Afrique actual.*** Yaoundé: Editions Clé, 2009.

_____. ***Identité et Transcedance.*** Yaoundé: L' Hartmann, 2011.

WALSH, C. *¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales.* **Revista Nómada**, n. 26, abr./2007, p. 102-113.

APÊNDICES

Apêndice 1 – PESQUISAS DE ARTIGOS DO PDE; ARTIGOS DO GOOGLE ACADÊMICO; DISSERTAÇÕES; TESES.

Apêndice 2 – COLABORADORES DAS ENTREVISTAS. – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Apêndice 3 – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA PROFESSOR CELSO JOSÉ DOS SANTOS

Apêndice 4 – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA PROFESSORA ELIANE PAULA DE CARVALHO

Apêndice 5 – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA PROFESSORA NEIDE DOS SANTOS RODRIGUES

Apêndice 6 – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DO PROFESSOR RONALDO TOMAZ DE A. SILVA

Apêndice 7 – CARTA DE CESSÃO DA PROFESSOR CELSO JOSÉ DOS SANTOS

Apêndice 8 – CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA ELIANE PAULA DE CARVALHO

Apêndice 9 – CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA NEIDE DOS SANTOS RODRIGUES

APÊNDICE 1: PESQUISAS DE ARTIGOS DO PDE; ARTIGOS DO GOOGLE ACADÊMICO; DISSERTAÇÕES E TESES

ANO	PRODUÇÕES
2007	<p>01</p> <p>Título: A Matemática e a História e cultura Afro-brasileira. Autor (a): Célia Terezinha Grochovski de Lima. Palavras-Chave: Cultura Afro-brasileira; Estatística. Temática: A história e cultura afro-brasileira, estudando, estatística para analisar desigualdades sociais e raciais, de informações contidas em gráficos. Endereço eletrônico: 2007_utfpr_mat_artigo_celia_terezinha_grochovski_de_lima.pdf</p>
	<p>02</p> <p>Título: Limites e Potencialidades do uso dos Mankalas na Educação Matemática e nas Relações Étnico-Raciais no Ambiente Escolar. Autor (a): Celso José Dos Santos. Palavras-Chave: Etnomatemática; Jogos Matemáticos Africanos; Lei 10.639/03; Mankala. Temática: A Etnomatemática, a Afroetnomatemática e os Jogos Matemáticos Africanos são utilizados como fundamentos teóricos para promover a Educação das Relações Étnico-Raciais no ambiente escolar. Dialoga com essas reflexões, apresentando a “Família Mankala” como um instrumento didático-metodológico, e curricular, capaz de revelar e valorizar a participação africana na formação do pensamento matemático. Endereço eletrônico: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_celso_jose_santos.pdf</p>
2012	<p>03</p> <p>Título: Jogos Africanos: Alternativa Metodológica para o Desenvolvimento do Raciocínio e Propagação Desta Cultura. Autor (a): Isabel Cristina Malfato. Palavras-Chave: Jogos Africanos; Raciocínio Lógico; Matemática. Temática: Trabalhar as questões culturais, o raciocínio lógico e a socialização por meio de Jogos Africanos. Endereço eletrônico: 2012/2012_unioeste_mat_artigo_isabel_cristina_malfato.pdf</p>
2015	<p>04</p> <p>Título: A Lei 10.639/03 e os Jogos da Família dos Mancalas: Contribuições para o Ensino da Matemática. Autor (a): Emilian Cristina De Souza.</p>

	<p>Palavras-Chave: Mancala; Lei 10.639/03; Etnomatemática; Cultura afro.</p> <p>Temática: A Lei 10.639/03 e os Jogos da Família dos Mancalas: contribuições para o ensino, da Matemática, resgatar e valorizar distintas raízes culturais desses conhecimentos.</p> <p>Endereço eletrônico: 2013/2013_uepg_mat_artigo_emirian_cristina_de_souza.pdf</p>
2013	<p>05</p> <p>Título: Educação Indígena. Etnomatemática. Ensino Da Matemática Cultura.</p> <p>Autor (a): Sonia Da Silva Schenekemberg.</p> <p>Palavras-Chave: Indígena; Etnomatemática; Educação Matemática; Cultura.</p> <p>Temática: Processo de conversão de medidas agrárias em medidas consideradas comerciais, junto à aldeia Terra Indígena Ivaí, onde vivem índios de etnia KAINGANG.</p> <p>Endereço eletrônico: 2013/2013_uel_mat_pdp_sonia_da_silva_schenekemberg.pdf</p>
	<p>06</p> <p>Título: Processo de Aprendizagem da Matemática e sua relação com a Cultura Afrodescendente: Matemática e a Valorização da Diversidade.</p> <p>Autor (a): Adriane Boldt.</p> <p>Palavras-Chave: Matemática; Diversidade; Jogos; Mancala.</p> <p>Temática: Análise de metodologias que favoreçam um ensino de Matemática, aliado a Etnomatemática e a Afroetnomatemática. O lúdico em jogos de origem africana, da família Mancala. Que possibilitam o conhecimento da história e cultura afro-brasileira, e da Matemática.</p> <p>Endereço eletrônico: 2014/2014_uepg_mat_artigo_adriane_boldt.pdf</p>
2014	<p>07</p> <p>Título: O Uso do Jogo Mankala como Mediador no Processo de Ensino Aprendizagem da Matemática.</p> <p>Autor (a): Claudia De Freitas Aguiar Silva.</p> <p>Palavras-Chave: Sistema de Numeração; Mankala; Operações; Educação Matemática.</p> <p>Temática: Numeração Decimal. Utilizou-se o jogo Mankala como auxílio.</p> <p>Endereço eletrônico: 2014/2014_uenp_mat_artigo_claudia_de_freitas_aguiar_silva.pdf</p>
	<p>08</p> <p>Título: O Uso do Jogo Africano Shisima como Auxílio ao Processo de Ensino Aprendizagem da Matemática</p> <p>Autor (a): Ludiane Glau cia Batista.</p>

	<p>Palavras-Chave: Geometria; Polígonos; Regulares; Medidas; Shisima; Temática: Trabalhar conteúdos matemáticos através do jogo africano Shisima, originário dos povos quenianos, abordar conteúdos de geometria e medidas, oportunizar reflexões acerca da influência da cultura africana na cultura brasileira. Endereço eletrônico: 2014/2014_utfpr_mat_artigo_ludiane_glaucia_batista.pdf</p>
2014	<p>09</p> <p>Título: Etnomatemática e Relações Étnico-Raciais na Educação de Jovens e Adultos: Trabalhando Fractais como Possibilidade de Implementação da Lei 10.639/03 nas de Aulas de Matemática. Autor (a): Ronaldo Tomaz de Andrade Silva Palavras-Chave: Matemática; Fractais, Lei nº 10,639/03; Etnomatemática; Educação Antirracista. Temática: Articula conteúdos matemáticos com questões étnico-raciais e assim, contribuir para a valorização dos diversos pertencimentos étnicos, focando a população negra. Endereço eletrônico: 2014/2014_utfpr_mat_artigo_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf</p>
	<p>10</p> <p>Título: Investigando a Geometria explorando a Arte Africana e valorizando a Cultura Afro-brasileira Autor (a): Roselene de Fatima Jubainski. Palavras-Chave: Geometria. Investigação. Polígonos. Cultura Afro-brasileira. Temática: Trabalhar no ensino de Matemática com os estudantes do 6º ano conceitos da geometria plana euclidiana, pesquisando, visualizando e manipulando as máscaras africanas, abordando a Cultura Afro-brasileira e Africana com os conteúdos de Matemática, de acordo com a Lei Federal nº 10.639/03. Endereço eletrônico: 2014/2014_uel_mat_artigo_roselene_de_fatima_jubainski.pdf</p>

Artigos do Google Acadêmico

ANO	ARTIGO
2007	<p>01</p> <p>Título: Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal Autor: Lázaro Cunha</p>

	<p>Palavras-Chave:</p> <p>Temática: O estudo e o acompanhamento do processo histórico da população africana e afro brasileira é muito mais que uma gratidão aos milhões de mulheres e homens que forneceram as bases culturais e técnicas para a emergência do que hoje chamamos nação brasileira. Essa atitude se configura em uma ação inteligente de quem deseja para o país a promoção de um desenvolvimento social sustentável. Uma vez que, a essa temática estão associadas questões fundamentais como: o nível de respeito que os brasileiros e brasileiras têm de si mesmos, em face da história de seu país e da capacidade desse povo de promover as mudanças necessárias para atingirem um maior equilíbrio social e econômico. Com efeito, um sistema educacional que realmente pretende fornecer as bases para esse desenvolvimento precisa possibilitar aos seus estudantes o conhecimento do seu próprio povo, sob pena de não gerar nesses estudantes autoestima suficiente para fortalecê-los perante os desafios da vida, para a concretização dos empreendimentos para o desenvolvimento social.</p> <p>Endereço eletrônico: http://educacao.salvador.ba.gov.br/adm/wp-content/uploads/2015/05/contribuicao-povos-africanos.pdf</p>
2010	<p>02</p> <p>Título: Matemática e Construção da Identidade de crianças negras: uma busca a partir de produções científicas</p> <p>Autor (a): <i>Evanilson Tavares de França; Maria Batista Lima.</i></p> <p>Palavras-Chave: Matemática; Identidade; Identidade étnico-racial;</p> <p>Temática: O texto que por ora subscrevemos resulta de pesquisa exploratória efetivada a partir do banco de teses (e dissertações) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e do site do Boletim de Educação Matemática (BOLEMA). Delimitamos a incursão investigativa ao intervalo 2003 a 2011 (estando inclusos os limites), vez que, com a aprovação da Lei 10.639, em 09 de janeiro de 2003, a produção de textos contemplando a temática resguardada pela legislação foi significativa. Nossa pretensão era encontrar/desvelar produções científicas – teses, dissertações e artigos – que estabelecessem um liame entre a Matemática enquanto disciplina escolar extremamente valorizada e a construção da identidade de crianças negras que sentam nos bancos destas mesmas escolas. Apesar de termos encontrado uma produção razoável no que concerne à construção da identidade de professores de Matemática e alguma relação entre esta disciplina e as concepções dos/as estudantes, nenhuma pesquisa tratando especificamente do tema aqui abordado nos foi desvelada.</p> <p>Endereço eletrônico: http://www.seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1769/1558</p>
2013	<p>03</p> <p>Título: Dona Romilda e sua Topolôgia: as deformações da lã de ovelha.</p> <p>Autor (a): Juliano Espezim Soares Faria e Ely das Graças Souza.</p>

	<p>Palavras-Chave: Etnomatemática. Quilombo. Criação Conceitual.</p> <p>Temática: Com este artigo objetivamos apresentar o trabalho artesanal que Dona Romilda, moradora do Quilombo Invernada dos Negros, elabora a partir da lã de ovelha, a qual passa por processos de deformações até ser transformada em artesanato. Para efetivar este intento, baseados em Gallo (2008) e Tadeu; Corazza & Zordan (2004), fizemos uma criação conceitual a partir da Topologia das Superfícies, criando o termo Topolôgia, considerando-o como ponto de fuga para escapar ao processo de disciplinamento deste saber, apontado por Foucault (2010). O trabalho se inicia com uma breve introdução, seguido da descrição do trabalho de Dona Romilda, de breves pareceres sobre a Etnomatemática e a Topologia das Superfícies, findando com a análise baseada nos elementos da Topolôgia.</p> <p>Endereço eletrônico: www.revistas.udesc.br/index.php/boem/article/download/3960/2829</p>
2015	<p>04</p> <p>Título: A Cultura Afro-brasileira sob o Enfoque da Etnomatemática: Um Mapeamento Teórico Sobre os Estudos Brasileiros</p> <p>Autor (a): Jackson Luís Santos de Vargas</p> <p>Palavras-Chave: Etnomatemática. Cultura Afro-brasileira. Mapeamento teórico.</p> <p>Temática: Estudo acerca do estado da arte de produções realizadas sob o enfoque da Etnomatemática na cultura afro-brasileira. Objetiva verificar o modo como a cultura afro-brasileira vem sendo abordada em estudos desenvolvidos na perspectiva da Etnomatemática e sob um enfoque interdisciplinar na Educação. Mapeamento teórico com base na busca de artigos no acervo digital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e do site Google Acadêmico. Utilizando-se das palavras chave, Etnomatemática e cultura afro-brasileira.</p> <p>Endereço eletrônico: http://periodicos.pucminas.br/index.php/abakos/article/view/P.2316-9451.2015v3n2p70/7899</p>
	<p>05</p> <p>Título: Educação e Educação Matemática para as relações étnico-raciais: iniciando um estudo a partir dos Anais do ENEM (2007-2013)</p> <p>Autor (a): Cristiane Coppe de Oliveira</p> <p>Palavras-Chave: educação Matemática; Etnomatemática; relações étnico-raciais.</p> <p>Temática: O presente trabalho apresenta a primeira etapa do projeto de pesquisa de pós-doutorado (em andamento) com apoio do CNPq. Tem como objetivo iniciar uma aproximação entre a Educação e a Educação Matemática para as relações étnico-raciais, a partir de um levantamento dos trabalhos publicados nos anais do Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM) no período de 2007 a 2013. Tal proposta teve como solo teórico o Programa Etnomatemática e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. A investigação pretendeu levantar categorias definidas a priori, considerando os eixos temáticos Construção teórica, Comunidades tradicionais e</p>

	<p>Aprendizagem/ensino - adaptadas a partir do trabalho de Ferreira, Domite e Ribeiro (2006). A investigação revelou que há poucos trabalhos científicos e práticas escolares que contemplam a temática, (in) visibilizando as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros no contexto educacional, fazendo emergir a necessidade de se pensar em uma Educação Matemática para as relações étnico-raciais.</p> <p>Endereço eletrônico: http://xiv.ciaem-redumate.org/index.php/xiv_ciaem/xiv_ciaem/paper/viewFile/1249/493</p>
	<p>06</p> <p>Título: Relações Raciais e Currículo.</p> <p>Autor (a): Organizadoras, Márcia Maria de Jesus Pessanha e Iolanda de Oliveira.</p> <p>Palavras-Chave: Livro.</p> <p>Temática: Parte da conclusão_ “Os estudos referentes às práticas Matemáticas realizadas no Continente Africano revelaram uma pequena parte, das múltiplas possibilidades de inserção da cultura africana nas aulas de Matemática, que poderia e deveriam estar sendo veiculadas, tanto nos encontros de formação pra professores quantos nas salas de aulas dessa rede de ensino, contribuindo para que a maioria dos/das alunos/as dessa rede de ensino se vejam como capazes sim de aprender Matemática.”</p> <p>Endereço eletrônico: http://www.uff.br/penesb/images/jdownloads/Publicacoes/Livro%20Relaes%20Raciais%20e%20Curruculo.pdf</p>
2015	<p>07</p> <p>Título: A Cultura Afro-brasileira sob o Enfoque da Etnomatemática: Um Mapeamento Téorico Sobre os Estudos Brasileiros</p> <p>Autor (a): Jackson Luís Santos de Vargas, Isabel Cristina Machado de Lara.</p> <p>Palavras-Chave: Etnomatemática. Cultura Afro-brasileira. Mapeamento teórico.</p> <p>Temática: Esse artigo apresenta um estudo acerca de produções realizadas sob o enfoque da Etnomatemática na cultura afro-brasileira. Objetiva verificar o modo como a cultura afro-brasileira vem sendo abordada em estudos desenvolvidos na perspectiva da Etnomatemática e sob um enfoque interdisciplinar na Educação. Para tanto, realiza um mapeamento teórico com base na busca de artigos no acervo digital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES e do <i>site</i> Google Acadêmico. Utilizando-se de determinadas palavras-chave, são selecionados 10 artigos com essa temática e, por meio de sua Leitura detalhada, são apontadas convergências e divergências. Evidencia que a maioria dos estudos permanece ao nível de discussões quanto ao não cumprimento da Lei que obriga o ensino das culturas Afro-indígenas, trazendo algumas sugestões para a inclusão das culturas afro-brasileiras e indígenas nas escolas. Aponta que, embora os artigos afirmem a adoção</p>

	<p>de uma abordagem Etnomatemática, a maioria deles apenas utilizam-na como aporte teórico, sem perceber a Etnomatemática como um método de estudo ou pesquisa.</p> <p>Endereço eletrônico: http://periodicos.pucminas.br/index.php/abakos/article/view/P.2316-9451.2015v3n2p70/7899</p>
2016	<p>08</p> <p>Título: Um estudo de unidades de medidas no contexto da comunidade quilombola de São Felix em Cantagalo – MG</p> <p>Autor (a): José Fernandes Silva, Leila Maria Nascimento, Renato José Carvalho, Ronise Aparecida Carvalho, Ruy Cesar Pietropaolo.</p> <p>Palavras-Chave: Comunidade Quilombola. Unidades de Medida. Etnomatemática.</p> <p>Temática: Esta pesquisa teve como objetivo principal realizar um estudo das unidades de medida de capacidade e volume utilizadas pela Comunidade Quilombola de São Félix, localizada no Município de Cantagalo no Estado de Minas Gerais. A partir de visitas à comunidade, os dados foram coletados por meio de fotografias, diário de anotações, gravações de áudios e vídeos e entrevistas semiestruturadas. Definimos para este estudo unidades de medida de grandezas utilizadas no contexto do moinho d'água do Sr. Juca, pois esse moinho se configura como elemento importante para a cultura local, uma vez que beneficia a produção do milho, transformando-o em fubá e canjica. Trechos das conversas foram transcritos na íntegra, analisados e discutidos de acordo com os objetivos da pesquisa. A visão teórica desta investigação baseia-se nas ideias de Ubiratan D'Ambrósio sobre a Etnomatemática. Consultas a sítios da história brasileira foram realizadas, sendo o principal o Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Cedefes), sobre o surgimento e características das comunidades quilombolas. Os resultados apontam que essa comunidade legitima e usa um sistema de medidas baseado em “quarta”, “meia-quarta”, “neta”, “prato” e “meio-prato”. Os relatos, as práticas e os costumes da Comunidade de São Félix indicam que estes matematizam e modelam seus afazeres cotidianos.</p> <p>Endereço eletrônico: http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/jjeem/article/view/3238/3258</p>

Artigos

ANO	ARTIGO
2015	<p>Título: Afro Matemática e Filosofia em quatro exercícios na sala de aula.</p> <p>Autor (a): Henrique Cunha Junior.</p> <p>Palavras-Chave:</p> <p>Temática: Trabalho em evento sobre aulas de Matemática.</p> <p>Endereço eletrônico:</p>

http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA14_ID2662_30092016000651.pdf

Dissertações

ANO	DISSERTAÇÃO
2005	<p>01</p> <p>Título: Etnia negra nos livros didáticos do ensino fundamental: transposição didática e suas implicações para o ensino das ciências.</p> <p>Autor (a): Auxiliadora Maria Martins da Silva.</p> <p>Palavras-Chave: Livro didático; Etnia Negra; Ensino de Ciências.</p> <p>Temática: Este trabalho buscou investigar como o conceito de etnia negra estaria sendo veiculado pelos livros didáticos de Ciências e as implicações dessa veiculação para o trabalho pedagógico dos professores. Isso; por acreditar que é através do contato com o nosso corpo e com o corpo do outro que diferenças fenóticas são transformadas em superioridades e sobrevalorizadas se forem brancas e inferiorizadas e subvalorizadas se forem negras. Tal fato nos motivou a realização desse estudo; considerando o discurso pedagógico dos livros de Ciências e as relações entre diferenças Físicas; raça e etnia nos textos e ilustrações ali apresentadas. O estudo foi realizado numa escola pública municipal da cidade do Recife; no 1º ano do 4º ciclo do Ensino Fundamental; considerando ser o corpo humano o principal conteúdo curricular dessa turma; durante todo o ano letivo. Para obter o objetivo desejado; utilizamos como suporte metodológico a Metodologia Interativa (OLIVEIRA; 2005); através de observações; entrevistas; questionários e análise documental. Com esses procedimentos podemos identificar as concepções dos autores de livros didáticos; dos professores e dos alunos acerca das manifestações de racismo. Constatamos que em regra geral o conceito de etnia não aparece e não é trabalhado de forma explícita nos livros didáticos; na fala dos professores e dos alunos; apesar de muitos cientistas e intelectuais o usarem em substituição ao conceito de raça. Através de dados coletados e analisados; é possível afirmar que no cotidiano dessa escola; o processo didático-pedagógico na disciplina de Ciência; sobre o conteúdo corpo humano é marcado pela veiculação de preconceito e discriminação; constituindo-se em racismo institucional por não contemplar aspectos relevantes da corporeidade e identidades negras. Confirmamos em nosso trabalho que os livros didáticos de ciências analisados; veiculam preconceitos e discriminação; relativos a etnia negra ao apresentar o corpo humano negro em minoria em suas ilustrações e em posições onde não se exige grande inteligência e prestígio social; bem como ao silenciar sobre as doenças prevalentes na população negra. Como recomendações para avanço do conhecimento; consideramos relevante o investimento na formação continuada de professores; de modo que possam aportar ao seu fazer</p>

	<p>pedagógico; a educação das relações étnico-raciais que possibilite reconstruir aqueles conceitos e conteúdos veiculados pelos livros didáticos de forma preconceituosa e discriminatória bem como; proceder a uma escolha mais criteriosa desses mesmos livros.</p> <p>Endereço eletrônico: http://200.17.137.108/tde_arquivos/11/TDE-2012-11-27T100857Z-489/Publico/Auxiliadora%20Maria%20Martins%20da%20Silva.pdf</p>
2005	<p>02</p> <p>Título: Etnomatemática Quilombola: As relações dos saberes da Matemática dialógica com as práticas socioculturais dos Remanescentes de Quilombo do Mola-Itapocu/PA.</p> <p>Autor (a): Jacinto Pedro Pinto Leão.</p> <p>Palavras-Chave: <u>Etnomatemática (Indigenismo)</u>; Matemática; Quilombola; Pará - Estado Amazônia Brasileira.</p> <p>Temática: A pesquisa etnomatemática quilombola: as relações dos saberes da Matemática dialógica com as práticas socioculturais dos remanescentes de quilombo do Mola-Itapocu/PA, realizada de junho de 2003 a dezembro de 2004, foi norteada no estudo de caso etnográfico. O questionamento básico dessa dissertação expressa a preocupação de como se estabelecer relações entre as práticas socioculturais das teias de saberes matemáticos com a Matemática escolar, sem negar os seus significados e o(s) seu(s) sentido(s), que são vivenciados na (re)construção das memórias cotidianas dos remanescentes de quilombo molense? Esta investigação teve como objetivos: identificar os significados, atribuídos pelos molenses, às suas práticas socioculturais, conectadas aos saberes matemáticos da cultura local, e estabelecer algumas relações entre a Matemática escolar e a Matemática praticada pelos remanescentes de quilombo do Mola-Itapocu/PA, sem dispensar os seus significados e o(s) sentido(s) das memórias das vivências cotidianas do contexto particular.</p> <p>Endereço eletrônico: http://www.repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/1751</p>
2007	<p>03</p> <p>Título: As artes e as técnicas do ser e do saber/ fazer em algumas atividades no cotidiano da Comunidade Kalunga do Riachão.</p> <p>Autor (a): Elivanete Alves de Jesus.</p> <p>Palavras-Chave: Educação Matemática; Etnomatemática; Quilombo; Kalunga; exclusão.</p> <p>Temática: A presente pesquisa foi desenvolvida na comunidade do Riachão, que tem mais de 250 anos de existência, de vida autônoma e de contato com as culturas da sociedade nacional. A escolha dessa comunidade se deu pelo fato de se tratar de uma comunidade que vive fora dos padrões sociais condicionantes daquilo que, até pouco tempo, era conhecido como único modelo de “civilização”. Buscou-se fundamentação teórica na Etnomatemática, que estuda as várias maneiras de explicar e de entender os distintos contextos naturais e</p>

	<p>socioeconômicos, diferenciados no tempo e no espaço. Reflete o que o olhar limitado permitiu observar e interpretar de forma transcultural e holística acerca do que esses saberes/fazerem representam para a construção do ser Kalunga. Usando as técnicas de caráter etnográfico, procurei analisar o desenvolvimento dessa organização, levando em consideração seus aspectos históricos, sociais e circunstanciais. Assim, esta pesquisa possui algumas das características dos estudos antropológicos, cuja prática essencial é a etnografia dos efeitos do contato da cultura com outras culturas no âmago de seu dinamismo cultural. Sua proposta é: observar a produção de conhecimento surgida da necessidade que a comunidade tem de se estabelecer de modo independente e, nessa dinâmica de produção de conhecimento, verificar o processo de difusão dessa cultura, estudar os hábitos alimentares, vestuários, dança, pinturas, artesanatos, rituais religiosos, etc. fazendo emergir as Matemáticas produzidas e, ainda, descrever o processo educacional da criança Kalunga que habita o Riachão.</p> <p>Endereço eletrônico: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91067/jesus_ea_me_rcla.pdf?sequence=1</p>
2011	<p>04</p> <p>Título: O jogo africano mancala e o ensino de Matemática em face da Lei 10.639/03.</p> <p>Autor (a): Rivaldo Pevidor Pereira.</p> <p>Palavras-Chave: Jogos de mancala. Ensino de Matemática. Ensino de História e Cultura Afro-brasileira. <i>Games of mancala. Teaching of mathematics. Teaching of History and Afro-Brazilian Culture. Oware – Jogo. Jogos de tabuleiro - Espírito Santo-Estado. Jogos no ensino de Matemática - Espírito Santo – Estado. Jogos no ensino de história - Espírito Santo-Estado. Cultura afro-brasileira - Estudo e ensino - Espírito Santo – Estado Brasil. Lei Nº10.639 - Janeiro de 2003</i></p> <p>Temática: Este trabalho de pesquisa trata do ensino de Matemática e a implantação da Lei 10.639/03 nesse campo do conhecimento. Para tanto, estudamos a possibilidade de utilizar o jogo de tabuleiro africano Awalé da família do Mancala como recurso metodológico de ensino e aprendizagem Matemática, associado ao ensino de história, cultura africana e afro-brasileira. Trata-se de uma pesquisa intervenção, de abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e ações pedagógicas em sala de aula. O Mancala é um jogo matemático com base lógica, milenar na África, cuja estrutura de movimentos de captura e defesa das peças está pautada em conceitos matemáticos, práticas culturais e filosóficas africanas. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental, Heloísa Abreu Júdice de Mattos e Manoel Mello Sobrinho, das prefeituras municipais de Vitória e Cariacica no Espírito Santo, na qual eu atuei como professor de Matemática. A motivação para a pesquisa se deu pela necessidade de melhorar o desempenho dos meus alunos em Matemática e para cumprir a determinação da Lei 10.639/03. Neste sentido, realizamos a intervenção mediante um conjunto de práticas pedagógicas com o jogo</p>

	<p>em sala de aula onde concluímos na pesquisa que a prática do jogo promoveu aulas interativas e contribuiu para a mudança de postura do professor em sala de aula em relação ao reaprender e aprender a ensinar Matemática. Contribuiu também para a construção de conhecimentos no campo do ensino de Matemática, história e cultura afro-brasileira. Promoveu ainda motivação para a aprendizagem Matemática e o aumento da autoestima do aluno em relação ao negro, ao ser negro e a nossa cultura. Consideramos ainda que este trabalho pode contribuir para a formação de professores em Africanidades Matemáticas, tendo em vista a dificuldade que esse campo de conhecimento tem apresentado para a implantação da Lei 10.639/03 devido à concepção universalista da linguagem Matemática, que sendo assim, estaria de fora do ensino de história e cultura afro-brasileira.</p> <p>Endereço eletrônico: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3223</p>
2011	<p>05</p> <p>Título: Etnomatemática e Educação Própria. Autor (a): Aldo Iván Parra Sánchez. Palavras-Chave: Etnomatemática; Nasa; Educação Própria; Educação Indígena; Colômbia. Temática: Este trabalho desenvolve uma experiência de cunho etnográfico em três diferentes comunidades do povo indígena Nasa, localizadas no estado de Cauca na Colômbia, onde se fez um acompanhamento aos processos educativos e escolares das comunidades, o que permitiu identificar a presença de diferentes tipos de educação indígena, e conseguir reportar alguns aspectos do semeador de milho, que é uma prática agrícola ancestral desse povo, e que pode ser considerada como uma prática ritual, educativa e Matemática. A análise do trabalho pretende elucidar relações entre a proposta educativa que esse povo tem desenvolvido desde 1978, chamada de Educação Própria, e uma particular linha de pesquisa na Etnomatemática, que focaliza o estudo das influências dos mitos e rituais nos saberes e fazeres dos grupos culturais. Foram encontradas relações de convergência, diferenças de ênfase e até contradições entre os dois referenciais teóricos. Finalmente se levantam possibilidades de complementaridade entre os dois enfoques.</p> <p>Endereço eletrônico: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90222/parrasanchez_ai_me_</p>
2012	<p>06</p> <p>Título: Cultura e Matemática, diálogos com as diferenças: um estudo de caso da Etnomatemática do assentamento rural Natur de Assis. Autor (a): Getúlio Rocha Silva. Palavras-Chave: Etnomatemática; Identidades; Interculturalidade; Assentamento. Temática: Esta pesquisa apresenta um estudo de caso com características etnográficas em que se identifica e se discute estratégias</p>

	<p>Matemáticas, distintas das escolares, utilizadas pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais do assentamento Natur de Assis em suas atividades laborais, tais como nas lavouras de mandioca, abacaxi e maracujá. A pesquisa também verificou, na comunidade estudada, a sobrevivência de medidas não pertencentes ao sistema métrico decimal como palmos, passos e tarefas. Discute-se ainda o vínculo do surgimento da Matemática com o surgimento da linguagem, defendendo que as distintas estratégias Matemáticas são também linguagens. O estudo considera a Etnomatemática como uma área intercultural; portanto, é, ao mesmo tempo, contrário às perspectivas relativistas bem como às iluministas. Por essa razão se faz uma abordagem pelo viés da cultura para discutir normalizações culturais forjadas a partir da eleição de um sujeito normal que determina identidades, diferenças e fomenta desigualdades sociais; e, assim, discute-se aspectos que possibilitaram a marginalização de negros, homossexuais e mulheres, e como as ideologias dos grupos dominantes tentam naturalizar as desigualdades de acesso ao poder.</p> <p>Endereço eletrônico: http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8368</p>
--	--

Trabalhos pesquisados a partir do currículo lates do Professor Dr. Henrique Cunha Junior.

ANO	TESE
2014	<p>Título: Africanidade, Matemática e resistência.</p> <p>Autor(a): Vanisio Luiz da Silva.</p> <p>Palavras-Chave: Africanidade; Cultura negra; Educação Matemática; Etnomatemática; Racionalidade</p> <p>Temática: Este trabalho de pesquisa se propõe a investigar, por meio de instrumentos qualitativos de análise, a pertinência do uso de elementos processos e modos da cultura afro-brasileira na aprendizagem da Matemática escolar. Para tanto recorreremos: as circunstâncias históricas de conceituação da racionalidade ocidental; as circunstâncias e consequências do racionalismo positivista para a inserção da população negra brasileira no sistema educacional; a uma proposta de racionalidade fundamentada na africanidade; a análise dos vínculos possíveis entre Etnomatemática e psicologia cognitiva como instrumento de mediação da aprendizagem; e por fim a busca por elementos culturais que possam contribuir com atividades, modos e processos com potencial de serem incorporados nas aulas de Matemática presentes nas práticas de um grupo de resistência dentro de uma escola de samba paulistana.</p> <p>Endereço eletrônico: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-09122014-114244/pt-br.php</p>

APÊNDICE 2: COLABORADORES DAS ENTREVISTAS. – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Quadro 3: Colaboradores das entrevistas

Nome	Município	Vinculo	Tempo da Professor (a)	Cor	Graduação	Pós-Graduação	Militante Em qual Entidade
Celso José dos Santos	Paranavaí PR	QPM	25 Anos	Negro	Matemática e Ciências	Mestre	APP, Fórum da Diversidade Étnico racial
Eliane Paula de Carvalho	Colombo PR	QPM	13 Anos	Negra	Matemática	Especialista	APP, Fórum da Diversidade Étnico Racial
Neide dos Santos.Rodrigues.	Iretama PR	QPM Aposentada	40 Anos	Negra	Matemática	Mestre	APP, Forún da Diversidade Étnico Racial
Ronaldo Tomaz de Andrade Silva	Almirante Tamandaré PR	QPM	17 Anos	Negro	Matemática	Especialista	APP, Fórum da diversidade Étnico racial.

Fonte: Adaptado de Costa (2014, p.184).

APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA PROFESSOR CELSO JOSÉ DOS SANTOS

Nome do entrevistado: Celso José do Santos

Local da entrevista: Local de trabalho do entrevistado na App Sindicato

Nome do entrevistador: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva

Transcritor: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva

Data da entrevista: 23/08/2016

Período: Manhã

Tempo de duração da entrevista: 00:48':18''

Data da transcrição: 01/09/2016

Observação: Os tempos que aparecem na entrevista, é média de dois minutos, é para o Leitor acompanhar a gravação.

(Ronaldo - Entrevista com Celso hoje e o dia 23 então Celso vou pedir então para você iniciar é dizendo qual a sua formação e fica à vontade daí você pode utilizar uma destas fichas para discorrer sobre o assunto ok) Celso – Boa tarde Ronaldo meu nome e Celso José dos Santos RG – 46881290 eu sou professor da rede pública estadual de educação já a 25 anos mais ou menos eu entrei ingressei no estado como efetivo no dia 18 fevereiro de 92 mas eu já trabalhava antes como contrato temporário CLT na época lá desde desde faculdade lá de 90 né que eu iniciei efetivamente o trabalho com a escola eu sou formado em Matemática e Ciências formado em Ciências primeiro grau com habilitação em Matemática fiz pós Graduação em História e Cultura Africana e Afro-brasileira educação em ações afirmativas no Brasil que foi uma das experiências inéditas até então no estado do Paraná que envolveu o (IPAD) Instituto de Pesquisa da Afrodescendência e a Universidade Tuiuti (barulho do Celular) então tivemos a oportunidade de fazer né uma especialização nessa área eee fiz a primeira turma do PDE ee na oportunidade onde eu trabalhei com jogos matemáticos africanos da família Mancala família de jogos matemáticos africanos e mais recentemente eu conclui o mestrado em ensino discutindo educação das relações étnico raciais no que se refere as equipes analise das equipes multidisciplinares para além disso (barulho do Celular) 02:05 também é atuou na APP Sindicato eee estou na direção estadual da APP Sindicato é e desde 2014 no final de 2014 na direção estadual já fiz parte da direção estadual da APP lá no anos 90 e 93 né quando eu tava

iniciando na carreira e depois 02:31 fiquei na direção do núcleo sindical atuando como representante de base já representei a APP Sindicato no conselho nacional da CNTE e atualmente faço parte da direção estadual da Cut Paraná também e represento a APP Sindicato no conselho estadual de promoção da Igualdade Racial então isso um dos desafios que nós temos né e nessa questão étnico racial também ééé participo do fórum permanente da educação e diversidade étnico racial do Paraná eee representado a APP Sindicato mas representando também um organização do movimento negro criado lá em Paranaíba que é chamada ANPIR Associação da Negritude Promoção da Igualdade Racial e o tempo que eu tive né é nesse período participando do fórum étnico racial tive oportunidade de representar a região sul os fóruns da região sul numa comissão do Ministério da Educação chamada CADARA comissão técnica de diversidade para assuntos relacionados a educação dos afro-brasileiros então nós temos a disposição a partir dessa nossa vivência dessa militância aí né de contribuir para este debate é um debate que para nós é muito caro aqui principalmente na APP Sindicato por que desde dos anos 90 93 94 (04:00) nós integramos aqui fomos um dos que participou do processo de constituição do coletivo de combate ao racismo da APP Sindicato que na época se chamava coletivo gênero raça e classe né e que ao longo do tempo foi modificado hoje é o coletivo de combate ao racismo da APP sindicato que eu tive a oportunidade de coordena-lo aí por vários anos então nós estamos à disposição para poder contribuir no debate Ronaldo – Ronaldo Obrigado então agora você fica à vontade né em relação a essa ficha

Celso- trata sobre, (barulho de celular) o que lembro de esses temas aqui Ronaldo isso Celso racismo na escola né esse é esse é um tema dos mais provocadores que eu acho que inclusive essa discussão do racismo na escola é o quê motivo aí boa parte dessa militância dessa Ronaldo hurum Celso formação eu acho que o fato de de ser negro de no estado do Paraná que é um estado que é até pouco tempo atrás é avaliava que não existia negro no Paraná foi de certa forma algo que provocou esse desejo de de participar de me envolver já nos anos 90 nós começamos um debate lá na região de Paranaíba aonde eu morava onde eu moro é com uma forma de começar a discutir como é que a nossa escola pode superar a o racismo até na época você ainda não tinha a Lei 10.639 você não tinha né esse debate nós estávamos ainda em pleno no processo da Constituição de 88 aquele processo de democratização então a gente tinha um grupo lá que já discutia e pensava um pouco racismo na escola e acho que hoje né isso mais caracterizado (06:01) no Paraná mas

mesmo assim os desafios ainda são muito grandes nós temos uma escola que é racista machista homo fóbica preconceituosa e o desafio é fazer primeiro que as pessoas identifiquem que existe racismo porque é uma negação do racismo em um segundo momento fazer com que ela se envolva pra combater o racismo e combater às vezes iniciando pelo seu próprio racismo e acho que esse é um dos desafios hummm aplicação da Lei 10.639 (barulho de celular) nas aulas de Matemática éee isso é interessante porque esse foi o que levou tanto pro PDF quanto depois éee a tentativa de levar isso aqui pra pra pós-graduação de história e cultura africana que nós discutimos um pouco como fazer aplicação da Lei 10.639 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história Cultura Africana e afro-brasileira né em todas as áreas do currículo e uma maneira que eu pensei né e que eu tenho visto assim dentro das múltiplas possibilidades é começar com uma atividade mais lúdica ne os jogos matemáticos eles é se insere nessa história mas ao mesmo tempo isso serve de um motivador para você resgatar tanto a história resgatar o continente africano resgatar todos os processos de centralidade que você tem porque um jogo não é apenas um jogo é na realidade um jogo matemático ele trabalha com toda uma cosmovisão ele tem toda uma lógica ele tem toda uma filosofia por trás inclusive quando eu estava fazendo PDE é é também paralelo a isso eu estava cursando lá a especialização de história e cultura (08:01) africana eu tive muito assim uma boa referência com o trabalho do do Professor Eduardo Oliveira o Duda que né o seu livro filosofia da ancestralidade ele trabalha muito esses conceitos da ancestralidade e foi uma das coisas que eu pude perceber dentro dos jogos matemáticos mas particularmente dos jogos de mancala né que são mais de 200 jogos estão aí em várias regiões do planeta e que permite né várias Leituras a partir da cosmovisão da circularidade dessa questão do movimento então acho que isso é uma das coisas que que fez abriu abriu as portas ali além disso você tem outros outros materiais né que discuti um pouco a questão mesmo de resgatar é o Egito e resgatar que toda essa construção milenar de conhecimentos matemáticos que nós temos não ele não é da Europa (barulho de celular) ele não é norte-americana né ele tem toda uma construção africana que durante muito tempo isso foi escondidos então você dizer que as pirâmides do Egito são obras de grande da geometria dede grande trabalhos o matemáticos você não pode dizer que isso foi (Ronaldo hurum) levado pro continente Africano pelo contrário né você tem todos os trabalhos de Pitágoras né que hoje o teorema teorema conhecido como teorema de Pitágoras mas que geram conhecimento milenar

trabalhado inclusive pelas bordadeiras pelas pessoas que já trabalhavam com a confecção de cestarias né do do continente africano então né você tem pessoas que sistematizaram determinado informação e que foram e se apropriaram (barulho de celular) desse conhecimento né mais efetivamente éee são algo 10:03 importante por que leva uma criança negra a perceber que na escola quando se fala de negros não pode se falar a pena né de Lei Áurea né não pode se falar apenas da abolição da escravatura da Princesa Isabel boazinha mas ao contrário né e também não pode ter a referência da população negra apenas como referência da escravização ou seja não o negro foi escravo não primeiro o negro nunca foi escravo né (barulho do celular) ele foi escravizado no processo de dominação num processo de crime de lesa pátria que tem hoje tão importante que isso leve a a a a perceber esse debate (Ronaldo sim, barulho de celular) eu acho que essa luta histórica fez com que você tivesse o debate ainda da construção de legislações que levou né a a que culminou na Lei 10.639 né lá no ano de 2003 é primeiro que é importante que essa Lei que compreender que essa Lei que é fruto de uma luta história do movimento negro da população negra né diferente de outros povos que sempre viram a sua cultura europeia ser representada no currículo a população negra sempre lutou muito pra tá inserida no espaço escolar mesmo com todas as sorte de dificuldades então acho que a Lei 10.639 ela tem contribuído é é pra pra emancipação não só das crianças negras mais do conjunto da população né brasileira porque quando você é conhece reconhece parte da sua cultura da história do povo brasileiro não dá pra falar 12:03 sem falar da história africana não da pra dizer que a história do Povo brasileiro é história da Europa a história dos dos Portugueses ou mesmo né você excluir a história dos povos indígenas né dos povos nativos daqui então acho que a contribuição da Lei 10.639 ela é muito maior do que o conteúdo né eu sei que a a deliberação 04 06 é né deliberação do Conselho Nacional de Educação né que estabeleceu as diretrizes curriculares nacionais para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira ela começa antes de ensino de história ela começa com ée educação das relações étnico-raciais então acho que ée mais importante nesse num primeiro momento do que o contém em si é educar as pessoas pra conviver pra respeitar-se eu acho que esse é o grande desafio nesse sentido eu com considero a Lei 10639 é uma Lei revolucionários por que é fácil você inserir um texto um desenho né um jogo numa aula como um um objeto exótico o difícil é você incorporar isso como uma prática cotidiana que de fato eduque as relações que as pessoas não precise forçar a barra

pra serem respeitados acho que esse é o desafio da que Lei 10.639 é é coloca né eu acho que nesse sentido é você vem somando um pouco do que tem não só a 10.679 mais logo em seguida a 11.645 mais eu acho que também é uma coisa que a gente precisa meio que que compreender que é uma luta diferente da população negra e dos povos né e das comunidades indígenas 14:02 enquanto os povos indígenas estão preocupados sim na sua grande maioria em ter a educação escolar indígena para os povos indígenas então portanto o resgate da cultura indígena da sua língua materna a preocupação pra aquela comunidade né não que ele não se preocupe que o restante do país os conheça mas a primazia da sua atenção é pra esses povos pra esses grupos a população negra até por tá dispersa no Brasil tudo por ser a maioria da população brasileira (Ronaldo hurumm) não é por tá espalhada ela quer que o conjunto da Educação no brasileira seja é com foco na história e cultura africana acho que é isso inclusive fez com que a luta pra conquistar as a Lei 10.639 fosse maior né 11645 não ofereceu nenhuma resistência na sua tramitação pelo contrário ela passou até despercebido na tramitação do congresso nacional agora nós olhamos que mesmo tendo essas Leis uma sendo de 2003 outra sendo de 2008 as universidades não fazem o seu papel as universidades não incorporaram no seu currículo o ensino de história e cultura africana afro-brasileira e indígena então portanto você tem muito poucos Mestres muito poucos doutores que se preocuparam com com né em assumir na sua formação disciplinar é esses conhecimentos e de acordo com a própria deliberação do Conselho Nacional de Educação é não se limita as licenciaturas mas se quer as licenciaturas incorporaram esses dois conhecimentos então nós estamos num processo permanente de enxugar gelo a educação (barulho de celular) básica por exemplo ela acaba enxugando gelo por que a cada ano você tem novos colegas que terminam o curso pelo seu superior que terminam né 16:00 a faculdade ou mesmo terminam o magistério e que não tiveram ainda mesmo passado 13 anos não tiveram conhecimentos de história e cultura africana e afro-brasileira às vezes tiveram uma fraçãozinha né (barulho de celular) de um conhecimento disperso numa disciplina eletiva num num seminário externo ali mas não tiveram um conhecimento sistematizado né eu acho que isso se deve muito a questão do racismo institucional então eu acho que essas duas legislações elas é trazem aqui um desafio pra repensar a educação brasileira né acho que o grande desafio maior do que os conteúdos não que a gente não tenha que se preocupar com toda pesquisa em resgatar a ancestralidade presentes na Matemática na história na geografia na química na Física

na Biologia nas várias áreas do conhecimento é fundamental isso é a questão dos objetivos da Lei pra resgatar é a contribuição dos povos africanos seja né no continente africano seja na diáspora que está hoje de espalhada (Ronaldo hurum) pelo mundo todo aqui mas eu acho que o grande objetivo e fazer com que as pessoas percebam esse essa grande contribuição para a humanidade até porque senão houvesse continente africano não haveria humanidade por que toda história da humanidade né surgiu aqui nu no continente africano é acho que eu já falei um pouco aqui e racismo do Brasil racismo pra mim como eu disse no início essas é não dá pra uma criança negra jovem negro né um professor negro um militante negro não perceber o racismo né e eu vou dizer que ele se encontra em todos os lugares mesmo numa organização sindical 18:01 mesmo num espaço de esquerda mesmo né num movimento negro que você encontra barreiras ali e percebe né o racismo estampado porque o racismo ele não é apenas um ato de não gostar do outro né e não é um apenas um pré conceito conceito prévio o racismo é algo que mata né mata fisicamente e matar a mente mata a história mata a memória então o racismo é um processo permanente de eliminação da dos povos e sobre tudo dos povos africanos de todas as suas ancestralidade da sua religiosidade de sua (Ronaldo hurum) cultura então acha assim que esse é um desafio permanente pra mim o racismo ele tem ele serve infelizmente assim como é um desafio permanente de né de de tá lutando é certa vez eu vi uma comparação que discute assim qual a diferença do racismo no Brasil e racismo nos Estados Unidos né por que dizem que no Brasil o racismo é mais brando mais leve e aí eu vi uma comparação que diz assim nos Estados Unidos o racismo é uma arma apontada pra sua testa e no Brasil o racismo é uma arma apontada pra sua nuca então qual é a mais violento ambos são extremamente violentos ambos matam mas nos Estados Unidos Pelo menos você sabe quem é o inimigo e você tem como lutar contra ele no Brasil o inimigo bate nas suas costas se te chama de amigo né mas tá a qualquer momento pronto pra te eliminar e como é que ele elimina ele elimina sobretudo no momento que tem uma disputa seja uma desculpa política 20:01 uma disputa profissional uma disputa econômica ele tá pronto pra te eliminar enquanto você não não é for nenhuma ameaça você é gente boa você contribui eu tenho um amigo negro né não eu não tenho preconceito nenhum mas estabelece uma disputa aí você vai saber efetivamente se tem ou não tem o racismo então eu acho que o racismo ele e algo que que algo permanente algo que te preocupa permanentemente a mim pelo menos me preocupa permanente e assim todas as

causas de luta de sociais elas são importantes mas para mim no Brasil é o cerne de todas as discriminações o cerne de toda a desigualdade no Brasil está no racismo particularmente (barulho de celular) fruto do escravismo criminoso que nós tivemos aí por mais de 4 séculos acho que esse é um das grandes discussões que nós temos aqui é e aqui assim você tem essa uma definição da democracia racial né você tinha no tempo da ditadura uma musiquinha que falava assim né moro num país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza é como se tudo fosse maravilhoso aqui no Brasil também você tem todos os teóricos que falam que o Brasil ele conseguiu harmonizar todas as raças todos os povos então a gente vive numa democracia racial racista é aquele que fica discarafunchando e mostrando que nós (barulho de celular) não estamos nós não estamos nessa democracia racial na realidade não existe democracia racial né por que se existisse você teria (barulho de celular) em todas as classes sociais em todos os espaços brancos e negros né por que que (barulho de celular) você tem e os brancos no topo da cadeia alimentar 22:02 no topo dos cargos mais importantes no topo né nos espaços privilegiados dos meios de comunicação do sistema financeiro né dos postos de trabalhos e você tem mais majoritariamente a população negra é nos locais menos favorecidos nos locais da periferia da cidade no subemprego no desemprego né muitas vezes em condição de marginalidade então nós não vivemos nenhuma democracia racial então esse é um mas esse é um mito que faz a gente acreditar desde de pequeno a gente acaba sendo ensinado e as escola muitas vezes ensina isso de que a gente não deve discutir não deve questionar né não deve tentar subverter essa ordem mais eu acho que a gente primeiro precisa compreender isso nós temos uma sociedade de fato como eu disse preconceituosa e discriminatória racista mas as pessoas aqui tem preconceito de assumir que tem preconceito né então é e aí mais fácil diz que a gente não que a gente vive nessa suposta democracia racial pra mim então pra mim democracia racial ela vem no sentido de de tentar fazer você acreditar que de fato a gente tá vivendo e num em harmonia e quando no fundo nos tamos vivendo num estado de constantes conflitos né um conflito que é velado que faz a gente acreditar que tem um lugar do do negro lugar do negro é no local que não é na medicina que não é na engenharia que não é né no direito que é na periferia que é nos locais menos favorecidos então essa é a suposta democracia racial no Brasil acho que esse é um dos desafios que nós temos primeiro desmistifica isso quiçá um dia utópico 24:01 quando a gente superar esse racismo esse preconceito quiçá a gente viva de fato nessa democracia racial né mas

ela não existe ela né e tá muito longe de ser e pelo contrário eu acho que a partir do momento que e acho que a Lei 10.609 e as políticas a partir da Constituição de 88 todas essas lutas fizeram com que a população negra descobrisse que o lugar dela em todos os lugares né ela não quer ser maioria apenas como zeladora como empregada doméstica como carpinteiro pedreiro não que essas profissões não seja muito importante são todas muito importantes mas elas querem também estar né como médico como engenheiro como professore como advogado como juiz com promotor ou seja quer estar em todos os lugares e aí quando você é se levanta e se apresenta num local desse as pessoas te estranham você é considerado um estranho no ninho né eu durante muito tempo era um estranho no ninho se você vez um professor negro advogado um mestre negro né são na minha infância tinham muito poucos que eu podia me espelhar olha eu quero ser igual ao professor fulano né eu quero ir pra faculdade na faculdade tem lá o professor mestre doutor hoje o jovem negro até ele já tem mais oportunidade né porque ele consegue já ver algumas referências antes nossas referências se limitavam ao esporte algumas poucas referências no esporte algumas difere algumas referências na música né hoje a gente já tem já tem continuamos tendo referência nesses espaços né se você olhar por exemplo o que a gente viu agora nas olimpíadas e olhar os medalhistas olha os atletas você vai ver que a presença negra ela foi muito marcante 26:01 nos jogos olímpicos e se você olha a cultura brasileira os artistas brasileiros ele tá impregnado né da população negra mas nós queremos também que a população negra ela esteja é nos espaços de comando é nos espaços de decisão né porque a gente não vê é deputados negros vereadores prefeitos governadores presidentes né ministros negros é uma raridade quando ver você se espante em ter alguém nesse nesses espaços aqui participação do professor na realização de projetos que contemplam a Lei 10.639 como eu disse a minha trajetória é uma trajetória de quem tem participado em muitos espaços né de de contribuir com a implementação da Lei 10.639 né eu sou um curioso ali então (barulho de celular) é eu me envolvo em muitos lugares né participo tento contribuir né em vários vários locais seja na organização do movimento negro seja dentro de (Ronaldo- pode continuar que daí eu pego no gravador) seja dentro de partido político seja dentro do sindicato aqui né é seja na no fórum étnico-racial seja dentro da Central Única dos Trabalhadores ou mesmo na é na Confederação Nacional da Educação CNTE (Ronaldo Hurumm) enfim eu eu penso que você não você é uma pessoa integral então você é aquilo que é e aonde você estiver você tem que contribuir

então se eu estou hoje aqui no sindicato a minha contribuição ela é aqui no sindicato e esse eu né defendia (28:01) a construção da Lei 10.639 esse espaço de história e cultura africana é que eu contribuo quando eu tô tô na escola naquele espaço das aulas de Matemática e de ciências ali o espaço que eu preciso inserir porque não adianta nada eu pesquisar alguma coisa estudar e muito legal mas quando chega o dia dia e isso ser exótico e daí eu tô contrariando aquilo mesmo que eu defendendo (Ronaldo sim com certeza) então eu acho assim eu tenho procurado contribuir nesses espaços seja no fórum étnico-racial né seja no coletivo de combate o racismo e na militância i e í e acho que procurando incentivar outras pessoas também a se inserirem nesse debate e tenho visto que o número de pessoas que que tem é assumida essa militância também tem aumentado aqui no Paraná nós temos uma referência muito grande (barulho de celular) porque é quando a Lei 10.639 chegou nós já tínhamos aqui uma tradição né de defender inclusive que o currículo do Paraná já tivesse implantado história e cultura africana 29:08 eu lembro que nos anos 90 92 93 nós tínhamos já aqui através da discussão com professora Euvira que foi a secretária na época éee é um debate já com o NEM núcleo de estudos afro núcleo de estudos negros de de Santa Catarina com a Jeruse Romão né que são referência hoje que na época a gente já discutia que precisava implementar a história e cultura africana no currículo então quando você tem a 10.639 você já tava com um passos largos nesse sentido né então eu acho que foram 10 anos antes então quando chegou a Lei nós já tínhamos uma caminhada aqui no Paraná que permitiu hoje o paraná ser um espaço de referência 30:01 nacional eu acho que a gente né deu uma parcelinha de contribuição nesse projetos aqui né e continuamos lutando aí nisso né e na área da Matemática né acho que essa duas preocupações aqui exemplo de atividades que articulam conteúdos matemáticos e relação étnico raciais né de certa forma é eu penso que olhar o continente africano né primeiro com a sua diversidade a multiplicidade de países né de de espaço isso permite você é ao revelar né a existência de um continente com toda essa riqueza de conhecimentos permitir que você tenha dê de o Egito à África do Sul é um conhecimento milenar que até então era (barulho celular) desconhecido pelas pessoas né primeiro que as pessoas tinha essa ideia deturpada é do continente negro então acho que você encontra Matemática africana em todos os espaços do conhecimento né você vai discutir um pouco da geografia né você vai discutir os espaços geográficos você vai ter como calcular os vários espaços tem você tem toda a história da da geometria e que você atribui a

geometria é a Euclides né geometria mas quando você vê todos os conhecimentos é gregos e você se você pensar (Ronaldo hum hurum) que toda biblioteca da humanidade do mundo antigo estava em Alexandria né e nutava Alexandria estava onde estava no continente Africano (Ronaldo hurum) né ele não não trouxe apenas da Índia da Ásia da Europa pra tá (barulho do celular) em Alexandria você tinha todo conhecimento milenar alí (32:00) do continente Africano toda a questão da agricultura porque você vai mensurar você tem o Nilo né que passa ali e os vários rios que passam pelo continente africano então toda a questão das medidas toda questão da produção e acho que isso e algo que que permite a articulação de conhecimento matemáticos né (inaudível) (falou em) jogos eu acho que questão legal porque ela é lúdica para além da questão dos jogos mesmo você tem todo o conhecimento tradicional você tem é toda a filosofia que tá por trás porque pra mim Matemática ela é puramente filosófica né eu acho para mim Matemática não são os números né até porque o número ele é uma ideia né a ideia é número que dizer na realidade não dá pra discutir Matemática pensando apenas na tabuada ou na reprodução de de cálculos matemáticos né eu acho que é mais do que isso é conhecer os aspectos filosóficos da produção desse conhecimento desse raciocínio lógico-matemático e aí você tem todo uma construção né geométrica toda toda a construção em si toda arquitetura aqui impregnada de conhecimentos matemáticos toda a questão dos problemas e toda aquela relação que você tem né primeiro que humanidade se ela surgiu no continente africano e foi pra sua diáspora nos vários países e pensando que você não tem situações estanques ali entre o continente Africano né a Índia né a Ásia ali você tem uma troca muito grande né de conhecimento ali acho que isso isso essa exploração permite né que um professor de Matemática ele possa ampliar a seu conteúdo para além dos teóricos europeus (Ronaldo huruum) (34:00) ou norte-americanos ali que são registrados na história como fundadores de conhecimentos na realidade eles podem até ter sistematizado né determinados conhecimentos matemáticos é mas sobretudo você tem é que buscar origem de quem produziram esses conhecimentos e conhecimentos que estão entre é as crianças que brincavam né então da mesma maneira que você tem atletas negros como Usain Bolt ai que se desenvolve ele não se desenvolveu do nada ele se desenvolveu a partir né das corridas e das caminhadas que ele fazia no continente Africano então o conhecimento matemático também está nessas mesmas crianças nessas mesmas relações só que isso não é explorado ou seja isso não é valorizado né então é como se essas pessoas

não tivessem conhecimento (Ronaldo quórum) se a população negra não tivesse conhecimento acho que isso não é uma das primeiras preocupações que eu acho é importante e aí a gente poderia extrapolar isso pra outras áreas do conhecimento é quando você coloca por exemplo a discussão da estética né a discussão é da dos cabelos até você primeiro tem uma discussão de que é estética ele é Matemática né então um rosto perfeito aquele que você consegue dividir ele simetricamente então essa discussão da simetria mas quando você começa a discutir por exemplo o cabelo e aí pensando nessa questão da da da necessidade da riqueza do cabelo comparado a questão do ambiente qual a utilidade da melanina na pele né e aí das reações químicas e da questão da produção de vitamina D com mais ou menos intensidade solar então você tem um conjunto grande de de questões pra pra serem exploradas acho que nesse nesse nesse aspecto a ida de Matemática né (36:02) e por fim aqui as preocupações dos professores em relação a Matemática a questão racial olha e o Gonzaguinha tem uma música que a Elis cantou muito bem e que eu diria assim minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo tudo que fizemos ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais então isso aqui me lembra aqueles assim que embora a gente tenha feito bastante coisas ao longo desses 13 anos ao longo de da gente te disseminado a ideia da da da Lei 10.639 né de ter feito com que muita gente começasse a fazer coisas legais nas escolas tem desenhos bacanas tem né um material é interessante mas eu ainda vejo que há a resistência de fazer o que nossos pais nos ensinaram da muito ne e os nosso pais biológicos nosso pais educacionais (barulho de celular) então ainda a gente vê que a preocupação dos professores ela tem se limitado ainda reproduzir um conhecimento ainda europeizado (Ronaldo humm rumm) acho que esse ainda é uma dificuldade não é mesmo professores negros tem uma resistência de muitas vezes não querer se estigmatizar não eu só só Professor negro que tem que discutir a questão das relações étnico-raciais mas se outro não discute e papel nosso provocar a discussão mas eu vejo assim que ainda há uma alma há uma resistência embora já tenham vários companheiros e companheiras (barulho de celular) que militam nessa área que tem iniciados os debates mas não tem sido uma tarefa fácil quando você procura trabalhos matemáticos quando você procura ai você talvez na pesquisa deve estar sofrendo essa dificuldade eu também quando né tava pesquisando sobre jogos (38:01) sobre Matemática africana você vê que as referências bibliográficas as referências de pesquisa nessa área ainda são muito incipiente né tem um universo grande de coisas ainda pra serem né reveladas

né por que elas existem elas não estão reveladas elas não estão sistematizadas e ainda não foram escritas aqui então eu vejo que tem essa essa dificuldade né até por conta mesmo dessa formação acadêmica que ainda não mudou é aquilo que eu faLei que ainda a gente está enxugando gelo porque enquanto nós estamos aqui tentando implementar na educação básica a história e cultura africana inserir a questão étnico raciais nós ainda olhamos que a nossa universidade é extremamente europeizada e ela resiste em inserir estes conhecimentos quando insere ela insere ali de forma muito pontual muito localizada que não vai transformar porque educação não é não se faz com operação beija-flor pontualmente né você faz isso de forma sistemática de forma permanente né é eu vejo que essa e uma das dificuldade grandes assim é sobretudo em relação aos professores de Matemática que sempre tiveram uma formação muito positivistas né (Ronaldo Hurum) é né de muito se preocupar com o cálculo com a precisão do cálculo mas eu acho que hoje e um desafio é de perceber tudo aquilo que está em torno dos cálculos em torno dos números essa questão mesmo da circularidade essa questão da ancestralidade né essa questão da cosmo visão e isso traz um olhar para todos os educadores mas particularmente para os professores de Matemática é interessante pra superar o grande desafio da Matemática que é fazer com que as pessoas (40:01) gostem de Matemática né porque então Haddad que diz não se ama o que não se conhece mas nunca se esquece daquilo que se ama então se você não gosta de Matemática dez da sua formação do magistério dez do seu curso superior com é que você vai fazer com que as pessoas gostem daquilo que você não gosta né então eu acho que o desafio primeiro e fazer com que as pessoas gostem dez das crianças e ela começa a gostar daquelas questões que são mais lúdicas né que vai incorporando naturalmente na sua vida e que aos poucos vai aumentado seu grau de dificuldade até pra que ela chegue aos cálculos mais mais complexos aqui mas compreende que esses cálculos nasceram da história da humanidade da necessidade das pessoas e o continente Africano teve uma contribuição muito importante e continua tendo né continua tendo até hoje ele né na história da humanidade embora numa sociedade perversa capitalista como a nossa ali ée que discrimina os outros até poder dominar é essa esse conhecimentos não são são revelados não são valorizados mas acho que um dos desafios enorme de enfrentamento da questão racial né nas várias áreas do conhecimento mas particularmente na questão da Matemática nós batemos uma formação ainda muito positivistas né muito é muito europeizada acho que é isso essa e uma das

preocupações eu eu vejo que que o desafio com eu disse inicialmente primeiro e fazer com que as pessoas se relacionem né então pra min a educação das relações étnico raciais ela vem antes do ensino de história e cultura afro e africana porque de nada adianta eu ensinar um conteúdo de Matemática se no momento seguinte eu tô desrespeitando (42:02) você por conta da sua do seu pertencimento étnico racial então e muito melhor eu não saber do continente Africano mas ensinar as pessoas a se gostarem a se respeitarem né a conviver num espaço e e e valorizando as diferenças do que eu é fazer é uma lista de de informações mas isso não se traduz mesmo nessa filosofia né da valorização das pessoas do reconhecimento acho que esse é um dos desafios que nós temos aqui é isso ai Ronaldo não sei se tem alguma coisa mais para contribuir pois é um pouco do que eu penso das nossas contribuições aqui né tanto em relação a essa militância esse envolvimento quanto mesmo na questão do processo de ensino e aprendizagem (Ronaldo - dentre as perguntas provocativas teria alguma coisa que você gostaria de acrescenta a palavra e sua) Celso – eu acho que um desafio que tá posto sobre tudo um desafio que envolve educadores mais progressista assim e o desafio de perceber que nós não transformaremos a sociedade (barulho de celular) superando apenas a questão econômica né a luta de classes ela está posta (Ronaldo hurum) ela ela tá ai ela e evidente ela destrói é a condição dos recursos materiais aqui mas o ser humano ele não é só a dimensão econômica né a dimensão econômica ela é uma das dimensões fundamentais aqui mas é se você não assegura o respeito ao pertencimento das pessoas a sua história a sua ancestralidade as suas relações de gênero a sua orientação (44:01) sexual né a sua cosmo visão ali você não vai superar os problemas da humanidade então é eu acho que são lutar que não podem ser vistas de forma separada eu acho que também não dá para o movimento negro se preocupa só com a questão né racial sem enxergar que essa questão racial e permeada por um racismo por um machismo então portanto a relação entre homens e mulheres mesmo dentro do movimento negro você tem né uma disputa (Ronaldo hurum) grande tanto é que as mulheres negras se organizam até porque percebem que á um machismo também então né o machismo você tem LGBT fobia (Ronaldo hurum) então portando você tem que né ter esta percepção de homens e mulheres nos seus vários né pertencimento nas suas várias relações e você também não pode é tá lutando ali pra superar o racismo sem perceber que existe uma sociedade capitalista que consome né que que é um fruto inclusive de se utilizou durante muito tempo nessa questão né do

escravismo como modo de produção pra explorar o ser humano eu acho que é um desafio é de compreender essas dimensões ele tá posto e eu penso que a educação precisa fazer esse enfrentamento precisa ajudar nesse enfrentamento né eu é gosto muito da da da frase lá do Boa Ventura Souza Santos embora haja alguns questionamentos quando diz assim é temos o direito de sermos (barulho externo a sala da entrevista) iguais sempre que a diferença nos descaracteriza né (Ronaldo hurum) é é te e temos o direito de ser não desculpe temos o direito de ser sermos iguais (46:03) é sempre que a diferença nos discrimina mas temos o direito de ser diferente sempre que a igualdade nos descaracteriza (Ronaldo hurum) então nós temos essa dupla dimensão de iguais né e diferentes e ai assim alguns pensadores que eu acho que também né não dá para a gente pensar educação sem pensar um pouco é como Mandela né de que educação é a arma mais poderosa né que nós temos para fazer a transformação do mundo ela não é a única mas ela é uma arma extremamente poderosa por que o conhecimento é poder então se você né exclui da poluição negra da criança negra a possibilidade de ter acesso ao ensino né de ter acesso ao ensino sistematizado e permitir que ela possa galgar no mundo acadêmico é ela não vai chegar a ser um médico a ser um engenheiro a ser um professor a ser um advogado e aí esse potencial vai ficar limitado né aos serviços mais difíceis mais desgastantes com menor rentabilidade e aí você não tem uma perspectiva de futuro então eu acho que é possível isso e eu acho que outra coisa né é que vou terminar com a frase de Luterking que diz acho que um pouco disso aqui se nós somos ensinados a odiar nós também podemos ser ensinados a amar então a gente pode ser ensinado agente pode aprender nós aprendemos o racismo nós aprendemos o preconceito nós aprendemos a discriminação então podemos também aprender o respeito né acho que é isso gostaria de contribuir e tá a disposição aí pra. (47:52) (Ronaldo Desde já quero te agradeço muito obrigado e vamos conversar mais um pouco na sequência muito obrigado) Celso - se serviu pra alguma coisa fique à-vontade (48:02)

APÊNDICE 4: TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA PROFESSORA ELIANE PAULA DE CARVALHO

Nome da entrevistada: Eliane Paula de Carvalho

Local da Entrevista: Laboratório de informática da Escola Estadual João Ribeiro de Camargo.

Nome do entrevistador: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva

Transcritor: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva

Data da entrevista: 06/12/2016.

Período: Tarde início às 13:12

Tempo de duração da entrevista: 00:48':20''

Data da transcrição: Dezembro 2016

Entrevista com a Eliana do dia 6 do dez de 2016 Então tá Eliane é o seguinte é nós vamos fazer essa entrevista utilizando um conceito de história oral que é ele dá algumas palavras chaves a você e você vai é é utilizando essas palavras chave você vai tecendo alguns comentários sobre isso que ele está falando então antes de mais nada eu gostaria de agradecer é você pela pela sua disponibilidade de tá fazendo essa entrevista conosco né e muito obrigado mesmo porque vai ser de grande importância esses comentários que por ventura você vai vir a fazer pra ajudar os outros professores de Matemática então eu gostaria que você iniciasse a princípio a sua fala é dizendo o seu nome completo seu RG i e dá uma visão Geral de quem é você em currículo um breve currículo seu né (Eliane) é o meu nome Eliane Paula de Carvalho é sou professora de Matemática dês de 2004 sou uma mulher negra tento trabalhar às questões de diversidade não só étnica mais todas as diversidades possíveis nas aulas de Matemática não só atreladas a conteúdo mais é em situações do do dia a dia mesmo em sala de aula (Ronaldo) única coisa que eu vou intervir tá e é é nada na verdade você que vai escolher a ordem das dos documentos que você quer nada da das palavras chaves que estão postos aqui (02:03) é você que vai ter ser â quais as argumentações o que você tem a falar sobre esse tema não há necessidade de você falar sobre todas as fichas que estão aí então aquilo que você não se sentir é é confortável em responder fica aí à sua disposição você pode deixar do ladinho única coisa que é o final você me dá uma dica ó terminei eu acho que é isso que eu tenho complementar vou pedir pra você me dizer o seu (Eliane) há o RG

77928545 (Ronaldo) ok então fique à vontade o tempo é seu (Eliane) deixa eu escolher eu vou escolher essa primeiro então tenho que ler o que está escrito (Ronaldo) sim se possível (Eliane) o racismo no Brasil o racismo no Brasil eu acho que ele é muito perigoso há eu não me sinto confortável assim (Ronaldo) há anos estamos conversando tá então relaxa tá (Eliane) é muito perigoso porque todos e todos e todas nós sabemos que ele existe mas ninguém admite que ele existe eu sofro racismo em quase que todos os ambientes que eu estou mais ninguém admite que está sendo racista comigo por isso que ele é muito perigoso ele é velado tanto é na escola racismo na escola ele existe ele existe não só é relação alunos mas também em relação aos professores as professoras ele existe ele não é não se admite que uma professora de Matemática (04:03) ela possa ser negra não se admiti que meu professor de Matemática fale sobre racismo em sala de aula pior ainda que mais seguindo essa então é eu e o racismo o que que eu posso falar sobre racismo e eu eu não entendia que aquilo que acontecia comigo era racismo a gente demora um tempo pra conseguir é digerir assimilar que aquilo que sempre aconteceu comigo era racismo eu não tinha noção de que aquilo que aconteceu comigo era racismo eu não tinha noção de que é meu cabelo ele era chamado daquela maneira porque era racismo eu não sabia não entendia aquilo eu não entendia que eu era excluída das brincadeiras ou colocado em algumas brincadeiras como o racismo né do tipo é chicotinho do tipo a você e a pretinha você que vai fazer tal coisa esse tipo de coisa eu não entendia que era racismo e isso sempre aconteceu comigo sempre sempre é foi falado da minha cor da pele né sempre foi falado do meu cabelo mas eu não sabia que era racismo eu não entendia que era racismo é também sofro racismo por eu não ter uma cor de pele tão escura quanto a sua por exemplo também porque as pessoas querem saber (06:02) é porque que eu quero tanto ser negra (rs rs) Ronaldo- Sim (Eliane) porque porque você quer ser negra ser negra é tão ruim porque você quer ser negra a tua pele branca minha pele não é branca né Ronaldo-hurum Mas eu no começo não consegui entender isso como racismo né depois de ler um pouco sobre isso conversar com algumas pessoas e o primeiro curso que eu fiz foi o curso de extensão da da UFPR em eu acho que foi no 90/2009 acho que foi o primeiro ou segundo curso extensão que eu conseguia que eu comecei a entender que aquilo tudo era racismo mas um dos mais absurdos né porque que eu quero tanto ser negra que não é que eu queira ser negra eu sou negra Ronaldo- hurum Eliane- e porque que eu não posso ser negra e porque você tem que dizer que eu não sou negra se eu tô

afirmando que eu sou negra então são algumas questões que é eu não sei não consigo entender não consigo conceber isso dentro de mim porque que alguém tem que dizer o que eu sou o que eu não sou né porque isso é tão ruim deixa eu ver o que mais humm (barulho de chuva e alunos gritando) bom então ser mulher já é difícil ser mulher negra é mais difícil ainda e ser uma mulher negra uma professora negra e muito mais eu entendo assim porque (08:00) tem conteúdo pra trabalhar tem só que você tem que estudar muito né você quer que seus colegas também trabalham na mesma linha poxa vida esse conteúdo tal pode ser trapalhada de tal maneira implementando a Lei 10639 mas os colegas não querem não querem a gente fica eu fico num impasse muito grande porque eu sinto que os alunos eles precisam ouvir de tudo isso né eles precisam saber mas os colegas não querem a maioria dos colegas de Matemática eles não querem aplicar a Lei 10639 na sua aulas não querem mas é não é pelo fato de que não tem material não não acho que eu fato não é esse o fator é que ele não veem necessidade (Ronaldo Huruum) não tem necessidade não quer estudar não sei porquê mas eu fico brigando com ele dizendo que ele tem que fazer eles ficou brigando comigo dizendo que não precisa (Ronaldo) rs eu só vou pedir pra você sempre antes só falar (Eliane) aa ler eu tô esquecendo (Ronaldo) mas tudo bem tranquilo depois de qualquer coisa eu tiro alguma algumas dúvidas com você (Eliane) então esse que eu acabei de dizer foi da aplicação da Lei nas aulas de Matemática antes deixa eu pegar esse então é exemplos de atividades que articulam conteúdos matemáticos e relações étnico-raciais é eu tenho sexto anos (10:00) atarde tenho nono anos de manhã e apoio de manhã nas três séries eu contemplo a Lei nas 3 há no sexto ano quando eu começo a falar sobre o sistema de numeração eu tenho um exemplo de sistema sistema de numeração egípcio eu posso comentar sobre isso eles vão estudar sistema de numeração egípcio eu posso conversar com eles antes de começar o conteúdo eu tenho que explica o que que eu faço ou é só o conteúdo (Ronaldo) pode ficar à vontade você fala (Eliane) é é então antes de iniciar o conteúdo eu explico pra eles né de onde é que nós viemos onde que nós tivemos as primeiras populações do nosso planeta onde que é esse local fica hoje e onde que o sistema egípcio então estava Ronaldo-hurum Eliane - em que determinado momento da história e converso com eles então se os primeiros habitantes do nosso planeta estavam lá obviamente lá que começaram então as primeira palavras os primeiros tipos de contagem então a Matemática surgiu onde e ele conseguem tranquilamente fazer essa essa relação eu falo onde é que fica o Egito fica no continente africano e

tal tranquilamente dá para trabalhar isso no sexto ano no início lá em sistema de numeração egípcio quando eu começa a falar de frações pra ele de novo eu volto a falar sobre a implementação da Lei eu percebo assim porque de novo eu falo pra ele sobre o Rio Nilo que fica no Egito aí eles já sabem agora que o Egito fica no continente africano porque até então eles não sabiam né e falo do como é que surgiu o desenvolvimento das frações (12:00) como é que ela foi utilizada através de medições do de terrenos de plantações em volta o Rio Nilo e toda esta parte e tranquilamente trabalhar com ele isso também isso até agora é no nono ano eu usei parte do seu material sobre Pitágoras também começa a falar sobre o continente Africano quem somos nossos descendentes nossos antepassados e assim tranquilamente fala com ele no apoio é é diferente porque não é um conteúdo específico de Matemática que eu trabalho com eles né eu trabalho com eles aquela defasagem que eles tiveram lá nas séries iniciais e contagem mesmo as quatro operações e tudo que eu faço com eles eu dou um jeito de eles colorirem e sempre vem aquele lápis cor da pele Ronaldo-huumm Eliane- aí eu conversando com eles e explicando mas lápis cor da pele cor da pele mais igual a pele de quem não é coloca aqui não é igual a minha pele é igual a sua pele não é igual a pele de ninguém aqui não temos nenhum albino aqui não tem não é igual e eles conseguiram assimilar isso eles conseguiram assimilar porque sempre tem uma rotatividade de alunos muito grande no apoio então a cada bimestre troca alguns ficam outros outros saem e um vai falando pro outro daí que um pede pro outro o lápis cor de pele emprestado e ele diz não é lápis cor de pele olho sua pele não é dessa cor é minha pele não é assim pele(Ronaldo -risos) Eliane- de fulano de tal não é assim eles conseguiram entender isso eles guardaram pra si isso e levaram pra aula à tarde isso daí na sala na turma deles de sexto ano que isso é no contra turno e quando eu (14:00) vi isso eu fiquei assim de boca aberta ne porque conseguir consegui fazer com que eles entendam que aquilo não é lápis cor de pele né e detalhe é que quando eles dizem a tarde que o lápis não é cor de pele eles são corrigidos o nome do lápis e cor de pele sim e daí eles brigam com a professora dizendo que a professora Eliane disse que o lápis não é cor de pele aí temos um problema (Ronaldo risos) Eliane- é então acabei esse de exemplos de atividades que articula o conteúdo mas daí é eu posso continuar nesse aqui né (Ronaldo fica à vontade fale o que você tiver vontade é essa é a ideia) (Eliane)por que daí é não é só acho que e vou fazer o outro daí eu acho (Ronaldo não relaxa) (Eliane) implementação por que não é só através de conteúdo que eu faço implementação né eu ajo assim até hoje ninguém

conseguiu me explicar como é que eu vou registrar isso no livro de chamada é porque esses conteúdos facilmente você registra no livro de chamada implementação através do conteúdo tal na série tal mas as intervenções em sala de aula né por que situações de brincadeiras que a gente sabe que não são brincadeiras elas acontecem e através da intervenção que eu faço em sala de aula eu tô aplicando a Lei também entendo dessa maneira mas nenhuma das pedagogas até agora conseguiu me explicar como é que eu vou registrar isso no meu livro de chamada porque ele tem que ser registrado eu fiz a implementação da Lei em sala de aula com a turma tal entre os alunos tais né descrevo o que aconteceu (16:02) mas como que eu vou implementar como que eu vou registrar isso não conseguiram explicar isso aí é tá tanto em sala de aula quanto é qualquer ambiente da escola entre professores entre funcionários entre uma reunião ou outra essa conversar sobre isso é implementar a Lei talvez você possa me acho que agora vou mudar entrevista (Ronaldo risos) Eliane (risos) é eu não não consigo entender e elas também não consegue me explicar como é que eu vou registrar na verdade nenhuma dela tem o curso não tem discussão nenhuma sobre isso agora que uma pedagoga está sendo coordenadora da equipe multidisciplinar né mas a gente sabe que a equipe multidisciplinar não cuida só da Lei 10639 e da 11645 enfim é eu acho que agora é os objetivos das Leis 10639 e 11645 eu acho que eu acabei falando já eu vou tentar repeti é objetivo pra mim é fazer com que o aluno se sinta parte da educação né ele vê lá os seus todos os seus colegas a maioria dos seus colegas é negra né mas ele vem e todo o conteúdo que não fala sobre ele não fala sobre os seus familiares sobre os seus descendentes não fala da sua cultura né (18:05) eu entendo que o objetivo da Lei e é essa é esse né fazer com que ele se sinta parte disso tudo aqui a população do Brasil é mais tem 50% negros a população de Colombo né que é a famosa cidade Italiana ela é mais de 30% negra como assim que é uma população italiana onde que nós estamos então nós estamos aqui se nós estamos aqui nós devemos ser representados né ele tem uma professora negra que não que não consegue falar sobre isso ele tem um professor de história que não consegue falar sobre isso né aí por isso eu me sinto no dever de conversar sobre isso com eles né não só sobre isso e vários outros temas é essa as Leis na universidade não como eu fiz hoje (Ronaldo os dois) (Eliane) os dois quando eu fiz eu comecei em 2000 terminei em 2004 cursei eu acho que onde você estudou você estudou na UTFPR na UTP (Ronaldo hurum) (Eliane) também em momento algum eu ouvi falar sobre isso nunca nunca em

momento algum comecei 2000 e terminei em 2004 nunca é eu voltei pra universidade só em cursos de extensão então em 2009 então que eu fiz o primeiro curso do tema na UFPR (20:04) eu imagino que tenha na grade curricular agora não sei não sei te dizer como é que estão não sei mais tem necessidade sim é claro tem que ter né pra que quando ele chegue aqui na sala de aula ele não faça besteira (Ronaldo sim) eu posso voltar numa (Ronaldo fica à vontade) (Eliane) eu lembrei agora aqui em conteúdos que quando eu trabalho com eles os conteúdos exemplos de atividades que articulam conteúdos matemáticos e relações étnico raciais eu lembrei que no nono ano eu vou começar trabalhar com eles agora porcentagem eu acho que isso que eu vou fazer com eles agora que o ano passado eu trabalhei já com ele ne e pretendo esse ano novamente é eles têm muita dificuldade em saber se identificar como negros né eles querem que a gente o faça professora eu sou negro ou sou branco eu sou o que eu pego aquela definição do que é ser negro no Brasil né aquele índices os índices da população Preta os índices da população parda e como eles são muito próximos então fazem parte da mesma categoria negros eu trabalho aqueles gráficos com eles é em porcentagem trabalho aquele eu não lembro de quem é agora mas eu trabalho aqueles aqueles gráficos aqueles é itens de de que que acontece com a população é preta em relação ao trabalho qual é o índice qual é o índice é social (22:06) qual é o índice financeiro como são muito próximos então fazem parte da mesma categorias claro que você sabe né me eu tô tentando explicar risos que agora não me lembro (Ronaldo não tranquilo tá muito claro) as preocupações dos professores professoras em relação a Matemática e a questão racial é um absurdo mas eu já ouvi em conselho de classe que o aluno tal o aluno pretinho tal não entende Matemática porque ele é preto eu já ouvi dá vontade de xingar né é mais aparte isso a preocupação dos professores é que não tem conteúdo não tem conteúdo para se trabalhar o tema é eu acho que é isso eles acham que alguém tem que procurar tudo pra ele e dar de mão beijada ele não querem estudar a verdade é essa essa participação do professor na realização de projetos a minha participação (Ronaldo sim) não tenho projeto não (Ronaldo você faz alguma oficina algum curso você ajuda a organizar esse tipo coisa) já ajudei já ajudei quando trabalhava no Lacerda junto com o Neuton ele era coordenador de uma equipe e eu era coordenadora de outra nós tínhamos duas equipes é o trabalho lá é bem bacana quando eu trabalhava lá sim nós tínhamos projetos nós elaborávamos oficinas para o grupo de professores que fazia a o curso mas eu vim trabalhar só aqui e aqui não não participo participei fui

coordenadora da equipe aqui por algum tempo mais me cansei me cansei de ser a coordenadora aqui porque os colegas querem apenas assinar a lista de presença os colegas não querem participar de oficinas e quando vem é fazem pouco caso então eu cansei eu acho que outras pessoas tem que tomar tomar a frente eu acho que na escola quem deveria ter obrigatoriamente o curso da equipe multidisciplinar primeiramente as pedagoga e a equipe diretiva da escola obrigatoriamente eu entendo assim como é que você vai é instigar o seu professor a estudar essa questão racial se você não sabe discutir sobre isso você não sabe fazer uma intervenção você não sabe auxiliar o seu professor numa discussão (26:05) então primeiro que tem que ter essa essa discussão equipe pedagógica a equipe diretiva equipe gestora da escola por isso que eu sair alguém tem que se mexer pra fazer isso né a semana da Consciência Negra é sempre tinha que fazer tudo pronto ninguém fazia nada então cansei cansei disso não quero faço os meus trabalhos produzo com os alunos tudo isso que eu disse de conteúdo e eles são serão produzidos ainda em cartazes para exposição e é o que vai acontecer eu acho que os outros também preciso estudar sobre isso pra fazer também o trabalho pra fazer com que o seu aluno também se sinta parte da sua aula da sua escola da sua equipe pra fazer com que seu professor se sinta parte de sua equipe por isso eu não participo mais de nenhum projeto já participei (Ronaldo e quais eram estes projetos você pode desenvolver eles) (Eliane) posso é uma vez por mês então nós elaborávamos oficinas pro pros participantes da equipe lá no Lacerda aqui não (Ronaldo E como que eram estas oficinas) chamávamos um professor uma professora que tivesse é um trabalho sobre o tema sobre a Lei 10639 pra expor o seu trabalho pra todos os membros da equipe né ao final de de cada ano isso nós fizemos por 3 4 anos eu acho se não foi mais e ao final de cada ano cada membro da equipe tinha que produzir o seu próprio material (28:00) em forma de cartaz em forma de vídeo em forma de áudio mas tinha que que escolher um tema de dentre e todos aqueles que foram trabalhados durante o ano ele tinha que se expor o seu material no final do ano só assim que a gente dava um curso né da equipe multidisciplinar e acaba finalizado e as as oficinas eram sobre racismo na escola sobre identidade é cabelo eu não me recorro de todos os temas agora mas eram vários temas e religiosidade várias e vários temas nesse sentido (Ronaldo pode ficar à vontade ouvindo aqui e montando aqui) sobre os projetos tá bom (Ronaldo você acha que está bom excepcional está ótimo) (Eliane) ai estou me lembrando tá (Ronaldo tá não precisa estar na ordem se quiser retornar fica à vontade) (Eliane) eu lembrei de mais

um exemplo de atividades que articulam conteúdos e matemáticos e relações étnico raciais só que daí esse não tá atrelado ao conteúdo de novo é era uma turma bem difícil e eu não tinha como trabalhar com eles sobre esta questão de de respeito de eu queria um harmonia maior na turma e trabalhei com eles então os heróis heróis negros mas eu não queria o herói negro por exemplo o Barak Obama não queria o herói negro famoso (30:04) cada um teve que pesquisar um herói negro dentro do seu bairro (Ronaldo Hurum) dentro da sua comunidade e o trabalho ele tinha que ser feito a tinha a tinha que mostrar fazer a biografia e dessa desse herói negro do bairro e apresentar para os outros colegas assim a gente consegui é harmonizar um pouco mais a turma lembrei de mais esse (barulho de cabos do computador pois acabou a bateria e tive que altera o esquema de gravação) eu achei que já tivesse falado eu aqui já (grito de alunos) as contribuições da Lei 10639 ou tem um bem parecido acho que não as contribuições da Lei 10639 é eu vejo que a Lei ela tinha tudo pra dar certo ela tem tudo pra dar certo é pra que nosso aluno ele se sinta parte disso tudo que a gente tem pra que ele tenha e saiba tudo o que aconteceu historicamente com a população negra que ele saiba que nós hoje nós somos é deixados à margem da sociedade não é porque ele não teve oportunidade não é porque ele não tem chance porque ele não quis e sim porque não somos excluídos como passar do tempo a Lei da minha ao meu ver serve (32:04) pra isso pra que ele entenda o porquê que ele está onde ele está né por que ele tenha condições de lutar de de querer coisas melhores pra você que você não não é você que tá numa condição ruim você não é obrigado ficar aí né você não teve chances né você foi jogado aí mas você faz parte da população negra nós somos a maioria do nosso país nós temos direitos sim nós temos todos os direitos que toda a população branca também tem tenho direito a estar na escola tem o direito de ir ao cinema eu tenho direito de frequentar o shopping eu tenho direito de ir à faculdade aí eu a gente tem que brigar por isso não posso acreditar simplesmente e no que me dizem que eu não sou capaz não sou capaz sim sou capaz eu mereço sim né contribuição da Lei assim bem rasa eu acho que é isso fora que tudo que eu acabei falando misturei tudo agora definição de democracia racial humm eu acho que não existe não existe democracia racial e um mito alguma coisa que que disseram que existem mas ela não existe democracia racial se eu tenho que incentivaram o meu aluno negro a vir pra aula né (34:02) porque ele tem que trabalhar porque ele tem que sustentar sua família porque ele tem que ajudar na renda familiar (Ronaldo hurum) mas eu tenho que dizer pra ele olha você meu aluno negro você

precisa vir pra aula você não pode acreditar no que as pessoas dizem pra você que você não é capaz você é capaz sim (Ronaldo hurum) democracia racial se a todo instante você é excluído a todo instante tão dizendo que a cor da sua pele não é a cor que combina com a escola não é a cor que combina com a novela não é a cor que combina com a propaganda de banco não é a cor que combina com produtos de maquiagem produtos de beleza teu cabelo não combina né isso é democracia racial não é democracia racial é triste eu acho eu fico muito triste mas eu tento é transformar essa tristeza em vontade de trabalhar mais e mais e mais e mostrar pro meu aluno que ele é capaz sim e a todo instante afirmando que eu sou mulher negra que meu cabelo é negro sim é afro sim e vai continuar sendo que mesmo as pessoas é querendo que eu não seja negra continuarei sendo negra e vou trazer cada vez mais alunos que ainda estou em dúvida sobre há se são negros ou não cada vez mais alunos identificando como negro sim né através de todos os exemplos através de todas as afirmações positivas (36:01) cada vez mais alunos se identificaram como negros se depender de mim eu acho que é isso eu acho que eu já falei tudo que eu tinha pra falar (Ronaldo) desde já quero te agradecer Eliane neném ao mesmo tempo eu queria colocar à disposição se você tem alguma em alguma coisa sobre a questão do racismo que porventura não não esteve nessa é perguntas provocativas que você gostaria de falar né que você fique à vontade a respeito também uma coisa que eu onde você busca materiais se você tem ideias eu acho que é importante destacar isso também é basicamente seria essas perguntas assim que me gerou um pouco mais de dúvida (Eliane)hurum você pode repetir a primeira (Ronaldo) a primeira se você tem alguma coisa que porventura não não (Eliane) esteve aqui (Ronaldo) não esteja ou não passou e você gostaria de externar de registrar isso (Eliane) eu acho que aqui todas elas contemplaram o que eu tinha pra falar mesmo gostei de todas elas é se eu me lembrar eu vou falado vou dizer sobre onde há eu eu busco materiais eu gosto bastante do material produzido pelo PDE eu gosto muito de fazer é Matemática né ofertada pelo PDE mas quando ela quando ela está atrelada a questão é 10639 eu sempre procuro fazer (38:00) porque os professores estão fazendo sempre trazem materiais bacanas sempre tem também sugestões para trabalhar em sala de aula e a discussão lá é muito boa então eu procuro sempre fazer porque sempre tem algum material que eu posso utilizar também procuro materiais é no site Geledes eu acho que assim se pronuncia Geledes tenho alguns é livros que agora não vou me lembrar o nome as diretrizes tem muito material pra ser trabalhado lá e

vou levou lendo vou pesquisando vou procurando e sempre que alguém me dá um material eu guardo eu tenho todos os materiais que eu utilizei na no curso de extensão que eu fiz na pós eu tenho todos materiais os arquivados tudo guardado sempre tô ledos todos os materiais do PDE acho que três ou quatro que eu fiz até agora na área da 10639 eu tenho todos eles arquivados guardo guardo sempre eu tô utilizando não lembro de mais nenhum lugar não lembro mesmo. (Ronaldo) há uma coisa assim que você externou é sobre a questão de ser negra mulher e Matemática e eu gostaria que você se colocasse um pouquinho mais porque eu confesso eu também tenho essa mesma cobrança por parte das pessoas de se colocarem mais(40:01) como negro como que é essa questão de você de racismo com a sua pessoa (Ronaldo) isso se você quiser (Eliane) tudo bem o meu pai e negro a minha mãe ela é indígena então saiu eu só que meus avós é eles são então negros e portugueses então saiu eu sou a primeira filha com a pele escura a segunda filha saiu com hoje eu entendo que ela tem os traços negroides mas ela tem a pele branca a terceira filha é negra também ela ela não tem essa identificação que ela é negra mas ela me ouve falando demais então ela as vezes ela deixa escapar que ele é negra quarta filha branca a pele branca mas com traços negroides também nariz cabelo boca mas elas as duas que tem os traços negroides mas pele branca elas se identificam como brancas mesmo sabendo que o pai e negro e uma questão é individual delas não vou é não vou dizer olha sê não tá vendo tá vendo no espelho aqui olha o teu nariz olha tua boba o teu cabelo não vou dizer isso mas sempre procuro dar material nesse sentido pra que elas é entendam um pouquinho mais (42:01) mas as brincadeiras quando nós éramos crianças era sempre é a do meio a bran a que se diz branca me usando como escravinha dela me chicoteando nas costas então é isso até hoje quando eu lembro isso me chateia um pouco né eu passei a vida inteira brincando disso e não sabia que elas tavam sendo maldosa comigo elas também não sabia elas não tinha culpa né me marca até hoje isso mãe sabia pai sabia via mais adultos né viam e não não interviam naquela situação é e o cabelo sempre tive uma cobrança muito grande por causa no cabelo meu cabelo foi sempre o ruim meu cabelo foi sempre o feio sempre o desarrumado sempre o cabelo bandido armado o preso né as brincadeirainha é sempre e isso não parece mas isso chateia demais é isso foi sempre desde criança adolescência fase adulta mas e agora eu consigo eu consigo enfrentar tudo isso conseguiu enfrenta tranquilamente é sempre tive olhares em cima de mim é quanto é todo lugar que não tem outras pessoas com o mesmo tom de pele que o meu sempre chata sempre

andando atrás de mim por uma loja de roupa e isso me traz um trauma muito grande que eu odeio Shopping odeio lojas (44:00) sou uma mulher que odeia lojas porque sempre tem alguém atrás de mim sempre tem alguém olhando pra mim olhando no que eu tô mexendo achando que eu tô roubando né eu não entendia que isso tem a ver com a cor da minha pele eu não entendia o que isso tem a ver com racismo eu não entendi o que estava sofrendo racismo é na escola quando eu comecei a trabalhar nessa escola aqui eu sempre ficava professora nova eu sempre ficava afastada do grupo e um dia me disseram que eu não sentava com o grupo porque eu tinha que sentar na senzala aí eu não consegui me defender naquele momento eu não conseguir eu não tinha eu acho que eu tava sofrendo tanto que eu não consegui não consegui me defendeu naquele momento hoje não hoje eu choro de lembrar de tudo isso mas eu consigo me defender tranquilamente tranquilamente disse meu lugar é aqui sim eu estudei passei no concurso e eu estou aqui e aqui vou permanecer e não (...) eu não estou na senzala numa escola é você e como professores e professoras deveriam estudar um pouquinho mais sobre isso né mas enfim eu sabia que eu ia chorar por isso que eu queria ter falado já a minha filha minha filha hoje ela tem 12 anos desde pequenininha ela se ela e ela afirma com muita facilidade que ela é negra ela desde pequena ama o cabelo dela é a cor da pele dela e ela consegue afirmar pra (46:01) qualquer pessoa que ela é negra sim e o que o cabelo dela é lindo ela consegue afirmar isso pra qualquer pessoa com 12 anos e ela sempre fez isso então é uma questão de educação mesmo né é uma questão de nós educarmos as nossas crianças a verdade é essa eu não não acho que nós vamos conseguir mudar os adultos que nós já temos nós não vamos mudar eles pensam assim vão continuar pensando assim eles pode respeitar um pouco mais mas ele continua pensando que a minha pele é feia que meu cabelo é feio e que eu não mereço estar aqui mais se eu educar as crianças lá os meus pequeninhos o meu sexto ano que ele sabe que aquele lápis cor da pele não é a cor da pele dele que ele vai crescer um adulto melhor ele vai querer ser um adulto mais carinhoso adulto mais compreensível uma adulto educado um adulto que não seja racista eu acho que é isso (Ronaldo) desde já muito obrigado tá eu espero que a gente volte a conversar outras vezes qualquer duvidas que por ventura ter vou vir a te chamar e mais pra frente a gente é o passa a documentação para a gente formalizar (Eliane tudo bem) Ronaldo mas esse relato emocionante foi muito bonito e e agradeço muito mesmo de você abrir o coração pra

gente a gente descrever algumas coisas que a gente está vivenciando nesse dia dia
muito obrigado (47:56)

APÊNDICE 5: TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA PROFESSORA NEIDE DOS SANTOS RODRIGUES

Nome da entrevistada: Neide dos Santos Rodrigues

Local da entrevista: Residência da filha da entrevistada.

Nome do entrevistador: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva

Transcritor: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva

Data da entrevista: 10/10/2016,

Período: Tarde, horário de início da entrevista, 14:20

Tempo de duração da entrevista: 00:32:12

Data da transcrição: Outubro 2016

Entrevista com Dona Neide Barulho para arrumar a mesa Dona Neide Olá Ronaldo prazer que você esteja aqui conosco(01:)Antes de mais nada eu gostaria de agradecer a senhora pela disponibilidade ao mesmo tempo pedir desculpa pela correria e uma série de coisas então eu tô realizando essas essa pesquisa (02:00) e essa pesquisa eu vou usar uma metodologia chamada História Oral e na história oral a gente tem eu vou buscar utilizar algumas frases Chaves A senhora vai responder é claro se sentir à vontade não há necessidade de responder ou de utilizar essas são onze palavras chaves a senhora vai discorrendo sobre o que a senhora tem vontade de falar sobre essas palavras chaves e se assim se vai então para iniciar eu gostaria que a senhora falasse o nome da senhora o RG e fizesse o histórico geral da Dona Neide onde tá senhora se militou onde militou um breve resumo do que seria dona Neide para que a gente possa é contextualizar e dá uma forma não é apenas uma entrevista mas é uma série de informações que a senhora é pode nos brinda eu vou dar uma espalhado aqui não há necessidade de ordem a ordem quem faz é a senhora tá então agora eu peço a senhora se divertir usando essas palavrinha que estão aí a sua frente (Dona Neide) Meu nome Neide dos Santos Rodrigues meu RG 990 027-6 eu sou paulista de Ituverava nasci em 25 de Setembro de 1946 portanto 70 anos tive 40 anos é trabalhando na educação e hoje eu moro em Iretama me aposentei lá já tem 34 anos que eu estou em Iretama e tenho tive três filhos um faleceu hoje tenho um casal (04:00)é e gosto de ler de estudar tanto que que terminei o mestrado há um ano e pouco né depois que eu me aposentei que eu fui fazer o mestrado í participei na na na escrita do livro Africanidades Paranaenses eu sou uma das autoras que a Lena

foi coordenadora trabalho é Matemática é in trabalhei com os alunos lá da da Universidade a oficina de jogos africanos e e a escravização no Paraná trabalhei também com os alunos tanto do curso de Matemática quanto do curso de História e tenho trabalhado com os professores né praticamente todos os fóruns eu tô lá trabalhando a ideia essa esse jogos e em forma de oficina e além da escravização do Paraná que a gente fala então a minha pesquisa de de Mestrado Eu fiz curso de pós-graduação dois em de Matemática inclusive um e educação Matemática e outro e educação para o ensino religioso e fiz o o a pós de História e Cultura Africana aquele que a gente fez aqui em Curitiba e depois de passado algum tempo eu vim fazer mestrado meu mestrado também a pesquisa foi sobre escravização falei de escravização de um modo geral escravização no Paraná especificamente e na região de Guarapuava onde analisei um processo crime de um escravo que assassinou o seu escravizador então isso é um pouco de mim sou uma pessoa que gosta muito da vida é sorrio muito as pessoas falam que não sabe como eu sorrio tanto mas (Ronaldo risos) (Dona. Neide)é meu jeito de ser e sobre então a o assunto aqui que o Ronaldo está colocando para mim dissertar um pouco sobre né sobre as palavras chaves que ele colocou é sobre então vou começar então com o racismo no Brasil que é mais amplo é a gente sabe né que o tanto de tempo que foi utilizado que teve racismo no Brasil que foi a última nação que libertou entre aspas mas a gente sabe que até hoje nós não somos libertos no Brasil tem muito racismo e que eu não vou falar muito do racismo no Brasil que eu gosto de falar racismo no Paraná por que o Paraná é o estado é o estado europeu europeizado e todas esses essas pesquisas que eu fiz os livros que eu li da histó da história do Paraná então tem aqueles escritores autores que dizem que no Paraná no Paraná foi um estado diferente (Ronado) hurum (Neide) mas tem aqueles que fizeram pesquisas e sabe que não foi diferente em nada (Ronado) sim (Neide) ainda a escravização no Paraná ela é muito semelhante a tantas outras que aconteceram nos outros estra estados(Ronaldo) hurum (Neide) mesmo que a porcentagem de escravizadas não fosse tanto quanto mas a forma as relações foram as(Ronaldo) sim (Dona Neide) mesmas né nesses estudos que eu fiz me provaram isso foram as mesmas é então no Paraná não foi diferente quanto ao racismo é quanto a escravização não foi diferente (08:02) dos outros estados (Filha da Dona Neide) tá ... quer que eu deixe um pouco aberto (Dona Neide) deixa fechado por causa do barulho que vem de fora (Filha da Dona Neide) desculpa (Ronaldo) eu que peso desculpa) (Dona Neide) é racismo na escola então assim de quando criança

eu não percebia isso não percebia pelo menos é eu em relação aos professores em relação aos meus colegas ninguém me discriminou enquanto aluna enquanto (Ronaldo) hurumm (Dona Neide) criança por que eu morava em uma cidade pequena numa escola que só tinha três salas de aula (Ronaldo) sim (Dona Neide) então não não percebi esses tipos de racismo racismo eu senti depois de professora depois professor que eu senti (Ronaldo) hurum (Dona Neide) o racismo bem claro e evidente na na escola ee em e isso há quanto tempo mas a pouco tempo minha sobrinha também foi discriminada na escola (Ronaldo) hurum (Dona Neide) né sofreu discriminação na escola então a escola também é um espaço que mesmo velado discrimina e discrimina muito né aquilo parece que tá entranhado nas pessoas então a escola ainda é um ambiente muito racista que até hoje você ainda ouve os professores falaram mas pra que isso ficar estudando isso pra que ficar estudando isso mas eles passaram a vida inteira estudando Europa e porque um pouco não pode estudar a África (Ronaldo) hurum (Dona Neide) então a gente não entende certas posturas bom racismo você já disse que eu sofri racismo foi nessas circunstâncias depois de professora (Ronaldo) sim (Dona Neide) e de professor né então quando você imagina assim o professor racista a gente passa pela cabeça da Gente o que que ele faz então dentro (Ronaldo) hurum (Dona Neide) de sala de aula se ele está fazendo esse tipo de coisa com o seu colega de trabalho imagine em sala de aula o que que acontece em sala de aula (Ronaldo) sim (Dona Neide) é e (10:00) (Ronaldo) Se a senhora quiser ir guardando as fichas fica à-vontade que daí fica mais fácil da senhora se organizar tá (Dona Neide) tá (Ronaldo) eu só vou pedir para girar um pouquinho a fala da senhora para que eu possa ouvir aqui (Dona Neide) a tá ta bom assim (Ronaldo) porque às vezes não tá pegando (Dona Neide) é é em relação aí às Leis eu vou falar um pouco dessas Leis né partindo da Universidade que foi um ambiente que recentemente eu convivi e depois aplicação delas na escola e nas aulas de Matemática etc então acho assim que na nas universidades com todo a Lei 10639 e 11.645 tá ai e as universidades estão muito aquém daquilo que precisa ser porque a disciplina e eu percebi ali na Unicentro onde eu fiz lá o meu mestrado que ainda a disciplina que eles colocam a disciplina pra estudar história e cultura africana mas é uma disciplina optativa então quer dizer o aluno faz se ele quiser porque ele tem outras opções ele optar por aquela se ele quiser né (Ronaldo) hurum (Dona Neide) e a gente percebe assim que é não se tem o valor então da disciplina que deveria ter na universidade é na universidade que teria que sair os professores com essa formação

eles não saem que a disciplina optativa então faz aquele que bem entender isso não só na na no mestrado eu vi isso mas na graduação também que eu fui me informar tudo na graduação também tinha mas a disciplina mais era optativa (Ronaldo) hurum (Dona Neide) não é obrigatória e e em relação às escolas (12:04) principalmente onde eu trabalhei né não foram tantas escolas mas foi num tempo bem grande é tem aqueles professores conscientes que procuram fazer a coisa certa trabalhar de forma correta mas a grande maioria não a grande maioria faz aquilo por uma mera obrigação não é porque vê que a necessidade de si valorizar ... para que as crianças se sintam valorizadas se sintam reconhecidos como pessoas normais dentro da escola então a maioria a maioria trabalha assim mais pro 20 de novembro não é aquela aquela sequência lógica de de a cada dia tá trabalhando o que é importante pra todos quando falo trabalhar porque é importante pra todos não é também só ficar trabalhando só história da África é a trabalhar história de todo mundo (Ronaldo) hurum (Dona Neide) porque todo mundo tem o valor merece dentro do seu ambiente e então não tem ninguém maior e ninguém menor nem melhor então é trabalhar realmente a igualdade na escola tá muito difícil eu vejo que eu sempre converso é parece que os os chegantes é que não querem mesmo nem mesmo se envolver no assunto esses chegantes não querem nem se envolver no assunto a gente percebe assim também que parece que esse racismo tá tão entranhado porque que a gente percebe assim nas atitudes né não é por nada não é que chegar lá xingar a pessoa não é que você percebe nas atitudes é no olhar quando alguém fala alguma coisa então esse tipo de racismo que a gente percebe na escola (Ronaldo) hurum (Dona Neide) e isso é pior que você ser chamada de nega (Ronaldo) risos sim (Dona Neide) risos é pior que ser chamada de negra isso prejudica muito dói muito mais né dói muito mais (14:00) Então eu acho que a Lei é contribuiu mas não tanto quanto devia já passou muito tempo já passou muitos anos que a Lei foi criada né (Ronaldo) hurum (Dona Neide) 2003 nós estamos em 2016 então já era para muita coisa te mudar muita coisa mudou mas muito pouco essa é minha opinião acho que mudou mas mudou muito pouco né porque ainda acontece as mesmas coisas que aconteciam o negro não é chamado pra fazer determinado papel na escola nas datas festivas o negro não é lembrado não é esse tipo de coisa continua acontecendo e não era pra acontecer mais então a Lei tá aí mas não foi não teve efeito que a gente esperava que tivesse (Ronaldo) hurum (Dona Neide) tanto uma quanto a outra né que um complementa a outra (Ronaldo) sim (Dona Neide) é essa participação né de professor em projetos eu acho que o problema

é o seguinte como a Lei determina ou seja enfatiza determinadas disciplinas (Ronaldo) hurum (Dona Neide) as demais disciplinas acham que ela não tem obrigação nenhum então sempre fica na na responsabilidade de alguns para tá pensando o projeto para tá expondo pra tá né (Ronaldo) hurum (Dona Neide) trabalhando etc e tal e a gente sabe bem pra funcionar pra uma certa funcionalidade de tudo isso teria que todos está trabalhando dentro dos projetos ou fora dele que não precisa ser dentro de um projeto pode ser fora dele né é porque sempre fica naquele Isso é coisa do professor de Matemática ou Isso é coisa do professor de história (Ronaldo) hurum (Dona Neide) ou Isso é coisa do professor de português(16:00) né não é função minha (Ronaldo) hurum (Dona Neide) eu não sei se você respeitar o próximo é função de alguém (Ronaldo) risos (Dona Neide)em específico (risos) é então eu volto a dizer as a Lei contribuiu sim mas muito pouco no meu entender e essa aplicação da Lei nas aulas de Matemática é poderia ter poderia ser melhor porque se se o seu professor explorasse realmente né a história da Matemática que a gente sabe de onde que veio a história da Matemática (Ronaldo) hurum (Dona Neide) se os professores se se dedica-se a ler os textos do Henrique Cunha Júnior né que traz a engenharia lá dos países africanos lá tudo que tinha que tá aí hoje a nossa (Ronaldo) hurum (Dona Neide) volta e ir trabalhar até à filosofia africana de certos povos africanos que essa filosofia traz muito de Matemática então eu eu digo que daí as coisas seriam bem melhores né á o envolvimento de todos seria bem melhor por que porque o professor foi buscar o conhecimento e o que é mais difícil hoje é o professor busque esse conhecimento eles fazem aqueles estudo fazem aquele estudo de textos lá que o governo manda que tem uns textos relacionado né (Ronaldo) hurum (Dona Neide) com a diversidade mas ainda é muito pouco é uma coisa muito superficial eles fazem aquilo muito obrigado (Ronaldo) hurum (Dona Neide) por quê é aos sábados o único dia que o professor poderia ficar em casa tem que ir pra lá e tem que fazer curso de de (Ronaldo) sim (Dona Neide) obrigado (18:00) pelo estado então é uma coisa que não funciona muito e e e dentro da disciplina de Matemática dá para fazer muita coisa né eu digo isso porque eu professora de Matemática eu vejo ajudei a Rosa Margarida fazer aqueles textos que seriam seria um livro pro governo do Paraná pra distribuir todas as escolas que daí foi abordado por que era o Richa e o Richa perdeu (neste trecho entendo que foi o governo de Roberto Requião) aqueles textos era um textos maravilhosos era assim era um material realmente destinado ao professor porque a Rosa Margarida ela faz coisas destinadas ao professor ao professor trabalhar o racismo é então ali

também tinha né aquela parte que envolvia a Matemática Física química e que a gente né trabalhou encima disso pra pra ela colocar no livro é que demonstra que em Matemática também pode-se se fazer muita coisa e o professor de Matemática. é mas Matemática não dá para trabalhar trabalhar racismo matemático dá para fazer isso Matemática não dá pra fazer aquilo então e dá é só querer entendeu os jogos é uma tá aí nos jogos você trabalha é é a Matemática você trabalha a história você trabalha a geografia você trabalha é a maneira do dos povos da vivência daqueles daqueles povos determinado (Ronaldo) hurum (Dona Neide) lugares o nome que eles davam as coisa a forma que eles jogavam é então a filosofia do jogo o porquê o porquê daquele jogo (Ronaldo) hurum (Dona Neide) que ele mostra Filosofia de vida né você é conhecedor de quantos jogos de Matemática você sabe disso e por que que professor de Matemática fala que não e se e quando você entra no jogo você vira criança você entra no jogo você vira criança (20:01) Isso é incrível você pode ter 70 80 60 50 20 você vira criança você você quer ganhar você fala não você não fez isso você errou não é assim que faz então você vira criança que é uma maneira mais fácil mais bacana mais gostosa de se aprender do que dessa forma então professor de Matemática não pode reclamar meios tem só que ele tem que buscar (risos) né é definição de democracia racial não sei defini democracia racial eu não sei se realmente nós temos democracia racial é a Lei de democracia aqui ela está servindo até agora aonde está essa democracia racial eu quero saber o que é democracia a onde está então se você não vê democracia e muito menos racial não tem que definir democracia racial seria uma vivência dos povos em harmonia aonde que está isso principalmente aqui em Curitiba que a gente sabe como é que é a gente convive muito em Curitiba a gente vê como é que é como é linda essa democracia racial aqui em Curitiba como que as pessoas convivem e a Lei eu acho que até hoje eu não vi fruto da Lei né que foi criada sobre democracia racial né foi aprovada etc e tal mais é atividades que articulam conteúdos matemáticos e relações étnico-raciais então como eu disse dentro é do contexto histórico africano tem-se muitos conteúdos matemáticos que podem ser relacionados com a educação ou com as relações étnico-raciais muitos muitos é um conhecimento muito muito rico e quanta coisa eles trouxeram para o nosso país e também para o nosso estado vocês tem que ir no Teatro Paiol da vida né que a riqueza Matemática daquilo ali é construção de quem quem trabalhou ali né (22:36) estrada de ferro tem tanta homenagem com o nome dos Engenheiros (risos) só que nunca falam que eles eram negros né então quanta coisa você pode fazer a

relação né quanto aqui no Paraná mesmo a gente tem muita coisa de de Matemática em tudo o que você pensa aonde o negro pôs a mão e que pode ser aproveitado eu que repassei quase que o Paraná tudo para fazer minha pesquisa então tem muita coisa muita sabe muita coisa mesmo é que dá para fazer essa relação não é só construção em muitos outros conhecimentos de história de geografia que se pode fazer relação com a Matemática e com as relações étnico-raciais lógico quando falo Geografia História tô falando geografia história do nosso povo né não é do outro lado da moeda do nosso povo que você pode fazer relação é só você querer é só você estudar um pouquinho porque sem sem você também não pode fazer uma relação sem estudar sem conhecer sem conhecer não tem jeito e é esse o nosso maior problema eu acho que o professor tá muito (24:04) tá muito muito acostumado aquela coisinha pegar um livro vamos fazer coisa do livro e de repente até no livro alguma coisa que tenham no livro ele pode relacionar ele pode relacionar né (Ronaldo) sim (Dona Neide) então eu acho que é isso Ronaldo (Ronaldo) bom Dona Neide a senhora sempre coloca que tem e que nós temos muitas muitos meios para trabalhar a questão eu queria que a senhora falasse um pouco de quais foram as fontes teóricas que a senhora tem dessas pesquisas que a senhora fez até agora se tem ou se não tem (Dona Neide) eu fiz li muitos textos do mundo do Henrique porque o Henrique e traz pra gente muito sobre engenharia né e ele traz de uma forma que você entende que você sabe então como né nossa o Henrique que traz para a gente até a Teoria do Caos relacionado com a deusa né então é muito é uma coisa assim apaixonante porque ele faz uma relação muito bonita da da história e de dentro da Matemática né ele ele tem muitos geometria dos fractais e vai por aí afora então o Henrique tem uma pesquisa muito e você que ele não tem quase livro né porque ele não consegue iam é que as pessoas é a tenham coragem de publicar um livro dele e e os textos dele nossa ele tem muitas texto dele eles são muito interessantes e (26:00) até o livro de Matemática Matemática do Mundo Inteiro tem muita coisa interessante de Matemática africana né lá naquele livre tem muita coisa interessante basta você atentar porque ao passar você nem percebe mas quando você para e analisa o que você vê que é muita interessante Matemática de todo mundo então ali tem muita Matemática africana e que para mim foi muito bom é os livros da Margarida também ela tem direcionada professor mesmo tem muita coisa boa porque daí através do que ela põe você vai puxando outras coisas né então tem esse material também que é muito bom e aí você pega livros livros até para você tirar fazer uma conclusão fazer uma comparação você

pega até os livros é mais comuns que tem aí pra analisar pra você ver o que o que foi foi tem de Matemática ali que você pode incluir a Matemática a o conhecimento africano ali dentro né até os livros usuais que a gente usa de Matemática normais que cada escola que tem um e de teoria mesmo né eu usei muito gosto muito do Henrique a Margarida traz muita teoria tem muita prática mas tem muita teoria eu usei Gerdes também o Paulus Gerdes que ele traz bastante conhecimento matemático e e aquelas aquelas figuras africanas que você faz da muita tem muita Matemática ali dentro que também que pra min foi muito bom eu ter conhecimento acho que eu tô lembrando (28:00) acho que eu tô lembrando é mais ou menos (Ronaldo) a senhora cita Margarida (Dona Neide) Rosa Margarida o nome Ela é mineira (Ronaldo) é daqui da Unoeste (Dona Neide) não ela de ela tá morando agora em Uberaba Mas ela é de Belo Horizonte mesmo agora e ela terminou o mestrado dela também faz pouco tempo é uma professora muito muito pesquisadora ela pesquisa muito sabe eu li também livros assim para ter uma ideia de como é a África e como eles convivem lá o que que eles fazem eu li muitos livros de história história mesmo de história que é Shalom para ter a base histórica filosófica né base não a base de Matemática mas você tem que lê senão você não chega na nossa história da Matemática eu li livros li li vixe li uma carrada não lembrar tudo agora é mas então a base é essa eles têm muita eles tem muita Matemática Matemática africana dentro dos seus textos né Paulo Guedes você deve conhecer ele é ótimo os livros deles eu gosto eu gosto da proposta dele ou Henrique Cunha não sei se você conhece o texto dele também que está fazendo mestrado educação Matemática tem que ler os livros então foi esses textos e que mais me fez eu eu fazer a minha relação de estudo da Matemática com as relações étnico-raciais (Ronaldo) bom a como essas perguntas provocativas né a princípio a gente tinha tentando conseguir teria alguma coisa que a senhora gostaria de colocar de falar os professores de Matemática e que não não foi colocado dentro dessas perguntas chave alguma mensagem que a senhora gostaria de deixar (Dona Neide) eu só gostaria de colocar assim que a Matemática é eu acho uma das disciplinas mais lindas que tem na nu no currículo desde que cada um trabalhe de forma a tornar esses esses estudo dessa Matemática bonito que a Matemática ela é bonita ela constrói coisas maravilhosas e então queria dizer para os professores de Matemática que apesar de dos alunos não gostarem da Matemática que eles acham difícil que a forma como nós aprendemos e a forma como nós repassamos e eu aprendi isso depois de muito tempo que depende muito da forma que você coloca o aluno gostar da Matemática que ela

é é linda e que constrói coisas maravilhosas de que a gente esteja atento a cada a cada detalhe. (Ronaldo) então desde já eu gostaria de agradecer pela disponibilidade de tempo né e é ee espero poder ter a oportunidade de outras vezes a gente vir a conversar é eu vou passar depois toda documentação pra Senhora pra senhora assinar mas acho que desde já muito obrigado pela atenção (Dona Neide) imagina Ronaldo

(Ronaldo) encerramos aqui a nossa entrevista com Dona Neide no dia 10-10-2016. Muito obrigado.

APÊNDICE 6: TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DO PROFESSOR RONALDO TOMAZ DE A. SILVA

Nome do entrevistado: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva

Local da entrevista: Sala de trabalho do Prof. Emerson Rolkouski do centro Politécnico

Nome do entrevistador: Marcos Aurelio Zanlorenzi

Transcritor: Ronaldo Tomaz de Andrade Silva

Data da entrevista: 08/12/2015,

Período: Noite, início entrevistas as 18:05

Tempo de duração da entrevista: 1:25'

Data da transcrição: Dezembro de 2016

(14':22") Estou aqui colocando as 11 frases chaves pra gente falar sobre estas 11 frases chave e ao final a gente vai pedir intervenção do professor Zan sobre as coisas que aqui foram postam então a princípio eu vou começar com o racismo no Brasil é de maneira geral acho que o Brasil ele não superou essa questão do racismo ainda é embora a gente tenha algumas políticas e eu acho que nos últimos anos últimos 13 anos foram anos de muita é onde se criou algumas políticas para tentar sim é é melhorar não digo melhoras mais é minimizar um pouco a questão do racismo no Brasil a gente teve poucas poucas ações ainda concretas tanto é que se você analisar aa o que as pesquisa algumas pesquisas eu falo pesquisa do nosso dia-a-dia de jornais mesmo é você vai verificar que por parte da população negra existe um certo ceticismo em relação àà ao cumprimento de determinadas coisas e até mesmo o cenário que a gente vê de mortes principalmente de jovens negros de é do nosso dia a dia (16:03) como uma pessoa negra a gente vê muitas muito pouca coisa que se mudou então por conta disso eu acho que o racismo no Brasil ainda é tem muito a caminhar para que ele reduza né pensar sim que será eliminado acho que isso não é pensando pragmaticamente (risos)⁸² isso acho que não vai acontecer o meu sonho é que isso aconteça é que todo mundo seja tratado de maneira igual né de maneira equalizadora né que eu sou igual não adianta eu penso que nós temos um caminho um percurso enorme ainda a seguir para que a gente reduza é a questão do racismo

⁸² Risos pois a palavra pragmática, nos gerou muitas discussões em relação ou que é ser imediatista, juntamente com outro professores como Emerson Rolkouski e Carlos Viana.

aqui no Brasil né é que todos têm os mesmos direitos que todos tenham as mesmas oportunidades acima de tudo né porque a oportunidade que faz com que a gente se sobre sobreponha ou as pessoas se coloque as pessoas se enxerguem né então as oportunidades e que faz uma diferença enorme então por conta disso acho que a gente tem muito ainda há a seguir bom vou falar aqui de as profes preocupações dos professores em relação a Matemática questão racial aí eu tenho muita preocupação porque nós temos muito o melhor nós temos trabalho mas ainda são trabalhos que não tem devida organização ou melhor a gente não tem acesso (18:01) a alguns trabalho não digo acesso mas a gente não tem isso sistematizado de uma maneira mais prática que assim pensar que todos têm tempo para fazer pesquisa que era o correto que todo Professor tivesse tempo para se fazer pesquisa para si estudar para buscar materiais novos e assim se vai infelizmente a gente não tem ainda essa é essa é essa possibilidade né é claro a gente vem avançando né eu acho que de uns 13 anos para cá a gente conseguiu algumas conquistas como a própria questão da hora-atividade é dentro das escolas os 33% piso nacional então tá uma série de coisas faz com que o professor tenha mais tempo para trabalhar essas questões e outra coisa é como trabalhar essas questões dentro de sala de aula né é ainda a gente tá muito preso a questão do do voluntarismo Isso é uma questão que eu acho assim é muito preocupante porque se vai se tratar da questão de Matemática e as questões étnico-raciais mas de maneira voluntária não é de uma maneira sistemática de uma maneira que a gente possa é construir não vou dizer medir mais que a gente possa é construir algo mais sistematizado então eu acho que a gente tem que ter um pouco mais dessa preocupação é de e trabalhar essa questão étnico-racial dentro de sala de aula (20:01) a a nesse sentido aí vem a Lei então a Lei por si só ela ela não é capaz de fazer muita coisa né vou usar as palavras do Celso⁸³ lá que quando disse as Leis no Brasil elas são construídas algumas pegam e outras não então a Lei tanta 10639/03 quanto 11645/08 elas são ferramentas muito importantes e elas não foram é construídas por acaso e a gente tem que colocar os créditos aqui que toda essas essa Lei a construção dessa Lei ela veio de uma organização principalmente dos movimentos sociais pra que ela é ela viesse a ser construída né então não foi uma benesse não foi uma foi uma construção eu acho que foi um ato importante por parte do estado de disse criar essa Lei é é eu acho que em 2003 quando ela foi a primeira Lei é que foi implementada

⁸³ Celso Silva Santos -

né foi assinada né não implementada mais assinada então vê ela veio de uma forma muito bonito para coroar entre aspas toda a luta para se construir esses pra se demonstrar que o estado tá criando tá criando possibilidades para se reduzir essa questão do racismo dentro do Brasil e ao mesmo tempo mostrar que essa (22:02) população que é mais de 51% da população brasileira é ela tem que ter o seu espaço ela tem que ocupar o seu espaço é na verdade é de uma maneira muito tranquila porque hoje nós temos diversos espaço onde os negros não se não não não estão lá dentro então a Lei ela vem pra contribuir para que essas pessoas têm a possibilidade de estar nesses espaços e fazer a diferença nesses espaços né e é penso eu que é a partir do momento que você confronta o diferente né que traz a possibilidade de se debater sobre o diferente é as coisas acabam melhorando é claro que no primeiro momento existe uma certa resistência ao diferente mas esse ato de debater sobre o diferente é muito bom é muito bom converso com alguns amigos que não são negros e eles colocam nossa é mesmo eu tô achando uma coisa muito importante principalmente na universidade sobre essa questão de o diferente tá entrando e lá dentro ele tá se colocando né tá se fazendo ouvir é porque antes era só a questão do á talvez né vamos vamos pensar o que o outro pensava não o sujeito tá ali dentro e ele tá fazendo com que os outros se movimentam também então a Lei ela vem nesse sentido só que ao mesmo tempo a repito ela sofre muito essa questão do voluntarismo né uma coisa vamos pensar que (24:01) alguma pessoa vai voluntariamente vai é vai trabalhar essa questão e assim se vai o que a gente tá vendo aí que isso não tá acontecendo tá tão penso eu a Lei contribui para que a gente coloque na berlinda esse tempo tema mas ao mesmo tempo ela não tem muitas ferramentas penso eu para fazer essas cobranças né para pra que as pessoas realmente Leiam a Lei realmente é busquem a aplicar a Lei é dentro das diversas vamos dizer assim nós estamos falando dentro da escola mas dentro das diversas modalidades de escola e não deixa cargo de A ou de B pra fazer essa tal da aplicação tá aplicação das Leis nas aulas de Matemática hã olha esse é uma coisa assim que eu acho muito interessante né o meu trabalho do PDE ele veio no sentido de ser mais uma ferramenta e assim como alguns outros trabalhos é quo que eu estou pesquisando né que dá a possibilidade de você trabalhar a Matemática que por consequência aplicando a Lei 10639 dentro das aulas de Matemática vi alguns trabalhos que me tocaram mas não me tocaram de maneira mais vamos dizer assim mais é significativa (26:02) aí eu vou explicar o porquê vamos pensar assim a Matemática que a gente

vem quando a gente fala de questões éticas-raciais e a gente ainda vê as questões que estão sendo colocadas apenas como uma maneira da gente explicar a Matemática eurocêntrica e a gente não vê é não não explora não digo não vê mas a gente não explora a questão dessas outras possibilidades de pensar matematicamente então vejo ainda que a grande maioria dos trabalhos que eu estou pesquisando é utiliza ainda há a Matemática eurocêntrica mas apenas como uma aí fala da questão étnico-racial mas apenas com um um um caminho para falar a do da Matemática eurocêntrica então penso eu que nesse ponto a gente deveria avançar a gente deveria buscar artifícios para sobrepôr em mostrar um outro modo de se pensar matematicamente que esse modo que eu acho que o mais interessante que nos daria que daria uma contribuição ainda maior e estou eu lendo livro sobre o Duda Eduardo⁸⁴ e ele fala sobre um pouco sobre a questão da ancestralidade do jeito de se pensar do jeito de se fazer determinadas coisas que foge do jeito tradicional que a gente vê no dia a dia então quando a gente aplica (28:00) a Lei nas aulas de Matemática é vejo ainda que a gente tá muito preso a questão do da Matemática eurocêntrica que a gente não consegue sobrepôr é é a essa essa essa questão da Matemática eurocêntrica e veja aí que é um um ponto onde a gente deve explorar mais porque eu penso eu nós temos condições sim de avançar e mostrar não só da questão do negro mas das outras possibilidades de se pensar Matemática tanto a do do chinês né a gente tem alguns exemplos aí da da de como os chineses interpreta um determinado ação né que tem agora não sei exatamente do Henrique⁸⁵ (Emerson) oi deixa eu arrumar um mocó aqui pera aí (Ronaldo) Fica à vontade (Emerson) desculpa vocês estão fazendo entrevista entre vocês (Zan) hurum

⁸⁴ Eduardo David Oliveira – Cosmovisão África no Brasil. Em um determinado trecho do livro ele nos mostra, como a visão africana se diferencia da visão ocidental, onde se pensa por exclusão ou por contradição, enquanto que a filosofia Africana, pensa por inclusão, mostrando um exemplo retirado da tradição dos orixas:

“Ogun, divindade do panteão afro-brasileiro, pode ser considerado como um eixo de classificação: nele participa tanto o ferro quanto a planta (makino), ou seja, Ogun é uma divindade que tem nos elementos minerais e vegetais a sua essência. Ora, na cosmovisão africana não há contradição entre mineral e vegetal”. (OLIVEIRA, 2003, p. 88).

⁸⁵ Enrique L. Fernandez citado em Knjnik (2004).

Tso tchouan narra os debates ocorridos em um conselho de guerra: deve-se atacar o inimigo? Ao chefe atrai a ideia do combate, mas necessita partilhar a responsabilidade com seus subordinados, o que faz começando por consultar suas opiniões. Assistem ao conselho doze generais, entre os quais ele. As opiniões estão divididas. Três chefes rechaçam entrar no combate; oito querem entrar na guerra. Estes são maioria e proclamam isto aos demais. No entanto, para o chefe, a opinião que conta com oito votos não tem importância maior do que a que conta com três: três e quase unanimidade, que é algo diferente da maioria. O general em chefe não combaterá. Muda de opinião. A opinião à qual adere, considerando-a como a única voz, se impõe, a partir de então, como a opinião unânime (FERNÁNDEZ, 2010, p. 127).

(Emerso) a pó então desculpa (Ronaldo) Então é (Emerson) mas eu já vou liberar (Ronaldo) fica à vontade (Emerson) ... (Ronaldo) penso eu que é um momento assim que a gente poderia avançar nessa questão da da Matemática é um outro olhar sobre a Matemática não vou dizer uma nova matemático mais um outro olhar um outro modo (barulho de passos do Emerson entrando na sala) de se construir né essas relações porque o que a gente vê o conhecimento nada mais é do que relações que ocorrem é que faz com que a gente avança mais ou menos (barulho de abrir e fechar da porta) pensou eu ou aí eu tô fazendo valoração né isso (30:00) é uma coisa ruim é uma coisa que (risos) é é é é é (coisa caindo ao chão) entre aspas a gente que fugir disso do do melhor ou do menor né então penso que a gente deve avançar ir buscar outros modo de se pensar outros modos de se agir outros modos de se construir conhecimento não de uma maneira é é vamos dizer sim linear vou usar o linear mas é pela questão de de é pensar de uma maneira diferente não não como a gente tá acostumado a pensar e agir e assim se vai (Emerson) Zan pega esta chave aqui é deixa ... Isso a gente faz muito no morro todas as casas a gente sabe ... de as casas é só pegar. (Ronaldo) (riso) muito obrigado Emerson muito obrigado tá é na linha da Lei ainda em relação a Lei a universidade as Leis a 10639/03 e a 11645/08 nas universidades esse ponto eu acho que é muito ruim porquê das várias pessoas que a gente conversa pouquíssima para dizer a verdade é das pessoas que se formaram comigo algumas pessoas que a gente conversa professor de Matemática mas pouquíssimas pessoas tiveram (32:06) algo sobre essas Leis então muito poucas pessoas então a universidade ela está deixando muito a desejar em relação a tanto 10639/03 quanto é 11645/08 na universidade talvez vem de encontro com aquilo que a gente é é fala né que é só a questão da aplicação da Matemática né com essa visão eurocêntrica né mas aí você não consegue até mesmo dessa visão tem muito poucas pouca aplicação na universidade eu teve um relato que me falou que na Unioeste existe disciplina isolada⁸⁶ sobre a questão racial né e até mesmo indígena existe uma disciplina isolada que trata sobre isso (Zan) Hurum (Ronaldo) nas outras universidades particulares eu não conheço nenhum Universidade que trata sobre o tema que tem uma disciplina específica sobre esse tema na Universidade Federal também desconheço se tem uma disciplina específica que fala sobre a questão da da Matemática não eurocêntrica vamos dizer assim desconheço então a universidade ela

⁸⁶ Não é disciplina isolada e sim Optativas, quando falo isolada, entenda-se optativa.

deixa muito a desejar em relação a isso né até mesmo nos encontros é pouco se fala sobre a implementação da Lei na universidade (34:02) não achei nenhuma pesquisa que fala de implementação da Lei dentro das Universidades estou curioso ainda tô fuçando mas eu não achei nenhuma pesquisa que fala sobre a implementação da Lei na universidade não desconheço adoraria principalmente na na na disciplina de Matemática não não encontrei nenhuma pesquisa que fala sobre isso logo né vejo ainda que a universidade é um espaço de Elite e que não se preocupa sobre essa questão étnico-racial sobre as outras questões da questão indígena também não percebo por parte da universidade é essa preocupação em trabalhar sobre essa questão aí fica e e outra essa universidade que vai formar os professores então (Zan) Hurum (Ronaldo) é é muito perigoso isso porque a gente vem buscando trazer trabalhos que falam sobre esse tema para se estudar na escol na Educação Básica e na universidade nunca se fala sobre isso né e se fala e se fala também de uma maneira muito isolada né num curso que foi o exemplo que foi me dado que lá é uma disciplina isolada o aluno e ele que tem que se interessar e ir até lá para fazer não desmereço isso mas e ao mesmo tempo né porque que nas outras universidades não tem isso não tem essa essa cadeira essa disciplina e assim se vai se não precisa ser a questão étnico-racial é do negro mas do indígena é do do cigano (36:03) e das outras não vejo não vejo nenhuma cadeira ou nenhuma disciplina que fala sobre isso é objetivo das Leis 10639/03 e 11645/08 objetivo maior e fazer com que é ocorra eu acho que o correto seria eliminar a questão da da do racismo tal mas eu acho que o maior objetivo dela e fazer com que as pessoas conversem a respeito disso e tentem quebrar é esse esses pré-conceitos eu acho que o principal e fazer com que as pessoa conversem a respeito disso e ao mesmo tempo ao conversar acho que existe uma troca né a conversa se define é como diz o meu orientado né só há conversa se os dois estão dispostos a trocar né ou a discussão se os dois estão disposto a trocas se um não tá disposto a trocas não existe conversa não existe um debate vamos dizer isso então eu acho que o maior objetivo da Lei e fazer com que as pessoas à à discutam sobre o tema e rompam com essa esses pré-conceito pra fazer com que todos é todos como que eu posso dizer que todos (38:00) é vivam de uma maneira harmônica né eu acho que a gente como que eu posso dizer eximir destruir o racismo não vai destruir mas eu acho que a Lei ela vem para fazer com que as pessoas construam ponte aonde se tem muros barreiras para que as pessoas comecem a se colocar no lugar do outro né então esse eu acho que o maior objetivo que assim é a

todo momento a gente vem valorizando determinada cultura e uma e as ou as outras culturas elas são sempre colocadas de maneira menos significativa então essa Lei eu acho que vem com um momento onde se pode é é conversar de uma maneira equalizadora com todos os conhecimentos e não com um conhecimento sobrepondo sobre o outro então essa ao trazer essa essa possibilidade de equalizar você acaba fazendo com que principalmente as pessoas que estão sofrendo é essa é como que eu posso dizer esse (40:00) esse essa a desqualificação ela possa se colocar e ao mesmo e ao se colocar abre a possibilidade desse outro que está desqualificando perceber que o conhecimento dele não é tão tão maior que o outro então essa discussão faz com que haja essa possibilidade de de de equalização principalmente desconstruí determinados discursos então eu venho eu vejo que a Lei tanta dez mil quanto a onze mil e ela traz essas essa possibilidade e teria como objetivo isso né desconstruir esses preconceitos que hoje existem com as diversas pessoas que são que estão ao nosso redor exemplos de atividades que articula conteúdos Matemática e relações étnico-raciais bom aí eu trago a minha a minha pesquisa⁸⁷ que eu fiz no PDE que lá eu trabalhei com fractais fractais e questão étnico-racial né então isso é uma possibilidade que a gente buscou né mas ainda com a visão da Etnomatemática né mas uma visão eurocêntrica né do conteúdo é é eu trazia esse conteúdo (42:02) e arredondava a esse conteúdo e aí eu mostrava determinadas é um mostro né determinadas tecidos africanos os tecidos de Gana tal i lá eu uso né que os tecidos eles têm uma vamos dizer assim uma ele uma uma repetições determinadas repetições eu (Ronaldo) trabalhava lá questão de área posso trabalhar com questão de progressão então desses tecidos (Zan) padrões (Ronaldo) hamm (Zan) padrões (Ronaldo) desses padrões eu posso trabalhar diversas questões Matemáticas mas a questão Matemática Eurocêntrica sem ó tiro lá o desenho e vamos lá desconstruir o desenho usando os conceitos da Matemática eurocêntrica né então tem a questão dos gráficos né que eu gosto de trabalhar com os alunos principalmente os alunos da EJA na educação de jovens e adultos então eu trabalho muito com os dados do IBGE lá eu busco mostrar a questão é do negro como que o negro é estatisticamente é

⁸⁷ Trabalho com tema: Etnomatemática e Relações Étnico-Raciais na Educação de Jovens e Adultos. Artigo:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utf_pr_mat_artigo_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>.

Produção pedagógica:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utf_pr_mat_pdp_ronaldo_tomaz_de_andrade_silva.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

observado como ele é vamos dizer assim ele é prejudicado né é uma forma da gente mostrar numericamente né o que que acontece questão de porcentagem então essas questões dá para a gente trabalhar com um gráfico que mais eu tô lendo o livro do Henrique (44:04) do Henrique Cunha não que é uma pessoa que utiliza o bastante né mas é que ele fala também sobre a questão da capoeira que daí não é o Henrique mas tem um artigo que fala sobre a questão da capoeira a questão dos jogos aí eu Henrique vem com diversas pesquisas que ele fala sobre Ifá⁸⁸ o que que é Ifá como que funciona o que é o jogo os jogos de adivinhação é são questões que a gente também pode usar na Matemática para trabalhar principalmente progressões né geométricas e assim se vai tem mais questão de trabalhar perímetro trabalhar área com a questões do tecido de Gana que também foi uma coisa que eu coloquei lá no meu trabalho do PDE é mas de maneira geral são coisas muito ainda vamos dizer assim forçadas né tem a questão das marcas que é um dilema nosso mas tem a que estão das máscaras e tem a questão dos jogos inclusive no PDE nós temos 6 artigos que vão tratar sobre a questão é de conteúdos que podem ser aplicados dentro de sala de aula lá vou lá se tem alguns exemplos que a gente pode trabalhar dentro de sala de aulas a questão dos jogos tem o Celso tem a questão também de jogos que a gente pode falar (46:00) ao total seu não me engano são seis artigos que vão falar sobre questões étnico-raciais e Matemática então depois eu passo é assim esses nomes dessas pessoas que trabalharam e os links para que a gente possa conversar com com as informações lá postado é que mais que a gente tem é sobre atividades olha é basicamente tem a questão também das Malhas que é um que a gente entre aspas ela cai na questão dos tecidos também que ela do que eu venho trabalhando lá no PDE é definição de democracia racial bom penso eu no Brasil não existe penso eu não foi provado né recentemente a ONU⁸⁹ uma tinha lá uma carta que dizia que existia democracia racial no Brasil é seu eu não me engano foi no ano passado o ano retrasado que a mesma instituição é fez também o artigo dizendo que não existe democracia racial no Brasil né é i é fato não existe democracia racial no Brasil eu tô

⁸⁸ Ifá – Dissertação: Ifa e Odu: filosofia e logica binaria no ensino de historia e cultura africana. Páginas 76 até 89. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16444/1/2016_dis_jdelfino.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2017.

⁸⁹ ONU – Organização das Nações Unidas – Reportagem do Jornal Estadão “Racismo é ‘estrutural e institucionalizado’ no Brasil, diz a ONU. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,racismo-e-estrutural-e-institucionalizado-no-brasil-diz-a-onu,1559036>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

com medo de falar mais acho que não existe nem democracia no Brasil na atual conjuntura com uma série de coisas que a gente tá vendo acontecer né a gente tá vendo uma dita uma ditadura branca vamos dizer assim não existe nem a democracia (48:00) quem dirá a democracia racial por que hoje a democracia e dado pela questão financeira se tiver dinheiro talvez você pode até falar e ser ouvido né porque falar é uma coisa ser ouvido é outra bem diferente né hoje a gente pode falar é um avanço não tô desmerecendo que a gente mas ainda o nosso conceito de democracia está muito muito frágil e a gente merece avançar um pouquinho mais nesse conceito e aí a gente tem condições de avançar um pouquinho mais nesse conceito só que a gente existe ainda uma elite e essa elite acaba se penso eu acaba não deixando que as coisas evoluem nesse sentido eu fico muito é muito preocupado porque eu sei que as pessoas que vão mais sofrer em relação a oportunidades por isso a questão da democracia racial são as pessoas mais pobres e quem são essas pessoas mais pobres geralmente são os negros são eles que estão nas periferias são eles que estão tem as menores oportunidades né então vê penso eu é nós não temos democracia racial no nosso país nós até esse momento eu não vi nenhum resquício de democracia racial no nosso país a gente é teve ou a gente não posso dizer teve mas a gente teve algumas sinais de possibilidades pra a gente fazer um diálogo (50:01) né mas ainda é muito esses sinais foram estão sendo desconstruídos né a gente vê uma série de políticas aí que estão surgindo pra desconstruir esse pequeno aviso de uma possível democracia né quando a gente fala da da da questão dos da educação ela ser deixada de lado né eu acho que aí a gente tá criando mais ferramenta e criando mais dificuldade para que essa democracia sege realmente alcançado é bom em relação a participação dos professores na realização de projetos que contemplam a Lei especificamente na questão de Matemática projetos que eu participei foram a questão do PDE no mestrado que hoje a gente tá fazendo Matemática sobre os outros eu sempre participei de movimentos negro então sempre participei aí de maneira institucionalizada da questão da App-Sindicato⁹⁰ eu acho que essa foi um divisor de água para mim App Sindicato agora tô me aproximando dos pesquisadores negros né tem uma entidade dos Pesquisadores Negros vários movimentos negro eu não sei ainda não não me (52:02) partidarizei vamos dizer assim do movimento negro de uma única instituição mas sempre participa de várias instituições aí como ACNAP⁹¹ e

⁹⁰ APP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná.

⁹¹ (ACNAP) Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastoral de Negros.

outras coisas mais mais eu não me institucionalizei nessas entidades mas sempre tô participando participei hoje não participa mais ativamente da dono do Uno Colégio gente tem um grupo que fala sobre a questão étnico-racial né ou sobre a questão da diversidade participo ativamente do fórum Paranaense da diversidade mas como militante né não como vamos dizer assim como organizador um tempo atrás eu participava mais ativamente como organizador hoje eu mais como participante é projeto assim é basicamente são esses projetos assim que mais ativo mas sempre tô participando de algumas reuniões que fala sobre questões étnico racial em Curitiba basicamente seriam esses os os projetos que eu tenho e o mestrado agora que tô falando um pouco mais sobre sobre essas questões étnico raciais bom racismo na escola a é existe racismo em todos os aspectos da nossa vida na escola existe racismo como que eu visualizo esse racismo na escola (54:04) desde muito pequeno eu sempre fui o único na escola eu sempre é no máximo tinham três alunos negros na escola na minha classe no máximo no máximo na graduação foi o único de 200 tô mentindo fui de 200 eu era tinha eu e mais uma colega né 200 como tinha duas salas eu era único e um ela era única em outro então vejo que o racismo na escola ele existe mas as pessoas não fazem questão nenhuma de falar sobre isso é um tema espinhoso pra todos inclusive para mim sou negro é porque assim as vezes a gente pensa que que a gente se torna vítimista e tal eu não vejo nos espaços de poder inclusive a escola em um espaço dele é a representatividade do negro e assim eu tentei uma vez se candidato a diretor da escola é essa uma vez que eu tentei eu como professor tá e eu eu descobri uma série de coisas de uma série de pessoas né como professor que o Ronaldo é muito bacana mas ele não tem perfil é mais porque que ele não tem perfil aí (56:01) um amigo meu que na época não era candidato mas ele sempre estava e ele falou olha Ronaldo vai ser muito difícil porque a gente tá num lugar extremamente conservador eu como professor então i eu acho muito difícil por ser negro por ser ... então ao ele falar isso putz e bem simples eu faço tudo igual como todo mundo e as vezes até melhor eu tenho que fazer melhor e é não sendo pejorativo e tal né mas busco fazer o meu melhor e eu não vou conseguir por causa disso é grandes chance grande chance que isso não aconteça e dito e feito no final da votação eu acabei não sendo eleito entre os professores né entre os alunos eu tive quase o dobro de votos que a gestão que ganhou que é atual até hoje eu tive o dobro de votos entre os professores eu perdi por por quatro votos é interessante e desses quatro votos né um grupinho que estava próximo de uma professora que na época o esse meu colega

falava então como aluno e ao mesmo tempo olhando para os alunos que eu tenho lá na escola é muito difícil a vida do aluno negro dentro da escola (58:02) é muito difícil eu tenho duas filinhas e essas duas filinhas uma com 5 e outra com 3 elas relatam algumas coisinha que acontecem com elas são coisinha mínimas mas coisinha que a gente percebe né do do modo de que um amiguinho fala minha mãe não gosta de você porque você é muito faladeira você é muito é um dia desses ela falou ela não gosta de mim por que eu sou negra pai então é é muito existe entre os professores por conta de eu ser assim tão militante eu não consigo eles não não verbalizam isso pra mim então é mais difícil mas é é existe lá uma certa um certo né uma certa um certo atrito sobre falar de racismo na escola então por conta disso eu acho que acho não existe muito racismo dentro da escola só que esse racismo é pouco falado esse racismo às vezes fazem questão de de de não se falar nós temos a equipe multidisciplinar a qual eu fazia parte na equipe multidisciplinar não se fala sobre racismo na escola e um dos motivos da criação da equipe multidisciplinar é para falarmos sobre isso e não se fala sobre racismo (1:00:03) não se constrói ações conjuntas sobre a racista na escola dentro dessa equipe é que é tem com viés falar sobre essas sobre o diferente sobre a diversidade não se fala e quando eu participei duas vezes da equipe por dois anos né o primeiro ano é eu fiz questão de ficar não falar nada para deixar como que ia ser conduzido e a condução foi sempre para não se falar sobre questão étnico-racial sobre questão de indígena sobre questão do diferente é que fala sobre sobre a questão da gordura sobre isso mas menos sobre a questão étnico-racial então vejo assim que a tudo uma construção pra não se falar sobre a questão racial ou a questão do diferente até mesmo da questão da da do homossexualismo e assim se vai não se fala se tenta esconder o máximo é sobre isso porque é um tema que traz debate e parece que as pessoas não querem debater as pessoas querem ficar no seu no senso comum e fica no seu mundinho sem e sem atrito então por conta disso existe muito racismo dentro da escola na escola né esse racismo ainda atualmente tô vendo tem de aumentar gostaria eu de dizer o contrário o racismo em você nós temos marcas e essas marcas é o (1:02:01) que fazem a gente ser mais forte á a a desde pequeno o pai falava assim olha Ronaldo se você quiser conseguir algo você vai ter que ser melhor do que 10 brancos porque se você não for melhor que 10 brancos você nunca vai conseguir nada e se você for melhor oito brancos você faz tudo perfeito cara você sempre vai ficar entre sempre vai ficar na possibilidade eu podia ...ai né se você não se esforçar ao máximo possível você não

vai se dar bem na vida não se dá bem na vida no sentido de sempre ficará por vir será será então desde pequeno vinha sempre é essa fala meu pai sempre instigava isso em contrapartida minha mãe tem a questão do emocional da delicadeza do mas meu pai já é um pouquinho mais é ríspido em relação a isso e realista pragmático a palavra pragmático né então desde pequeno a gente sempre foi criado nesse sentido aí um parentes um amigo meu (1:04:00) chamado Carlos a gente sempre conversava né então sair à noite tomar cerveja as nossas análises e ele fala assim a diferença do ser negro de você ser criado negro e você ser criado branco acho que tem uma diferença muito grande porque assim todos os amigos que eu converso assim negros para seus pais são extremamente rígidos os pais são extremamente incisivos nas cobranças e poucos amigos que tive branco que são brancos que falava respeito disso sobre essa questão da da criação e tal e é uma coisa que eu tenho curiosidade o seu pai cobrava tanto de você na nossa cerveja daí você conta é muita cobrança porque você tem que ser bom o meu pai falava assim olha Ronaldo você vai ser o ponto de referência em tudo no meio da multidão lá o pode ficar tranquilo você é o ponto de referência ô tá vendo tem aquele mais escurinho lá ô daquele lado e daquele outro lado você é sempre referência então cuidado com as suas ações que sempre você está na berlinda e realmente é em tudo tudo né a a por exemplo ida ao shopping vou a uma farmácia Nissei fazer uma compra sozinho toda vez não vou dizer todas mas a grande maioria das vezes eu chego numa farmácia (1:06:05) a primeira coisa que eles fazem e contar o dinheiro e entrega o dinheiro pro gerente todas eu dou risada mas as vezes que eu vou na farmácia as vezes que eu vou na farmácia eu entro na farmácia toda vez que eu vou sozinho toda as vezes ele contam o dinheiro e entregam pro gerente fato no shopping eu odeio ir em shopping eu não gosto de ir em shopping porque eu sou referência tá sem ficar alerta ou seguranças ficam alerta porque eu sou referência eu entrar numa americana da vida não gosta cara e fato sempre tem alguém me olhando sempre então é você é referência em tudo voltando ao meu amigo é a mesma coisa “a todo momento você está sendo medido a todo momento você está sendo analisado e pode ser considerada insuficiente” Coração Valente⁹² gosta do filme então e é bem isso mesmo a todo momento a gente tá ali na berlinda pra verificar o que você fez e acentua o que você não fez então isso é uma coisa que e é padrão não só comigo com esse meu amigo também acontece o mesmo então a nossa

⁹² Filme *A Knight's Tale* (*Coração de Cavaleiro* no Brasil e em Portugal) Tempos onde aparecem esta fala : 1h:31' e 1h:49'

criação é muito mais é (1:08:00) exigida da gente né em todos os sentidos tanto eu quanto a minha irmã é muito mais exigida de você é e tá dentro dos padrões não sei mas tá mais alerta a não fugir dos padrões e é desde pequenininho sempre isso sempre sempre sempre sempre sempre sempre mais cobrado mas tem que exigir mais e assim se vai o lado bom que você tá preparado é que o mundo é cruel né ele fala então por conta disso você vai sofrer um pouquinho menos mas é essa construção ela é construída na dor você fica calejado por que você vê isso repetir diversas vezes com você isso é muito ruim muito ruim mas ao mesmo tempo tem que buscar outras alternativas para sobrepor isso aí a construção da Lei e a discussão cada vez mais dentro das Universidades né dentro da Educação Básica sobre a questão do racismo e assim se vai então é cara a todo momento a todo momento a gente tá sendo colocado na berlinda a noite é muito difícil você e ao mesmo tempo é gratificante que assim você não vê muito negro (1:10:02) em Curitiba de dia se você anda aqui na universidade hoje você tá vendo um pouquinho mais né mas você não vê negro anoite de dia agora saia a noite é claro que nos respectivos lugares tal mais de maneira geral não lá na elite elite você vai ver bastante negro a noite né você vai vê uma quantidade razoável de negro a noite e pra mim é e ao mesmo tempo e muito perigoso por que a gente sabe que a polícia ela caça ela ela mesmo sendo negro mas tem um estereótipo do do do do suspeito pra não dizer do ladrão tem o estereótipo do suspeito o suspeito é negro né é entre 18 né jovem né então é muito é traumatizante vou dar um exemplo do que aconteceu comigo em uma noite uma noite eu fui em um bar eu gosto de pagode e estava eu na fila tinha 3 americanos não sei se é americano ou brasileiros mas estavam falando inglês e é estavam entrando no bar né e eu era tinham eles e eu na época tava fala comecei a falar fazer inglês tal e estava até entendendo o que eles estava falando aí os três entraram (1:12:03) no bar no bar de pagode né ou seja quem tocava era negro e quem visitavam eram negros e tal entre aspas né um bar um pouquinho mais de elite e passou-se os três as três pessoas o não sei se era dono ou gerente pegou e cochichou no ouvido do segurança o a partir dele você começa a cochichou algo né depois eu fui saber que esse algo seria isso os três entraram e eu tava ali o cara falou não pode revista o cara me mandou revista mas porque eu não porque o cara mandou te revista o cara mandou te revistar então pó é tá ali preciso dizer alguma coisa risos né eu naquele momento eu fiquei assim éee com muito ódio que eu cheguei fale assim olha muito obrigado e virei as costas e fui embora nem nem discuti com o cara eu peguei e fui embora outra vez é eu fazendo inglês na mesma

época aí nós estávamos a professora de inglês racismo e escola tá professora de inglês da Federal do Celin aqui do Celin⁹³ cara eu odeio eu não consigo nem mais comer (1:14:01) Mc Donald's mas porque professora não consigo mais come Mc Donald's porque sabe quem que come Mc Donald's lá nos Estados Unidos só negro mas não é um negro igual ao Ronaldo aqui tá são aqueles negros metidos por que eles entram no ônibus no trem com aquele radio aquele eu senti eu sinto nojo daquele negros qual a diferença risos e que eles lá eles tem eles se gostam e aqui ... só que naquele momento eu não quis causar polemica mas deveria deveria então as coisas acontecem em relação ao racismo só que muitas vezes a gente fica tão chocado mesmo tendo todo esse preparo mesmo tendo toda essa militância mesmo tendo toda uma leitura você fica tão chocado que as vezes você fala assim cara não vale a pena não vale a pena você é só vai causar o atrito ali e ao mesmo tempo é você vê uma série de de ações para dizer que você não é inteligente que você porque você é negro você não não tem condições de tá onde você tá todo mundo duvida (1:16:01) você é professor há que legal mas assim com aquela ééé então isso é ruim isso é isso é muito ruim e isso a gente vive o tempo todo e cara mais uma série de coisas que acontecem principalmente a gente sendo professor sendo tendo uma vamos dizer assim uma vivência um pouco mais é com círculo um pouco mais enegrecido (risos) não vou dizer mais esclarecido mais um pouco mais enegrecido você acaba vivenciando este tipo de coisa vivenciando esse tipo de coisa acho que que é isso (Zan) tá bom então seu Ronaldo então fiz algumas anotações assim no sentido de tentar estabelecer relações tua fale é bastante enriquecedora né como se começa falando do racismo no Brasil que você afirmar e que existe racismo efetivamente você primeiro você vai para as situações que você percebe na sociedade né e aí o que eu tinha colocado com pergunta era tá você percebe na sociedade mesmo é que você percebe isso em você você acabou deixando para falar isso por último não é você acabou deixando a ficha exatamente essa ficha por último onde você fala então de certa forma (1:18:02) já já responde aquela pergunta que eu queria fazer e daí uma relação que eu acho que tá tudo bem encadeado né é essa preocupação dos professores então veja é vou misturar tudo você diz que papel objetivo da Lei e a desconstrução do preconceito desconstrução do preconceito e aí quando você fala da preocupação dos professores você fala em pesquisa mas é o que me inquieta muito

⁹³ Celin – Centro de Línguas da Federal

em relação à utilização da Lei pelos professores é que se o papel objetivo da Lei a desconstrução preconceito né é como é que ele não trabalha isso em sala de aula então ou ele vê que não existe racismo no Brasil será que é isso é ou ele não tá preocupado com isso não tá preocupado com isso talvez pela própria pergunta que você fez para mim como é que meu pai me criou eu não tive com certeza pressão que você teve nenhuma não chegou nem perto né esse tipo de pressão meu pai nunca nunca teve um diálogo comigo nesse sentido de dizer olha você precisa ser o melhor você precisa dar o máximo de si porque você não vai conseguir Não nunca teve e com certeza tem muito a ver com certeza se eu fosse negro ele teria tido essa conversa acredito que sim então será que o professor também não se vê não senti isso na pele ou ele não senti isso na pele (1:20:01) ele também não tem essa preocupação de lidar com isso na sala de aula né é pode ser isso pode ser a questão da formação e aí papel da Universidade que você trouxe uma preocupação muito grande que é uma preocupação legítima né é muito legítima e aí você fala que é uma instituição de elite e é mesmo que também não tá preocupado em discutir o racismo então se a instituição que forma este professor não tá preocupado em discutir o racismo porque ele estaria preocupado em discutir o racismo quando ele vai pro campo de trabalho dele na escola básica na educação básica mas esse fala de uma disciplina isolada ou optativa (Ronaldo) optativa (Zan) a então o que é pior optativa quer dizer ele pode opta em fazer então você vê a Lei deve ser cumprida isso acontece também com a com libras né então você cria mecanismos dentro de cursos de licenciatura que são obrigados a ter libras são obrigados a trabalhar a Lei mas daí o curso ou cria uma disciplina optativa ou ele na semana da consciência ele considera isso como uma formação já necessária a mesma coisa a libra uma oficina de libras é o suficiente dentro de um e aí eu penso que não tem que ter uma disciplina isso tem que ser tratado em todas as disciplinas isso tem que ser a conversa tem que ser no cotidiano da sala de aula isso tem que tá permeando né é ai não tem como que dizer esse professor vai ser formado por essa (1:22:01) universidade e mas aí á a você fala um pouco do seu PDE fala do PDE dos outros que você pesquiso que você viu o trabalho da Matemática eurocêntrica a partir de uma motivação que seria a cultura africana e afro-brasileira tá e você traz o teu PDE também mas no teu PDE você trouxe a discussão do racismo ou você só trabalho a questão da Matemática também (Ronaldo) eu trabalhei só a questão da Matemática só que como eu tenho essa bagagem então a gente conversa sobre vários mas o foco principal do PDE é a

questão da Matemática é (...)isso que a gente tem que sempre mesura alguma coisa vou usar o termo que a Matemática aqui usa a gente que entregar um produto o produto é aquilo lá um monte de cachinho de Matemática lá que vou calcular a área do calcular progressão tal tal tal agora eu discuti quando eu fui falar lá sobre o tecido quente sobre a comunidade lá né como que eles como que era lá o tear os diversos teares e tal lá pra construir por exemplo uma manta lá que era a manta do casamento quem constrói tem que ficar 24 horas só fazendo aquilo lá e os noivos tem que ir lá são eles que vão alimentar o tecelão né (1:24:03) então essas questões questõezinhas questõezinhas não essas questões né tá eu falei eu discuti lá com ele então a Matemática ela foi uma ferramenta para mim falar sobre isso só que no PDE como que eu vou é mostrar isso eu não mostrei no meu artigo eu falei só sobre a questão da Matemática Matemática foi isso foi isso a gente falou sobre isso as pessoas não sabiam onde que era a África mas (Zan) você não problematizou a questão (Ronaldo) não não no na construção do artigo (Zan) na construção do artigo mesmo no teu texto não aparece (Ronaldo) muito pouco muito pouco (Zan) interessante né daí assim quando você fala uma coisa que eu fiquei em dúvida da questão do voluntarismo ou do voluntário é não sei se eu entendi direito por que que me parece como os professores não estão preocupados nem na universidade e nem na educação básica é não é uma questão de voluntarismo estão sendo obrigados a fazer isso então fazer porque não tô falando dos professores negros talvez os professores negros estejam fazendo de forma é bom dentro deste voluntarismo que você está falando não sei mas os professores que não tem não tem a preocupação em discutir a questão racial meio fazem meio que forçado (Ronaldo) não eles fazer forçado esse acho que e um fato mesmo eles fazem forçado forçado mesmo não tem outra e quando fazem tá (1:26:03) (Zan) então não existe um voluntarismo eu acho quer dizer voluntarismo e essa coisa de você eu me voluntario para fazer alguma coisa vou porque eu acho que isso é importante é (Ronaldo) eu digo voluntarismo porque assim os que trabalham de maneira mais é de maneira não é sistematizada vamos dizer assim não é o tal dia eu vou falar sobre isso não é o dia a dia (Zan) sim sim (Ronaldo) não é vamos dizer assim sistematizado ó 20 de novembro eu tenho que trabalhar alguma coisa em 20 de novembro não é o dia dia né vamos dizer assim eu vejo o voluntarismo nesse sentido não sei se ficou claro (Zan) me fala da democracia racial que no Brasil não existe você acha que existe em algum lugar (Ronaldo) olha existi não mas eu acho que o ato de se falar e que não conheço a história dos Estados

Unidos mas o ato de se falar eu acho que nos Estados Unidos talvez seria uma possibilidade mas a questão da discussão não da implementação propriamente dito de todo mundo tem direito todo mundo ter acesso tal tal tal (Zan) como que é a fala esse ato de falar por exemplo vou pegar um exemplo Foucault quando trabalhou história da sexualidade ele mostra que na idade moderna (1:28:01) na realidade é a idade moderna não na idade antiga ele mostra que na realidade ao contrário do que as pessoas dizem que falar sobre sexo era um tabu era proibido ele mostra o contrário se falava muito sobre só que em determinadas circunstâncias então se falava no é no ambulatório médico pro médico se falava dentro da igreja no confessionário para o padre dentro do quarto do casal na casa então existe momentos de muita fala sobre a questão sexual então o falar sobre o racismo em que perspectiva que é essa de falar que está trazendo a questão dos Estados Unidos é fala-se em que em que perspectiva né será que fala sobre o racismo será que a forma como se fala com o racismo não estimula mais racismo ao invés de ajudar a desconstruir (Ronaldo) Olha eu penso que não (Zan) duvida mesmo (Ronaldo) eu penso que não pelo seguinte fato lá eu não posso generalizar que eu não conheço tudo mas pelo que a mídia mostra se um negro morre é como se estivesse matando muitos aqui não não a essa visibilidade para essa informação chegar aqui no Brasil cara é um filtro através do filtro do filtro e mesmo assim chega né porque é claro que é filtrado tal mesmo (1:30:00) por cota desse filtro chega aqui no Brasil essa informação então imagine o que tá acontecendo lá então eu acho que a dizer que tem democracia eu não vou dizer mas que existe um um tentar avançar ou retroceder menos possível enquanto que aqui não quando você fala assim lugar de falar eu acho que nós aqui não temos o lugar de falar (Zan) eu acho que tem lugares mas são lugares muito especial os que tratam exatamente dessa (Ronaldo) pois é se não é dentro desse nicho você não fala então não temos lugar de falar nesse nicho você vai falar mas passou desse nicho do movimento negro tal você vai falar passou desse nicho o próprio sindicato a gente não fala (Zan) é você citou a questão das equipes multidisciplinares né (Ronaldo) é (Zan) elas estão exercendo o mesmo papel que a Lei tá fazendo quer dizer Lei teria o papel de desconstruir o preconceito não consegue ela por ela mesmo a equipe multidisciplinar teria o papel de fomentar o diálogo sobre o racismo (Ronaldo) sim (Zan) também não tá fazendo é bem complicado (Ronaldo) então eu eu ainda dizer que existe democracia racial de maneira categórica não não existe acho que democracia racial não existe em lugar nenhum mas existe possibilidade de fala de

alguns mais e outros menos (Zan) tá aí a pergunta final você não precisa responder se você não quiser não vai ser quiser o Abujamra⁹⁴ o que é a vida para você Ronaldo (1:32:05) você fala das marcas né que todo esse processo deixou em você como é que você lida com isso como é que você lidou com essas marcas e como é que você continua lidando com essas marcas não precisa responder se não quiser (Ronaldo) é eu acho que eu vivo um dia de cada vez eu acho que a cada marca que acontece é mais um motivo pra você é se reconstruir e tentar juntar os caquinho pra você conseguir sobrepor isso e fazer disso mais um degrau para você subir mas não somente subir por subir um degrau que faça com que você suba e ao mesmo tempo os outros possam subir também um degrau que faça com que a pessoa que quebrou o caquinho que te quebrou o que fez alguma coisa ela também possa ter oportunidade de repensar aquilo que ela fez i é claro com diálogo com possíveis diálogos por que as vezes é difícil você voltar pra a pessoa e fala pó você errou nisso nisso nisso né eu tento fazer isso nem sempre eu consigo fazer mas é sempre buscar com essas marcas fazer com que você consiga melhorar o mundo que tá o seu redor né ao mesmo tempo não ficar o tempo todo falando somente nessas marcas tentar construir algo para que quem está ao seu lado não sofra por que não é atrás ao seu lado na sua frente não sou eu mesmo mesmo erro que você acabou de sofrer mas eu acho que ele uma maneira assim positiva dentro do possível né fazer com que essas marcas que eu sofri ou que eu estou sofrendo é não sejam feitas e ao mesmo tempo que ela te dê mais força para você caminha você é viver melhorar o mundo máximo que eu puder mas nesse sentido vida é maravilhosa Zan (Zan) vem cá me dá um abraço eu aprendo muito contigo o que a gente vai fazer que troço aí agora. (1:36:01) .

⁹⁴ **Antônio Abujamra**, (Ourinhos, 15 de setembro de 1932 — São Paulo, 28 de abril de 2015)^{[1][2]} foi um premiado diretor de teatro, ator e apresentador brasileiro, sendo um dos primeiros a introduzir os métodos teatrais de Bertolt Brecht e Roger Planchon em palcos brasileiros. Era conhecido por sua irreverência, suas encenações e por seu humor ácido e crítico em relação aos tabus sociais. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Abujamra>. Acesso em: 16 abr. 2017.

APÊNDICE 7: CARTA DE CESSÃO DA PROFESSOR CELSO JOSÉ DOS SANTOS

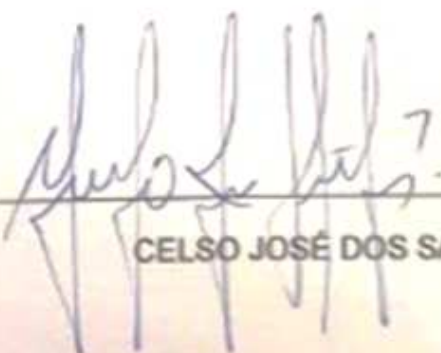
Carta de Cessão de Direitos

Eu, **CELSO JOSÉ DOS SANTOS**, professor portador do RG [REDACTED] declaro ceder à, Ronaldo Tomaz de Andrade Silva RG [REDACTED] os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 28/03/2015, para seu trabalho de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM-UFPR) e também os direitos sobre a texto final do referido registro oral, para usá-la integralmente ou em partes sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e uso do texto final que está sob a guarda do Professor Ronaldo Tomaz de Andrade Silva.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

Curitiba, 10 de janeiro de 2017.



CELSO JOSÉ DOS SANTOS

APÊNDICE 8: CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA ELIANE PAULA DE CARVALHO

Carta de Cessão de Direitos

Eu, ELIANE PAULA DE CARVALHO, professora portador do RG [REDACTED] declaro ceder à, Ronaldo Tomaz De Andrade e Silva de RG [REDACTED], os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 06/12/2016, para seu trabalho de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM-UFPR), e também os direitos sobre a texto final do referido registro oral, para usá-la integralmente ou em partes sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e uso do texto final que está sob a guarda da Professor Ronaldo Tomaz de Andrade Silva.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

Curitiba, 30 de Janeiro de 2017.



Eliane Paula De Carvalho

APÊNDICE 9: CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA NEIDE DOS SANTOS RODRIGUES.

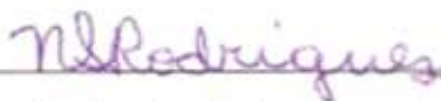
Carta de Cessão de Direitos

Eu, **NEIDE DOS SANTOS RODRIGUES**, professora portador do RG declaro ceder à, **Ronaldo Tomaz de Andrade Silva** RG os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 10/10/2016, para seu trabalho de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM-UFPR), e também os direitos sobre a texto final do referido registro oral, para usá-la integralmente ou em partes sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e uso do texto final que está sob a guarda da Professor Ronaldo Tomaz de Andrade Silva.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

Curitiba, _14_ de _janeiro_ de 2017__.



Neide dos Santos Rodrigues
